

Etty Hillesum

CARTAS

1941-1943



teofanias

ASSÍRIO & ALVIM

coleção

TEOFANIAS

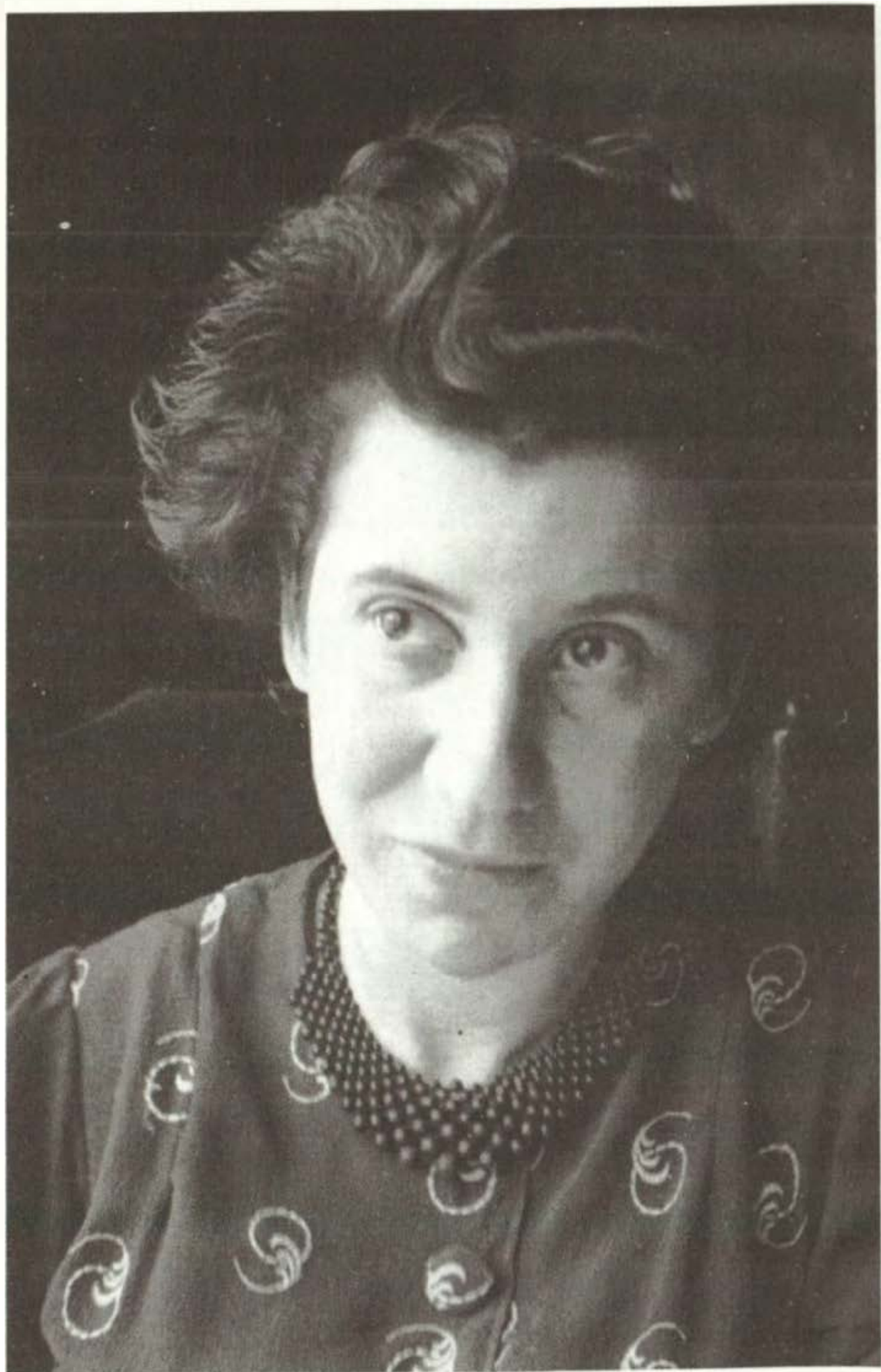
em colaboração com a

Faculdade de Teologia

Universidade Católica Portuguesa

Fonte: academia.edu





Etty Hillesum

CARTAS

1941-1943

tradução do neerlandês

Ana Leonor Duarte

Patrícia Couto

ASSÍRIO & ALVIM

apoio à tradução
FUNDAÇÃO PARA A PRODUÇÃO E
TRADUÇÃO DE LITERATURA NEERLANDESA

TÍTULO ORIGINAL:
ETTY DE NAGELATEN GESCHRIJFEN VAN ETTY HILLESUM 1941-1943
— "BRIEVEN 1941-1943"

© ONDER REDACTIE VAN KLAAS A.D. SMELIK. TEKSTVERZORGING
DOOR GIDEON LODDERS EN ROB TEMPELAARS. VIJFDE HERZIENE
EN AANGEVULDE DRUK UITGEVERIJ BALANS, AMSTERDAM, 2008

© ASSÍRIO & ALVIM
RUA PASSOS MANUEL, 67B, 1150-258 LISBOA

EDIÇÃO 1250, ABRIL, 2009
ISBN 978-972-37-1337-4

Índice

Cartas de Etty Hillesum	21
Cartas a Etty Hillesum	239
Cartas sobre Etty Hillesum	253
Cartas posteriormente encontradas.	263

Vroege uit de jeugd vele geniale
persoonlijke heren te maken
honderden en in de 20-er
en vroege jaren, maar niet zo
freud, maar een bove a lang,
stille te el lang. C. 2. 5. 4
kete. De vullid in opbouw
je ~~van~~ veld in de lang in dij
in de, il bij lile bende
vullid 20-er. E is p. 20. 4. 4. 4
niet in de gebied a lute dij,
in de lang zick in dij it
vrijheidslij zick, lange a de lang,

«Eu costumava achar que tinha de produzir muitos pensamentos geniais por dia e agora, por vezes, sou como um terreno em pousio, onde nada cresce, mas sobre o qual paira um céu baixo e sereno. E é melhor que assim seja. Hoje em dia, desconfio da variedade de pensamentos efervescentes dentro de mim, prefiro estar em pousio e, por vezes, aguardar. Nos últimos dias, passou-se tanto dentro de mim, mas, agora, algo se cristalizou, finalmente. Olhei a nossa destruição nos olhos, a nossa provavelmente horrível destruição, que já teve início nas muitas pequenas coisas do dia-a-dia, e a possibilidade de ela vir a ocorrer ganhou um lugar no meu sentimento de vida, sem que este tenha perdido a sua força. Não estou amargurada nem revoltada; tão-pouco me sinto mais desmoralizada e não estou, de todo, resignada. O meu crescimento continua a ser livre, dia após dia, mesmo com a possibilidade de destruição diante dos nossos olhos.» (Diário, 3 de Julho de 1942)



na e i' - 'h' a' Quistman. Jaap
valt gefinfil monde e op de u' - d
manis op - e' met j' - 7 skunde e
a' gehere krompeltjeid, met j' -
arrogantie, w' en het vol de
a' gehereid' o'elder jid. Ik het a'
verschiltelg' nedelg' de met le e
h' stand - e' op. Quist d'urk' jid
wel kome d'urk' h' - , m

«Creio que o Jaap exerce sobre mim um efeito brutal, com a sua críspação gélida e insegura, a sua arrogância atrás da qual, porém, se esconde insegurança. Tenho uma pena terrível dele e ele repele-me. Deve ser por ele me desprezar um pouco, pelo menos é isso que eu sinto.»
(Diário, 30 de Outubro de 1941)

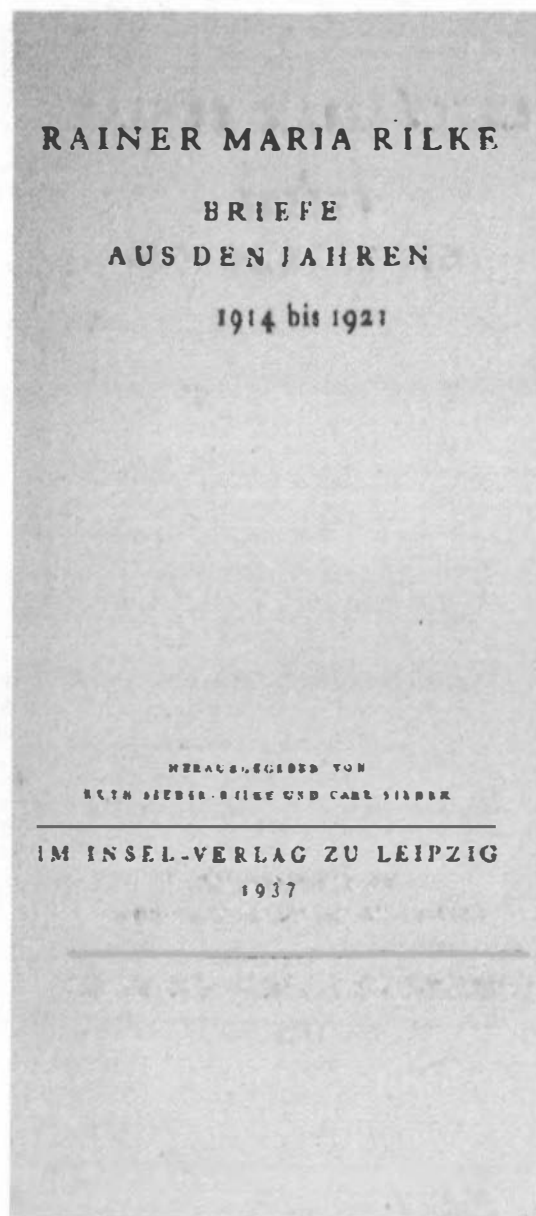
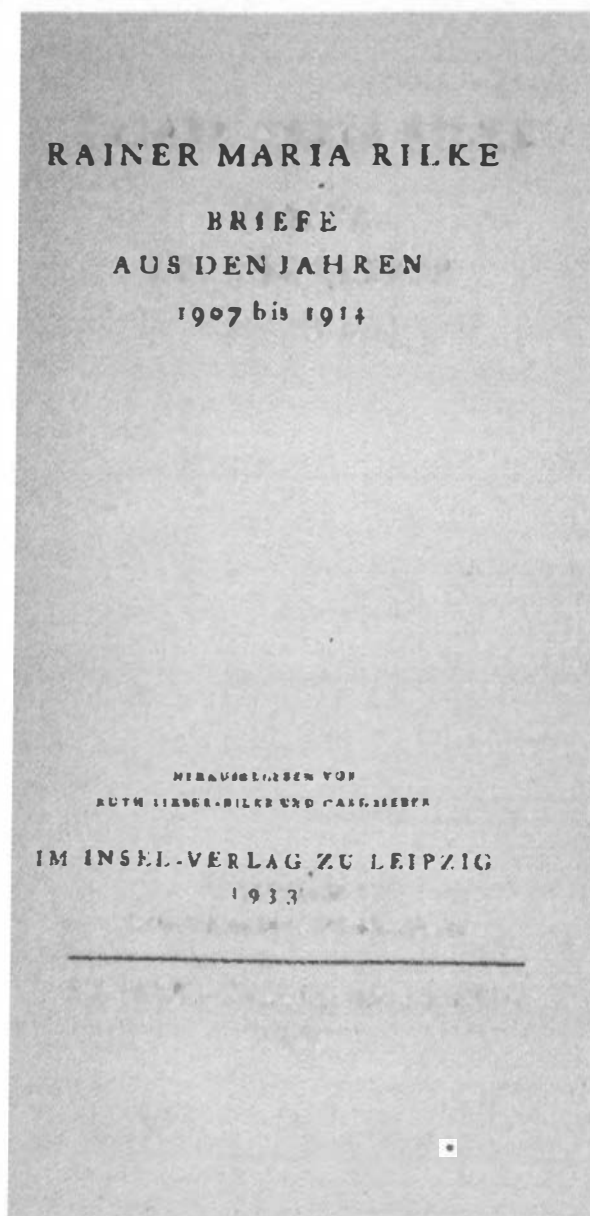
LEGENDA DA PÁGINA SEGUINTE:

Etty e o seu irmão Jaap Hillsum (1916-1945).



Le "on Rilke. L'ère de. - phases, de 1907-1914 et de 1914-1921, avec l'usage de la bonne villosité, le Schubart vol. Jopie trouvée. Et l'on trouve une première rédaction de, de l'écriture de l'usage de la laine, mille je par + un est l'écriture de la base de l'écriture. Quel est le mot de l'écriture de la laine. Le l'usage

«E trouxeram-me as cartas de Rilke, as de 1907 a 1914 e as de 1914 a 1921; espero ainda conseguir lê-las. E também o livro de Schubart. Foi a Jopie que mos trouxe. E a sua camisola de pura lã, que protege da chuva e do frio, arrancou-a do seu corpo, como um segundo São Martinho. Já é uma peça de roupa para a viagem. (Diário, 15 de Julho de 1942)



Os dois frontispícios das colectâneas com as cartas de Rainer Maria Rilke (1875-1926) mencionadas por Etry Hillesum no seu diário.

MENU

22 FEBRUARI. 1942.

Ein treuer Freund ist ein Trost des Lebens; wer Gott fürchtet, der kriegt solchen Freund. Denn wer Gott fürchtet, dem wird's gelingen mit Freunden; und wie er ist, also wird sein Freund auch sein.

Rauw-kost scotel

Bruine bonen soep.

Konijn met aardappels en
rode kool.

Chocoladen pudding.

.-.-.-.-.

Jesus Sirach
6:16/17.

Jopie, ik denk op het oogenblik een
heel sterk in je, want zo je hebt
oplicht, en ik zesse zo: ik heb
om je. Vlieg je zelf. Ik
heb je nog niet in de wereld en te helpen
en heb gevoel knaakte over, dat
ik je te niet in een te je. En heb
heb ik je gelezen en in je geest:
je ziel eindige met zelf
af - en gette hui. Maar
Licht nog een Jopie. Maar
dat verlegt? En zo nu
bezoekt u, want dat kan
recht gekom, en er is het
begin van de "grote ziel". Maar
Jopie, je "ziel" moet
disciplinerend is, zelf en

«Jopie, neste momento, penso em ti com grande intensidade, ficarias espantada se eu te dissesse que rezo por ti. Não te mates. Ainda tenho tanto para te contar e tanta ajuda para te dar e sobram-me tantas forças, que posso dispensar-te algumas. No entanto, já há anos que, ao pensar em ti, me vinha à ideia: ela vai acabar por suicidar-se, ou num manicómio. Mas aguenta mais um pouco, Jopie. Tem mesmo de ser assim? Tinhas muitos talentos que nunca puderam brilhar, e havia o princípio de uma "grande alma". Mas, por vezes, enquanto uma "alma" não é disciplinada, referem-se a ela usando o desagradavel termo "histeria". Talvez ainda se possa fazer algo por vocês. Ou estarei a ser tenebrária devido ao crescimento contínuo das minhas próprias forças?» (Diário, 13 de Março de 1942)



Johanna Smelik (1916-2008) com o gato *Sneeuwman*.

doente e velho. O primeiro tempo da
Stadionkade era muito de grande e
de um nível mais alto do que o nível da
cidade e a área de frisa, a parte da
cidade. E nestes tempos, de uma
de uma natureza, um pouco melhor
havia. Mas hoje há uma situação
de um nível, é um nível de nível.

«Passei esta manhã de bicicleta pelo *Stadionkade* e apreciei o céu vasto ali na zona limítrofe da cidade, e respirei ar fresco e não racionado. E por todo o lado se viam avisos a proibir aos judeus o acesso a caminhos e ao campo aberto. Mas sobre aquele pedaço de caminho que nos resta, o céu também se estende na sua totalidade.» (*Diário, 20 de Junho de 1942*)

LEGENDA DA PÁGINA SEGUINTE:

Esquina do *Stadionkade* com a *Hectorstraat*, em 1942. Ateente-se para os cartazes pró-germânicos.



A presente tradução foi realizada a partir da edição crítica da obra de Etty Hillesum, contendo cartas inéditas.

As tradutoras gostariam de agradecer ao EHOOC, Centro de Investigação Etty Hillesum, da Universidade de Gante, na pessoa do Prof. Dr. Klaas Smelik, pela amável ajuda prestada.

As cartas a Julius Spier e Osias Kormann foram escritas originalmente em alemão.

Cartas de Etty Hillesum

1. A Julius Spier¹.

Amesterdão, s.d., provavelmente terça-feira, 5 de Agosto de 1941.

Fim de tarde de terça-feira².

Há já seis meses que te conheço. Tu, uma pessoa cómica, querida, terrível; agora foste perseguido pela História mundial até ao nosso pequeno país e aqui vives numa rua tranquila, em duas pequenas divisões que só são agradáveis e bonitas quando te encontras nelas. Foste uma infracção colossal na vida de várias mulheres holandesas. Ensinas-nos que o amor por todas as coisas é mais belo do que o amor por uma só pessoa. E é bom que nos eduques nesse sentido. Já que as mulheres se debatem sempre por uma só pessoa e não pela humanidade: de facto, a verdadeira emancipação feminina ainda está para começar. Talvez a mulher ainda nem sequer tenha

¹ Julius Philipp Spier (Francoforte no Meno, 1887-Amesterdão, 1942), a quem Ety geralmente trata por S. Spier, teve a possibilidade de retirar-se ainda relativamente novo de uma carreira de sucesso para dedicar-se integralmente à quirologia, o estudo das mãos. Formou-se como terapeuta com o psiquiatra C.G Jung, tendo começado a exercer como psicoquirólogo em Berlim por volta de 1930. Em 1939, emigrou para os Países Baixos, e em Amesterdão rodeou-se de um grupo de alunos. Em Fevereiro de 1941, por intermédio de Bernard Meylink (Zierikzee, 1911-Amesterdão, 1952), Ety tornou-se «objecto» no consultório de Spier, ou seja, as suas mãos eram examinadas durante as aulas deste. Ety ficou desde logo impressionada com a sua personalidade e decidiu fazer terapia com ele. Depressa se tornou sua secretária e amiga. Foi também por conselho de Spier que Ety começou a escrever o seu diário. Spier faleceu em Amesterdão no dia em que a Gestapo veio buscá-lo para o levar para Westerbork. (*N. da T.*)

² Em neerlandés no original. (*N. da T.*)

nascido como ser humano. Sabes, deste-me muitas forças, mas também me tiraste muitas. Estás sempre no meu pensamento, como ser humano e como homem, e quando, por fim, conseguir uma relação verdadeiramente pura contigo, muito será esclarecido, em simultâneo, no meu relacionamento com todos os homens e a humanidade. E, pensando em ti, cresço e amadureço, mas, por vezes, não é fácil, sabes? Disseste uma vez que eu era para ti um desafio, mas tu também o és para mim. Que bom estares aí.

Até brrreve.

2. A Julius Spier.

Fragmento. Amesterdão, s.d., provavelmente início de Agosto de 1941.

[...] que ainda não me aceitei totalmente. Oh, ainda tenho de aprender tanto, de crescer tanto, de amadurecer tanto, caro senhor Spierrr, meu querido professor e mestre. Hoje sinto de novo um peso tão grande dentro de mim e gostava tanto de me sentir leve, «comi» duas aspirinas, sinto-me como um punho cerrado. Às nove horas da noite de 13 de Março senti-me muito diferente, vê só:

«Santo Deus, como era uma pobre infeliz, comparada com agora. Deixa-me ter mais uma vez clara consciência disso, pois, em breve, esse será o meu estado normal (— Que me diz deste optimismo radioso). Ainda há pouco dei uma volta à pista de patinagem¹, enérgica e feliz, sem “exuberância”, numa felicidade quase sóbria. É como se hordas selvagens tivessem andado a perseguir-se umas às outras numa planície imensa dentro de mim e agora tivessem sido postas na ordem por uma mão poderosa, e e manassem

¹ Pista do *Ijsclub*, clube de patinagem, em Amesterdão, perto da casa de Etty. (*N. da T.*)

uma força, uma energia tranquila, algo seguro e forte, harmónico, orgânico, autoconfiante; de repente, sinto tudo isto dentro de mim. A dor de cabeça e o cansaço passaram, embora ainda não seja aquilo a que se chama uma fortalhaça. Antes, tinha medo a toda a hora de que as minhas forças me deixassem ficar mal e era, claro está, o que acontecia; agora, já não penso nisso e elas renovam-se automaticamente a cada pequena tarefa de que me encarrego. Aconteceu-me uma espécie de milagre. E eu penso, com um amor tranquilo e profundo que não é erótico nem é paixão, no ser humano S»¹.

Voltei a ser objecto no teu curso dos serões de segunda-feira, onde me portei como uma tonta. Isso ainda foi no tempo em que me ameaçavas constantemente com o teu rosto, o teu corpo, e eu tinha de estar continuamente a afastar-te com violência dos meus pensamentos e fantasias, pois, de outra forma, não conseguia trabalhar. Por vezes, quando estava sentada à secretária, travavam-se dentro de mim batalhas desesperadas entre ti e Pushkine ou Lermontov, ou outro russo qualquer. Queria concentrar-me num, mas tu surgias sempre no meio, «seu malandro» (mil desculpas, desde já). Portanto, estive lá na segunda-feira à noite e na terça de manhã, às dez e meia, parei de trabalhar de repente e escrevi:

Nada é de graça. Grande esforço interior. Difícil. Por trás de Lermontov surge continuamente o rosto pálido e marcado de S., como estava ontem à mesa, recolhido, força comprimida, os olhos sensoros a contemplar o exterior, partindo da força calorosa, desse mundo fechado e cativante que é ele próprio. Eh, eh, que bem formulado, mas estou só a escrevinhar conforme sai da caneta, parece-me o melhor, e é tudo²

¹ Citação em neerlandês retirada da entrada do diário datada de 13 de Março de 1941. A frase entre parêntesis e a palavra entre aspas estão em alemão. (*N. da T.*)

² Parágrafo em neerlandês. (*N. da T.*)

3. A Julius Spier.

Fragmento. Amesterdão, s.d., início de Agosto de 1941.

[...] estudar uma impressão da palma da mão comigo? E posso ler o diário da Juliana, um dia destes? Gostaria de ver como és exactamente com uma rapariga de classe média (sem ofensa). E que mais queria eu dizer? Comprei papel, o Robert¹ tem andado muito tranquilo, ultimamente, ainda não fui a casa dos Nethes, só agora falei com eles por telefone, passo por lá ainda esta semana. No telefonema, eles não disseram nada sobre a carta dos Gelderen², mas avisaram que tinham recebido a tua. Esta manhã fui buscar o meu «cartão de identificação»³. Tem um grande J⁴, uma versão mais civilizada da mancha amarela com a qual outrora éramos obrigados a ostentar a nossa condição de judeus.

Bom, adiante.

Tenho de acrescentar mais uma coisa: julgo que nestes seis meses passámos por muito juntos, não concorda?

Até logo

¹ Informações inexistentes. (*N. da E.*)

² Provavelmente, o Dr. Chr. Van Gelderen, neurocirurgião, ligado à clínica *Valerius*, clínica de neurologia e psiquiatria em Amesterdão. Possivelmente, a correspondência entre Spier e Van Gelderen era relativa a uma palestra sobre psicoquiologia que Spier dá a semanas mais tarde nessa mesma clínica. (*N. da E.*)

³ A distribuição do cartão de identificação teve início em Amesterdão em Abril de 1941, primeiramente para não-judeus. Os judeus obtinham os seus cartões num departamento à parte. No documento, para além dos dados pessoais, impressão digital e fotografia, também figurava um grande «J» negro (de «Judeu») carimbado. Deste modo, os judeus eram claramente estigmatizados como grupo. (*N. da E.*)

⁴ No concílio de Latráo de 1215, as autoridades da Igreja determinaram que os judeus deveriam usar um sinal nas suas roupas como marca distintiva. Esta «mancha amarela» manteve-se durante a Idade Média. A «estrela-de-david» amarela e preta que os Nazis tornaram obrigatória nos Países Baixos a 29 de Abril de 1942 distinguia de um modo idêntico judeus de não-judeus. (*N. da E.*)

4. A Aimé van Santen¹.

Amesterdão, 25 de Janeiro de 1942.

Amesterdão, 25 de Janeiro de 1942.

Domingo de manhã, 8 horas.

Bom dia, Aimé!

Redigi finalmente aquele estenograma desalinhado e meio caótico. É um testemunho precioso. Serve-te dele. O que este homem afirma, com uma experiência de trinta anos, é o que te digo, caramba (perdoa a indelicada forma de expressão).

Ainda bem que estavas presente, com a tua mochila, a sola estragada e a tua pasta cheia de poemas. Guardo boas recordações tuas dessa última vez. Foi como se tivesses deixado cair a máscara nervosa e agitada das outras ocasiões, revelando um rosto calmo e mais maduro. E também me pareceu que tinham desaparecido em ti uma data de aspectos infantis.

Das últimas vezes que falei contigo em Leida, não paravas de queixar-te da tua sorte, por vezes, de um modo quase cómico-infantil. Comportavas-te como se van Wijk² tivesse morrido apenas para te arreliar. E sentias-te tão maltratado e lesado pela vida que te

¹ Aimé van Santen (Roterdão, 1917-1988), eslavista e escritor que utilizava o pseudónimo Jan Molitor. Van Santen iniciou em 1940 os seus estudos com van Wijk em Leida, onde foi colega de Etry. Especializou-se nas línguas checa e eslovaca e, após a guerra, viveu alguns anos em Praga, onde, entre outras actividades, se dedicou à obra de Kafka. (*N. da E.*)

² Nikolaas van Wijk (Delden, 1880-Leida, 1941), estudioso de língua neerlandesa e línguas eslavas. Fundador dos estudos balto-eslávicos nos Países Baixos, cuja cátedra ocupou em Leida desde 1913 até à sua morte — até 1945, esta foi a única cátedra do género no país. Van Wijk foi um letrado de renome internacional e manteve muitos contactos com eslavistas a leste e oeste. A ele se deve o facto de os estudos eslavos de Leida não terem ficado isolados dos principais centros do género na Europa. As aulas de van Wijk eram seguidas por um pequeno grupo de estudantes, como disciplina principal. Ele preferia leccionar em casa, onde, à tarde, a sua governanta trazia o samovar fumegante numa grande bandeja. As suas aulas de Literatura e Fonética Russa também atraíam estudantes de outras áreas. Para além da

julgavas no direito de não teres de te ralar com nada. E por aí adiante. E eis que tudo isso passara.

E quanto aos teus poemas: à noite, ao fazer o balanço do dia, tive a sensação de ter vivido algo especial e algo de bom. Houve vários versos a ecoarem ainda durante muito tempo, dentro de mim. Onde conseguirei o «Czar Saltan»¹? Ainda não conheço nenhum grupinho de pessoas para as quais pudesses ler em voz alta. Também não contacto com muitas pessoas para conseguir formar um grupo assim. Mas tudo se há-de arranjar.

Desencantei um velho diário², do tempo das minhas primeiras visitas ao Spier. Aponteí várias palavras suas, que marcham pelas páginas tão seguras e serenas³ como ele próprio. Transcrevo-te algumas, para complementar aquele protocolo:

— As depressões, quando não são da natureza da pessoa, são pausas criadas pelo inconsciente na consciência sobrecarregada, e devem, por isso, voltar a desaparecer a partir do inconsciente; assim, é necessário deixar extinguir essas mesmas pausas de um modo passivo —

Nesse tempo, a palavra «enfraquecer» foi para mim uma fórmula libertadora.

sua grande importância a nível científico, também mostrava um grande envolvimento social com o mundo eslavo, através da sua vida e obra. Os muitos artigos publicados em revistas e jornais, a sua *Geschiedenis der Russische letterkunde* (*História ilustrada da literatura russa*) de 1926, são exemplos dos seus esforços para tentar atrair o interesse do leitor neerlandês para a vida e cultura dos povos eslavos. (*N. da E.*)

¹ Provável alusão ao conto de Pushkin, de 1831. (*N. da E.*)

² Primeiro caderno do diário. Todas as citações são retiradas deste. A primeira citação não foi encontrada, mas terá provavelmente feito parte da folha que falta. Todas as restantes citações podem encontrar-se nesta parte do diário publicado nos Países Baixos na obra integral intitulada *Etty: De Nagelaten Geschriften van Etty Hillesum 1911-1943*. Etty trabalhou-as estilisticamente. (*N. da E.*)

³ Em alemão no original. (*N. da T.*)

— Depressões pessimistas devem ser consideradas pausas criativas nas quais as forças se restabelecem. Se tivermos consciência desse facto, as depressões passarão mais depressa. Jamais devemos sentir-nos deprimidos numa depressão.

— Se possuímos um núcleo, todas as impressões externas encontram nele um ponto de apoio (têm de reter-se aí). Quem não o tiver, quem for inseguro, perde equilíbrio a cada impressão recebida, torna-se cada vez mais inseguro, ao passo que o núcleo dos primeiros se afirma cada vez mais a cada impressão.

— O ser humano sereno não contabiliza em termos temporais. A maturidade não deve ser contabilizada em períodos de tempo.

— Quando julgamos que não recebemos apreço suficiente por parte de outrem, isso significa que estamos ligados a este e, por isso, dependentes. Quanto menos se espera, mais se recebe.

Ainda te sobra alguma paciência? Não paro de encontrar pontos que me tocam e que tenho mesmo de escrever.

— Aquilo que esperamos dos outros, como vindo do exterior, é o que temos, inconscientemente, dentro de nós. Em vez de o esperar do exterior, devemos desenvolvê-lo em nós, tomando consciência disso. A alma não está ligada a um tempo, é eterna. Devemos mergulhar nela, edificá-la na sua consciência, ou seja, amadurecer.

— O ser humano recebe a alma a seu cargo (ver também: 2 Coríntios, 5:5) e tem obrigação de tratar bem dela; viver da força da sua alma, ser animado.

— A irritação e a insatisfação são sentimentos improdutivos; o verdadeiro sofrimento por algo é produtivo e isto porque na insatisfação e na irritação se esconde uma passividade activa, ao passo que no sofrimento real se esconde uma actividade passiva. A passividade activa da insatisfação leva à resistência, uma oposição a algo irremediável que paralisa as restantes forças do indivíduo. A actividade passiva do verdadeiro sofrimento consiste em suportar e aceitar uma fatalidade e, assim, libertar novas forças¹.

E eu acrescentei ainda: outrora, talvez tivesse achado isto uma história bastante agradável de ler. Mas o mais curioso e importante é que, agora, estas palavras passaram directamente da minha cabeça para o meu coração, para o consciente ou sabe Deus para onde; de qualquer forma, foram para algum lado, onde respiram comigo, tendo-se tornado parte de mim. E é quase avassalador e ainda uma fonte de êxtase espantosa, quantas forças se libertaram e continuam a libertar em mim. —

O processo pelo qual passei neste último ano é, na verdade, tão simples, mas acredito que é decisivo para o resto da vida. O cosmos mudou-se da minha cabeça para o coração, ou, quanto a mim, para o diafragma; seja como for, saiu da minha cabeça para outra zona. E quando Deus se mudou dentro de mim e ocupou o espaço onde continua a viver, sim, quando isso aconteceu, deixei de sentir, de um momento para o outro, dores de cabeça e de estômago! E agora sirvo-me novamente das palavras de outrem, desta vez de C.G. Jung: «... Também “Deus” é, neste sentido, uma teo-

¹ As citações do diário apontadas durante as primeiras visitas foram escritas em alemão. (*N. di T.*)

ria, uma opinião, uma imagem que o espírito humano cria na sua limitação para exprimir uma experiência impossível de idealizar, impronunciável. O acontecimento é o único facto real, que não pode ser eliminado através do debate. As imagens podem, no entanto, ser conspurcadas e rasgadas»^{1, 2...}

E agora tenho de parar de bater nas teclas, pois tenho os dedos frios.

Aquele «domingo de manhã, 8 horas» não está escrito no cabeçalho para criar um efeito literário, mas acordei de madrugada com uma sensação de agora ou nunca, se não escrever agora àquele homem de Leida, não conseguirei fazê-lo durante a próxima semana. Não tens muito frio, aí? Por favor, não me digas que estás sempre num quarto frio. Espero que não fiquemos muito tempo sem falarmos os dois, acredito que ainda temos muito para aprender um com o outro. Infelizmente, neste momento, a hospitalidade não abunda por aqui; para grande pena minha, não posso convidar-te a vires cá. Visto que não é a minha casa. Um dia, no meu próprio lar, haverá sempre um lugar reservado para ti, mas, de momento, isso é apenas uma vaga compensação. Querido Aimé, passa bem e até breve.

¹ Em alemão no original. (N. da T.)

² Citação de C.G. Jung, in *Die Bedeutung der Psychologie für die Gegenwart* (O significado da Psicologia na actualidade), reimpresso em *Gesammelte Werke* (obras completas), X, p. 179; palestra de 1933, posteriormente editada em *Wirklichkeit der Seele* (A realidade da alma) [*Psychologische Abhandlungen* IV (Tratados de Psicologia IV) Zurique, 1934]. (N. da E.)

5. A Gera Bongers¹.

Amesterdão, sexta-feira, 6 de Fevereiro de 1942.

Amesterdão, 6 de Fevereiro de 1942.

Sexta-feira de manhã, 9 e meia.

Pronto, Gerazinha, aqui estou eu sentada diante da minha máquina de escrever, e será necessário darem-se acontecimentos capazes de abalar o mundo para me afugentarem daqui antes de eu acabar de te escrever, finalmente, uma carta. Se, neste momento, sinto a consciência pesada por causa de alguém, então é certamente por tua causa. Já estava a formar-se uma triste lenda em redor da tua figura doente: estavas num quarto gelado, cheia de abcessos, mal conseguias mexer-te e, para mais, estavas tão inacessível por causa da neve. Pensei por diversas vezes ir ter contigo, mas houve sempre algo a estragar-me os planos. Graças à Loes, conseguimos ficar com uma ideia mais clara do teu estado. Agora sabemos que ainda existem vizinhos simpáticos que têm carvão que podem dispensar e que vai uma enfermeira aí a casa, que já podes mexer novamente o braço e que Bloemendaal² está cheia de conhecidos. Mas o que se passa contigo? Assim que estas estepes e *pusztas* fica-

¹ Gera Bongers (Wageníngen, 1914), mais tarde Bienewitz-Bongers; residiu em Bloemendaal durante os anos da ocupação alemã e foi professora de Línguas Modernas. Conheceu Spier quando foi convidada por um dos seus alunos para servir de «objecto» no seu curso de quirologia. Após essa experiência, inscreveu-se como aluna. Gera Bongers apenas se deslocava de bicicleta de Bloemendaal a casa de Spier para as aulas aos serões de terça-feira, excepto quando havia aniversários ou serões musicais. Já pertencia ao «Clube Spier» antes de Etty a ele se ter juntado. Namorara com Bernard Meylink, que morava na mesma casa que Etty. Este viria a casar com Loes Bongers, irmã mais velha de Gera. Atena à intenção de Spier de ir juntar-se à sua noiva na Inglaterra, Gera deu-lhe aulas de Inglês, uma tarefa difícil para Spier, não tão talentoso para as línguas. (*N. da E.*)

² Vila acerca de 20 quilómetros de Amesterdão. (*N. da T.*)

rem mais transitáveis e a minha cabeça estiver menos congestionada, irei visitar-te, de certeza.

Sim, mas vamos ao que te quero contar! Sabias que na terça-feira, dia 3 de Fevereiro, comemorei o meu primeiro aniversário? Exactamente um ano antes, a 3 de Fevereiro de 1941, vim ao mundo, graças a um homem monstruoso de calças verdes tufadas e uma antena na cabeça e uma rapariga de cabelo crespo de modos arrapazados, que mais tarde se soube chamar-se Adri Holm¹. E, portanto, na terça-feira fiz um ano e sou, modéstia à parte, uma bebé bem desenvolvida, até já consigo andar sozinha. E também já consigo comer salmão, mas isso é outra história, que depois contarei. Comemorámos esse dia realmente com pompa e circunstância, o meu pai espiritual, a sua aluna² entusiasta e eu; vou tentar fazer um pequeno relato do sucedido.

Às oito e meia da manhã, peguei na bicicleta e atravessei a neve e o frio (10 graus negativos), até à simpática rua que tão bem conheço, munida de um ramo de túlipas vermelhas e amarelas e de um grande envelope amarelo que continha a minha confissão anual³, escrita com sangue e lágrimas em quinze folhinhas de

¹ Adriana Johanna Holm (Zeist, 1910-Utrecht, 1970), era membro da Igreja Moraviana. Travou conhecimento com Spier em Outubro de 1939 e foi uma das suas primeiras amigas nos Países Baixos. Era como que uma espécie de secretária de Spier, até Erty a ter, por assim dizer, substituído no cargo. Durante os anos da guerra, Adri Holm frequentou em Amesterdão um curso de artesanato, no qual se dedicou especialmente à tecelagem. Morava num quarto na *Lassustraat*. Durante a guerra, pertenceu ao núcleo do «Clube Spier», o círculo de amigos deste, e foi uma das suas alunas mais aplicadas. Após a guerra, tornou-se antroposofista, mas continuou a praticar a quirologia. Num poema escrito pelas amigas de Spier em 1940, em comemoração do aniversário deste, encontra-se a seguinte estrofe, cuja autoria é atribuída a Adri Holm: «A "atributo" número 2 chegou em Outubro / e na altura tinha os nervos ao rubro / Mas tu depressa a puseste bem / recuperou força e auto-estima também / E a sua pele ficou macia / como há muito não a sentia!» A última estrofe é referente ao facto de Spier ter curado (temporariamente) o eczema crónico de que Holm sofria. «Atributo» significa «aluna de Spier». (*N. da E.*)

² Em alemão no original. (*N. da T.*)

³ *Idem.* (*N. da T.*)

apontamentos. Com isto abrihantei a mesa do pequeno-almoço dele e depois saí sorrateiramente, sem interromper o tiozinho, mergulhado nas suas divagações matinais.

Às 11, regressei, desta vez como objecto, e chamei, usando exactamente o mesmo tom de voz tímido de há precisamente um ano: Está aqui o objecto para o senhor Spíier! E a Adri gritou cá para baixo «Faça o favor de subir!», com a sua voz grossa. E quando lá cheguei, foi tudo muito formal: não é costume as pessoas apresentarem-se ali. E assim, entrei, tão tímida e embaraçada como há um ano, com o mesmo vestido de lã, naquelas duas salinhas que parecem, ao mesmo tempo, tão claustrais e acolhedoras. E eis que surgiu o quirólogo, com as mesmas calças verdes tufadas, que ja no ano passado lhe davam um ar tão enigmático, embora tal não se devesse apenas a elas. E novamente o cerimonial da tinta preta e papel vegetal, no qual voltei a mostrar-me tão desajeitada e surpreendida como antes. E depois: mantenha as mãos abertas, descontraidamente¹, e seguiu-se uma análise de hora e meia altamente interessante, na qual o próprio Spier fez duas novas descobertas e formulações, mas isso é demasiado complexo para contar por escrito, contar-te-ei em pessoa quando tiver possibilidade. Algumas coisas engraçadas: o meu polegar esquerdo já é dinâmico, a linha do destino² tornou-se mais forte e começa aos poucos a ceder lugar à «linha da profissão»³ e as confusões no meu «círculo familiar e de amigos»⁴ ⁵ desapareceram. Colocámos a nova impressão e a do ano passado lado a lado e foi

¹ Idem. (N. da T.)

² Idem. (N. da T.)

³ Idem. (N. da T.)

⁴ Idem. (N. da T.)

⁵ Na doutrina de Spier, um polegar dinâmico significa flexibilidade, intuição, uma vida emocional rica, mas também influenciabilidade e pouca força de vontade. Um polegar rígido representa rigidez, iei-

realmente emocionante observar as mudanças da palma da mão. Foi uma sessão divertida e agradável que oscilou entre a euforia pueril e a seriedade científica. A dado momento, agimos como se nos víssemos pela primeira vez e, num momento seguinte, estávamos a evocar recordações em comum do ano passado. É tudo tão curioso; nesse dia escrevi à Adri, entre outras coisas, mais ou menos o seguinte: no ano passado entrei naquelas duas divisões tão ao acaso e tão ávida de sensações, e fiquei ali durante aquela hora, isso foi o arranque de um ano que viria a revelar-se o mais rico e frutuoso que já vivi. Nesse dia, esqueci-me de enviar flores ao Bernard; é que ele, na sua inocência, foi o intermediário. Bom, adiante, adiante.

Nessa data não vivemos apenas de recordações, também houve delícias substanciais. O nosso bom homem abriu a última latinha de salmão e o último frasco de maionese verdadeira, a Adri trouxe alguns boiões de muesli e a Sr.^a Nethe¹, um bule de chá au-

mosia, inflexibilidade, mas também uma grande resolução. A «linha do destino» fornece informação sobre, entre outros pormenores, a adaptação às influências do mundo exterior. Os termos «linha da profissão» e «círculo familiar e amigos» são colocados por Ety entre aspas porque, provavelmente, não surgem na terminologia utilizada por Spier. Mas é um facto que, segundo Spier, traços em redor da linha do círculo familiar de amigos mostram influências do meio exterior das quais o «objecto» não se apercebe. Estas influências podem ser: conflitos entre pais que não foram experienciados pelo filho de modo consciente mas cujas consequências influenciaram em grande medida a vida emocional subconsciente do indivíduo; ou pode falar-se de repressões de um dos pais ou de resistência inconsciente de um deles em relação ao filho, ou de favorecimento intuitivo de outros irmãos pelos pais. Talvez Ety se refira a estas linhas em redor do referido círculo quando fala de «confusões no meu círculo familiar e de amigos». (*N. da E.*)

¹ A família Nethe, residente na *Courbesraai* 27 em Amesterdão. Em 1940, Spier alugou aqui dois quartos, depois de ter morado com a sua irmã durante cerca de um ano e, nesse ano, alguns meses num quarto na *Scheldesraai*. Erich Nethe (Colónia, 1893-Amesterdão, 1969), a sua esposa A. Nethe (Wesseling, 1898-Amesterdão, 1975) e os filhos Erwin (Bona, 1930-Vinkeveen, 1980) e HW (Hans Werner) (Bona, 1924) haviam fugido da Alemanha em 1938. Durante a «Noite de Cristal» (9 de Novembro de 1938), Erich Nethe e o filho HW foram parar à prisão, onde Erich tentou o suicídio. Dias depois, foram libertados. A família Nethe emigrou para os Países Baixos imediatamente após este episódio. Graças a uma ligação com o *Zentralstelle für jüdische Auswanderung*, o Serviço Central para a Emigração Judaica, as autoridades alemãs reconheceram-nos como não-judeus. Por esse motivo, não tiveram necessidade de se esconder. (*N. da E.*)

têntico, e soube tudo tão bem junto, que dava para tornar uma pessoa piedosa, se ainda não o fosse. E, depois do almoço, a Adri encostou a sua cabeça lanzuda ao meu ombro de lã azul e partilhámos irmãmente o espaço de descanso em tons terracota do tio e os bacilos da constipação dela. (Estes últimos foram uma das razões de não ter estado ainda contigo). Depois, o tio foi dormir uma soneca e a Adri e eu fomos para o quarto da Dicky¹. E, como se o destino tivesse adivinhado que algo de especial se passava nesse dia, praticamente todos os seus alunos e pacientes telefonaram a cancelar marcações. Às três e meia, a Adri foi cantar com a sua voz roufenha e eu voltei a descer, desta vez como secretária. Às seis, fomos jantar a um local famoso, onde se comia tão bem, que faria mal à alma comer assim todos os dias; uma pessoa sentia-se ali tão ligada à terra² e eu disse ao Spier que acrescentaria um anexo ao meu diário para que ficasse registado para a descendência tudo o que comêramos nesse dia. Oh, tempos históricos!

E, precisamente às sete e quarenta, parti da *Courbetstraat* pela terceira e última vez nesse dia. E fui avançando para casa por uma fantástica e inesquecível paisagem nevada, chegando exactamente cinco minutos depois do tempo estipulado. (Como sabes, voltámos a portar-nos mal e temos de estar em casa às oito horas. Para dizer a verdade, isso tem as suas vantagens).

¹ Dicky de Jonge (Roterdão, 1920), depois van den Heuvel-de Jonge. Ficouorfã aos sete anos e a avó criou-a num ambiente sem amor e mesquinho. Conheceu Henny Tideman durante o Movimento de Oxford. Esta levou-a a assistir ao curso de Spier e foi assim que ambos se conheceram. Dicky tornou-se paciente de Spier; a educação desta tornara-a fechada e «perra» e Spier queria libertá-la. Dicky foi desenvolvendo cada vez mais interesse pela quirologia e começou também a frequentar o curso. Na casa da família Nerthe onde Spier residia havia ainda um quarto livre, que Dicky alugou a inícios de 1941. Ela trabalhava no ensino. Tinha a alcunha de «Pequena», não pela sua estatura, mas por ser a mais nova quando entrou para o círculo de amigos de Spier e por este a ter tomado um pouco sob a sua protecção. (*N. da E.*)

² Em alemão no original. (*N. da E.*)

E pronto, minha menina, acabou a história; espero ter-te compensado um pouco por aquela visita adiada. Assim que o teu estado o permitir, tens mesmo de dar notícias.

6. A Julius Spier.

Amesterdão, quinta-feira, 16 de Abril de 1942.

16 de Abril de 1942.

O que me veio por acaso à memória, a respeito de uma conversa com o Mischa¹, a propósito da sua carta²:

Os psicólogos, na sua maioria, não são conhecedores da natureza humana, têm uma teoria e aplicam-na às pessoas.

Tens de contar ao Spier a vitória sobre mim mesmo que é dar um sarau. Ele sente-se completamente «consumido» pela sua

¹ Michael (Mischa) H. Hillesum (Winschoten, 1920-Auschwitz, 1944), irmão mais novo de Etty, pianista; em 1931, com onze anos, foi viver para Amesterdão, ao cuidado da família Horowitz. Aí teve a possibilidade de ter aulas de piano com George van Renesse, professor do Conservatório de Amesterdão. A família Horowitz, em parte de ascendência russa, tal como os Hillesum, costumava acolher músicos jovens e prometedores. Mas também Etty passou os seus primeiros meses de estudante universitária com esta família. Mischa Hillesum também tinha aulas na Escola *Nicolaas Maes*. Em 1935, entrou para o Conservatório e, paralelamente, prosseguiu os seus estudos no Liceu *Vossius*, fazendo os primeiros três anos. Pouco antes da guerra e durante a mesma, Mischa permaneceu em Amesterdão, Deventer — onde residiam os pais — e no *Het Apeldoornse Bos* em Apeldoorn, instituição psiquiátrica judaica. Aparentemente, Mischa tornou-se psicótico aos dezasseis anos. Durante a guerra, foi aqui que se encontrou a grande concentração de pacientes judeus (cerca de 1100). Esta instituição também possuía uma secção para jovens difíceis ou com perturbações graves, a *Achisimog*. Nela se encontravam 94 pacientes. Ao todo, trabalhavam neste hospital entre quatro a cinco mil funcionários. A 21 de Janeiro de 1943, foi dada ordem de despejo à instituição. O comboio especial com doentes proveniente de Apeldoorn chegou a Auschwitz-Birkenau três dias depois. A equipa médica e os funcionários que ficaram para trás foram enviados para Westerbork com os judeus de Apeldoorn. (*N. da E.*)

² As cartas de Spier a Mischa não foram guardadas. (*N. da E.*)

doença e pensa que as muitas injeções também destruíram muita da sua força vital. Tem a sensação de que perdeu anos de vida e julga ter de recuperá-los agora, sente que lhe foram roubados alguns anos preciosos, não consegue ajustar a doença em lado nenhum. Ele gostaria que um «especialista» lhe dissesse o que se passa realmente com ele, ou se agora é tão «normal» como antes de ser acometido da doença. Gostaria de saber como surgiu e porque tem de ser precisamente *ele* a suportá-la. Digo-lhe que os médicos também não o sabem e que devemos acabar por aceitar a vida com doenças e tudo o que dela faz parte e que, ainda assim, devemos agradecer a Deus por esta bela vida. Ao ouvir estas palavras, quem sabe, novas para ele, olhou-me, de repente, com ar surpreendido e estupefacto. E disse ainda: Se ao menos eu *souber* como é uma doença destas e porque me atingiu, será uma grande ajuda. Disse-lhe que não é, de todo, uma questão de *saber*, mas, ao fim e ao cabo, de fé nesta vida. Ele ripostou com bastante cinismo, o que não foi, de modo algum, acertado; foi mais ou menos isto: Sim, então devemos pensar algo do género: oh, nós, seres humanos, como somos evoluídos. Não, retorqui, *essa* é a mentalidade que se adquire quando se dá demasiada importância ao saber.

Não é muito agradável ter alta de um hospício, com a recomendação: De agora em diante, terás de levar uma vida tranquila, caso contrário, voltas a adoecer. E eu disse, indignada: Mandar assim embora uma pessoa jovem, sem amor nem ajuda! Ele olhou-me profundamente tocado e tornou: Pois... E agora já não sabe: Serei saudável, estarei doente, viverei com tranquilidade suficiente, será que voltarei a adoecer; não tem qualquer padrão. Está em conflito com a sua doença e desejava ouvir de um «especialista» o que se passa realmente com ele. Sim, diz ele, quando falo de si: O Spier

só lida com pessoas sãs, mas eu sofro de uma doença com determinados sintomas e gostaria de saber o que fazer.

E depois fica muito deprimido ao imaginar todas aquelas pessoas infelizes nos hospícios superlotados. Diz que isso o atormenta muitas vezes.

Está vazio, completamente vazio, com esperança de que talvez a Primavera traga alguma mudança. Espera-se tudo do exterior. Quando voltei a falar de si, ele disse: É preciso fazer-se isto totalmente sozinho.

É sempre: As outras pessoas não podem, de maneira nenhuma, compreender tudo aquilo por que passei, que sofri para cem vidas. Ele ainda se sente isolado de tudo e de todos. Tem um enorme receio de ser rotulado e, como tal, não ser compreendido. Por fim, afirmou: Foi também por esse motivo que não fui consultar o Spier, por ter medo de que também ele tenha um ficheiro na cabeça e diga: Ah, sim, o Mischa é um caso tal e tal, também tive um assim no tempo em que dava consultas, *et caetera*... Mas o que me deu uma enorme alegria foi o facto de terhavido contacto palpável entre ele e o senhor. Ele rematou a conversa dizendo-me muito categoricamente: Podes contar ao Spier o que eu te disse e dá-lhe cumprimentos meus. A carta dele voltou a soltar muito dentro de mim, o que talvez seja bom. Mas não consigo reagir tão depressa a isso. Tenho de digerir tudo, mas faz-me muito bem quando ele me escreve. Ele nunca se tinha exprimido de modo tão claro. Mais um pequeno pormenor: tenho uma fotografia sua por cima da minha secretária; durante o nosso diálogo, ele não deixou de olhar para ela.

E mais isto: ele disse: Por me sentir tão vazio, toco com muito virtuosismo, porque sou, simplesmente, capaz de fazê-lo, mas não quero, de maneira nenhuma, tocar bem. Isto veio a propósito de

eu lhe ter dito que também podia ver a doença como algo positivo, como fonte da sua arte extraordinária; no fim de contas, não era por acaso que as pessoas o seguiam como se ele fosse o «Flautista de Hamelin». Pois, tornou ele, também acho isso terrível. Dá ideia de que eles apreciam o meu sofrimento. E então: Tornei-me tão «sóbrio» nos últimos tempos, mas, na verdade, isso não é nada bom. Sempre que me alegro, digo logo a mim mesmo: Bem, cuidado, podes voltar a adoecer.

E também: Vivo de forma tão pouco sistemática, tento viver de forma mais sóbria, mas, assim, perco toda a minha imaginação, da qual necessito, precisamente, para a minha arte. F por aí adiante. Uma selva. Tudo emaranhado. Um rapaz infeliz, que está em busca, em conflito com a sua doença desajustada e não encontra solução. Pareceu-me que, ultimamente, ficou muito maduro e profundo e também mais aberto. Ele tem de ser ajudado, e julgo que consigo está no bom caminho. Há aqui realmente trabalho de reabilitação humana a fazer. E, além do mais, ele é uma pessoa tão incrivelmente querida e simpática com todos, aberta e extrovertida como só os russos são. Mas está um caos, perante o qual um leigo e um médico medíocre nada podem fazer.

7. A Netty van der Hof¹.

Fragmento(?). Amesterdão, quinta-feira, 25 de Junho de 1942.

Amesterdão, 25 de Junho de 1942.

Esta é uma daquelas surpresas agradáveis que a vida nos reserva, Annette! Ouvimos música juntas por mais do que uma vez, os nossos caminhos cruzaram-se por vezes momentaneamente naquelas duas pequenas divisões na *Courbetstraat*, chegámos mesmo a caminhar juntas por um bosque, certo dia, em Zeist, ainda te lembras? E conhecemos um ou outro detalhe da vida uma da outra através de terceiros e a partir de impressões nossas, ao acaso e incompletas. Contudo, ainda não nos conhecíamos realmente. E eis que entra, de repente, pela minha caixa de correio um ser humano completo em algumas folhinhas de papel preenchidas por uma mão firme e franca. Prazer em conhecer-te finalmente, Annette v.d. Hof!

Bom, que posso eu dizer-te realmente? Tenho muita «vontade e tempo (sempre mais vontade do que tempo) para responder aos teus balbucios». Nas últimas semanas, andei com um peso na consciência por tua causa, por ainda não ter arranjado tempo para conversar contigo, mas tal deveu-se, em grande parte, a problemas físicos. An-

¹ Netty van der Hof (Hilft, 1913-Bilversum, 2000), mais tarde Peridis-van der Hof. Perdeu os pais aos nove anos, foi criada em Zetten, onde também fez os seus estudos do ensino primário. Aí conheceu Tilde e Gera Bongers. Netty frequentava a casa da família Bongers, em Wageningen, e foi aí que travou conhecimento com Julius Spier. Este achou-a «presa» e começou a escrutar cautelosamente o seu passado. Isto perturbava-a, mas aparentemente, os diálogos faziam-lhe bem, pois começou a visitar Spier também em Amesterdão. Foi assim que conheceu Eddy e os restantes membros do «Clube Spier». Mas, segundo as suas palavras, achava o ambiente um pouco aceso de mais e a ligação a Spier demasiado grande. Também se mostrava muito crítica em relação a uma então corrente da psicanálise que defendia que uma relação terapêutica teria de surgir de uma ligação física. Anotou esta crítica no seu diário que se perdeu quando se mudou para o Egipto, após a guerra. (*N. da E.*)

dei durante uns tempos a sentir-me como se tivesse caruncho, ou traça, ou sabe Deus o quê abaixo do meu diafragma, mas graças às gotas mágicas de um homeopata¹, grande parte desses bichos já se foi e, aos poucos, vou recuperando as minhas forças. E depois deste fascinante relato sobre o meu invólucro material, tentarei responder da melhor forma possível à tua simpática e séria carta.

Sem grandes rodeios, vou directa a uma frase que me lança olhares tentadores: o que é, para mim, característico do método de trabalho do Spier. (Antes, porém, e entre parênteses, tenho de desabafar algo. Pergunto-me em que momento inspirado terás inventado para ele o epíteto poético «tiozinho»². Tenho um carácter muito indulgente, quase meigo, mas rebelo-me contra esta forma de tratamento de absoluto mau gosto. Se tentares dizer «tiozinho» dez vezes seguidas, ficas com um sabor desagradável no céu da boca. Talvez possamos pensar em algo mais apropriado num momento poético?)

Bem, e agora era capaz de ficar aqui sentada durante anos (é o meu famoso exagero russo) a escrever sobre este trabalho e a personalidade por trás dele, e sobre a questão se é realmente possível separar um do outro. Com uma pequena variação: pegando por onde pegarmos na psicologia do Spier, ela é sempre interessante³. Pessoalmente, o que mais me impressiona é o modo como ele usa o efeito sugestivo da sua personalidade dinâmica e demoníaca para libertar todos os elementos no outro, a fim de lhe indicar novo rumo. Se este homem não possuísse um sentido de responsabilidade e um amor pela humanidade tão fortes e não trabalhasse diariamente em si mesmo, poderia facilmente provocar desastres naturais nos indivíduos in-

¹ O Dr. Selmar Witkowski (Witkowo 1881-?), homeopata que dava consultas na *Beethovenstr.*, 160. (N. da E.)

² É curioso que também Ety utilize este epíteto ao falar de Spier. (ver carta n.º 5) (N. da E.)

³ Em alemão no original. (N. da E.)

defesos e que se colocam nas suas mãos. Para mim, é sempre um espectáculo fascinante e, se quisermos, emocionante, ver quantas vidas em formação e com problemas chegam até ele e são por ele acolhidas e formadas, cada qual em redor do seu próprio cerne. Não, Netty, sinceramente, não se pode chamar a isto um relatório psicológico científico nem é propriamente uma resposta directa à tua formulação objectiva.

Falas, entre outras coisas, de «uma mudança do inconsciente, sensorial e material para a vida consciente espiritual». Estás então a colocar o inconsciente a par com o sensorial e o material? Com certeza que não! Lembrei-me de uma passagem de Jung, da qual gostaria de citar um excerto, mas emprestei o livro. Tratarei de tê-lo na primeira ocasião em que vieres ver-me.

Vês, temos material suficiente para muitas discussões frutuossas e, por agora, não falarei mais deste assunto apaixonante, caso contrário, ficaria aqui até altas horas a prolongar esta carta até se parecer com um manual de psicologia, e hoje ainda tenho muito mais para te escrever.

E depois afirmas: «Por vezes, dizem-me que a vida possui tensão suficiente para impedir que se caia em extremos. O que pensas disto?»

Sabes, Netty, acredito que quanto menos o ser humano cai em extremos, maiores e mais frutuossas são as suas tensões. Pelo menos, foi o que aprendi em relação ao meu próprio corpo e alma. Quanto maior a minha tendência para cair em extremos, quanto mais cresce em mim a inquietação, mais atentamente me sento à boleia do autocontrolo, segurando com firmeza as rédeas, sem as largar, e assim, vou ganhando novas forças que me dão a possibilidade de ser mais produtiva. E não é isso o mais importante? Vais achar-me inoportuna se procurar para ti algo no meu diário, algo que registei du-

rante a minha última depressão?... Sim, cá está, escrito a 11 de Junho, de estômago vazio (quanto mais vazio o estômago, menos frugal a minha linguagem, por isso, cuidado).

«Não devemos só puxar firmemente, de vez em quando, as rédeas da nossa inquietação, para que esta não desate a empinar como um cavalo desenfreado, dando início a uma jornada devastadora por todo o ser, devemos também refrear a nossa tristeza, de contrário, ela avança como uma enxurrada, inundando os campos cultivados com tanto esforço. Devemos aspirar deixar de ser tão egocêntricos¹, deixar cada disposição seguir o seu caminho dentro de nós, sem interferir. Não temos de esconder a nossa inquietação e tristeza de nós próprios, devemos carregá-las e suportá-las, mas não entregá-las completamente a elas, como se nada mais existisse no mundo. Não devemos continuar a sacrificar as nossas forças às nossas próprias tristezas e impetuosidades, mas sim conservá-las — pelo menos, é aí que se deve tentar chegar — para a comunidade, para utilizar um termo pomposo, desta vez. E, por “comunidade”, refiro-me a um aluno que deseje vir adquirir alguns conhecimentos conosco, um semelhante que venha ter conosco com os seus problemas ou um pequeno poema que exija a nossa atenção para ser compreendido....» E, umas páginas mais adiante, confidenciei de novo a mim mesma, em hieróglifos selvagens e gatafunhados: «Quando nos entregamos tão plenamente a cada tristeza e inquietação, estamos ainda a desejar sentir-nos demasiado nelas, a experienciar-nos de modo demasiado forte, e isso não é o mais importante».

É verdade, de facto, podemos utilizar a expressão «o caminho do meio-termo» como um soporífero, mas pergunto-me o que terás tu a ver com ela. Esta expressão ainda dá demasiada honra ao

¹ Em alemão no original. (*N. da T.*)

burguês presunçoso; pois ainda se trata de um «caminho» e ele não segue nenhum, limita-se a vegetar. E é esta a diferença entre vocês, não é? Tu percorres um caminho e não tens nada a ver com esses a quem chamas «respeitáveis animais gregários presunçosos», pois não? E agora, para tentar fazer psicologia: se esses teus burgueses presunçosos ainda te complicam com os nervos, tal não será por, no fundo, receares ficar como eles? O acaso fez com que viesses parar a uma comunidade «bafienta e apagada»; não seria, porém, possível haver em cantos escondidos muito mais vida a borbulhar do que tu agora imaginas, se pudesses penetrar um pouco mais? È então e todas aquelas crianças da tua escola? — Contudo, devias dizer a ti mesma que tens uma vida e um caminho próprios que nada têm de bafientos e apagados.

8. A Julius Spier.

Amesterdão, s.d., provavelmente Julho de 1942.

8 da manhã.

Não é, de todo, possível falar dos últimos acontecimentos sérios da vida, a voz não consegue. Compreendo-te perfeitamente, partilho tudo contigo e voltei a agradecer a Deus por ter alguém como tu na minha vida. Tens de olhar pela tua saúde; se queres ajudar Deus, é esse o teu dever primordial, sagrado. Alguém como tu, que é das poucas pessoas a abrigar ainda honradamente uma porção de vida e sofrimento e Deus — pois a maioria esmoreceu há muito, e «vida», «sofrimento» e «Deus» não passam de sons vazios para ela — tem o dever sagrado de manter o seu corpo, a sua «mansão ter-

rena», o melhor que puder, para oferecer hospitalidade a Deus durante o tempo que for possível. Ainda estamos muito longe do fim. Eu também olharei por mim. Tenho tantas forças, podes ficar com elas; novas crescerão em mim. Sinto um amor infinito por ti, a minha alma ama a tua com tanta infinidade. A minha alma gostaria de se deitar junto da tua de vez em quando, e esse desejo começa a não ter nada a ver com o desejo que uma mulher pode ter por um homem. Por vezes, desejo deitar o meu corpo nu, como Deus o criou, junto do teu, como Deus te criou, e contudo, apenas sinto que a minha alma gostaria de se deitar junto da tua.

Se, nos dias que correm, as pessoas não se vão abaixo de tristeza, nem criam uma carapaça dura e cínica, nem se resignam, vão ficando, então, cada vez mais suaves, gentis, exaustas, compreensivas e amantes. Sei muito bem como é no teu caso, levaste-me pelo teu caminho e partilho contigo em plenitude cada momento da tua vida. Estou sempre contigo e perto de ti, e mesmo que nos separem um dia, continuarei a percorrer contigo o mesmo caminho até ao fim. A minha sinceridade e o meu amor são milenares e envelhecem mil anos por dia. Esta conjuntura da época em que vivemos é algo que consigo suportar, que posso aguentar sobre os ombros sem vergar sob o seu peso e consigo mesmo perdoar a Deus por permitir que tudo seja como provavelmente deve ser. Temos amor suficiente dentro de nós para conseguirmos perdoar a Deus!!

E tens de olhar pela tua saúde e descansar muito. Agora não posso estar tantas vezes contigo — em pensamento estou sempre ao pé de ti — mas tens de prometer-me que cuidarás de ti. Acabo de ouvir-te a abrir as cortinas; não tarda, estarás aqui comigo no andar de cima, não é?

Vou tentar ir aí ainda esta tarde; quem me dera.

9. A Osias Kormann¹.

Amesterdão, sexta-feira, 14 de Agosto de 1942².

Gabriël Metsustraat, 6³

Amesterdão, 14 de Ag. de 42.

Meu bom e querido amigo Kormann,

Uma pequena saudação desta grande cidade. Caminho pelo nunca mais acabar de ruas e Westerbork está sempre comigo. É estranho sentirmos uma tamanha ligação a um lugar e aos seus mo-

¹ Max Osias Kormann (Lipsko, 1895-Nova Iorque, 1959). Nasceu no bairro judaico da cidade polaca de Lipsko. Aos catorze anos, partiu para Hamburgo. Aí, fez carreira no ramo do calçado. Casou e teve dois filhos. Em 1935, foi deixado em solo polaco, como judeu apátrida. A esposa e os dois filhos emigraram para Londres e daí para Nova Iorque. Após vários acontecimentos, Kormann conseguiu embarcar no *St. Louis*. Depois de muitas deambulações a bordo, chegou aos Países Baixos em 1939, onde, com outros passageiros, foi colocado pelo governo neerlandês no campo de Westerbork, recentemente construído. Etty conheceu-o aí, onde este era Chefe substituto da Secção de Serviço 5. A Chefe da Secção era F. Stein, conhecida como a «Ditadora da Agência Imobiliária». Esta Secção de Serviço era a dos «Serviços Internos» e cuidava essencialmente do alojamento dos moradores do campo nos respectivos barracões, da ordem e limpeza dos mesmos, da distribuição das rações e entrega de calçado e vestuário a repararem diferentes oficinas. Etty desenvolveu uma amizade íntima com Kormann. Liesl Levie recorda o seguinte: «Etty apresentou-nos a ele um dia depois da nossa chegada a Westerbork. Ele disse-nos que podíamos contactá-lo sempre que surgisse algum problema. Kormann era um homem muito íntegro, ao contrário da maioria dos «reis» do *St-Louis*, que (compreensivelmente, mas muitas vezes à custa dos outros) só estavam interessados em não ir no transporte. Presumo que ele apenas conseguiu manter-se em Westerbork até à libertação — durante seis anos, portanto — graças à sua atitude modesta e discreta. Jamais me esquecerei como, a 10 de Janeiro de 1944, nos acompanhou ao comboio para Bergen-Belsen, com lágrimas e muitas e boas palavras de conforto. Quando regresssei a Amesterdão, em 1945, caímos nos braços um do outro, na rua, cada qual crendo que o outro não tinha sobrevivido». Após a guerra, Kormann trabalhou para uma instituição que se dedicava à localização de crianças judias escondidas durante os anos anteriores. Em 1946, voltou a juntar-se à sua família em Nova Iorque. (*N. da E.*)

² Nesta altura, Etty já tinha estado em Westerbork. (*N. da T.*)

³ Etty foi residir nesta morada da zona sul de Amesterdão em Março de 1937. A casa pertencia ao viúvo Hendrik Johannes (Han) Wegerif (Utreque, 1879-Harlém, 1946). Etty tornou-se ali *femme d'honneur*, tratava da gestão da casa, o que incluía também a realização de algumas tarefas domésticas, algo para o qual não possuía especial talento. Em contrapartida, tinha direito a refeições e alojamento gratuitos e Han Wegerif dava-lhe frequentemente mesada. A sua relação de trabalho com Wegerif (o «Paizinho Han») transformou-se numa relação íntima. Etty permaneceu naquela morada até à sua partida definitiva para

radores em tão pouco tempo. Quero muito regressar, mesmo sendo difícil ter de me separar daqueles que aqui me são queridos. Mas, de certa forma, sinto-me compelida a voltar a esse ponto no meio da charneca para onde tantos destinos humanos foram atirados. Ainda não consigo explicar a mim mesma o que me leva a isto. Talvez mais tarde se torne mais claro para mim, mas, de qualquer modo, vou voltar. Aquele que me é mais próximo necessita de recuperar lenta e pacientemente. Tem um problema qualquer nos pulmões e será uma convalescença demorada. Está a ser tratado convenientemente e com amor; nada mais posso fazer por ele, logo, posso ir de consciência tranquila por mais algumas semanas.

Amanhã tentarei obter uma autorização de viagem para ir visitar os meus pais¹ a Deventer; eles têm muitas saudades minhas. Se o conseguir, não me será possível ir para Westerbotk antes de quinta-feira. Por favor, não pense que sou desleal. E faça-me outro pudim quando eu regressar; farei com que o meu estômago esteja para aí virado.

São agora 8 horas e estou sentada à secretária, onde espero passar um serão longo e tranquilo a tratar e arrumar todo o tipo de coisas. Dê lembranças minhas ao seu simpático companheiro de quarto, o senhor Hausmann², e a outros amigos, e cumprimentos cordiais para si, da

Etty Hillesum.

Westerbork. O seu irmão Jaap Hillesum também residiu ali entre 1936 e 1937. Wegerif era contabilista e tinha o seu próprio escritório. Fora casado com a sua prima Willemina Johanna Wegerif (Amersfoort, 1875-1936). Tiveram quatro filhos: Ella (Amesterdão, 1905-Heemstede, 1980), Willem Jan (Amesterdão, 1907), Heleen Wilhelmina (Amesterdão, 1913) e Hendrik Johannes (Hans) (Amesterdão, 1919 | Harlém, 1983), que residia também naquela morada. Outros moradores eram a governanta alemã Käthe Fransen, a enfermeira Maria Tuinzing e o estudante de Bioquímica Bernard Meylink. (*N. da E.*)

¹ Louis Hillesum e Rebecca Hillesum-Bernstein. (*N. da E.*)

² Informações inexistentes. (*N. da E.*)

10. A Osias Kormann.

Amesterdão, terça-feira, 18 de Agosto de 1942.

18 Ag.

Serão de terça-feira, 23 horas.

Meu caro Kormann,

Envio-lhe apenas saudações, as mais cordiais possíveis, para me assegurar de que não me esquece por completo. Acabei de receber a autorização de viagem para ir visitar os meus pais, ainda me foi muito difícil consegui-la, parto amanhã e, provavelmente, só voltarei para W. na sexta-feira. Já sinto um estranha ânsia de regressar a esse pequeno lugar.

Até sexta-feira, sim? Boa noite.

Etty Hillesum

11. A Henny Tideman.

Amesterdão, sexta-feira, 11 de Setembro de 1942.

(Anotada no diário de Henny Tideman.)

Sexta-feira, 11 de set.

Grande, querida Tidemulher! Sabes que também tu és um dos presentes preciosos desta vida que Deus me deu? Digo-o de forma tão aberta e natural: Deus. Foi graças a ti que aprendi a dizê-lo, a cada momento do dia e da noite, graças a ti e ao nosso Amigo, de quem já me despedi, sozinha, na charneca de Drente, à noite, sob as

estrelas, e por quem agora rezo, a toda a hora, pedindo a Deus que tome para Si este último restinho de invólucro material e sofredor.

A grande obra que ele realizou em mim: desenterrou Deus do meu interior e fê-Lo viver e eu irei cavar e procurá-Lo em todos os corações de todos os Homens com quem me cruzar, seja em que lugar da Terra for.

O Jul¹, o teu Mercedes², a minha experiência mais preciosa e drástica, tornou-se já de tal forma um pedaço de céu na minha vida, arqueando-se por cima de mim, de tal forma que, onde quer que me encontre, apenas tenho de elevar os olhos a este céu para tê-lo comigo. E mesmo encontrando-me numa cela subterrânea, este céu estendeu-se dentro de mim. Estou agora no teu quarto. O Sol entra nele, como sempre aconteceu. Também trago este quarto num recanto do meu ser, e nele me recolherei amiúde.

Deus te abençoe, minha querida menina. Saberás realmente como gosto de ti e sempre gostei? Ele disse-me certa vez, ao serão, há muito tempo: «A Tide não tem noção de como a amo. Sou muitas vezes rude com ela, chamo-lhe tola e palerma, pois, se lhe mostrasse o que sinto por ela, ela ficaria maluca»³. Decorei essas palavras e guardei-as para um dia poder oferecer-tas.

Agora tenho de ir. O Witkowski está à espera. Que loucura que esta comédia tenha de continuar a ser representada como se fôssemos todos crianças sem direito a opinião. Estou tão tranquila por dentro e, por estranho que pareça, tão feliz. Feliz, porque Deus me dá forças para conseguir suportar e encarar tudo, e porque para

Julius Spier. (*N. da T.*)

¹ Nome dado por Tide a Spier, não apenas por achar a comparação com o famoso carro alemão divertida e apropriada, mas também por, segundo Tide, e com alguma imaginação, o nome «Mercedes» poder ser visto como uma contração das palavras *merci* e *Dieu*. (*N. da T.*)

³ Em alemão no original. (*N. da T.*)

mim, tal como para ti, a gratidão será sempre maior do que a tristeza. Sei que ainda seria capaz de ficar a escrever-te durante horas, mas agora tenho de ir, e, afinal, é sempre a mesma coisa. Mais uma vez: Deus te abençoe, querida menina.

12. A Osias Kormann.

Amesterdão, terça-feira, 15 de Setembro de 1942.

Madrugada de terça-feira.

Kormann, querido amigo.

Sabes, é tudo tão misterioso e bizarro, e também tão pleno de significado.

O meu amigo morreu¹; recebi a notícia há umas horas. Desde que o vira, na semana passada, que rezava continuamente, pedindo que ele fosse liberto do seu sofrimento enquanto eu ainda estava em licença. E agora que isso aconteceu realmente, estou muito grata. E, acima de tudo, o sentimento de gratidão por ele ter feito parte da minha vida será sempre maior do que o de tristeza por já não se encontrar aqui, fisicamente.

Estou sentada à secretária; o meu quarto está tão silencioso, ainda vou ficar assim durante muitas horas, à luz do meu pequeno candeeiro.

Não volto para Westerbork amanhã. Regressaram ao meu corpo todo o tipo de dores antigas e tenho andado desde anteontem a ser vis-

¹ Julius Spier faleceu vítima de cancro do pulmão. (N. da T.)

ta por um bom especialista de medicina interna¹ que ainda não acabou de me examinar. Primeiro, tenho de descobrir o que se passa comigo e o que fazer quanto a isso. Mais uma vez, terei de desenvolver um novo tipo de paciência para lidar com esta situação inesperada.

E tu, escreves-me? Por agora é tudo. Não te importas de dar cumprimentos meus a todos os que, a teu ver, gostariam de recebê-los, em especial, ao Rosenberg²? E até breve!

Etty

13. A Osias Kormann.

Amesterdão, terça-feira, 22 de Setembro de 1942.

Amesterdão, 22 de Setembro.

7:30.

Kormann, meu querido! De repente, sinto necessidade de te enviar saudações íntimas e cordiais. Ontem rezaste e jejuaste³ con-

¹ Dr. Louis Schaap (Amesterdão, 1891-1962), ligado ao N.I.Z, o Hospital Neerlandês-Israelita, como especialista de medicina interna e Chefe de Clínica. Era o Chefe do departamento de Medicina Interna. Em finais de 1942, Etty esteve várias semanas internada no hospital com problemas de estômago. Schaap foi para Westerbork no ano seguinte, de onde foi deportado para Terezin. Quando, depois da guerra, era questionado sobre a sua estadia aí, respondia: «Não foi giro, mas foi barato». (*N. da E.*)

² Egon (Semmy) Rosenberg (Witien, 1911), era Chefe da Secção de Serviço 8, uma das doze secções chefiadas por prisioneiros. Eram da competência desta secção os locais de trabalho de Westerbork. Compreendia o escritório e respectivo armazém onde os moradores do campo podiam levar os seus bens a reparar: alfaiataria, ateliê de costura, sapataria, lavanderia, fábrica de colchões, um ateliê para trabalhar artigos de couro, uma oficina de hrinquedos e uma empresa de confecções para encomendas externas, das Forças Armadas alemãs, por exemplo. Tal como Kormann, também Rosenberg foi libertado de Westerbork pelas tropas canadianas em Abril de 1945. (*N. da E.*)

³ Referência à celebração do *Yom Kippur*, ou dia do Perdão, que em 1942 foi celebrado a 21 de Setembro. (*N. da E.*)

venientemente? E estavam todos bem? Mais tarde terás muito para me contar, aliás, tens sempre.

Ora, quanto a mim, o meu corpo voltou a fazer-se sentir; não somos *apenas* espírito, nesse aspecto, tens razão, e talvez seja bom que o meu corpo me meta na ordem de vez em quando. Ultimamente tenho passado bastante tempo à secretária e bebo leite como um bebé. Vêm ver-me muitos amigos com necessidades de ordem psíquica e eu tento encontrar resposta às muitas questões que me colocam na minha própria alma.

O Vleeschhouwer¹ escreveu a contar que tens trabalhado muito. Mas também dormes de vez em quando, não?

Qual é, ao certo, a tua morada²: 3 ou 3A? E espero que voltes a fazer peixe para mim em breve.

E será que tens andado a espalhar um perfume sedutor com essa brilhantina nova?

E agora vou tratar do pequeno-almoço desta pequena e simpática família com a qual vivo há quase seis anos e que parece tão feliz por me ter de volta por algumas semanas.

¹ Joseph (Jopie) Isidoor Vleeschhouwer (Breda, 1905-arredores de Tröbitz, 1945). Na sua juventude, colaborara activamente no *HaMerkuz* (O Centro), a secção de Utreque da federação juvenil judaica. Após o seu exame final do liceu, em 1922, foi trabalhar numa firma de banqueiros da mesma cidade e obteve os então diplomas de contabilista. Em 1929, casou-se com Cato Cahen (Den Bosch, 1902-Tröbitz, 1945). Aproximadamente por esta altura, mudaram-se para Amesterdão, onde Vleeschhouwer foi trabalhar no banco Albert de Bary, continuando a trabalhar como contabilista por conta própria. Em 1944, o casal foi deportado para Bergen-Belsen. A 8 e 10 de Abril de 1945, pouco antes da libertação aliada, o campo foi parcialmente evacuado pelos alemães. Foram cheios dois comboios com cerca de cinco mil prisioneiros; tinham como destino Terezin. Devido à investida das tropas aliadas, os comboios foram forçados a efectuar uma viagem errante de duas semanas pelo norte da Alemanha. Surgiu uma epidemia de tifo. Devido a esta e a outras doenças e à falta de mantimentos e cuidados, muitos dos já fragilizados prisioneiros morreram durante esta terrível viagem. Jopie Vleeschhouwer contava-se entre estas vítimas. Os prisioneiros foram libertados pelas tropas russas no lugarejo de Tröbitz, na região da Saxónia. Cato Vleeschhouwer-Cahen faleceu uma semana após a sua libertação neste local. (*N. da E.*)

² Em encomendas postais destinadas a moradores do campo, a referência do nome e do número do barracão era suficiente. (*N. da E.*)

Não preciso de te escrever muito, pois não? Mesmo sem o fazer, tu sabes a amizade que tenho por ti.

Cumprimentos para os teus dois companheiros de quarto e saudações para ti, do fundo do coração.

Etty

14. A Osias Kormann.

Amesterdão, segunda-feira, 28 de Setembro de 1942.

28 de Setembro

Amesterdão, serão de segunda-feira.

Tal não terá sido a felicidade da minha máquina de escrever abandonada ao voltar a ter algo agradável escrito nela!

Pensar que existe algures na Holanda uma charneca com uma pequena aldeia de barracões de madeira e que aí vive um homem chamado Osias Kormann, de olhos bondosos por trás dos óculos e que escreve: «És realmente criativa, criaste em meu redor algo que vive...» — Isto deixou-me muito emocionada, sabias?

É ao meu estômago, que até conheces «por fora», que tenho de agradecer por ter-me mantido aqui algumas semanas; estarei totalmente restabelecida quando regressar. Se for verdade que os transportes pararam¹ e que iremos passar aí o Inverno com muitas pessoas, então estamos perante uma pesada tarefa moral, não con-

¹ Não é possível saber ao certo como surgiu este rumor; de qualquer modo, não se baseou em factos. (*N. da E.*)

cordas? O frio, o escuro, a sopa de ervilhas e o arame farpado são coisas que iremos partilhar irmãmente e talvez até suportar juntos. Mas «suportar» é algo que é necessário aprender, e nisso, os holandeses ainda não são muito bons.

E também existe a questão da animosidade entre os judeus alemães e os judeus holandeses¹, contra a qual devemos lutar incondicionalmente. Vão passar-se aí coisas notáveis, imagino que teremos muitas histórias para contar de vez em quando. Creio que será tudo muito difícil. Ainda assim, gostaria de estar aí. Sabes, tenho tanto amor dentro de mim, para alemães e holandeses, judeus e não-judeus, para toda a humanidade, devíamos poder ceder algum.

Se tudo correr como o previsto, na próxima quinta-feira um grupo dos nossos sai em licença, regressando a Westerbork na quarta-feira seguinte, e gostaria de juntar-me a eles nessa altura.

Um dia, quando já não houver arame farpado no mundo, tens de vir ver o meu quarto, é tão bonito e tranquilo. Fico à secretária até altas horas da noite, a ler e a escrever à luz do candeeirinho. Tenho em cima dela cerca de 1500 páginas² de um diário do ano passado, por onde, volta e meia, passo os olhos. Que vida rica surge a

¹ A tensão entre os judeus alemães e neerlandeses em Westerbork foi causada pelo facto de os alemães aí terem chegado primeiro. Estes eram conhecidos como AK¹, ou seja «antigos moradores» (*Alte Kampinsassen*, em alemão). Desde a criação do campo, em 1939, que ali se encontrava um grupo de judeus alemães, assim como um número de judeus apátridas. Foram levados para esse local pelo governo neerlandês. Com o início das deportações para Westerbork, a Julho de 1942, estes judeus obtiveram cargos específicos, por se encontrarem no local há mais tempo. Quando em Julho de 1942 a chefia neerlandesa de Westerbork foi substituída por autoridades alemãs, os judeus alemães tornaram-se ainda mais influentes. Estes e os judeus apátridas sentiram a sua posição privilegiada ameaçada com a chegada dos judeus neerlandeses a Westerbork. Por sua vez, os judeus recém-chegados depararam-se com um campo onde dominavam os alemães e o alemão, sobretudo desde que a língua alemã se tornara obrigatória a Janeiro de 1943 para certificados, formulários e afins. A tensão entre antigos e novos moradores do campo, entre judeus alemães e neerlandeses, podia por vezes atingir níveis elevados. (*N. da E.*)

² Os diários preservados têm 1281 páginas. (*N. da E.*)

cada página! Pensar que era a *minha* vida — e ainda é. Na verdade, ainda não sabes muito sobre mim, nem eu sobre ti. Refiro-me aos factos. Mas os factos não interessam realmente na vida, apenas aquilo em que nos tornaram. Logo, julgo que conhecemos um bocadinho um do outro, não é?

Que mais poderei contar-te? Não tenho muito mais a dizer. São 21 horas. Talvez esta noite, por uma vez, vá realmente para a cama cedo, é muito importante fazê-lo de vez em quando, mas é sempre um esforço hercúleo separar-me desta secretária. Disseram-me que tens os meus livros, fico feliz por sabê-lo.

Tens visto o meu companheiro de armas, o senhor Vleeschhouwer?

Para não escrever apenas sobre secretárias, deixa-me dizer-te que passo duas horas por dia no dentista, gasto a restante fortuna da família nos meus dentes cariados; portanto, não volto «apenas» restabelecida psiquicamente.

E agora, meu bom amigo, vou ficar por aqui. Até à próxima, seja por papel ou cara a cara. Cumprimentos, sobretudo para o Rosenberg, penso nele muitas vezes.

Tudo de bom.

Etty

Ah, sim, uma coisa que ainda queria perguntar-te: quando e onde perdeste parte do teu pobre dedo indicador direito e doeu muito?

15. A Osias Kormann.

Amesterdão, domingo, 4 de Outubro de 1942.

4 de Outubro de 42.

Domingo de manhã, na cama.

Oh, Kormann, meu querido, que tempos difíceis devem estar a passar no campo! A situação deve estar a piorar de dia para dia, não? Lamento imenso não poder estar convosco por enquanto para partilharmos juntos a vida aí. Mas de nada vos serve uma pessoa adoentada, actualmente, e no estado em que me encontro — tonta e fraca da cabeça aos pés — seria um fardo para qualquer comunidade, e isso não pode ser. E aqui cuidam de mim com comção e afecto e não me deixam partir enquanto não estiver totalmente recuperada. O meu médico vai passar a administrar-me injeções todos os dias para eu ficar mais forte, terei de criar um novo tipo de paciência — ah, é verdade, *já* o inventei — para passar por esta nova e inesperada condição de descanso na horizontal da melhor e mais produtiva forma possível.

Não saias daí antes de eu voltar — bom, de qualquer maneira, também não podes fazê-lo — e, por favor, não passes aí muita fome¹ — o que será difícil, com tanta gente, não é? — e se tiveres muuuita fome, escreve-me imediatamente, para eu surripiar alguma coisa para ti. Aqui também já não vivemos na terra da abun-

¹ Com o aumento do número de pessoas em Westerbork, a quantidade de alimentos por pessoa diminuiu; além disso, a alimentação era muito pouco variada. Com a população do campo a aumentar milhares de pessoas de cada vez, com a chegada de um novo transporte, a cozinha, que tinha uma capacidade máxima de produção de 4000 porções, não podia responder convenientemente à necessidade de alimento. (*N. da E.*)

dância — não, não, há muito tempo que não! — mas é sempre possível tentar arranjar umas coisinhas.

Pobrezinho, deves estar atarefadíssimo, com certeza, e eu ainda vou maçar-te mais. O Homem é um animal apegado aos seus bens; na verdade, deveria evitar ao máximo ser assim, mas julga-se incapaz de viver sem traquitanas de toda a espécie.

E com este pensamento profundamente filosófico introduzo o grande pedido que tenho a fazer-te.

Achas que poderias guardar as minhas coisas ao pé de ti, ou será pedir muito? Terás espaço, tempo e oportunidade para reuni-las?

Há uma mala (emprestada por uma amiga) que tem presa uma etiqueta com o meu nome. Dois cobertores que, na verdade, não podem mesmo perder-se, pois não posso levar mais nenhum daqui comigo quando regressar a Westerbork. E tenho ainda roupa minha por aí, incluindo uma gabardina e um velho roupão, e ainda — oh, Osias Kormann, começo a pensar que pertença à «classe com posses» — alguns sapatos numa caixa de cartão; julgo que irei precisar, sobretudo, das galochas no Outono, e, finalmente, ainda havia talheres. Deixei tudo espalhado, convencida de que estaria de volta em poucos dias.

Bem, vê o que consegues juntar, e se não puderes fazer nada, também não faz mal e Deus Todo-Poderoso continuará, sem dúvida, a olhar por nós.

Espero que não te sintas sobrecarregado. Já fico muito feliz por os meus livros estarem contigo.

Podes derramar umas palavrinhas de vez em quando? Mas se não tiveres tempo nem oportunidade para tal, eu compreenderei e, não obstante, sentirei a tua presença.

É agora, vou dormir mais um pouco. Querido amigo Osias, muitos cumprimentos e votos de coragem, que devem ser suficientes por muitos dias, até voltar a escrever-te.

Não te esqueças completamente de mim; prometo voltar a ficar com uma saúde de ferro.

Adcus!

Etty

16. A ● Osias Kormann.

Amesterdão, sexta-feira, 9 de Outubro de 1942.

9 de Outubro de 42.

Kormann! Osias? Conseguirá ainda a minha voz chegar a ti, atravessando a barreira dos últimos acontecimentos? Tento imaginá-los constantemente. Como vives agora? Trabalhas dia e noite e de vez em quando, és assaltado pelo desespero — e depois consegues recuperar? Ou estás a ficar insensível? Não, isso não pode acontecer! Estás muito cansado, tens fome? Porque sou estúpida a ponto de estar doente e impossibilitada de me juntar a vocês? Mas vou reunir novas forças, o máximo que puder (de momento, não tenho muitas), e quando tu e os outros estiverem no limite das vossas, eu estarei aí de repente e dar-vos-ei novas. As condições em Westerbork quando eu ainda aí estava deviam ser idílicas em relação às actuais, não? Como foi bom caminharmos juntos ao longo do arame farpado e que bons amigos nos tornámos, tão bons ami-

gos em tão pouco tempo. Ainda terás tempo para me enviar uma lembrança de amizade (escrever será impossível, eu compreendo) e talvez possas ir buscar forças ao grande sentimento de amizade que tenho por ti e que é constante?

O Vleeschhouwer partiu de cá hoje de manhãzinha¹, ainda teve de lutar para se ir embora; de início, queriam mantê-lo em Amesterdão, mas, soldadinho valente como é, insistiu em voltar para a sua linha de combate. Sinto-me quase como uma desertora por não estar aí convosco neste momento. Ah, e foi imperdoável da minha parte ter querido incomodar-te com os meus pertences; não fazia ideia da vossa situação. Que tudo te corra pelo melhor, meu bom amigo, e, citando as tuas próprias palavras: «Nós, Homens, só não conhecemos as ligações».

Etty

17. A Osias Kormann.

Amesterdão, quarta-feira, 28 de Outubro de 1942.

28-10-42.

Não te importas de receber uma carta muito ensonada, Osias, meu leal amigo? Gostava tanto de escrever-te algo simpático, do

¹ A secção de Westerbork do Conselho Judaico (organização criada pelo regime Nazi para assegurar o cumprimento das suas ordens, que prestava assistência aos que chegavam ao campo, bem como aos que iam ser deportados) começou por estar sob a alçada do Conselho Judaico de Amesterdão e os seus funcionários não estavam registados no campo, não sendo, portanto, considerados internos do local. Os funcionários do Conselho voltavam regularmente a Amesterdão em licença. (N. da E.)

fundo de um coração afável, a tua última carta deixou-me tão feliz — mas os meus olhos recusam-se, simples e descaradamente, a cumprir o seu dever, não param de fechar e são só oito da noite.

Neste momento, a tua amiga Etty é um ser inútil; a sua ocupação principal é, provavelmente, dormir (por favor, por favor, espero que também o faças de vez em quando, é um grande desejo meu) e, de resto, bebo uma vaca por dia e estou a ficar gorda e feia; o Vleeschhouwer poderá, com certeza, fazer-te uma descrição plástica, agora limita-se a chamar-me «cara de bolacha». Mas é o modo mais rápido de voltar a ser uma pessoa útil, acabei por ter de admiti-lo. O Tegen¹ disse: «Nos últimos anos, não se maçou com a sua saúde; agora, a sua saúde começa finalmente a maçá-la».

Ai, Kormann, que dizes da história tão aborrecida que te conto? Tenho ainda de acrescentar algo. Estou profundamente, profundamente grata por poder restabelecer-me totalmente num ambiente pleno de amor e cuidado. Eu sei que, neste mesmo momento, há muitos tão necessitados como eu, sem condições, e poderia sentir-me culpada por isso (a propósito, o sentimento mais improdutivo que existe), não soubesse eu que as minhas forças recuperadas serão para o bem da comunidade.

Vejo Westerbork amiúde diante de mim e percorro em pensamento os caminhos abafados. E, ao fazê-lo, sinto o coração deveras entristecido. Aguarda-nos uma árdua missão, não achas, passar o Inverno, que será rigoroso, de forma minimamente satisfatória. E penso que, em última instância, iremos ter de contar mais com os nossos talentos humanos do que com as capacidades de organi-

¹ Informações inexistentes. (N. da E.)

zação e técnicas (seja como for, estas últimas já existem por si, não é necessário tanto alarido em relação a elas, ou será a minha visão demasiado ingénua?). Não será fácil erguer uma ponte entre os moradores do campo e o Conselho Judaico¹. Sei que este órgão cometeu grandes erros e ainda comete, pessoas com a mentalidade de um Vleeschhouwer ainda não abundam entre nós. Porém, *temos* bons elementos, esperemos que estes encontrem o caminho até vocês e vice-versa. E tomara que possamos afastar o maior número possível de maus elementos, ainda temos demasiados homens de negócios entre nós que outrora negociavam em pasta de dentes ou assim e agora negociam em judeus.

Isto não é, de todo, uma carta, meu querido, apenas me apeteceia, sonolenta como estou, falar um pouco contigo.

Olha, é verdade aquilo de ires mudar de casa? Estou simplesmente pasmada. É como se eu fosse despejada da minha. E será que já não vais morar com o Rosenberg? (Diz-lhe que fiquei muito contente por ele me ter enviado cumprimentos.) Estava tão acostumada ao vosso hospitaleiro quarto de solteiro.

E se agora não voltares a ter um quarto próprio? Bom, nesse caso, é simples, encontramos-nos sob o imenso céu aberto, o que também é bom — não é verdade? E está tudo bem contigo, espero eu, não está? Segues tranquilamente o teu caminho, calmo e ensimesmado, como sempre — engraçado, é como se já te conhecesse há anos. Estou ansiosa por voltar a ver-te, estou, sim senhor, e agora já chega, para a próxima, darei mais notícias.

¹ O favorecimento de colaboradores do Conselho Judaico e o facto de, para muitos moradores, estes não conseguirem obter nada de importante desencadeavam muita tensão entre os judeus. (N. da E.)

Dás cumprimentos especiais ao Rottenberg¹ da minha parte?
E também ao Haussmann, à pequena senhora Birenhack² e ao marido, que continua a parecer-me um caracol?

E beijos de uma rapariga sonolenta chamada Etty.

18. A Osias Kormann.

Amesterdão, quarta-feira, 4 de Novembro de 1942.

4-11-42

Tarde de quarta-feira

Oh, Kormann, meu Kormann, aqui já está a ficar tão húmido e frio, faço ideia de como estará aí, com a falta de alimentos e cobertores. Hoje senti o coração terrivelmente pesado ao pensar em vocês. Mas quem sabe? Talvez não tenha nada a ver convosco; talvez esteja triste e impaciente por a minha recuperação estar a ser tão lenta? Como estás, então, meu caro? Já te mudaste e isso deu-te muitas chatices?

Certa vez, num dos nossos passeios ao longo do campo de trevoceiros-amarelos, conversámos sobre desejos e sua realização.

¹ Rosenberg? (*N. da E.*)

² Perla Laja Birenhak-Keller (Radomijsl, 1913-Amesterdão, 1996). Após a «Noite de Cristal», em Dezembro de 1938, fugira para os Países Baixos com o marido, Mozes (Moshe) Birenhak (Tamobrzeg, 1912-Tröbitz, 1945). A 19 de Janeiro de 1939, Mozes foi preso e levado para o campo de Westerbork, tendo primeiro passado por Hellevoetsluis, onde existia um campo para refugiados judeus. Perla Birenhak juntou-se-lhe no dia 6 de Maio (*sic*) de 1940. Mais tarde, ela trabalhou na secção «V». Tornou-se amiga de Osias Kormann. A 11 de Fevereiro de 1944, foi deportada para Bergen-Belsen. Regressou depois da guerra e foi residir em Amesterdão, onde voltou a casar, com George van Rijk. (*N. da E.*)

Ainda te recordas? O meu poeta Rainer Maria Rilke diz algo maravilhoso sobre isso numa das suas cartas.

Talvez o teu colega Hausmann dissesse novamente, amargurado: «Agora não é altura para poetas e filósofos». Não sei se tem razão, de qualquer forma, escrevo-te as frases, talvez elas te proporcionem alegria num momento de sossego (se tiveres algum):

— Acontece-me muitas vezes perguntar-me se a realização tem efectivamente a ver com os desejos. Sim, enquanto o desejo é fraco, é como uma metade, necessitando da realização como outra metade para existir como um todo. Mas os desejos podem desenvolver-se maravilhosamente, tornando-se algo inteiro, completo, intacto, que não necessita de ser complementado, que apenas brota de si próprio e se forma e preenche. Por vezes, poder-se-ia pensar que a causa da grandeza e intensidade de uma vida teriam sido, precisamente, desejos demasiado grandes que interiormente catapultavam para ela, como uma mola, acção após acção, efeito após efeito, que mal sabiam já qual o seu objectivo original, transformando-se apenas de forma elementar, como uma catarata poderosa, em acção e em afecto, em existência directa ou em ânimo, conforme os acontecimentos e oportunidades que os originaram¹.

Pronto, por hoje é tudo. Podes dar cumprimentos meus ao Dr. Petzal², de quem gosto muito?

¹ Rainer Maria Rilke, *Briefe 1907-1917* (*Cartas, 1907-1917*), Leipzig, Insel Verlag, 1933. (*N. da E.*)

² Werner Petzal (Berlim, 1906-Kdo Fürstengrube, 1945). A partir de 1942, chefiou, com o Dr. Friedrich Neubarger e o jurista Seelman, o *Antragsstelle*. Este serviço de informações criado por moradores do campo informava os recém-chegados a Westerbork da possibilidade de um eventual adiamento de um futuro transporte. Estes recém-chegados eram informados sobre os motivos existentes para o adiamento, como o facto de serem casados com não-judeus, de serem baptizados ou de terem nacionalidade estrangeira. O *Antragsstelle* formulava pedidos de adiamento e apresentava-os à chefia alemã, que

Vejo muitas vezes diante de mim o seu rosto que parece esconder uma melancolia por trás de uma máscara de ironia. Deve estar a passar por um mau bocado na sua barraca superlotada.

Ah, vocês também não devem estar a passar por um bom bocado.

Queria tanto ir depressa ter convosco para ver como se estão a aguentar.

Acredito que é possível descobrir algo de positivo em *todas* as circunstâncias da vida, mas só temos o direito de dizê-lo se nós próprios não evitarmos as piores. Penso muitas vezes que seria melhor pegar na mochila e ir «no transporte» —

Mais tarde, volto a dar notícias. Até breve, meu querido.

Etty

19. A Osias Kormann.

Amesterdão, domingo, 15 de Novembro de 1942.

15-11-42.

Domingo de manhã

Bom dia, Osias (é verdade, preciso mesmo de saber uma coisa antes de ir para Westerbork: pronuncia-se Ósias ou Osías, e que espécie de nome é esse, nunca o tinha ouvido, nem lido em nenhum romance), para variar, escrevo-te uma carta estritamente objectiva; talvez possamos falar sobre os aspectos subjectivos desta nossa vida

decidia sobre dispensas provisórias. O Dr. Petzal era perito na arte de conseguir os documentos certos aos recém-chegados. Oficialmente, o *Antwagstelle* encontrava-se sob a alçada da administração, porém, na prática, agia de forma independente. (*N. da E.*)

já no final desta semana. Se tiveres tempo. Com certeza que tens um tempinho de vez em quando. Estou ansiosa por voltar a ver-te, sabias? Sim, muito ansiosa.

Não levas a mal se eu te pedir um favor? Bem sei: levas a mal que eu pergunte se levas a mal. O que me dizes de tanto talmudismo num domingo de manhãzinha? Tenho um grande defeito: nunca consigo pedir nada, nem mesmo o mais pequeno favor, isso também não é falta de sentido de comunidade?

Sem mais delongas: o Vleeschhouwer, o meu querido companheiro de armas (regresso com ele na sexta-feira) levou as minhas coisas para casa dos Mahlers, sim, depois de se ter mudado pela enésima vez (dá-me a impressão de que vocês não fazem mais nada senão mudar-se). Mas não encontrou nem a mala nem os cobertores. Provavelmente, eu mesma poderei procurar estes últimos, mas gostava muito de saber, antes de ir, se a mala ainda está mesmo aí, pois, se assim não for, terei de voltar a arranjar muitas coisas. É uma mala castanha relativamente grande, não muito bonita, um pouco estragada de um dos lados, e tinha presa uma etiqueta com o meu nome. O Vl.¹ disse que existe algures (???) uma grande pilha de malas pertencentes às senhoras do C.J. e que a minha estará, provavelmente, entre elas.

Uma carta enfadonha de morte, não concordas? Quase sinto vergonha. Acho que vais demorar pelo menos um dia a encontrar aquela estúpida mala e depois ainda terás de me escrever umas palavrinhas por causa dela, não é?

Estou outra vez bem. Há dias em que ainda me sinto adoentada, mas se tal acontecer aí, encolho-me a um canto até recuperar.

O Vleeschhouwer falou-me ontem dos últimos transportes; está difícilimo para todos, sem excepção.

¹ Vleeschhouwer. (*N. da E.*)

Penso muitas vezes que a única coisa que se pode fazer é deixarmos irradiar por toda a parte o bocadinho de bondade que temos dentro de nós. Tudo o resto é secundário...

E agora: até à vista, Kormann!

Etty

20. A Han Wegerif e outros¹.

Westerbork, segunda-feira, 23 de Novembro de 1942.

Segunda-feira, 13:00, no cubículo dos Mahlers²,
onde o Eichwald³ está, neste preciso momento,
a preparar-me uma papa.

Queridíssimos, queria conseguir, por fim, acabar de escrever-vos uma carta. Esta é a quinta que começo. O que aqui passamos é demasiado, e lutamos contra demasiados sentimentos contraditórios

¹ Os moradores da *Gabriël Metsstraat*, 6. (*N. da T.*)

² Jozef Mahler (Krefeld, 1894-Dusseldorf, 1943) e Hedwig Mahler-Abraham (Duisburg, 1897-Auschwitz, 1943). Após a subida de Hitler ao poder, em 1933, o casal Mahler decidiu emigrar para os Países Baixos. Em 1937, Josef Mahler foi acusado, sem qualquer prova, de actividades políticas ilegais e expulso com a sua esposa para a Bélgica. Em 1940, foram reenviados para os Países Baixos, como *personen non gratae*. As autoridades neerlandesas deixaram-nos em solo alemão. A *Gestapo* prendeu Mahler e acusou-o de ter contactos com o partido comunista ilegal. Quando isto não pôde ser provado, em 1938, os Mahler, sendo apátridas, foram transferidos para Westerbork. Em finais de 1942, Mahler foi novamente preso e levado para o estabelecimento prisional de Dusseldorf. Dessa vez, a *Gestapo* afirmou ter provas e Mahler foi condenado por alta traição a permanecer num campo de concentração. No relatório policial, é dito que «é necessário proceder à neutralização de Mahler». Este faleceu na prisão. Como era costume na altura, atribuiu-se a causa da morte a um ataque cardíaco. Hedwig, a esposa de Mahler, foi deportada para Auschwitz em 1943. Em Westerbork, os Mahler pertenceram a um grupo de resistência que, entre outras actividades, organizava fugas. (*N. da E.*)

³ Eichwald era diabético, bebia sempre leite magro e trabalhava na cozinha. Para além de uma nota a informar que foi deportado, não são conhecidas mais informações sobre ele. (*N. da E.*)

para conseguirmos escrever. Eu, pelo menos, não consigo. Apenas vos saúdo. E creio que terei de regressar muito em breve e, então, deixar-me-ei abater num matadouro de primeira categoria; não presto para nada, isso deixa-me mesmo desolada, há aqui tanto para ser feito, mas passa-se alguma coisa dentro de mim, vivo de analgésicos e o mais certo é voltar a aparecer inesperadamente diante de vocês. Nada a fazer.

É estranho, só aqui estou há três dias, mas mais parecem semanas. Não é tão «idílico» como no Verão, nem nada que se pareça. Sabem que mais, as minhas saudações ficam por aqui, vou fazer uma sesta e depois reiniciarei a marcha interminável pelos barracões e pela lama. Que pena não poder ficar; quem me dera que isso fosse possível.

O Vleeschhouwer acaba de entrar, vou entregar-lhe esta carta. Até depois.

Adeus a todos, e desculpem por este bilheteinho curto e desalinhado.

Com muito amor, da

Etty

21. A Han Wegerif e outros.

Westerbork, domingo, 29 de Novembro de 1942.

Serão de domingo.

Pai Han, Käthe, Hans, Enfermeira Maria, saudações, apenas. É-me impossível escrever daqui, não por falta de tempo, mas pelas demasiadas impressões. Neste local, é-se acometido de demasiadas coisas. Acredito que poderia falar desta

semana durante um ano, sem parar. Estou na lista de licenças para o próximo sábado. Que privilégio ainda poder sair daqui e revê-los. Estou feliz por não ter desistido nos primeiros dias; por vezes, enroscome na cama durante uma hora e, depois, volto a conseguir aguentar. Mala, roupas e cobertores, encontrei tudo. Os Mahlers cuidam muito bem de mim. São agora oito e meia e estou mais uma vez sentada no seu cubículo hospitaleiro, um autêntico oásis. Junto a mim está o Vleeschhouwer, mergulhado num livro. O Mahler e a esposa jogam às cartas com dois amigos. O pequeno Eichwald, o meu fiel fornecedor de leite, está sentado no chão, a um canto, junto do cão Humpie a desmanchar o casaco do senhor Speyer¹, que ele quer transformar num blusão de lenhador. O irmão do Stertzenbach² (isto é para o Hans), está a escrever cartas e depois ainda quer contar-nos mais pormenores acerca das suas experiências na prisão. O fogão

¹ Informações inexistentes. (*N. da E.*)

² Herbert Stertzenbach (Mühlheim, 1906-Essen, 1963), conhecido de Hans Wegerif, fugira para os Países Baixos em finais da década de trinta. Era pintor e fazia pequenos serviços para o comité de fugitivos judeus. Estava casado com uma não-judia e convertera-se ao Protestantismo; como tal, não fora enviado para Westerbork, mas sim para um campo de trabalhos forçados para judeus com casamentos mistos, situado nos arredores de Alkmaar. Em 1946, ele, a mulher e os dois filhos regressaram à Alemanha. O Stertzenbach que Etty conheceu em Westerbork é o irmão de seu, Werner Stertzenbach (Mühlheim, 1909). Werner foi preso pelos Nazis em 1933 pelas suas actividades políticas. Seis meses depois, foi temporariamente colocado em liberdade e decidiu então fugir para os Países Baixos. Foi um dos primeiros a chegar à comunidade sionista no Wieringermeer, um campo de formação para pioneiros da Palestina. Mas Werner Stertzenbach apanhou problemas devido às suas atitudes anti-sionistas e em 1936 foi expulso do campo. Seguidamente, foi desterrado para a Bélgica. Regressou de imediato, ilegalmente. Após a sua captura, foi preso no campo de trabalhos forçados de Nieuwersluis. Após a capitulação dos Países Baixos, foi levado para a prisão de Essen. O seu nome figurava na lista de deportação para o campo de concentração de Buchenwald, mas foi levado de novo para os Países Baixos como judeu apátrida e, em Fevereiro de 1941, chegou a Westerbork. Em Setembro de 1943, conseguiu fugir deste campo. Passou o resto da guerra escondido em Amsterdão. Werner Stertzenbach queria que Etty soubesse claramente da barbaridade do Fascismo, contando-lhe as suas experiências na prisão. Pertencia a uma organização da resistência que conseguia retirar pessoas do campo e ajudava-as a passar à clandestinidade. Tentou convencer Etty a fugir e a esconder-se também, pois esperava que esta colocasse as suas qualidades literárias ao serviço da resistência activa. Etty recusou, porque — como lhe disse — não queria abandonar os pais e via como sua missão ajudar quem estava em Westerbork. (*N. da E.*)

da tia Lee¹, ao canto, tão familiar, tantas as coisas boas que cozinha para a comunidade. O Witmond² entrou agora mesmo (visitei a esposa dele³ algumas vezes em Amesterdão; estas pessoas são-me de tal modo familiares que escrevo os seus nomes com a sensação de que vocês as conhecem), trazia uma capa larga e gritámos-lhe em coro: «Safa, Max, como arranjaste essa capa tão jeitosa?», ao que ele — outrora trazido como um esqueleto de Amersfoort e cuidadosamente nutrido pelos Mahlers — disse de modo muito solene e impressionante: «Esta capa ainda está manchada de sangue de Amersfoort», e, de facto, ainda se viam manchas vermelho-escuras. Que histórias lúgubres. Estou encolhida a um cantinho e a escrever um pouco de improviso. E acabou de entrar mais um rapaz, a sério, de Kattenburg⁴, que amanhã cedo terá de ir no transporte.

E tudo isto num espaço de dois por três metros. O aquecimento central está ligado — sim, é verdade — e os homens estão em mangas de camisa por causa do calor. Aqui tudo é paradoxal. Nos barracões grandes, onde muitos estão deitados sem cobertas em camas de metal sem colchão, morre-se de frio. Nas casinhas que têm aquecimento central, não se consegue dormir à noite por causa do calor. Eu durmo numa barraquinha destas com cinco colegas. Camas agrupadas duas a duas, uma sobre a outra. Essas camas não estão muito firmes e quando a minha gorda vizinha de

¹ Informações inexistentes. (*N. da E.*)

² Max Witmond (Amesterdão, 1899-1987) foi capturado por ser casado com uma não-judia. Mais ou menos por essa altura, surgiu a proibição de realizar casamentos mistos. Pouco antes desta comunicação, cerca de três dezenas de judeus que já haviam mandado publicar os seus «banhos» foram presos. Este grupo foi mais ou menos ao mesmo tempo que Witmond para o campo de concentração de Amersfoort. Estas pessoas foram obrigadas a usar nas suas roupas um grande «R» de *Rassenschermmer*, ou «violador da raça». Em Amersfoort, todos eles foram sujeitos a maus-tratos particularmente violentos. (*N. da E.*)

³ Algumas cartas de Max Witmond à sua esposa Neeltje Witmond-Hulleman (Andijk, 1898-Amesterdão, 1979) que foram levadas por Etty foram conservadas. (*N. da E.*)

⁴ Umadas três ilhas de Amesterdão-Leste. (*N. da T.*)

cima, vienense, se vira durante a noite, a cama começa a tremer como um barco numa tempestade. E, à noite, os ratos roem as camas e os mantimentos, uma situação algo inquietante.

E que faço eu cá, realmente? Tento passar com 5 desgraçadas canequinhas de café por entre centenas de pessoas. De vez em quando, fujo por pura impotência. Como da última vez, quando uma velhinha desmaiou a um canto e não havia uma gota de água no campo inteiro, por estar cortada.

E depois chegaram os homens de Ellecom¹. Foram levados directamente para o hospital; sentei-me à beira das suas camas, abismada, e devo dizer que ainda não compreendo como é possível as pessoas maltratarem-se umas às outras desta forma e haver quem ainda consiga contar aquilo por que passou.

Comecei uma pequena batalha para conseguir trazer para a luz do dia a biblioteca que aqui está arquivada nas caves de um armazém trancado. Por toda a parte se nota a necessidade de livros. Mas nada avança devido à falta de espaço.

Na terça-feira tenho uma reunião com Paul Cronheim², perito em Wagner, e com o notário Spier³. Gostaria de trabalhar nesta área do alimento espiritual, vamos a ver se é possível.

¹ Em Ellecom situava-se desde a Primavera de 1941 uma escola de formação das SS neerlandesas, a *SS-Schule Avegoor*. Nesta escola era necessário um terreno desportivo. Em Setembro de 1942, foi tomada a decisão de transferir para o local cerca de 150 judeus oriundos de Amesterdão, Roterdão e Haia, para efectuar esta obra. As condições de trabalho eram más e os trabalhadores eram tratados de forma degradante. Em finais de Novembro de 1942, o «Campo Judaico Palestina», como era ironicamente chamado, foi encerrado; os sobreviventes, em muito más condições físicas, foram levados para Westerbork, onde vieram a saber que, seis semanas antes, as suas famílias haviam sido deportadas para a Polónia. (*N. da E.*)

² Paul Cronheim (Amesterdão, 1892-1975). Estudou Ciências Políticas e Ciências Musicais em Genebra e em Leipzig. Em 1918, licenciou-se em Leipzig em Letras e Filosofia. Cronheim desempenhou, entre outros cargos, as funções de membro da direcção do *Concertgebouwe* da Sociedade Wagneriana. É tido como um importante promotor da música de Wagner nos Países Baixos. Após a guerra, Cronheim desempenhou durante alguns anos as funções de director da Ópera Neerlandesa. (*N. da E.*)

³ Eduard Spier. (*N. da E.*)

As coisas por aqui não são muito bonitas: vida instável, empobrecimento, lama. Esta tarde, estive em alguns dos barracões grandes; tive a sensação de que várias crianças estavam a morrer diante dos nossos olhos.

Queridos meninos, o que escrevo não é muito animador, porém, estou contente por estar aqui. Ainda não estou totalmente restabelecida no que respeita à saúde, parece que ainda me assombram alguns males; enfim, tratarei deles depois.

Isto não é mesmo uma carta, mas senti-me tão mal por ter-vos enviado apenas aquele bilheteinho¹ deprimente. Westerbork devorou-me por completo, no fim da semana vou emergir novamente.

Não, não podemos escrever daqui, precisamos de um grande bocado da nossa vida para digerirmos tudo isto. E que bom é voltar a ir ter convosco para a semana. Obrigada pela sua carta, Paizinho Han. Muitos, muitos beijos para todos e até ao fim da semana.

Etty

22. A Osias Kormann.

Amsterdão, entre 22 e 26 de Dezembro de 1942.

Meu querido Osias!

Mal me atrevo a olhar-te nos olhos. Tanta deslealdade! Como poderei remediá-la? Gostaria de dizer-te que, se tivesses recebido uma pequenina parte de tudo o que te enviei em pensamento, então, podias ter ficado satisfeito. Mas a minha mão, que tinha de escrever, esteve sempre mais cansada do que a minha mente e, assim, deixei-te

¹ Etty refere-se à carta anterior. (N. da E.)

sem notícias durante três semanas, o que não foi muito bonito da minha parte. Mas já me perdoaste, não é verdade? Por favor, diz que sim!

E a propósito: disseste-me, certa vez, numa bela carta que guardei cuidadosamente num grande envelope com a palavra «Westerbork», que «não é necessário falar sempre, também é possível estabelecer contacto e dialogar em silêncio, e julgo que é o que acontece no nosso caso...»

E continua a ser, não é verdade?

Alguns dias depois.

Que grande, grande pena não teres estado aqui: acabei de ter uma conversa tão emocionante contigo sobre materialismo, realidade e temas do género. Agora imagino diálogos destes, quando não consigo dormir à noite.

É sexta-feira, são duas e meia da manhã e acendi novamente o candeeirinho de ao pé da cama. Pois é, voltei a viver na horizontal, na companhia mais ou menos agradável de uma pedra na vesícula. Se ela não decidir dissolver-se depressa de uma maneira ou de outra, terá de ir para o hospital — e eu terei de ir com ela. Pergunto-me que planos terá o meu santo padroeiro em mente para mim?

Nunca tive saúde para dar e vender, mas, nestes últimos meses, as coisas têm andado realmente más. Os meus órgãos parecem querer vingar-se por terem sido tão negligenciados.

Que grande paradoxo: qualquer judeu de Amesterdão daria tudo para ser internado num hospital, a fim de não ter de ir parar a Westerbork e a mais longe. E eu queria tanto voltar para o campo e tenho de ir para o hospital. Tudo é realmente regulado pelas leis mais insondáveis...

Talvez fosse mais sensato voltar a tentar seduzir Morfeu. Vou agora interromper a minha conversa nocturna contigo, que sim-

pático da tua parte teres-me feito companhia durante tanto tempo.
Boa noite!

26 de Dezembro, sábado à tarde.

Quanto mais penso nisso, pior me sinto: por ter-te deixado sem notícias minhas durante tanto tempo. Assim que cheguei a casa, quis escrever-te, e ao Rosenberg e ao Hausmann: foram sempre tão amáveis e hospitaleiros, senti-me realmente em casa junto de todos, ainda recordo a sopa de batata do Hausmann como uma grande iguaria, e as luzes da Hanucá¹ nos barracões grandes — o simples facto de ter estado aí convosco torna a recordação ainda mais preciosa.

O motivo por não ter escrito durante todo este tempo talvez se prenda com o facto de ter andado a sentir-me bastante miserável e, a princípio, também um pouco deprimida, por o meu médico me ter dito que teria de estar de cama por mais cinco semanas. Mas a minha confiança regressa sempre, aconteça o que acontecer.

Estou contente por ter passado essas duas semanas em Westerbork e por saber novamente, entre outras coisas, como é a tua vida e o teu quatinho. Querido Osias, de agora em diante, prometo que irei escrever regularmente.

Claro que darás cumprimentos ao Semmy Rosenberg e aos teus colegas Hausmann (e também à «sobrinha») e ao Frank e ao Grünberg², não é? E beijos para ti, do fundo do coração.

Etty

¹ Em 1914, a festa da reinauguração do Templo (Hanuká) foi celebrada de 4 a 11 de Dezembro. A celebração de dias festivos e de comemoração judaicos em Westerbork estava sujeita a limitações, por exemplo, pelo facto de haver a obrigatoriedade de trabalhar nesses dias. Para as luzes do candelabro da Hanuká ter-se-ão provavelmente utilizado velas fabricadas clandestinamente no campo. (*N. da E.*)

² G. Frank era o Chefe substituto da Secção de Serviço 8. S. Rosenberg era o Chefe da Secção. Fritz Grünberg pertencia à chamada Secção de Contacto, um secretariado de quatro membros pertencente à Secção do Conselho Judaico em Westerbork. Embora antes disso tivessem ocupado cargos de

23. A duas irmãs de Haia¹.

Amsterdão, fins de Dezembro de 1942.

Amsterdão, Dezembro de 1942.

É claro que voltei a regressar da charneca com várias incumbências, como habitualmente. Uma ex-cantora de operetas² com pedras na vesícula queria um produto para pintar o cabelo. Uma rapariga não podia levantar-se da cama por não ter sapatos. E outras ninharias do género. Não que a falta de sapatos seja uma ninharia, obviamente. E houve também um encargo que aceitei com grande prazer, mas que se me afigura cada vez mais complicado. Entretanto

pouca importância, estes quatro homens foram escolhidos por Gemmeker para representarem o Conselho Judaico em todos os assuntos com que este órgão estivesse relacionado. Uma vez que o Comandante passou a considerar os quatro como pertencentes à sua própria organização, a Secção de Contacto começou a exercer grande influência. Tinha, entre outras, a função de fiscalizar o trabalho e a permanência dos judeus que viajavam a negócios em Amsterdão. A troca de dinheiro, a Secção de Contacto providenciava a saída de «casos disciplinares» do barracão-prisão e o transporte dos mesmos para Terezin ou Bergen-Belsen. Também arranjavam árvores genealógicas falsificadas e outros documentos. Membros da Secção de Contacto, entre eles F. Grünberg, conseguiram enriquecer muito à custa desta e de outras actividades. (N. da E.)

¹ Esta carta foi, em conjunto com a carta 64, publicada ilegalmente no Outono de 1943, numa tiragem de cem exemplares, sob o título: *Drie brieven van den kunstschilder Johannes Baptiste van der Plyum* (1843-1912) (*Três cartas do pintor Johannes Baptiste van der Plyum*), com duas reproduções; publicada por e com introdução da Sr.^a A.C.G. Botterman-v.d.Plym, Apeldoorn, 1917. O jornalista David Koning (Amsterdão, 1920-Laren, 1970) e a redacção dos jornais *De Vrije Katheder* e *De Patriot* foram responsáveis por esta edição aparentemente inocente. As cartas foram facultadas a Koning — através de um intermediário — por Petra Eldering, amiga de Ety, ligada à redacção do *De Vrije Katheder*. As cartas foram levadas, impressas e encadernadas pelos irmãos Nooy, de Purmerend. Estes não só fizeram um trabalho de pouca qualidade, como terão tido por vezes problemas a decifrar a caligrafia, como testemunham as muitas pequenas e grandes diferenças que algumas das versões escritas à máquina — as cartas escritas à mão perderam-se — mostram em relação ao texto impresso. Além disso, na versão publicada, alguns nomes foram deliberadamente apagados. O texto aqui reeditado não segue, portanto, o texto da edição ilegal, republicada em 1959, 1962 e 1978 e também na edição intitulada *O coração pensante do barracão*, mas sim umas das cópias dactilografadas. (N. da E.)

² Informações inexistentes. (N. da E.)

to, a ex-cantora já pintou o cabelo há muito e a rapariga sem sapatos já pode sair novamente da cama e enfrentar a lama, mas ainda não consegui atender ao pedido do Dr. K.¹ e, para ser sincera, não foi apenas por ter estado doente durante umas semanas...

Noites antes da minha saída de Westerbork, passei pelo seu pequeno e austero escritório, onde ele ficava, por vezes, a trabalhar até altas horas da noite. Parecia cansado, magro e pálido. Afastou momentaneamente um dossiê grosso, depois de me ter dito algumas coisas notáveis sobre o mesmo, com o humor adequado. Seguidamente, olhou em redor como se procurasse algo e, com certa dificuldade, encontrou algumas palavras: nos últimos meses andava a sentir-se um homem idoso. A guerra chegaria ao fim um dia, certamente... primeiro, gostaria de embrenhar-se numa grande floresta por muito tempo e esquecer muita coisa... gostaria de ir ver Sevilha e Málaga, por continuar a ter apenas dois espaços em branco onde desejava ter recordações destas duas cidades. Também já era altura de voltar ao trabalho... Com certeza existiria uma Liga das Nações... Como passámos tão de repente da Liga das Nações para as duas irmãs de Haia², uma loura e outra morena, já não me recordo ao certo. Mas ele pediu-me para escrever às senhoras algo sobre a vida em Westerbork, no meu estilo, quando regressasse em licença a Amesterdão.

«Sim», respondi, cheia de compreensão, «é, sem dúvida, importante manter contacto com o mundo exterior».

¹ Provavelmente, Herbert Kruskal, um judeu alemão que em Setembro de 1942 foi capturado com a sua mulher e filhos em Scheveningen, onde residia e trabalhava, e, através da prisão local, enviado para Westerbork. No campo, tornou-se colaborador do *Antragsstelle*. A mulher de Kruskal era médica e trabalhava nos serviços médicos do campo. Ety travou amizade com Herbert Kruskal e visitava-o regularmente. Os Kruskal foram transportados para Bergen-Belsen em Abril de 1944 e, dois meses depois, enviados por permuta para a Palestina. Depois da guerra, fixaram-se na Inglaterra. Em 1985, regressaram a Israel. Daí, Kruskal emigrou para o Canadá. (*IV, da E.*)

² Informações inexistentes. (*A, da E.*)

O vosso amigo K. retorquiu, quase indignado, «Mundo exterior? Essas duas mulheres significam muito mais para nós do que apenas o “mundo exterior”; significam uma parte das nossas vidas»; e então, naquele pequeno escritório despido, falou das senhoras de modo tão cativante que acedi com prazer a escrever-vos. Mas, para ser sincera, agora, tenho um problema, pois não sei ao certo o que contar sobre a vida em Westerbork.

Era Verão quando cheguei pela primeira vez àquele lugar. Até então, tudo o que sabia sobre a província de Drente era que tinha muitas antas, nada mais. E, subitamente, eis-me diante de uma aldeia de barracões de madeira, embutida entre a charneca e o céu, com um campo de tremoceiros de um amarelo intenso ao centro e cercada por arame farpado. E havia uma imensidão de pessoas. Para dizer a verdade, desconhecia que há já quatro anos se mantinham emigrantes alemães presos na charneca de Drente. Durante esse tempo, estivera ocupada a angariar fundos para crianças espanholas e chinesas¹.

Nos primeiros dias, deambulei por ali como que pelas páginas de um livro de História. Conheci pessoas que já haviam estado em Buchenwald e Dachau² numa altura em que, para nós, tais palavras eram apenas sons distantes, ameaçadores.

Conheci pessoas que viajaram por todo o mundo naquele navio³ que não foi autorizado a desembarcar em porto algum. De-

¹ Acções de auxílio levadas a cabo em finais dos anos 30, a favor das crianças vítimas da Guerra Civil Espanhola e da invasão japonesa da China. Nessa altura, Eity estava ligada a organizações políticas de estudantes de esquerda como a *Studentenliga tegen Oorlog en Fascismus*. (Liga de Estudantes contra a Guerra e o Fascismo). (*N. da E.*)

² Campos de concentração na Alemanha. Os opositores alemães ao Nacional-Socialismo foram aprisionados em Dachau a partir de 1933 e em Buchenwald a partir de Julho de 1937. (*N. da E.*)

³ A 13 de Maio de 1939, 936 judeus alemães embarcaram no navio *St. Louis* para uma viagem de Hamburgo a Cuba. A maioria dos judeus desejava partir para esse país para, aí, obter um visto para os Estados Unidos. Um pequeno número de emigrantes havia realmente obtido autorização dos serviços de

vem ter ouvido falar dele; os jornais não noticiaram outra coisa. Vi fotografias de criancinhas que agora, provavelmente, crescerão em algum canto desconhecido deste mundo. Quem sabe se irão, sequer, reconhecer os pais — se voltarão alguma vez a vê-los?

Em resumo, tive a sensação de testemunhar de forma palpável um pouco do destino judeu da última década. E pensáramos nós que nada existia em Drente, excepto antas. Era quase de cortar a respiração.

Naquele Verão de 1942 — parece que foi há anos; durante esses poucos meses aconteceu muito mais do que poderia ser digerido em tão pouco tempo — essa pequena povoação sofreu tamanho abalo que até os seus alicerces tremeram. Os antigos moradores do campo testemunharam com horror a deportação em massa de judeus da Holanda para a Europa Oriental. Desde o início, eles próprios tiveram de contribuir com grande número de pessoas quando a quota de «trabalhadores voluntários» não se encontrava totalmente preenchida.

imigração cubanos para desembarcar no local. Porém, pouco antes da partida do *St. Louis* de Hamburgo, estas autorizações foram declaradas inválidas, ainda que tenha sido prometido aos refugiados que poderiam mudar de barco em Cuba. Uma autorização semelhante foi dada também aos refugiados do navio *Iberia*, que a 15 de Maio de 1939 ancorou ao largo de Havana. Com a chegada do *St. Louis* à capital de Cuba a 27 de Maio do mesmo ano, o parecer das autoridades dos serviços de imigração foi de que nem os passageiros nem a agência de navegação haviam obedecido às novas regras de imigração e a entrada dos refugiados na ilha não foi autorizada. Foi feita uma excepção aos judeus portadores de um visto cubano. Após essa recusa, seguiram-se negociações entre o governo cubano e um representante do *American Joint Distribution Committee*, porém, o governo cubano declinou a proposta de pagamento de 500 dólares por pessoa, num total de 443 000 dólares. Após negociações posteriores com países como o Chile e a Colômbia, bem como os Estados Unidos, tornou-se evidente que o navio também não era bem vindo naqueles países e teve de regressar à Europa. Por fim, os governos da Inglaterra, França, Bélgica e Países Baixos acabaram por conceder asilo aos passageiros. Os 181 refugiados acolhidos pelos Países Baixos formaram o cerne do campo de Westerbork. Osiat Korman era um deles. (W. da E.)

Certa noite de Verão, estava a comer couve-roxa junto do campo de tremoceiros-amarelos que se estendia do nosso refeitório até ao barracão das desinfestações e, numa inspiração repentina, achei que «alguém devia escrever as Crónicas de Westerbork». Um homem mais velho, à minha esquerda — também a comer couve-roxa — respondeu: «Sim, mas, para isso, era necessário ser-se um grande poeta».

Ele tem razão, era necessário ser-se um grande poeta; pequenos artigos jornalísticos já não servem.

A Europa está, toda ela, a ser gradualmente transformada num grande campo de concentração. Toda a Europa passará por esta mesma amarga experiência. Registrar, simplesmente, os factos nus e crus de famílias separadas, de posses e liberdades roubadas tornar-se-ia monótono. Tão-pouco é possível falar de forma pitoresca sobre arame farpado e batatas cozidas com legumes aos do lado de fora. Aliás, pergunto-me se restarão muitos deste lado, se a História continuar a seguir o rumo que tomou.

Estão as senhoras a ver, eu já sabia que o meu relato sobre Westerbork não ia sair nada bem; na minha primeira tentativa, perdi-me em contemplanções gerais. E, além disso, quando se é mais ou menos contemplativa por natureza, não se é a pessoa mais indicada para descrever um local ou acontecimento específico. Chega-se à conclusão de que a matéria-prima da vida, digamos assim, é a mesma em todo o lado, sendo possível levar uma vida com sentido em qualquer lugar do mundo, ou então morrer, e que a Ursa Maior é sempre a mesma, esteja ela sobre uma aldeia indígena distante ou sobre uma grande metrópole no centro de um país,

ou, segundo a minha ousada suposição, sobre uma mina de carvão na Silésia¹. Não parece, portanto, ser o universo a falhar...

O que eu queria realmente dizer é o seguinte: não sou nenhuma poetisa e, além do mais, sinto-me bastante desesperada, sem saber bem como honrar o meu compromisso com o K., pois, apesar de o nome Westerbork ter para nós uma forte conotação que perdurará pelo resto das nossas vidas, não saberia ainda, ao certo, o que dizer sobre a vida nesse local. É muito agitada, embora muitos possam considerá-la aborrecida de morte.

Mas na manhã após ter ouvido o vosso amigo K. proferir os nomes Sevilha e Málaga com tamanho entusiasmo, encontrei-o no trilho estreito pavimentado² entre os barracões 14 e 15. Ele tinha o chapéu de feltro preto habitual que o faz parecer tão perdido no meio de tantas tábuas de madeira e portas baixas. Caminhava apressadamente por estar com fome, mas, ainda assim, arranjou um bocadinho ao passar para me perguntar: «Pensou no que lhe pedi? Garanto-lhe que também será enriquecedor para si conhecer essas duas irmãs».

E assim, aqui estou, a uma hora inesperadamente tardia, perante uma folha em branco...

¹ O pensamento expectante de que as pessoas seriam enviadas para a Polónia para trabalhar (numa mina de carvão na Silésia, por exemplo) estava muito disseminado por entre os judeus. (*N. da E.*)

² Para além da «rua principal do campo», existiam mais alguns caminhos empedrados a cruzar Westerbork. A maior parte do terreno, porém, não era pavimentada, pelo que, após um aguaceiro, os caminhos se transformavam em lamaçais. (*N. da E.*)

Sim — Westerbork.

Se bem percebi, aquele lugar — agora um ponto central do sofrimento judeu — era ainda agreste e vazio há quatro anos, e o espírito do Departamento de Justiça¹ pairava sobre a charneca.

«Não se via aqui uma borboleta, uma flor, nem sequer uma minhoca»², asseguraram-me, excitados, os primeiros moradores do campo. E agora?

Permitam-me que vos dê uma ideia do inventário.

Temos um orfanato³, uma sinagoga, uma pequena casa mortuária e uma oficina de fabrico de calçado prevista para breve. Ouvi falar da construção de um hospício, e a última informação de que disponho é a de que o complexo dos barracões-hospital, em expansão, alberga já mil camas.

¹ Quando o Campo Westerbork era ainda o Campo Central de Refugiados, encontrava-se sob a alçada do governo neerlandês. Inicialmente, era o serviço de administração interna o responsável pela situação em Westerbork e em seu redor. A 16 de Julho de 1940, o campo passou a estar sob a responsabilidade do Departamento de Justiça. Após a transferência, Jac. Schol, um Capitão do exército neerlandês na reserva, foi nomeado Comandante do campo. Exercia uma certa vigilância e concedia, por exemplo, autorização a um morador que desejasse ausentar-se. A princípio, os alemães não tomaram medidas especiais relativamente ao campo de Westerbork, porém, quando a 1 de Julho de 1942 o campo passou a estar sob supervisão germânica, na pessoa de E. Deppner, Schol passou a responsabilizar-se apenas pelas questões internas. Em Janeiro de 1943, foi demitido pelo Departamento de Justiça. Com a passagem do campo para os alemães, terminou o «espírito» livre e humano do Departamento. (*N. da E.*)

² Em alemão no original. (*N. da T.*)

³ O orfanato situava-se no barracão 35. Nele eram colocadas crianças realmente órfãs, crianças que estivessem sozinhas no campo ou que por qualquer motivo não pudessem estar com os pais ou tivessem de ser levadas para outro barracão (por exemplo, por os pais se encontrarem no barracão das punições). A fábrica das solas de sapatos estava instalada no barracão 60; uma parte deste era utilizada como armazém de livros. A casa mortuária situava-se no lado sudoeste do campo, do lado de fora do arame farpado. Ety também fala da existência de uma «Sinagoga» no campo, o que não foi confirmado por nenhuma fonte. Na planta de Westerbork, desenhada por A.V. Hartogh a 16 de Outubro de 1942, também não surge nenhuma Sinagoga assinalada. Mas não existem dúvidas de que existia uma vida religiosa activa no local. (*N. da E.*)

A prisão para duas pessoas, que parece saída de uma opereta¹, a um canto do campo, já não é, ao que parece, suficientemente grande, pois planeiam construir uma maior. Deve parecer-vos estranho: uma prisão dentro de uma prisão.

Há pequenas «crises ministeriais», com todas as manobras que delas parecem sempre fazer parte.

Temos um Comandante holandês e outro alemão². O primeiro está lá há mais tempo, mas o segundo tem mais poder. Dele se diz, mais a mais, que aprecia música e é um cavalheiro. Quem sou eu para julgar isso, embora deva dizer que, para cavalheiro, desempenha uma função algo peculiar...

Há uma sala de espectáculos, onde, nos tempos gloriosos em que a palavra «transporte» ainda não era ouvida, se encenou um Shakespeare um pouco coxo³. Actualmente, estão instalados nesse palco com máquinas de escrever.

Há lama, tanta lama, que é necessário termos algum sol interior algures nas nossas entranhas se não quisermos tornar-nos vítimas psicológicas de todo aquele lamaçal. (Que o digam os sapatos

¹ A prisão do campo (barracão 51) era um pequeno edifício de pedra com celas autênticas e janelas com grades. Nela eram colocadas pessoas suspeitas de desejar fugir do campo ou que tivessem realmente tentado a fuga. A prisão era pequena e não tinha capacidade para tantas pessoas como os barracões das punições, para onde eram levadas, por vezes, 500 pessoas. Estes, tal como a prisão, tinham vigilância especial. Aquando dos transportes, estes prisioneiros viajavam em vagões especiais. (*N. da E.*)

² Jacques Schol e Albert Konrad Gemmeke, respectivamente. (*N. da E.*)

³ Para distração dos moradores do campo e para entretenimento do pessoal alemão, eram organizados regularmente em Westerbork serões de teatro e revista. Havia também concertos dados pela orquestrado campo, da qual fazia parte Mischa Hillesum. A maioria dos «colaboradores do teatro» haviam sido trazidos para Westerbork em finais de 1942 ou inícios de 1943, onde formaram um «grupo teatral» e organizavam serões variados. Gemmeke, presença assídua nestes serões (e que, aliás, censurava frequentemente os rextos na véspera) auxiliava o grupo no que respeitava a cenários e requisitos. Os colaboradores mais importantes deste grupo haviam recebido um carimbo que os dispensava temporariamente do transporte devido às suas actividades. Também estes acabaram por ser deportados. (*N. da E.*)

estragados e os pés molhados, mas esses estragos conhecem as senhoras bem.)

Embora os edifícios do campo sejam todos térreos, ouvem-se por lá tantos sotaques como se a Torre de Babel tivesse sido erigida entre nós: da Bavária e de Groninga, da Saxónia e do Limburgo, de Haia e da Frísia Oriental; alemão com sotaque polaco e alemão com sotaque russo, neerlandês com sotaque alemão e alemão com sotaque neerlandês, à maneira da *Waterlooplein*¹ e de Berlim — recordo-vos de que estou a falar de uma área de meio quilómetro quadrado.

O arame farpado é mais uma questão de perspectiva. «Nós, por trás de arame farpado?», começou, certa vez, um senhor idoso indestrutível com um aceno melancólico de mão. «São eles que vivem por trás de arame farpado» — e apontou para as altas mansões² que se erguem como guardas do outro lado da vedação.

Se o arame farpado circundasse apenas o campo, pelo menos, saberíamos com o que contar, mas esses fios metálicos do século XX também serpenteiam pelo interior do campo, em redor dos barracões e por entre eles, numa teia labiríntica e insondável. De vez em quando, passamos por pessoas com arranhões no rosto ou nas mãos.

Há torres de vigia nos quatro cantos da nossa aldeia de madeira, cada qual uma plataforma ventosa assente em quatro postes altos. Em cada uma se destaca um homem de capacete e espingarda contra o céu em constante mudança. Por vezes, ao serão, o som de tiros atravessa a charneca, como ocorreu certa vez, quando um homem cego se perdeu demasiado perto do arame farpado...

¹ Praça junto do Bairro Judeu, em Amesterdão. (*N. da T.*)

² Possivelmente, uma referência irónica às sete torres de vigia de onde os guardas podiam vigiar o campo. (*N. da E.*)

A dificuldade em encontrar algo para dizer sobre Westerbork também se prende com o seu carácter ambivalente. Por um lado, está a formar-se uma comunidade estável, uma comunidade forçada, na verdade, mas possuindo, porém, todas as características de uma sociedade humana; por outro lado, é um campo para um povo em trânsito, havendo constantemente grande agitação quando chegam grandes multidões humanas das cidades e da província, de casas de repouso, de prisões e campos penais, de todos os cantos dos Países Baixos, para serem deportadas dias depois, rumo ao seu destino desconhecido.

Como imaginam, é um grande aperto naquele meio quilómetro quadrado. Pois, naturalmente, poucos seguem o exemplo do homem que fez a sua mochila e partiu no transporte por iniciativa própria. Questionado sobre o motivo, respondeu que queria ser livre para decidir partir quando assim o desejasse. Faz-me lembrar o juiz romano que disse ao mártir: «Sabes que tenho poder para te matar», ao que o mártir respondeu: «E vós sabeis que eu tenho poder para me deixar matar»¹.

Seja como for, Westerbork está terrivelmente apinhado, é um pouco como a luta de demasiadas pessoas que estão a afogar-se e se agarram a um último pedaço de madeira depois de o navio se afundar.

As pessoas preferem passar o Inverno por trás de arame farpado na província mais pobre da Holanda a serem arrastadas pela Europa dentro, para zonas e destinos desconhecidos de onde, até agora, voltaram apenas notícias escassas e vagas para os que fica-

¹ A fonte desta citação não é conhecida. (N. da E.)

ram. Mas a quota tem de ser preenchida; tal como o comboio¹, que vem buscar a sua carga com uma regularidade quase matemática. Não é possível manter todos ali, alegando serem indispensáveis ao campo ou estarem demasiado doentes para serem transportados, embora se tente isso com muitos. Por vezes, pensamos que seria mais simples irmos nós próprios de vez «no transporte» a sermos obrigados a testemunhar continuamente o medo e desespero de milhares e milhares de homens, mulheres, crianças, inválidos, deficientes mentais, bebês, doentes e idosos que passam pelas nossas mãos auxiliaadoras numa torrente quase ininterrupta.

A minha caneta não dispõe de palavras suficientemente impressionantes para mostrar, sequer, a imagem mais ténue desses transportes. Observados do exterior, com a passagem do tempo, dariam a impressão de serem de uma monotonia desconsolável; porém, cada um era diferente, como se tivesse, por assim dizer, a sua própria atmosfera.

Quando o primeiro transporte passou pelas nossas mãos, julgámos, a dado momento, que nunca mais nos seria possível rir ou sentirmo-nos alegres, que, subitamente, nos tínhamos transformado em pessoas diferentes, envelhecidas, alienadas de todos os velhos amigos.

Porém, quando estamos entre seres humanos, voltamos a dar-nos conta de que, onde há pessoas, também há vida, e que esta se revela nos milhares de *nuances*, «com um sorriso e uma lágrima», para citar uma expressão popular.

¹ A partir de terça-feira, 2 de Fevereiro de 1943, começou a evidenciar-se um «ritmo de deportação» semanal. A partir dessa data até 21 de Setembro de 1943, partia regularmente nas manhãs de terça-feira um comboio em direcção à Polónia. Dos 85 transportes efectuados de Westerbork para Auschwitz e Sobibor, 34 são deste período. (N. da E.)

Havia grande diferença entre as pessoas que chegavam preparadas, com mochilas bem cheias, e as que tinham sido repentinamente arrancadas dos seus lares ou apanhadas nas ruas. Por fim, só víamos estas últimas.

Nos primeiros transportes que se seguiram às razias, quando as pessoas chegaram de pantufas e em trajés menores, todo o campo se despiu quase por completo, num gesto horrorizado e heróico. E, com grande colaboração de pessoas de várias zonas do exterior, tentámos assegurar-nos de que aqueles que iam partir fossem o mais apetrechados possível. Mas se recordarmos as inúmeras pessoas que foram enfrentar o Inverno da Europa Oriental sem roupa, se nos lembrarmos do fino cobertor que, por vezes, era a única coisa que tínhamos para distribuir à noite, horas antes da partida...

Chegou o proletariado, vindo das cidades, expondo a sua pobreza e abandono pelos barracões despídos, e muitos ficaram abismados, perguntando-se que tipo de democracia tínhamos realmente, nos dias de então...

As gentes de Roterdão eram uma classe à parte, calejadas pelos bombardeamentos durante a guerra¹. «Já não nos assustamos facilmente», ouvimos muitos deles afirmar, «se sobrevivemos a tudo aquilo, também sobreviveremos a isto». E, dias depois, marcharam a cantar para o comboio. Porém, na altura, ainda estávamos em pleno Verão, e não havia ainda idosos nem inválidos que tinham de ser transportados em macas no fim do cortejo, como mais tarde...

Os judeus de Heerlen e Maastricht e seja qual for o nome das cidades da região levaram com eles histórias que recordavam o

¹ Etry refere-se ao bombardeamento de Roterdão pelos alemães, a 14 de Maio de 1940, que destruiu grande parte do centro da cidade e provocou mais de oitocentas mortes. (*N. da T.*)

grande êxodo¹ que a província de Limburgo lhes preparara e sentimos que elas lhes dariam grande força moral por muito tempo. «E os católicos prometeram rezar por nós, e nisso, são melhores do que os nossos!», disse um deles.

Os judeus de Harlém diziam com certa reserva e azedume: «Essa gente de Amesterdão tem um sentido de humor mesmo negro!»

Algumas crianças não aceitavam sanduíches antes de os pais receberem uma.

Foi um dia curioso, estranho, aquele em que os católicos judeus ou judeus católicos² — o que quer que lhes queiram chamar — chegaram num transporte; freiras e padres com a estrela amare-

¹ Foi conservada uma descrição feita por uma secretária do Conselho Judaico presente aquando da partida dos judeus da província do Limburgo de Maastricht, capital desta província. Quando em finais de Agosto de 1942 um grande número de judeus dessa província se apresentou numa escola dessa cidade, ela escreveu: «(...) na escola havia uma sala para cada cidade. Havia ainda um chamado "quarto de roupas" onde as pessoas que nada tinham ainda podiam obter roupa de cama e toalhas. Foi fantástico o quanto conseguiram ali juntar. Tanto as grandes lojas (como por ex. os armazéns *Vroom & Dreesmann*) como particulares deram tudo o que podiam dispensar... Desde a hora obrigatória de apresentação (quatro da tarde) até às onze da noite, senhoras não pararam de distribuir sanduíches, café, chá, leite e fruta. Foram também enviadas guloseimas e bolachas para os mais pequenos. O edificio estava a ser vigiado pela polícia, que não fazia ideia do que se passava. Só o souberam por nós. Tudo boas pessoas, terrivelmente aborrecidas, sobretudo porque conheciam pessoalmente muitos dos que estavam de partida... A esposa de um dos nossos advogados, uma doutora ariana, fez um trabalho maravilhoso: reuniu todos os deficientes motores (coxos, corcundas, paralíticos, etc.). Depois, chamou o Tenente e disse: "Eis os vossos trabalhadores forçados para a Alemanha"». (*N. da E.*)

² No total, cerca de trezentos católicos de origem judaica foram presos a 2 de Agosto de 1942. Entre estes encontravam-se duas irmãs: Edith T.H. Stein (Breslau, 1891-Auschwitz, 1942) e Rosa M.A.A. Stein (Lubliritz, 1883-Auschwitz, 1942). Aliás, destas, apenas Edith era freira. Era ainda uma filósofa eminente. Foi, durante algum tempo, aluna e assistente do filósofo protestante Edmund Husserl, mas não conseguiu progredir junto deste. Distanciou-se de Husserl e converteu-se ao Catolicismo, entrando depois para o convento carmelita de Echt. Rosa fugiu da Alemanha. Sem dinheiro, foi recebida no convento carmelita. Também se converteu ao Catolicismo, mas não se juntou à ordem religiosa. Participava, contudo, em todas as actividades do convento. Por volta das 17h00 do dia 2 de Agosto de 1942, foram capturadas, chegando a Westerbork no dia seguinte, depois de terem passado por Amersfoort. A 7 de Agosto, partiram no transporte. Dois dias depois, as duas irmãs morreram nas câmaras de gás de Auschwitz. (*N. da E.*)

la nos hábitos. Lembro-me de dois rapazes — gémeos — de beleza idêntica, rostos típicos de pessoas do gueto, morenos e de olhar sereno e inocente sob o capuz, que, com simpatia e surpresa, relataram que tinham sido capturados durante a missa matinal, às quatro e meia, e que haviam comido couve-roxa em Amersfoort.

Entre eles encontrava-se um padre¹ ainda relativamente novo, que há 15 anos não saía do convento. Era a primeira vez que se encontrava de novo no «mundo». Deixei-me ficar ao pé dele por momentos, seguindo o seu olhar que deambulava tranquilamente pelo grande barracão onde os recém-chegados estavam a ser acolhidos.

Os de cabeça rapada, sovados e maltratados — que haviam chegado nesse dia com os católicos — entraram aos tropeções com movimentos ainda inseguros pelo espaço de madeira e estenderam as mãos na direcção do pão, que não era suficiente.

Um jovem judeu deteve-se, por instantes, ao pé de nós, o casaco estava-lhe demasiado largo, mas um sorriso indestrutível aflorou por entre a sua barba negra por fazer, ao afirmar: «Tentaram destruir a parede da prisão com a minha cabeça, e a minha cabeça foi mais dura do que a parede!»

Era estranho ver por entre as muitas cabeças rapadas as das mulheres, envoltas em panos brancos; elas tinham passado pela

¹ George Löb (Hoensbroek, 1909-Auschwitz, 1942), filho mais velho da família judaica Löb. Em 1926, deu entrada no convento de trapistas de Tillburg, no sul dos Países Baixos, como irmão Nivardus. Em 1928, o seu irmão Rob seguiu-lhe o exemplo, mudando de nome para Linus e, em 1929, juntou-se-lhes um outro irmão, Ernst, também como Linus. As suas três irmãs partilhavam o ideal dos trapistas e, após uma estadia no convento valão de Chimay, deram entrada na primeira abadia de freiras cistercienses nos Países Baixos desde a Reforma. A 2 de Agosto de 1942, os três irmãos e duas das irmãs foram levados com trezentos judeus católicos para Westerbork, passando primeiro pelo campo de Amersfoort. Após uma permanência de dois dias, a maioria dos religiosos foi deportada para Auschwitz. Os cinco irmãos Löb foram assassinados semanas depois. (*N. da P.*)

desparasitação no barracão das desinfestações, caminhando depois em redor com semblantes envergonhados e tristes.

Crianças pequenas adormeciam sobre o chão de madeira poeirento, ou jogavam à apanhada por entre os adultos. Dois pequenitos rondam indefesos em volta do corpo pesado de uma mulher que jaz inconsciente a um canto. Não compreendem por que motivo a mãe continua assim deitada, sem lhes responder.

Um cavalheiro idoso de cabelo grisalho, de porte direito e perfil marcado e aristocrático, olha fixamente o vazio no meio deste cenário infernal e repete continuamente para si mesmo: «Um dia terrível! Um dia terrível!»

E por entre tudo isto, o ruído ininterrupto das muitas máquinas de escrever: o fogo de metralhadora da burocracia.

Através dos muitos vidrinhos das janelas é possível ver-se outros barracões de madeira, arame farpado e uma charneca árida.

Olho para o padre, que está de regresso ao «mundo» pela primeira vez em 15 anos, e pergunto-lhe: «E o que pensa do mundo agora?»

Mas o seu olhar mantém-se inabalado e amigável por cima do hábito castanho, como se tudo o que vê em redor fosse conhecido, familiar, de há muito tempo.

Depois, alguém me disse ter visto nessa noite alguns padres a caminharem em fila, na penumbra, por entre dois barracões escuros, rezando o terço tão imperturbáveis como se ainda dissessem as suas preces pelos corredores do convento.

E não é verdade que se pode rezar em qualquer lado, seja num barracão de madeira ou num convento de pedra, ou mesmo em qualquer lugar deste mundo para onde Deus, nestes tempos conturbados, decidiu atirar aqueles criados à Sua imagem?

Para os que gozam do privilégio exasperante de serem autorizados a permanecer em Westerbork «até nova ordem»¹, existe o grande perigo moral de se tornarem insensíveis ou endurecidos.

O sofrimento humano que presenciámos durante os últimos seis meses e ao qual ainda assistimos diariamente é mais do que alguém poderia digerir em seis meses. E, por isso, todos os dias ouvimos dizer, de todos os lados e em todos os tons: «Não queremos pensar, não queremos sentir, queremos esquecer o mais rapidamente possível». O que, a meu ver, é um grande perigo.

É verdade que acontecem no campo coisas que, com a nossa razão, não teríamos julgado possíveis no passado. Mas talvez tenhamos dentro de nós outras faculdades para além da razão, faculdades que desconhecíamos ter no passado, mas que possuem a capacidade de lidar com o incompreensível.

Acredito que o ser humano possui uma faculdade para cada acontecimento que o ajuda a superá-lo.

Se nos limitarmos a salvar dos campos de todo o mundo apenas os nossos corpos e nada mais do que isso, não será suficiente. O que importa não é preservarmos as nossas vidas a qualquer custo, mas sim o modo como o fazemos. Por vezes, penso que cada nova situação, boa ou má, nos dá a possibilidade de enriquecermos com novas perspectivas. E se abandonarmos à sua sorte os factos adversos que somos forçados a enfrentar, se não os acolhermos nas nossas mentes e corações para aí os deixar assentarem e transformarem-se em factos graças aos quais podemos amadurecer e dos quais podemos extrair um sentido — então, não somos uma geração viável.

¹ Em alemão no original. (*N. da T.*)

Na verdade, não é fácil, e para nós, judeus, menos ainda; contudo, se nada tivermos a oferecer a um mundo no pós-guerra desolador senão os nossos corpos salvos a qualquer custo, se não conseguirmos oferecer um novo sentido nascido do fundo da nossa aflição e desespero, então, não será suficiente. Novos pensamentos terão de irradiar para fora dos próprios campos, novas perspectivas terão de espalhar lucidez, atravessando o arame farpado que nos cerca, e terão de interligar-se com as novas perspectivas que as pessoas no exterior terão de adquirir de forma igualmente sangrenta e em circunstâncias que estão a tornar-se, aos poucos, quase tão difíceis como as nossas. E, na base comum de uma busca honesta por respostas esclarecedoras para todos estes acontecimentos misteriosos, talvez a vida desconcertada possa dar um passo cauteloso em frente.

Por isso me pareceu um perigo tão grande quando se ouvia dizer por todo o lado: «Não queremos pensar, não queremos sentir, é melhor criar uma carapaça contra toda esta miséria».

Como se o sofrimento — assuma ele a forma que assumir — não fizesse também parte da existência humana.

De repente, vejo que ultrapassei em muito o pedido inocente do vosso amigo K. Afinal, tinha de contar-vos algo sobre a vida em Westerbork, não acerca dos meus pontos de vista. Não consegui evitá-lo, escapou-me, simplesmente...

Mas, e os idosos? Todas essas pessoas com tanta idade e inválidas? De que serve a minha filosofia, face a elas?

Na história de Westerbork, o capítulo mais triste será, de certeza, aquele que trata dos idosos. Talvez seja mais impressionante do que o caso das pessoas maltratadas de Ellecom, que chegaram mutiladas, provocando um arrepio de horror a todo o campo.

Aos jovens e saudáveis, poderíamos dizer algo em que acreditamos e que podemos concretizar na própria vida: que a História colocou, de facto, um fardo invulgarmente pesado sobre os nossos ombros e que nos coube tentar encontrar a grandeza necessária para suportá-lo.

Poderíamos também dizer que seria possível considerarmos-nos soldados da frente, ainda que tenhamos sido enviados para frentes muito peculiares. Parecíamos condenados à completa passividade, mas ninguém conseguiu impedir-nos de mobilizarmos a nossa força interior, não é verdade?

Mas já terão ouvido falar de soldados octogenários, usando como arma as bengalas vermelhas e brancas dos cegos?

Certa manhã de Verão, deparei com um homem que murmurava sozinho, consternado: «Valha-me Deus, olhem só para o tipo de mão-de-obra para a Alemanha que nos mandaram agora!» E quando me apressei a dirigir-me para a entrada do campo, eles estavam a acabar de ser descarregados de camiões a cair aos pedaços na nossa charneca: imensos velhinhos. Ali estávamos nós, quase sem fala, para ser sincera. Aquilo parecia estar mesmo a passar das marcas. Porém, algum tempo depois, já estávamos tão habituados que passáramos a perguntar uns aos outros a cada novo transporte: «E... vieram muitos idosos e inválidos, desta vez?»

Ah, sabem, este é um pedacinho de História da humanidade tão terrivelmente triste e vergonhoso que não sabemos como falar dele. Sentimo-nos envergonhados por o havermos testemunhado e termos sido incapazes de evitá-lo.

Houve uma velhinha que deixara os óculos e o frasco dos medicamentos «em casa», sobre a lareira, e queria saber se podia ir buscá-los naquele momento, e onde estava ela, ao certo, e para onde iria.

Uma senhora de 87 anos agarrou a minha mão com tanta força que julguei que nunca mais a largaria e contou-me como os degraus da entrada da sua casinha estavam sempre reluzentes e que jamais atirara a roupa para debaixo da cama quando ia dormir.

E o senhor baixinho e curvado de 79 anos: estava casado há 52, contou-me, e, de momento, a sua esposa estava no hospital de Utreque e ele, prestes a ser deportado da Holanda no dia seguinte...

Mesmo que continuasse durante páginas e mais páginas, não ficariam a saber tudo. Como eles caminhavam, arrastando-se penosamente, cambaleavam e caíam e necessitavam de ajuda e faziam perguntas infantis. Naquele local, não se podia fazer muito com palavras e, por vezes, uma mão sobre o ombro era demasiado pesada.

Oh, não, estes idosos são um capítulo à parte. Os seus gestos desamparados e rostos exaustos assombram ainda muitas noites em branco...

Em poucos meses, a população de Westerbork aumentou de 1000 para cerca de 10 000 habitantes. O maior aumento data dos terríveis «dias de Outubro»¹, quando, após uma caça maciça aos judeus por todo o país, o campo foi varrido por uma enxurrada humana que quase ameaçou engoli-lo.

Aquilo não é o que se possa chamar uma comunidade organicamente desenvolvida, com o seu próprio ritmo uniforme; contudo — e é isto que me deixa ofegante — podemos encontrar nela

¹ No serão de sexta-feira, 2 de Outubro de 1942, encontravam-se em Westerbork cerca de 2000 pessoas. Após a raziá nacional nesse dia (e que em Amesterdão se reperiu no dia seguinte), chegaram ao campo 12 296 pessoas. Estiveram, entre outras, judeus vindos dos campos de trabalhos forçados neerlandeses, as suas mulheres e filhos e um grande número de judeus da cidade de Meppel. Visto que o campo não dispunha de infra-estruturas adequadas à vinda de tal quantidade de pessoas, instalou-se um enorme caos. (*N. da E.*)

todos os aspectos, classes, «ismos», contradições e correntes da sociedade actual. (E a área continua a ser de apenas meio quilómetro quadrado). Em retrospectiva, tal não será assim tão surpreendente, já que cada indivíduo leva no seu interior a corrente, a parte da sociedade, o nível cultural que representa.

Mas o que não deixa de me surpreender é que, mesmo numa altura de necessidades em comum, estas divisões mantêm-se.

Numa ocasião, encontrei na lama entre dois barracões grandes uma rapariga que me disse ter vindo parar a Westerbork por acaso. (Isto é um fenómeno típico: todos vêem o seu próprio caso como um acaso infeliz. No geral, ainda não adquirimos uma consciência histórica comum.) Mas, voltando à jovem: contou-me uma triste história sobre pequenas encomendas que nunca mais chegavam e sobre um par de sapatos perdido. E, subitamente, o seu rosto iluminou-se, ao dizer: «Mas tivemos sorte com as pessoas; no nosso barracão está uma verdadeira elite. Sabe que nome lhe dão? “A curva do *Herengracht!*”»¹

Fiquei perplexa, olhei-a dos sapatos gastos à face maquilhada e não soube se havia de rir ou chorar...

De todas as necessidades do campo de concentração de Westerbork, a falta de espaço é, seguramente, a pior.

Das 10 000 pessoas, cerca de duas mil e quinhentas estão instaladas em 215 casinhas que costumavam ser a parte principal do campo e albergavam, cada qual, uma família na era anterior aos transportes.

¹ Parte do *Herengracht*, um dos canais de Amesterdão, próxima da *Nieuwe Spiegelstraat*, onde se encontram belos edifícios à beira do canal. (N. da E.)

Cada casinha tem duas pequenas divisões, por vezes três, e uma pequena cozinha com torneira e uma sanita. Não têm campainha na porta, o que faz com que o acto de entrar seja rápido e sem cerimónia. Assim que se abre a porta da frente, estamos no meio da cozinha. Se quisermos visitar amigos que vivem no quarto de trás, apressamo-nos a passar com desenvoltura rapidamente adquirida pelo quarto da frente, onde outra família poderá estar à mesa ou a discutir ou a preparar-se para ir para a cama, conforme a ocasião. E, de há uns tempos para cá, os quartinhos têm muitas vezes ficado a abarrotar com visitas que anseiam escapar por momentos dos barracões grandes.

Os moradores dos pequenos quartos são agora os que estão acomodados como príncipes, invejados e constantemente assediados por todo o campo.

A imensa e escandalosa falta de espaço em Westerbork está realmente patente nos barracões colossais, construídos à presa, esses armazéns apinhados de gente, feitos de tábuas por onde passa o vento, onde se encontram empilhados os catres de ferro de três andares, sob um céu baixo de roupa estendida de centenas de pessoas.

Jamais teria passado pela cabeça dos pobres franceses que judeus exilados numa charneca de Drente iriam um dia ter pesadelos angustiantes em camas construídas por eles para a Linha *Maginot*¹. Ouvi dizer que elas datam dessa época.

É nesses catres que, agora, as pessoas vivem e morrem, comem, adoecem, ou têm insónias durante a noite, devido ao choro de tantas crianças, ou por não poderem evitar perguntar-se porque chegam tão poucas notícias dos milhares que já partiram desse lugar.

¹ Linha de defesa francesa, datada da Primeira Guerra Mundial. (*N. da T.*)

As camas facultam o único espaço de arrumação existente: há malas debaixo delas e mochilas penduradas em barras de ferro. A restante mobília consiste em mesas de madeira crua e bancos estreitos.

Em relação à higiene, não irei mencioná-la no meu recatado relato; de contrário, iria proporcionar-vos alguns momentos pouco agradáveis.

Temos alguns fogões de aquecimento espalhados pela grande área dos barracões, que apenas dão calor suficiente para as idosas que se sentam muito juntas em redor deles. Ainda não fazemos ideia de como iremos passar o Inverno nesses barracões

Todos estes grandes armazéns humanos foram construídos precisamente da mesma forma no meio da lama e foram mobilados no mesmo estilo, digamos, austero, mas o mais curioso é que, ao caminhar por um barracão, temos a sensação de caminhar por uma terrível zona pobre, enquanto outro barracão dará a impressão de estarmos num bairro residencial da classe média. De facto, é ainda mais forte, é como se cada catre e cada mesa de madeira crua irradiassem a sua própria atmosfera.

Sei de uma mesa num dos barracões onde costumam colocar, todas as noites, uma vela acesa numa lanterna de vidro; em seu redor, costumam sentar-se umas oito pessoas e é chamado o «canto boémio». Ao avançarmos um pouco até à mesa seguinte, também com oito pessoas, a única diferença será, talvez, a de que, em vez de uma vela, tem sobre ela panelas sujas; é como se entrássemos num mundo totalmente diferente.

A igualdade de circunstâncias não significa que as pessoas se tornem automaticamente iguais.

Os líderes dos círculos culturais e políticos das grandes cidades também foram dar àquele pedaço infértil de charneca de quinhentos por seiscentos metros. Todos os bastidores colapsaram de repente em seu redor, num grande gesto poderoso, e agora estão um pouco abalados e estranhos naquele palco aberto e ventoso chamado Westerbork. Em torno dessas figuras arrancadas do seu contexto paira ainda, de forma palpável, a atmosfera da vida agitada de uma sociedade mais complicada do que a que temos no campo.

Caminham ao longo da vedação fina de arame farpado e as suas silhuetas movem-se, em tamanho natural e expostas, contra a grande faixa de céu. Haviam de vê-los a avançar por ali...

As suas couraças bem forjadas de posição, prestígio e posses desfizeram-se e eles possuem apenas a camada da sua humanidade. Estão num espaço vazio, entre terra e céu, que têm de preencher, eles mesmos, com o que ainda possuem dentro deles — por fora, já nada existe.

Agora, damo-nos conta de que, na vida, não basta ser-se um político competente ou um artista talentoso. Nas situações mais extremas, a vida exige algo completamente diferente.

Sim, é verdade, os nossos últimos valores humanos estão a ser postos à prova.

Talvez vos tenha convencido, com o meu longo discurso, de que vos contei algo sobre Westerbork, não? Quando o campo me vem à ideia, com todas as suas facetas e com a sua história atribulada, com todas as suas carências espirituais e materiais, vejo que não me saí, de todo, bem. Para mais, este é um relato muito parcial. Poderia imaginar outro, repleto de ódio, azedume e revolta.

Mas a revolta que surge apenas quando somos, nós próprios, afectados pela necessidade não é verdadeira e nunca pode ser frutífera.

E a ausência de ódio não implica a ausência de uma elementar indignação moral.

Sei que aqueles que odeiam têm bons motivos para isso. Mas porque temos nós de escolher sempre o caminho mais fácil e acessível? Lá, experienciei intensamente como cada átomo de ódio acrescentado a este mundo o torna um lugar ainda mais inóspito.

E também acredito, ingénua mas teimosamente, que a Terra apenas poderia voltar a ser um pouco mais habitável por via daquele amor que o judeu Paulo descreveu, certa vez, aos Coríntios, no décimo terceiro capítulo da sua primeira epístola¹.

24. A Osias Kormann.

Amesterdão, sábado, 16 de Janeiro de 1943.

16-1-43.

Olha, Osias, acho terrível; não recebeste mesmo nenhuma carta minha até agora? Foi o que o Vleeschhouwer deu a entender. Deves estar a pensar que sou cá uma desnaturada! Mas devo confessar, sinceramente: até agora, só te escrevi uma vez, com bastante por menor, a meio da noite, com a promessa de voltar a escrever brevemente. Mas o «brevemente» estendeu-se por algumas semanas.

¹ Alusão a 1 Coríntios, capítulo 13. (*N. da T.*)

Sabes, Osias, tenho muitos amigos. Alguns vêm ter comigo com necessidades psíquicas, e tenho de conversar com eles durante muito tempo. Outros há para os quais escrevo regular e pormenorizadamente, por notar que necessitam disso e também por querer ajudá-los.

Mas contigo é muito diferente: tu estás *presente* na minha vida, é-me impossível imaginar-te fora dela, converso contigo muitas vezes, mas não tenho necessidade de o fazer por escrito; tenho sempre a convicção de que terás noção dessas conversas sem cartas. Se se der o caso de não teres notícias minhas durante algum tempo, não deves ficar desapontado ou, quiçá, triste; não deixo de nutrir por ti os mesmos sentimentos profundos e bons. Esta manhã, enquanto estava deitada a pensar em ti, senti, de repente, uma necessidade irresistível de voltar a dizer-to por escrito. Ficaria desolada se ficasses com a impressão de que já não me preocupo contigo como antes. Tudo aquilo de belo e humano que partilhámos tornou-se parte da minha vida emocional e está sempre presente.

Espero que tenhas recebido a minha primeira carta, continha umas coisinhas que queria muito que lesse.

Tens tido muito trabalho? Seria possível escreveres-me um dia destes, por acaso? É continuas a morar com o bom do Rosenberg no tranquilo quarto das traseiras? Quem me dera estar novamente saudável e ir aí ter. Mas, por enquanto, a palavra de ordem é descanso, descanso e mais descanso. Porém, mesmo na cama, podemos viver a nossa vida, ou pelo menos tentar vivê-la.

Até uma próxima vez, Osias Kormann!

Com amizade

Etty

Cumprimentos ao Rosenberg.

25. A Osias Kormann.

Amesterdão, quinta-feira, 21 de Janeiro de 1943.

21-1-43

Era tão bom, Osias, se viesses visitar-me! És sempre bem-vindo, a qualquer altura! Vivo muito perto do *Concertgebouw*; o eléctrico 16 (consta que podem andar de eléctrico¹, se vierem de licença) pára mesmo à minha porta e o 3 pára à esquina da rua.

Osias, seria mesmo bom se viesses. Ainda assim, talvez seja melhor enviares-me um postal, primeiro; assim, certifico-me de que não aparecem outros amigos e desmarco alguma eventual aula (de vez em quando, ainda dou aulas particulares). Se tiveres possibilidade, também podes telefonar-me antes, quando estiveres em Amesterdão: 23830.

E na porta da rua está escrito *Wegerif*.

Pronto, assim não há que enganar.

Há quanto tempo já não vinhas a Amesterdão? Julgo que ficarás feliz por ver algo mais para além da charneca. E os amigos com quem vais ficar, são teus amigos íntimos?

As coisas por aqui estão a ficar insuportáveis para os judeus, e não só. As ondas de medo e destruição não param de aumentar.

Muitas pessoas que vêm ver-me dizem: Estás bem, estás segura aí na cama, deixa-te estar tranquila. Mas eu, na verdade, gostaria de trocar de lugar com alguém saudável, mesmo que isso significasse acabar na Polónia. O meu médico acabou por decidir não fazer a

¹ Não são conhecidas informações sobre excepções relativas à proibição geral aos judeus de utilizar os transportes públicos, declarada em 30 de Junho de 1942. (*N. da E.*)

operação, por na minha idade 40% das cirurgias às pedras na vesícula fracassarem. E assim, tenho de esperar mais algum tempo. Mas regressarei, seguramente, a Westerbork daqui a umas semanas.

Ainda tive de travar uma pequena batalha para conseguir prolongar a minha «licença de viagem» para W.; agora, expira a 15 de Fevereiro, e continuo a pertencer ao nosso mui amado Conselho Judaico, secção de Westerbork. Sim, a sério, vou voltar, mas tu vens cá primeiro, não vens?

Isto hoje não é nenhuma carta, são apenas umas palavras para dizer como estou ansiosa pela tua vinda e que és bem-vindo a qualquer altura.

Etty

26. A Osias Kormann.

Fragmento. Amesterdão, quinta-feira, 4 de Fevereiro de 1943.

4-2-43

Quinta-feira de manhã.

Achas os policiais suficientemente «mundanos» para mim, Osias? Quanto a isso, podes ficar muito feliz pela tua amiga, ultimamente tenho andado a especializar-me, por assim dizer, neste peculiar género literário. Até agora, só assisti a um único homicídio, acho que é manifestamente insuficiente para o meu empenho. Um homicídio — nos dias de hoje, isso já não impressiona nada.

Mas, falando a sério: para já começar a interessar-me por policiais, é sinal de que não estou muito bem. Parece que engoli uma

alfineteira ou um molho de lâminas ou sabe Deus o quê, seja o que for: aos poucos, vou ficando cada vez mais farta. Ontem o meu médico pediu que me internassem para radiografar os meus órgãos misteriosos e depois logo se vê. Oh, não, Osias, para ser sincera, não estou nada feliz com o que me tem acontecido nos últimos tempos, mas, por favor, meu bom amigo, não te vás abaixo por causa destes queixumes...

27. A Osias Kormann.

Amesterdão, s.d., posterior a 4 de Fevereiro de 1943.

Amesterdão.

É verdade? Viajas para Amesterdão na sexta-feira? Oh, que feliz estou por ti, Osias! Há cinco minutos abri a carta do Vleeschhouwer que me deu a notícia, mas não vou acabar de lê-la enquanto não te tiver escrito algumas palavras. E terás mesmo tempo para vir visitar esta enfadonha rapariga doente? Irei ver-te entrar por aquela porta, diagonalmente oposta à minha cama? Que pena não poder receber-te em minha casa, mas fica para outra altura.

Não sei se ficarás hospedado muito longe daqui, ou como tencionas organizar os dias. O horário de visitas¹ deste hospital é impossível: sábados, domingos e terças das 12:00 às 13:00 e nos restantes dias das 12:00 às 12:30. Mas também se pode tentar às 15:30, sobretudo ao sábado, porque não andam por cá muitos mé-

¹ Nessa altura, Etty estava internada no N.I.Z. (N. da E.)

dicos, por ser dia do Sabat. E podes sempre perguntar pelo meu irmão¹. Eu estou na enfermaria 5D e anseio ver o teu querido rosto. Até breve, Osias!

Etty.

28. A Osias Kormann.

Amesterdão, domingo, 21 de Fevereiro de 1943.

21-2-43.

O selo postal² é para colares por cima deste rosto tártaro e, quando o fizeres, ficarás com um belo retrato. Pois há que admitir, homem de poucas palavras, bem sei que não tenho um perfil clássico, mas também não tenho um nariz assim. Por isso, peço-te, cola este selo de 4 cêntimos sobre ele, e, como quem não quer a coisa, esconde esta cama luxuosa com candeeiro e as flores e o telefone, para não parecer uma autêntica provocação às tão atormentadas gentes de Westerbork.

¹Jacob (Jaap) Hillesum, irmão do meio (Hilversum, 1916-arredores de Tröbitz, 1945), frequentou, tal como Etty, o Liceu de Deventer. Em 1933, após o exame final, mudou-se para Amesterdão, onde começou a estudar Medicina. Naquela cidade, partilhou muitas vezes morada com Etty. Em Outubro de 1936 foi morar para casa de Han Wegerif, onde residiu durante onze meses. Tal como o seu irmão Mischa, também Jaap esteve várias vezes internado em hospitais psiquiátricos. Falava sempre abertamente da sua esquizofrenia. Ele próprio se apercebia (sabia quando estava na altura de um novo internamento e dirigia-se então a uma instituição psiquiátrica, como o hospital distrital de Santpoort). Jaap esteve também no *Het Apeldoornse Bos* e em Endegeest. Após o seu exame de conclusão de licenciatura, trabalhou como co-assistente no N.I.Z. (*N. da E.*)

²Provavelmente, o selo «quatro cêntimos» da série do Verão de 1941, representando a escritora neerlandesa Aagje Deken (1741-1804). Neste selo, o seu nariz foi de facto reproduzido com tamanho pronunciado. (*N. da E.*)

Olá, Osias, foi bom ter-te por cá, mesmo tendo sido por tão pouco tempo e com uma data de velhoras à nossa volta, e eu tinha montes de coisas para te contar e perguntar, de que me esqueci, é claro. Mas tu sabes que o meu diálogo contigo é contínuo, logo, não tem grande mal esquecer-me de te dizer algo de vez em quando. Passaste bem estes dias, não foi, e já voltaste a conformar-te, pelo menos por agora, com o antigo ambiente?

Já eu, contra todas as expectativas, estou de volta a casa, «rap-tada», por assim dizer, pela minha própria mãe, pois parecia que, se assim não fosse, seria levada por gente muito diferente¹. E agora, vamos ver no que vai dar.

Hoje escrevo apenas estas poucas palavras tolas, queria só dar um sinal de vida. E, por favor, não te esqueças completamente de mim, vais esquecer-me um bocadinho, uma pessoa também não deve estar doente durante tanto tempo.

Mas agora, chega mesmo de tolices, até à próxima carta.

Dá um aceno de cabeça amigável à beira da minha cama, de vez em quando.

E beijos, muitos beijos...

Etty

¹ Provável referência aos planos de Klaas Smelik e da sua filha Johanna de levar Etty da sua casa na *Gabriel Mensstraat* e escondê-la na casa destes, em Hilversum. Numa outra ocasião em que Etty se preparava para viajar para Westerbork, Klaas Smelik agarrou-a e tentou uma vez mais fazê-la aperceber-se do perigo que corria. «Ela libertou-se e afastou-se um metro e meio de mim. Lançou-me um olhar muito estranho e disse: "Não me compreendes." Eu respondi: "Não, raios te partem, não compreendo mesmo. Fica cá, sua tola." Ao que ela disse: "Quero partilhar o destino do meu povo." Quando ela disse isto, eu soube que estava tudo perdido. Ela nunca viria connosco» (nas palavras de Klaas Smelik). Outros deram também a Etty, de resto, a oportunidade de se esconder, mas ela recusou-se terminantemente a fazê-lo. (*N. da E.*)

29. A Osias Kormann.

Amesterdão, quarta-feira, 24 de Março de 1943.

24-3-43.

Tarde de quarta-feira.

Já passou muito tempo desde a última vez que te escrevi, Osias? A mim, parece que só passaram alguns dias, mas quanto muito, isso serve para demonstrar a velocidade a que o tempo passa por mim.

Assim, esboço uma vez mais um sorriso trocista de longe, se tal me for permitido. Tenho um médico que fica sempre furioso quando entro no consultório com um rosto sorridente, diz que é imperdoável ainda rir em tempos como este. Não acho que ele tenha razão; o que dizes?

Bom dia, Osias, como estás, o que tens feito, estás muito ocupado, estás bem-disposto? Não vais precisar de uma assistente num futuro próximo? Não peço um salário elevado, apenas tratamento amigável.

Por agora, ainda me dedico a exercícios matinais, ao Sol, à Bíblia, ao russo, a descascar batatas, à literatura e a conversas com pessoas demasiado optimistas ou demasiado pessimistas, polémicas, com vontade de cometer suicídio, zangadas, tristes e tudo o que existe entre a espécie humana. Um programa variado, portanto.

E, de resto, ainda tenho um coração jovem e ossos velhos; podia ter havido uma melhor distribuição pelo meu corpo. O meu médico também já não consegue reunir mais sabedoria do que para dizer que, enquanto nestes tempos demasiado difíceis no caso da maioria das pessoas é a alma e o espírito que sofrem, no meu caso é o corpo que o faz. Engulo substâncias amargas, azedas, sólidas e líquidas à vez, porém, na minha opinião, assim como assim,

é tudo um completo disparate; o equilíbrio deve restabelecer-se com a ajuda da Natureza. Mas, em resumo, acredito que estou prestes a ser novamente uma pessoa útil e que tu irás fazer um café fabuloso quando eu regressar, não é assim?

Muitos beijos, Osias, e pensa de vez em quando com algum carinho na

Etty

E cumprimentos ao Rosenberg

30. A Osias Kormann.

Amesterdão, s.d., provavelmente Primavera de 1943.

Saudações de uma rapariga com um dedo grande inflamado, Osias. Essa rapariga é uma grande amiga tua, ainda te lembras, ou será que o esqueceste entretanto, já que tantas coisas se passam onde se encontram — demasiadas.

Em relação a mim, continua a vigorar o grande paradoxo: o espírito está mais vivo e criativo do que nunca, o corpo, porém, ainda não forma uma construção suficientemente sólida para suportar este espírito tão intenso.

Mas eu sou paciente — nem sempre, é claro — e levo uma vida sensata para voltar a estar, brevemente, o mais saudável possível. E então, quando menos esperares, estarei de regresso. Com certeza que agora têm trabalho para mim no «V»¹, ou há aí pessoas em demasia e falta de espaço?

¹ Secção de «Cuidados» (em neerlandês, *Verzorging*), ou de «Previdência de auxílio material aos moradores», chamada «V» pelos moradores do campo. Esta instalação fora criada pelo Conselho Judaico e tinha a seu cargo um armazém próprio, o «V». Uma das tarefas desta secção (parte da Secção de Serviço 10) era a de preparar farnéis de pão para os que iam ser deportados. (*N. da E.*)

De repente, a vossa aldeia transformou-se numa cidade, deve ser uma cidade bastante triste e peculiar, não?

Tenho o pressentimento preocupante de que já não deves pregar olho, mas, por favor, tens de dormir de vez em quando.

E a mãe do Rosenberg já aí está. Como reagiu ele? Pode aliviar um pouco a vida da senhora? Cumprimentos sinceros para ele. Também para o Unger!

Hoje em dia, muitos pensam que a vida caminha para o fim, é uma grande ruína. Provavelmente, daqui a muito tempo afigurar-se-á também um novo começo. Não me encontro no «limiar da realidade», não sou idealista? Ah, deixem-me, por favor, pessoas como eu devem ser assim, as minhas realidades são, simplesmente, diferentes daquelas que a maioria considera como tal, mas *também* o são.

Osias Kormann, fiel amigo da Charneca de Drente — que assunto bizarro é a vida, de facto — cumprimentos para aquele por quem o meu coração nutre um grande afecto.

Etty

31. A Osias Kormann.

Amesterdão, s.d., Primavera de 1943.

Manhã de sexta-feira.

Quer-me parecer que Deus Nosso Senhor e o *Zentralstelle* não querem que eu tome café contigo ainda esta semana; teremos de

¹ Informações inexistentes. (N. da E.)

aguardar para ver se a semana que vem traz a nossa autorização de viagem. Espero que esteja tudo bem contigo, em todos os aspectos, meu bom Osias; gostaria muito de voltar finalmente a verificá-lo com os meus próprios olhos.

Como estão os tremoceiros-amarelos, outra vez em flor? A Primavera também se faz sentir por aí, apesar de tudo? Cumprimentos ao Rosenberg. Um abraço inofensivo, mas, não obstante, cordial, da
Etty.

Portanto, para já, até para a semana.

E cumprimentos do meu pai, que ficou muito feliz por receber os teus.

E, por favor, não esforces os teus bondosos olhos com estes hieróglifos vergonhosos (costumava escrever tudo à máquina, mas agora tenho de voltar a habituar-me a escrever à mão).

Adeus! E.

32. A Osias Kormann.

Amesterdão, quinta-feira, 8 de Abril de 1943.

8 de Abril.
Quinta-feira de manhã.

O meu relógio avariou-se, Osias. Agora tenho mesmo de voltar para Westerbork, pois já não há uma única pessoa em Amesterdão com tempo para reparar um relógio. E, como sabes, não preciso de muito para viver, mas não posso passar sem este objecto. E há mais

algumas razões, também, pelas quais quero voltar para junto de vocês, julgo que não duvidas disso, seja como for. E também estou um bocadinho ansiosa por estar contigo, sim senhor!

Tenho um alegre anúncio a fazer, especialmente a ti: nasceu-me o dente do siso, por entre dores fortes, é certo, mas comprovou finalmente a sua existência. Por isso, ainda há esperanças de que eu possa ficar mais ajuizada. O que entendes ao certo por ajuizada: egoísta? Que aborrecida está a ficar esta história do egoísmo. Há já muitos séculos que se diz que o ser humano é egoísta por natureza, e, a páginas tantas, começamos a acreditar nisso, *tornando-nos* realmente egoístas. Visto que o ser humano tem muitas facetas, porque não se há-de tentar outra, para variar, que não esse egoísmo aborrecido e improdutivo? Mas discutiremos isto frente a frente, está bem? A tua carta era muito simpática, seu zombador, mas também muito querida.

Em Westerbork tenho de ir ver uma data de pessoas, amigos e filhos, pais, avós de amigos. Isto é, por si só, uma tarefa e outras surgirão.

Meu bom amigo, estou ansiosa por ver-te, mas já o tinha dito.

Até para a semana.

Adeus!

Etty

33. A Osias Kormann.

Amesterdão, quarta-feira, 5 de Maio de 1943.

Amesterdão, 5 de Maio de 43.

Osias, meu querido, julgo que isto poderá ter outra vez todo o ar de deslealdade, mas o verdadeiro motivo pelo qual não escrevi prende-se apenas com as leis da preguiça humana. O teu café já deve estar mesmo frio, mas a culpa não é minha, sinto-me como uma espécie de soldado a aguardar a ordem seguinte. Por um lado, estou grata por cada dia que posso passar à minha fiel secretária, perdendo-me em assuntos que me dizem muito, por outro, só desejo regressar para ao pé de vocês o mais depressa possível. Fazendo as contas, vejo que já estou longe da vossa metrópole da charneca há cinco meses, mas, curiosamente, é como se ainda aí tivesse estado há uma semana, ou, melhor ainda, não tivesse saído daí. É possível prosseguir a vida em vários lugares em simultâneo, não acreditas?

Osias, conheces o terreno da pista de patinagem, perto do *Concertgebouw*? Às vezes, passeio por aí, nomeadamente na tua companhia, ao longo do gradeamento, e passamos bons momentos juntos. Geralmente, apareces de modo totalmente inesperado, de surpresa. Eu dou a minha volta costumeira ao local, desprevenida e, de repente, tu surges a meu lado e eu sinto sempre a alegria de estares novamente tão próximo de mim.

Da minha saúde, não posso queixar-me demasiado. É certo que me tornei muito menos produtiva do que era antes de adoecer, mas este deve ser o caso de mais pessoas nesta Europa abençoada.

Osias, querido, por hoje já chega; gostava tanto de saber quando iremos, finalmente, voltar a ver-nos...

Por favor, dá saudações especiais ao Petzal, tenciono muitas vezes escrever-lhe, mas já sabes como é: a preguiça, etc. E, claro, uma vez mais, cumprimentos ao Rosenberg.

E para ti: até breve, de certezinha!

Adeus!

Etry

34. A Osias Kormann.

Amesterdão, sexta-feira, 28 de Maio de 1943.

Tarde de sexta-feira, 28 de Maio.

Meu querido Osias,

Há já muitos serões que ando para te enviar notícias, mas agora os dias são tão agitados. Os meus cobertores terão de aguardar na tua galeria de madeira¹ um pouco mais do que julgava, antes de poderem cobrir-me novamente. Na manhã do dia vinte e quatro recebi a minha convocatória a avisar-me de que teria de apresentar-me no dia seguinte. Comecei a arrumar a mochila, mas à tarde disseram-me que tinha havido um «erro». Este parece-me um termo algo curioso, como se não fosse também um erro em relação às outras pessoas. Enfim, não me vou pôr agora a filosofar sobre este assunto deprimente; havemos de falar frente a frente, em breve.

Hoje ouvi dizer que quinze colegas do Concelho Judaico de Westerbork vão sair em licença e pedem quinze voluntários para

¹ Beliches triplos de madeira colocados nos barracões. (N. da E.)

substituí-los. Vou oferecer-me, é claro, e depois é só esperar para ver se poderei ser útil, já que represento uma facção algo peculiar, niilista. Mas, seja como for, julgo que iremos ver-nos em breve, agora que a liquidação dos restantes judeus¹ está a ser feita a um ritmo mais acelerado.

E pensar que já se passaram 10 meses desde que conheci um homem baixo de gorro cinzento e óculos de lentes grossas na escola de Westerbork, e que esse homem me contou histórias extraordinárias sobre o campo e, depois disso, me disse: «Decididamente, a menina não é holandesa, é demasiado calorosa». Sim, Osias, e por aí adiante. Isto não é, de todo, uma carta, é apenas uma saudação apressada. Julgo que agora já voltaste a ter muito trabalho triste. Até breve, sejam dias ou semanas, mas, de qualquer forma, até breve!

Etty

¹ Entre Julho de 1942 (data do início das deportações) e Abril de 1943, cerca de 59 000 dos 140 000 judeus plenos foram deportados para Auschwitz e Sobibor. 2000 judeus haviam já sido enviados para Mauthausen, Buchenwald e Ravensbrück. As acções do ocupante alemão para tornar os Países Baixos «limpos de judeus» aumentaram em Maio de 1943. Nesse mesmo mês e em Junho do mesmo ano chegaram de Berlim ordens para deportar, respectivamente, 8000 e 15 000 judeus do país ocupado. Entre Março e Julho, todos os transportes oriundos de Westerbork partiram em direcção ao campo de extermínio de Sobibor, e não para Auschwitz. Perfizeram um total de 33 000 vítimas. (*N. da E.*)

35. A Maria Tuinzing¹.

Amesterdão, sábado, 5 de Junho de 1943.

Sábado ao serão.

Mariazinha,

Não sejamos demasiado materialistas; não nos interessa realmente uns dias a mais ou a menos, ou se nos vemos ou não; é pena, mas no fundo, não nos faz diferença, pois não? Está bem que, ainda assim, teria gostado muito de te ver, mas isso fica para uma próxima ocasião, tenho a certeza absoluta. É tarde; não posso dizer-te como estou cansada. Tinha a esperança de poder ainda contactar-te por telefone em Wageningen, por ter ficado mais um dia, mas, afinal, não me foi possível. Pedes-me um diário — por ser para ti, vou deixar cá um caderno tolo, cheio de escrita insignificante, minha bisbilhoteira!

Se alguma vez voltares a sentir-te deprimida, abre o teu coração para um pedaço de papel e envia-o para a Etty, que te responderá de certeza.

Olha um pouco pelo Pai Han, mas isso já tu fazes. Ele há de contar-te todas as histórias emocionantes dos últimos dois dias. Mal consigo manter os olhos abertos, e como é possível haver tanto para arrumar na mochila. Não me despeço de ti, já que não vamos separar-nos realmente.

Que tudo te corra bem, querida menina.

Etty

¹ Maria Tuinzing (Wageningen, 1906-Arnhem, 1978), mais tarde Anhalt-Tuinzing, trabalhava em Amesterdão como enfermeira e em 1942 foi morar na mesma casa que Etty, tendo alugando um quarto a Han Wegerif. Maria Tuinzing tornou-se amiga íntima de Etty e em 1944 confiou os diários desta aos cuidados da família Sabarte Belacorra de Wageningen, referindo que os mesmos tinham grande importância. Pouco depois da guerra, Maria Tuinzing foi novamente buscar os diários e levou-os a Klaas Smelik, conforme o desejo de Etty. (*N. da E.*)

36. A Han Wegerif e outros.

Westerbork, segunda-feira, 7 de Junho de 1943.

Segunda-feira de manhã¹, 11 horas, 7 de Junho de 43

Queridíssimos,

Ainda ficaram muito tempo a acenar aos meus botões de rosa? Foram todos tão queridos para mim, esse pensamento acompanhou-me durante toda a viagem de comboio e, agora, este campo com a sua miséria de proporções realmente grandes de transportes a partir e a chegar voltou a engolir-me por completo. Já aqui estou há cem anos.

A viagem decorreu de forma agradável. Há um belo espírito de camaradagem entre os nossos. Troçaram de mim com as suas histórias, mas só reparei nisso mais tarde. Tudo começou quando me contaram que teríamos de caminhar de Assen até ao campo, com bagagem e tudo. Não me admirei muito. Só quando anunciaram que tinha aberto no campo uma lojinha que vendia noga-do, que o orfanato organizara um cortejo de flores e que agora se jogava pólo é que abri os olhos.

¹ Esta carta foi escrita com mão trémula. O motivo poderá ser a chegada de um transporte proveniente do campo de concentração de Vught presenciado por Ety e referido por si nesta carta. E Weinreb escreveu sobre este transporte: «As pessoas do campo estavam extremamente chocadas, sobretudo aquelas que haviam ajudado a descarregar esta miséria... toda a manhã foi passada numa azáfama nervosa. As pessoas pareciam então aperceber-se pela primeira vez daquilo de que os Nazis eram realmente capazes... então chegou a Ety Hillesum com o seu saco de telegramas... e não conseguia dizer nada, apenas chorar. Sentou-se numa cadeira entre a cama do Weyl e a minha e tapara o rosto com um lenço. O Loonstijn exclamou: "Merina, pare com isso, já temos problemas que cheguem, não precisamos de mulheres chorosas." Ajudou um pouco porque, então, a Ety começou a contar algo. Disse que no transporte também tinham vindo pessoas relativamente saudáveis, que não pareciam estar assim tão mal. "Só podem ser do Conselho Judaico ou dos Serviços de Registo de lá", ripostaram. Mas ela acrescentou, certamente para compensar o facto de ter entrado lavada em lágrimas, que também lá vinham pessoas a rir, com esperança, agora que tinham saído de Vught. Porém, depressa voltou o pranto. Não tentámos pará-la, o que foi bom; assim, pelo menos nós não tínhamos de chorar». [*Collaboratie en Verzet, 1940-1945 (Colaboração e Resistência)*, parte 2, Amsterdão, Meulenhoff, 1969, pp. 1082 e seguintes. (N. da E.)

Em Assen aguardava-nos uma borrasca e um camião a pingar. Chegámos todos encharcados. Fomos largados num espaço, com bagagem e tudo (antigamente não era assim), onde as nossas mochilas e malas foram revistadas pela polícia militar¹. Abri prontamente a alcofinha que continha o Corão e o Talmude; não repararam na minha mochila, que é grande como uma casa, o que não me desagradou nada.

A casinha onde me acomodaram desta vez é uma mistura de pequeno armazém com *boudoir*. Camas de dois e três andares, malas e caixas por todo o lado, flores na mesa e no parapeito da janela e algumas colegas lânguidas em longos robes de seda. Bizarro. Vive aqui comigo uma antiga rainha da beleza da vida². Às dez da noite, ela encostou um espelho à minha manteigueira e esteve entretida a arranjar as sobancelhas durante meia hora. Não havia cama para mim. Não era assim tão grave, pois nessa noite tínhamos de trabalhar, ia chegar um transporte de Vught³. Tivemos de nos apresentar ao serviço às quatro da manhã. Às 11, enrolei-me

¹ A Polícia Militar Neerlandesa (os *marechausses*) e a Polícia Civil haviam sido mobilizadas com bastante rapidez pelos alemães em diversas fases e acções de deportação de judeus. As suas funções iam das buscas domiciliárias à vigilância de deportações e dos campos. Os guardas provinham sobretudo das províncias da Frísia, Groninga e Drente, sendo destacados para permanecer em Westerbork por períodos de dois meses. Este sistema de rotação era utilizado pelo ocupante para evitar que os vigias criassem boas relações com os moradores do campo. (*N. da E.*)

² Descrição de uma prostituta; não existem mais informações disponíveis. Han Wegerif tornou algumas letras desta carta mais legíveis, entre elas a primeira letra de *leven* (vida), que transformou em maiúscula. É menos provável que se tratasse de uma mulher que tivesse aparecido na revista *Het Leven* (publicada entre 1906 e 1940), mas não impossível, uma vez que esta revista organizava concursos de *mises*. Han Wegerif também fez algumas correcções ou tornou mais nítidas outras cartas. Ety faz uma referência ao facto na carta 47. Wegerif fazia-o para facilitar a leitura a amigos e conhecidos a quem estas cartas eram destinadas; aparentemente, estes tinham dificuldades em decifrar a caligrafia de Ety. (*N. da E.*)

³ Os transportes de Vught para Westerbork realizavam-se de forma irregular. Entre os meses de Maio e Setembro de 1943, 10 500 judeus foram levados desse campo para Westerbork. Tal era efectuado sob controlo da polícia neerlandesa. O transporte de 8 de Junho de 1943 foi composto por mais de 1300 mulheres e crianças. (*N. da E.*)

num cobertor, vestida e tudo (o saco-cama estava molhado e está pendurado a secar), na cama de uma colega que, disseram, teria de trabalhar toda a noite. Quando estava deitada há uma hora, a desfrutar dos sons musicais de alguns ratos a roer (que parecem ter-se multiplicado desde a última vez que cá estive), a tal colega regressou; era uma jovem míope com um buço escuro como breu, do *Lijnbaansgracht*¹, de quem nunca gostei muito. E eis que, de repente, estávamos ambas deitadas numa cama apertada — aquilo a que se pode chamar uma situação picante. Acordámos mais ou menos empenadas por volta das quatro horas. Fortifiquei-me com a tua deliciosa obra de arte de trigo, querida Käthe, e depois voltei a deambular pela paisagem nocturna de Westerbork. Primeiro fomos submetidos a um tratamento com *Lysol*, pois, geralmente, quem vem de Vught traz muitos piolhos. Das quatro às nove, andei com pequeninos a chorar ao colo e carreguei a bagagem de mulheres exaustas. Foi duríssimo e confrangedor. Mulheres com filhos pequenos, 1600 (esta noite chegam outros tantos); os homens ficaram deliberadamente retidos em Vught. O transporte de amanhã de manhã já está pronto; o Jopie e eu acabámos de passar por ele. Vagões de gado grandes, vazios. Naquele campo morrem duas a três crianças por dia. Uma mulher idosa perguntou-me, muito desamparada: «Pode dizer-me, pode dizer-me, por favor, porque temos nós, os judeus, de sofrer tanto?» Não consegui explicar muito bem. Uma mulher com um filho de quatro meses, que teve de alimentar com sopa de repolho, apenas, dias a fio, desabafou: «Não paro de dizer “Oh, meu Deus, meu Deus”, mas será que Ele ainda existe?»

¹ O escritório do Conselho Judaico, onde ETTY inicialmente trabalhava, situava-se nesse local. (N. da E.)

Encontrei entre os prisioneiros um antigo assistente do professor Scholten¹, com quem fiz, em tempos, exame de Direito Processual. Quase não o reconheci devido à sua magreza extrema, barba e olhar inexpressivo. Também encontrei o meu especialista de medicina interna, o doutor Schaap. Quando estive no N.I.Z., este e mais alguns médicos agruparam-se em redor da minha cama e, com uma expressão de horror, o doutor explicou aos colegas: «Temos aqui uma jovem decidida a regressar a Westerbork», como se eu fosse um caso clínico muito estranho. Agora tinha um ar magnífico e alegre (já aqui está há algum tempo) e, esta manhã, juntaram-se-lhe a mulher e os filhos, vindos num transporte de Vught; também eles davam a impressão de estarem bastante razoáveis (diz isto à Tide²).

Esta manhã, durante a minha caminhada pelo campo, encontrei muitos velhos amigos — amigos dos meus pais, também. Boas pessoas, cidadãos rectos que conheci vivendo com tranquilidade e aprumados, e que vejo agora nos barracões grandes, fortemente proletarizados. Por vezes, é muito comovente ver o estado em que encontramos algumas pessoas. Afinal, preferia que os meus pais não viessem cá parar. Neste momento, estou na casinha do Jopie; ele está sentado à minha frente, com umas calças de soldado e um casaco cinzento sujo, e manda-vos cumprimentos. Um dos seus melhores

¹ O Dr. J.E. Polak (Amesterdão, 1911-arredores de Auschwitz, 1943). Na qualidade de assistente do Prof. Dr. P. Scholten (Amesterdão, 1875-1946), professor universitário de Direito Civil e de Filosofia do Direito na Universidade de Amesterdão, leccionou nos anos 30 aulas de Introdução ao Direito Processual, onde muitas vezes também avaliava. (N. da E.)

² Henny Tideman (Surabaia, 1907-Soest, 1989), mais tarde Neitzel-Tideman; foi professora durante a guerra. Henny, conhecida por Tide desde os tempos de escola, conheceu Spiera 26 de Setembro de 1939, no eléctrico proveniente de Harlém, onde cantara. Spier interpelara-a, dizendo-lhe: «Canta muito bem, mas não é cantora». Vira-lhe na palma das mãos que era «professora ou bibliotecária». Tide ficou intrigada e, através de conhecidos, descobriu que Spier gozava de certa fama internacional. Foi procurá-lo e Spier perguntou-lhe se conseguiria construir com ele uma amizade sem intenções sexuais, uma

amigos morreu há algumas horas. A esposa e o filho deste foram reencaminhados há algum tempo, o homem sofria de tuberculose em estado avançado e já não estava em condições de acompanhá-los. O Jopie contou-me que este era um dos poucos bons casamentos que ele conhecia. Dias antes, morreu aqui outro amigo seu.

Esta tarde vou tentar dormir um pouco; já tenho uma cama — alguém saiu hoje em licença. Às quatro da manhã chega outro transporte de Vught. Consegui formar durante a noite uma imagem desse campo, é verdadeiramente horrível.

Estou contente por ter voltado para cá. A cada passo que aqui dou, recebo saudações amistosas. Estive com a Hedwig Mahler, que, por enquanto, poderá ficar, e encontrei a reitora¹ efémera do pai. Deram-me um prato de semolina. Estive com o Kormann, que quase me matou com tanta satisfação por me ver e me deu um prato de semolina. Mais tarde, estive em casa de outro morador² que me deu um prato de semolina. Deixei então a couve para a comunidade. Tudo há-de correr bem.

Entretanto, já é meio-dia e meia. Acabei de ir à cozinha buscar a minha ração de pão e de dez gramas de manteiga, bem como um pequeno comprimido de vitamina C, o que achei deveras enternecedor.

Agora vou dar por terminado este relato desordenado. Esta noite, às sete horas, vou ver o Herman B.³ ao hospital; não pude ir ontem à noite.

vez que tinha namorada em Londres, Hertha Levi, a quem prometera manter-se fiel. Tive assentiue surgiu assim uma amizade através da qual se tornou um membro fiel do «Clube Spiers». (*N. da E.*)

¹ Informações inexistentes. (*N. da E.*)

² Em alemão no original. (*N. da L.*)

³ O Doutor Herman Boasson, (Middelburg, 1908-Amsterdão, 1981), noivo de Wiep Poelstra. Eram ambos grandes amigos de Ety. Boasson foi preso a 13 de Fevereiro de 1943 após denúncia, por forjar cartões de identificação. Chegou a Westerbork a 31 de Março do mesmo ano, vindo da casa de de-

Trabalho durante a noite, mas não por muito tempo. Não se preocupem, já não me dedicarei de forma tão impetuosa como anteriormente. Neste momento, sinto comichões pelo corpo todo, apesar do *Lysol*.

Despeço-me agora à pressa de todos vocês, que são demasiados para referir pelo nome. São todos muito queridos.

Mais tarde, haverá mais notícias, meus caros.

Etty

37. Provavelmente a Han Wegerif e outros.

Westerbork, terça-feira, 8 de Junho de 1943.

Terça-feira de manhã, 10 horas.

Meus queridos,

Não sobrou muita charneca da parte de dentro do arame farpado, estão constantemente a surgir novos barracões. Resta apenas um pequeno pedaço num canto mais afastado do campo, e é nele que me encontro agora, ao Sol, sob um maravilhoso céu azul, entre uns arbustos rasteiros. Mesmo à minha frente, a apenas uns me-

tenção em *Anstehenseweg*, Amsterdão, e depois de ter passado pelo campo de Vught. Boasson tentou de todas as formas ser transferido para Barneveld. Conseguiu uma autorização para esse local, mas, aparentemente, no último momento, ter-se-á verificado que os seus documentos não estavam em ordem. Foi deportado para Auschwitz a 24 de Agosto de 1943, após uma tentativa de fuga gorada. Conseguiu sobreviver no campo por tocar na orquestra local. Em Janeiro de 1945, foi evacuado para Dachau. No Verão desse ano, regressou a Amsterdão. Em 1946, casou com Wiep Poelstra. Escreveu o livro *Uit het nabije verleden (Do passado recente*, Amsterdão, Jimmink, 1981²) onde relata as suas experiências. (N. da I.)

tros de distância, encontra-se um uniforme azul com capacete, na torre de vigia assente sobre postes.

Um guarda com uma expressão maravilhada está a apanhar flores roxas de tremoceiro, a arma pendurada às costas. Ao olhar para a esquerda, vejo nuvens de fumo branco a elevar-se e ouço o barulho de uma locomotiva. As pessoas já se encontram nos vagões de mercadorias¹, as portas fecham-se. Há muitos polícias verdes², que esta manhã chegaram a marchar, cantando, ao lado do comboio, e a polícia militar holandesa também está presente. A quota de pessoas que devem partir ainda não está preenchida.

Acabo de ver uma mãe a sair do orfanato, trazendo nos braços uma criança pequena que também tem de ir, sozinha. Retiraram ainda umas quantas pessoas dos barracões-hospital. Hoje estão a trabalhar a sério; estão cá de visita manda-chuvas de Haia³. É muito estranho observar de perto estes cavalheiros nos seus afazeres. Andei novamente atarefada desde as quatro da manhã, a carregar bebés e bagagem. Nestas poucas horas, conseguimos acumular melancolia que chegue para uma vida inteira. O guarda amante da Na-

¹ Os transportes oriundos do campo de Westerbork eram feitos, durante as primeiras semanas, em velhos vagões de transporte de gado; mais tarde, e temporariamente, em velhos vagões-carruagens e, após 10 de Março de 1943, novamente em carruagens de gado. Para os transportes para Bergen-Belsen e Terezin, eram reservados vagões-carruagens. O chão dos vagões de mercadorias e gado era forrado a palha, para os doentes. Cada vagão dispunha ainda de água e de um barril para as necessidades fisiológicas. As pessoas iam sentadas no chão ou em cima de uma mala, apoiando-se apenas à parede. Em cada transporte seguia também um chefe de comboio, bem como chefes de carruagem e um médico. (N. da E.)

² A «Polícia Verde» (em alemão, *grüne Polizei*) ou «Polícia de Ordem», parte do contingente policial alemão, costumava actuar em massa em perturbações graves da ordem, razias, e estava também encarregue dos transportes e das execuções. O seu nome devia-se à cor do seu uniforme. (N. da E.)

³ A 8 de Junho de 1943, Franz Fischer visitou o campo de Westerbork. Fischer, o *Juden-Fischer* («pescador de judeus»), era líder da Unidade de Assalto das SS e um dos principais funcionários do registo de judeus IVB4, o departamento do Comandante da Polícia de Segurança e dos Serviços de Segurança em Haia que organizava a deportação de judeus neerlandeses. (N. da E.)

tureza já tem o seu buquê roxo; talvez seja para cortejar a filha de algum camponês das redondezas. A locomotiva solta um silvo arrepiante, o campo inteiro sustém a respiração, partem mais 3000 judeus. Há muitos bebês com pneumonia naqueles vagões. Por vezes, o que se passa neste lugar parece completamente irreal. Não fui incorporada em lado nenhum, o que muito me agrada. Deambulo pelo campo e descubro eu própria as minhas tarefas. Esta manhã, conversei durante 5 minutos com uma mulher vinda de Vught que em 3 me pôs ao corrente das suas vivências nos últimos tempos. Tanto que pode ser dito em tão pouco tempo. Ao chegar a uma porta pela qual eu já não estava autorizada a passar, abraçou-me e disse: «Obrigada pelo apoio que me deu».

Acabo de subir para cima de um caixote entre os arbustos para contar o número de vagões; são 35, e alguns de segunda classe mais à frente, para os guias. Os vagões de mercadorias não estavam completamente fechados; faltavam tábuas aqui e ali e pelas aberturas saíam mãos que acenavam, como as de pessoas a afogar-se.

O céu está cheio de pássaros, os tremoceiros-roxos têm um ar tão majestoso e sereno, duas senhoras idosas foram sentar-se no caixote, tagarelando, o Sol ilumina-me o rosto e um genocídio é cometido mesmo diante dos nossos olhos; é tudo tão incompreensível.

Comigo está tudo bem.

beijos
Etty

38. A Maria Tuinzing.

Westerbork, s.d., meados de Junho de 1943.

Mariazinha, escreves à Etty a dizer como estás? Estás contente, estás triste, estás muito atarefada, estás em casa sossegada, o que diz o Ernst¹, o que diz Amesterdão, o que faz o Pai Han, a Käthe vai para a cama a horas? Caminho pela lama por entre os barracões de madeira, mas, ao mesmo tempo, percorro também os corredores daquela que foi a minha casa durante seis anos; neste momento, estou sentada a uma mesinha desordenada numa salinha barulhenta e, ao mesmo tempo, estou a trabalhar na minha amada e caótica secretária. Falo com muitas pessoas aqui que dizem: «Não queremos lembrar-nos de nada de outrora, pois, de contrário, não conseguiríamos viver neste lugar». E eu consigo-o tão bem precisamente por me lembrar perfeitamente de tudo de «outrora» (não é, de todo, um «outrora» para mim) e continuar a viver.

à tarde.

Estou muito feliz, Maria; hoje fiquei responsável por quatro barracões-hospital, um grande e três pequenos; tenho de verificar

¹ Prof. Dr. Ernst Laqueur (Obernigk-Breslau, 1880-Oberwald-Gletsch 1947) era um judeu alemão baptizado, que em 1932 obteve a nacionalidade neerlandesa. Fixou-se em Groninga em 1912, mas dois anos depois apresentou-se como voluntário ao exército germânico. Em 1916, foi enviado para Berlim pela chefia militar para ser professor na *Heereschule*. Na *Kaiser Wilhelm Akademie* realizou sobretudo investigação na área dos gases usados como arma na I Guerra Mundial e do tratamento de intoxicações causadas por estes. Daí provém a designação «bandido dos gases tóxicos» de que Etty faz uso no seu diário. Em 1917, foi nomeado professor catedrático de Farmacologia na Universidade de Gent. Após a guerra, por se ausentar, foi condenado na Bélgica a 15 anos de prisão por alta traição. Em 1919, regressou aos Países Baixos, onde um ano depois foi nomeado professor na Universidade de Amesterdão. Em finais de 1940, foi exonerado das suas funções devido à sua origem judaica. O ocupante alemão teve conhecimento do seu valor para a Alemanha e defendeu que este tivesse um tratamento privilegiado. Laqueur foi dispensado de usar a estrela-de-david amarela. Após a guerra, retomou o seu trabalho na Universidade de Amesterdão, tendo, porém, falecido em 1947, na Suíça. (*N. da E.*)

se as pessoas precisam de mantimentos ou de bagagem do exterior. O melhor disto é que, agora, tenho livre acesso a todo o complexo hospitalar, a quase todas as horas do dia.

mais tarde

Recebe estas poucas palavras assim mesmo, pequena, aqui não há muito tempo para escrever — as cartas que te envio em pensamento são muito mais longas do que estas poucas palavras.

Estou bem, estou satisfeita, na verdade, vivo exactamente como vivia em Amesterdão, a sério; por vezes, nem me dou conta de que estou no campo, o que é muito estranho. E vocês estão todos tão perto de mim, que nem sequer sinto saudades vossas. O Jopie é um querido companheiro. À noite, vamos ver o pôr do sol sobre os tremoceiros-roxos para lá do arame farpado. E, provavelmente, também voltarei a conseguir licença. Dá notícias. Adeus!

Etty

39. A Milli Ortmann¹.

Westerbork, segunda-feira, 21 de Junho de 1943.

Querida Milli,

Mais tarde, escrever-vos-ei mais detalhadamente sobre este que foi o dia mais negro da minha vida. Os meus pais e o Mischa

¹ Emilie (Milli) Ortmann-Blankenstein (Hagen, 1902-Bergen, 1976) estudou na Escola de Artesanato. Em 1928, casou-se com o artista e gráfico Theo Ortmann (Bielefeld, 1902-Amesterdão, 1941). Em 1933, pressionado pelos desenvolvimentos políticos na Alemanha, o casal Ortmann emigrou para os Países Baixos. Em 1941, Theo Ortmann faleceu, vitimado por um ataque cardíaco. A partir desse

estão a ser fortíssimos, estou estupefacta. Esta manhã, deram entrada no campo os vagões de mercadorias apinhados. Eu estava de lado, à chuva. Os vagões completamente fechados. Por cima, existiam pequenas aberturas, aqui e ali, por terem partido as tábuas. Por uma dessas aberturas apertadas vi, de repente, o chapéu da mãe e os óculos do pai e o rosto estreito do Mischa. Comecei a chamá-los e eles viram-me. Agora, terei de partilhar com eles o mesmo calvário por que passei na última noite com os Levies¹ e as duas filhas pequenas: registo, horas e horas de espera, mais registos na rua, à chuva, quarentena. Graças aos muitos amigos que aqui tenho, será possível tornar-lhes a vida mais fácil no que toca a todo o tipo de pequenos pormenores. Em breve terei de levá-los para os barracões grandes, que agora parecem um autêntico inferno. Não creio que ainda haja camas suficientes para todos, e não há colchões para os homens. Ainda assim, o meu trio é admiravelmente

momento, Milli Ortmann, ela própria judia, passou a dedicar-se ao auxílio de outros judeus. Graças aos seus documentos falsificados trazidos da Alemanha pelo seu cunhado, Milli Ortmann e a sua irmã Grete Wendelgest-Blankenstein, também refugiada nos Países Baixos, foram declaradas «meio-júdias», pelo que gozavam de relativa liberdade. Milli Ortmann contactou o maestro Willem Mengelberg numa tentativa de que Mischa fosse colocado em Barneveld. Depois disso, dirigiu-se por diversas vezes directamente a Haia na esperança de evitar a deportação da família Hillesum. (*N. da E.*)

¹ Werner Levie (Berlim, 1903-Tröbitz, 1945) e Liesl Levie-Wolfsky (Berlim, 1910) não haviam procurado um esconderijo, por não desejarem colocar terceiros em perigo. Após a sua captura na razia de 20 de Junho de 1943, permanecerem em Westerbork até 10 de Janeiro do ano seguinte. Foram então deportados para Bergen-Belsen. Uma vez que se encontravam na posse de certificados da Palestina, foram colocados no grupo de duzentas pessoas que na Primavera de 1944 seriam trocadas por quatrocentos alemães feitos prisioneiros nesse país. No último momento, foram riscados da lista e substituídos por uma família oriunda da aldeia do Comandante do campo. Em Abril de 1945, os Levie partiram de Bergen-Belsen no comboio com os restantes prisioneiros. Renate, a filha mais velha de Werner e Liesl, contraíu tifo. Após a libertação em Tröbitz, muitos pereceram vítimas por esta doença epidémica, porém, Renate conseguiu sobreviver. Por gratidão, Werner e Liesl decidiram ajudar os doentes em estado crítico, aliviando as suas últimas horas. Werner contraíu a doença e faleceu a 26 de Maio. A 29 de Junho de 1945, Liesl e as suas duas filhas foram repatriadas. Em 1951, Renate emigrou para Israel; seguiu-se Mirjam e, em 1954, a própria Liesl Levie. (*N. da E.*)

corajoso e bem-disposto, possuindo ainda um grande sentido de humor.

Passemos agora a questões práticas. O Conselho Judaico julga necessário e insiste para que continues a persistir na questão de Barneveld¹ relativamente ao Mischa e à família (— lembra-te: eu não! —) junto do *Zentralstelle*. Talvez ainda consigas que Mengelberg² intervenha pessoalmente junto de Rauter³.

Fim súbito.

Etty.

Endereço⁴:

¹ Campo de concentração situado num castelo nos Países Baixos para onde iam judeus que gozavam de estatuto especial, pertencentes a uma elite cultural. (*N. da E.*)

² Jozef Willem Mengelberg (Utrecht, 1871-Hof Zuur, 1951), famoso maestro, dirigia a Orquestra Real do *Concertgebouw* desde 1895. Devido à sua atitude de cooperação com o ocupante, foi proibido de exercer a sua profissão após a guerra. (*N. da E.*)

³ Johann Baptist Albin Rauter (Klagenfurt, 1895-Haia, 1949), nacional-socialista austríaco e confidente de Himmler. Em Maio de 1940, Hanns Rauter foi enviado para os Países Baixos e, na qualidade de «Comissário Geral dos Assuntos de Segurança», ficou responsável pelas SS e pela polícia alemã no país ocupado. A 6 de Março de 1945, ficou gravemente ferido num atentado perpetrado pela Resistência. Foi condenado à morte em 1948 e fuzilado no ano seguinte. (*N. da E.*)

⁴ Não preenchido. (*N. da E.*)

40. A Christine van Nooten¹.

Westerbork, segunda-feira, 21 de Junho de 1943.

Westerbork.

Madrugada de segunda-feira.

Christien,

Mostram uma coragem indescritível neste completo inferno. De manhãzinha, a fila de vagões de mercadorias entrou no campo enlameado. Eu estava de lado e descobri por uma estreita abertura no topo de um dos vagões o chapéu amachucado e os óculos do meu pai, o chapéu da mãe e o rosto franzino do Mischa. E agora, passamos juntos um calvário, estou grata por estar aqui e me ser possível tornar a vida deles mais fácil em todo o tipo de pequenos pormenores, embora, de momento, não haja nada para aliviar. A situação neste local, agora, está totalmente catastrófica. Nas últimas 24 horas, este campo foi soterrado por algumas avalanchas de judeus². Mas devo dizer-te: hoje fiquei admirada com o pai, a mãe e também o Mischa. O pai está completamente indefeso e, neste último dia, o seu colarinho alargou um bocado e a barba grisalha por fazer dá-lhe um ar que mete pena. Porém, esta manhã acenou com a sua pequena Bíblia, enquanto esperávamos à chuva, horas a fio, e encontrou uma mensagem maravilhosa em Josué. Agora, es-

¹ J.C.J.C. van Nooten (Gouda, 1903-Deventer, 1998), classicista; em Abril de 1931, foi nomeada professora de Línguas Clássicas no Liceu Municipal de Deventer e durante os últimos meses do ano lectivo de 1930-1931 deu aulas à turma do quinto ano que Etty frequentava. Foi sobretudo após o despedimento do reitor Hillesum, pai de Etty, em 1940, por ordem dos alemães, que se criou uma boa ligação entre Christine van Nooten e os Hillesum. Enquanto estes estiveram em Westerbork, foi uma das pessoas de confiança e pilares da família. Enviou inúmeros embrulhos com mantimentos e afins para o campo. (*N. da E.*)

² Após a grande razia de 20 e 21 de Junho de 1943 em Amesterdão, foram enviados para Westerbork um total de 5524 judeus, entre eles, a família Hillesum. (*N. da E.*)

tão num barracão grande, um armazém de pessoas a rebentar pelas costuras; dormem três a três em dois estreitos catres de ferro, os homens não têm colchões, não há possibilidade de arrumar nada, é abafado, há crianças a gritar, a maior desgraça possível. Vou tentar ajudá-los a passar por esta situação da melhor forma, eu própria sinto-me muito forte e corajosa, ainda que, por vezes, tudo fique negro diante de nós e tudo seja incompreensível.

Falemos de coisas práticas, agora. Temos de tentar ajudar o pai, fazendo com que chegue cá pão, pois ele não come alimentos quentes. Ainda é possível enviar da província pequenas encomendas registadas com um peso máximo de 2 quilos¹. Tenta enviar uma, isto se não acares atrevido eu pedir-to tão descaradamente, a necessidade obriga. Pão de centeio também é muito bem-vindo. Não envies senhas de racionamento, não servem de nada, aqui. Envia-as para Jacobs², *Retiefstraat* 11, com a informação de que pode enviar embrulhos para cá; pesando 5 quilos, são aceites, de certeza. De preferência, registados. Para a minha morada é mais seguro: Sr.^a Dr.^a E. Hillesum, funcionária do Conselho Judaico, Campo de Westerbork, Estação de Correios de Hoog-Halen. O, Drente. Em cima, à esquerda: barracão 34. Escreve um postal se enviares alguma coisa, para eu poder controlar se chega cá.

Espero conseguir encontrar uma cama esta noite, todos os milímetros quadrados estão ocupados. Depois escrevo mais. Reza um pouco por nós.

Beijos. Etty

¹ As disposições respeitantes à recepção de cartas e encomendas (geralmente com mantimentos) foram-se tornando cada vez mais restritas. As decisões a esse respeito eram dadas a conhecer através de ordens do campo. (*N. da E.*)

² A família Jacobs fora vizinhos pais de Etty em Amesterção. A *Retiefstraat* fazia parte do bairro judeu na zona este da cidade. (*N. da E.*)

41. A Christine van Nooten.

Westerbork, s.d., carimbo postal de 26 de Junho de 1943.

Christine,

Neste momento, estamos muito bem instalados, o pai e eu, numa espécie de conduta de pedra, a apanhar a aragem fresca. Diante de nós, pessoas com estrelas amarelas cavam uma vala para impedir que fuja¹mos e, por trás, estende-se o arame farpado. À nossa esquerda, a um canto do campo, encontra-se o guarda na sua casinha assente sobre grandes postes. Estamos cobertos de areia; isto está um autêntico Siroco. Acabei de ajudar o pai a levantar-se da sua caminha no segundo andar do catre e agora estamos a apanhar um pouco de ar fresco. Estou muito grata por ele já ter uma cama só para si; em uma semana, aquele grande barracão seria o seu fim. Havemos de tentar ajudar-nos uns aos outros a aguentar. A mãe é admirável, quase não dá para compreender, caminha por aí com tamanha vivacidade e tão bem arranjada como sempre; esta manhã, por exemplo, lavou a roupa num balde cá fora e pô-la a secar numa corda. A afeição que o Mischa demonstra pelos pais é enternecedora; ele vive na angústia permanente de que tenham de partir para a Polónia e afirma que, nesse caso, também irá. Mas tudo se há-de arranjar. Por agora, seguro-os aqui, de certeza. É com o Mischa que nos preocupamos mais, receamos que tudo isto depressa se torne demasiado para ele. Não dá mesmo para entender como não enlouquecem todos neste lugar. Enfim.

¹ Também pelo facto de não ser possível contar com muita ajuda do exterior, o número de fugas bem-sucedidas de Westerbork era muito reduzido. (*N. da E.*)

Passemos agora a coisas mais concretas. Esta manhã, chegou um embrulho muito bem-vindo do Simon¹. Teu, ainda não veio nada; teremos de esperar mais um pouco. Talvez fosse melhor enviar tudo através do Conselho Judaico. A mãe já anseia pelas tuas empadas de camarão. E está², agora, ainda por cima, também temos pedidos especiais. Esta manhã, ela comentou que seria maravilhoso se, por uma vez, pudéssemos ter algo mais condimentado para comer; a Sr.^a de Groot² do *Ceintuurbaan* disse, em tempos, que ainda tinha muitas variedades de comida desse tipo. Enfim, estou a anotar tudo como uma secretária obediente.

E, sabes, de vez em quando, podemos trocar senhas de pão e manteiga no refeitório de cá; se ainda tiverem algumas de sobra, podiam, por exemplo, enviar umas poucas. Anda meio campo a tentar convencer o pai a comer algo quente, mas, por enquanto, ele ainda não conseguiu.

Agora, estamos no meio de uma tempestade de areia; consegues ler o que escrevo? Aqui é tudo tão louco e incompreensível e desesperado e cómico ao mesmo tempo. O que escrevo também está tudo misturado, mas não é possível ser de outra forma, neste lugar.

¹ Julius Simon (Arnhem 1906-Haia, 1989) enviava encomendas de Deventer com todo o tipo de produtos às pessoas da região que se encontrassem em Westerbork. Por vezes, mais de duzentas por mês. Simon conheceu os Hillesum quando a polícia lhe pediu que os ajudasse na sua mudança para Amsterdão. Na antiga casa de Etty, ele deparou-se com uma situação embaraçosa: «Louis Hillesum não se via em lado nenhum, Rebecca corria para fora e para dentro, Mischa tocava piano e Etty lia um livro, enquanto os homens das mudanças presentes não sabiam o que fazer». Simon era judeu, mas pôde prestar auxílio por muito tempo sem impedimentos. Quando foi obrigado a apresentar-se às autoridades alemãs, decidiu fugir com a sua mulher, Lieselotte Falkenstein. Com a ajuda de Visser't Hooft, foram para a Suíça. (*N. da E.*)

² Hilligje de Groot (Noordwijk, 1882-Deventer, 1948) morava no *Ceintuurbaan*, 1, em Deventer, e era a vizinha de trás da família Hillesum, quando estes residiam no número 51 da *A.J. Duymaer van Twiststraat*. (*N. da E.*)

Ah, sim, mais uma coisa: é bem provável que, em breve, perca a minha posição privilegiada: o Conselho Judaico está prestes a ser dissolvido por cá¹. Nesse caso, não poderei continuar a escrever com a frequência desejada. Teremos um dia de escrita de 15 em 15 dias, por isso, de qualquer forma, vais continuar a ter notícias nossas. E agora, temos de sair daqui, ou ainda apanhamos tuberculose aguda. Esperemos poder contar-te tudo pessoalmente, mais tarde, esperamo-lo verdadeiramente. Ah, e reza um pouco por nós.

E obrigada por tudo.

Muito amor.

Etty

[*no envelope:*]

A tua encomenda acabou de chegar, depois de esta carta ter sido fechada.

42. A Han Wegerif e outros.

Fragmento. Westerbork, s.d., posterior a 26 de Junho de 1943.

Bem, meninos, cá estou eu outra vez. A carta que comecei está por baixo do meu saco-cama laranja aos quadrados e, neste momento, estou novamente sentada noutra canto do campo e falo mais um pouco convosco num papelinho encontrado por acaso. Estive agora

¹ Tal ocorreu de facto a 5 de Julho de 1943. 60 dos 120 colaboradores do Conselho Judaico em Westerbork foram reenviados para Amesterdão. Obtiveram um carimbo, com o qual ficaram dispensados de seguir no transporte «até nova ordem». Etty fazia parte do grupo de colaboradores que teria de permanecer no campo. Com a dissolução da secção do Conselho Judaico em Westerbork, Etty perdeu a posição privilegiada de que gozara na qualidade de colaboradora deste. Deixou assim de poder escrever cartas em número ilimitado e de poder viajar para Amesterdão. Porém, recebeu, tal como todos os colaboradores que tiveram de permanecer no campo, um carimbo Z vermelho. Este evitava temporariamente que fosse deportada. (*N. da E.*)

mesmo com o meu papá. Viveu momentos históricos, comeu um prato de repolho e, esta manhã, até bebeu leite, apesar de ter jurado sempre que preferia ir para a Polónia a fazê-lo. Na cama junto à dele está um robusto anjo russo que o ajuda em todos os seus movimentos desajeitados e assobia à noite quando ele ressona demasiado alto. Ao que parece, 400 pessoas do hospital terão de ir no transporte. É um desespero caminhar por aqueles barracões, sobretudo aquele onde se encontra o maior número de mulheres idosas. Todas se agarram a nós e perguntam, desesperadas: «Não tenho mesmo de ir no transporte, pois não?» e «Com certeza que não nos levam daqui, não é?», e sempre a mesma pergunta: «Não pode fazer nada por mim?» Ontem, uma velhinha de muita idade que era só pele e osso e estava doente perguntou-me, de modo muito ingénuo: «Acha que há assistência médica na Polónia?» Perante situações como estas só me apetece fugir. Está quase para além da compreensão, a força do ser humano, que, apesar de ter deixado já toda a vida para trás, se agarra ao infeliz pedaço de carcaça que ainda lhe resta. Mas todos querem viver para assistir à paz e rever os filhos e a demais família, o que, na verdade, é perfeitamente compreensível.

No preciso momento em que, esta manhã, quis descer do terceiro céu para o rés-do-chão, a Anne-Marie¹ subiu até lá acima; pa-

¹ Anne-Marie van den Bergh-Riess (Berlim, 1903-Cairo, 1955) foi correspondente de um jornal alemão em Paris até à subida de Hitler ao poder, em 1933. Na capital francesa, trabalhou com o jornalista russo Iliá Ehrenburg, entre outros. Antes da guerra, esteve casada por algum tempo com o jornalista e poeta neerlandês Herman van den Bergh. Morava na *Brahmsstraat*, perto de Swiep van Wermeskerken, em casa da qual pôde esconder-se durante a grande razia de 20 e 21 de Junho de 1943. Anne-Marie não queria colocar Swiep em perigo e refugiou-se no edifício do *Expositur*, que servia de intermediário entre o Conselho Judaico e os alemães em Amesterdão. Foi capturada e, após alguns meses em Westerbork, deportada para Bergen-Belsen. Em Abril de 1945, foi libertada pelas tropas russas em Tröbitz. Contraíra tifo, mas recuperou. Após a guerra, trabalhou na embaixada dos Países Baixos no Cairo. (N. da E.)

recia uma aviadora com o seu gorro e óculos de protecção¹. Está de serviço no barracão onde eu estive no ano passado. Está muitíssimo bem, digam-no em especial à Swiep². Dorme bem, come bem, não tem tarefas demasiado pesadas e está cá sozinha. Isso é muito importante; falo por experiência própria. A preocupação com os que nos são mais próximos consome-nos mais do que qualquer outra coisa. Hoje ainda não vi o Mischa nem a mãe; ele ontem esteve o dia inteiro na «cama», doente, e a mãe também esteve um bocado esquisita do estômago. Tenho sempre de vencer uma forte resistência interior, uma espécie de medo, antes de conseguir entrar no barracão deles, onde o acre e fétido odor humano nos atinge no rosto. O Sam de Wolff³ está no mesmo barracão que o Mischa; de vez em quando, encontro-o, quando ele deambula em volta dos catres de ferro.

¹ A aridez da charneca em redor do campo dava livre trânsito ao vento. Areia, pó e lixo da charneca andavam pelo ar durante quase todo o ano. Por esse motivo, as conjuntivites andavam na ordem do dia. Como medida preventiva, muitos usavam óculos de protecção. (N. da E.)

² A.G. (Swiep) van Wermeskerken (Amesterdão, 1907), trabalhou para uma companhia de cinema americana em Berlim entre 1935 e 1938. Aí acompanhou de perto a subida do Nazismo ao poder. Após a «Noite de Cristal», regressou a Amesterdão. Para não ter de lidar continuamente com o crescente terror alemão, começou a ter aulas de russo durante a guerra. Segundo Swiep, Ety era boa professora: «Explicava as coisas mais complicadas como quem ensina a somar um mais um. Era muito precisa. É claro que, quando chegávamos a casa, as coisas deixavam de ser assim tão simples». Swiep dava-se bem com Ety e também frequentava os saraus musicais onde conheceu Spier: «Achava o Spier terrível, nunca o levei *au sérieux*. Ele soube-o e aceitou-o. Achava-o um intelectual folgazão e disse-lho mais do que uma vez. “O senhor é mesmo um bruto”, disse-lhe então, e não “tu és”, como a Ety escreve abusivamente. Nunca tratei aquele homem por “tu”». (N. da E.)

³ Sam de Wolff (Sneek, 1878-Amesterdão, 1960), economista e político socialista. Experimentou o campo de concentração não tanto como uma sina pessoal, mas como parte de uma colectividade. Depois de Westerbork, foi enviado para Bergen-Belsen onde, em 1944, em conjunto com um pequeno grupo de prisioneiros, foi trocado por um grupo de cidadãos alemães que haviam sido aprisionados pelos soldados britânicos na Palestina. Em Tel Aviv, ensinou, entre outras disciplinas, História Económica na Universidade. Em 1945, regressou aos Países Baixos, tornou-se um membro destacado do partido socialista PVDA e publicou vários artigos e as suas memórias, *Voor het land van belofte* (Para a terra prometida, 1954; reedição: Nimega, SUN, 1978). (N. da E.)

Aguardamos nos próximos dias um transporte do *Hollandsche Schouwburg*¹; todos pensam que ele seguirá directamente para a Polónia. Tudo o que sabemos do Jaap² é que ele se encontra no edifício, nada mais. Farei o que estiver ao meu alcance para retê-lo aqui, mas não é possível forçar os acontecimentos e todos têm de aceitar o destino que lhes foi dado, as coisas são como são.

A mulher que faz cá as limpezas ao Kormann acabou de me dizer: «Tem sempre um ar tão radiante». Pessoalmente, sinto-me como sempre me senti e em toda a parte; de vez em quando, estamos um bocado cansados, abatidos e com a cabeça a andar à roda de preocupação, mas esses são os problemas comuns a todos, aqui, logo, porque não partilhá-los e suportá-los irmãmente?

Vivo muitas coisas boas, neste lugar. Todos os dias, o *Mechanicus*³, com quem passeio pelo estreito árido de terra entre o fosso

¹ Teatro que entre 1942 e 1943 serviu para reunir os judeus que eram depois enviados para Westerbork. (N. da T.)

² No início de 1943, Jaap Hillesum e Sara Oudkerk, chefe do laboratório do N.I.Z., foram presos durante uma rapta na esquina do *Stadhouderskade* com a *Hernonystraat* e levados para o *Hollandsche (Joodse) Schouwburg*. Colaboradores da Resistência conseguiram retirá-los de lá. Jaap regressou ao seu trabalho. O N.I.Z. foi desmantelado nas razias de sexta-feira, 13 de Março, e sexta-feira, 13 de Agosto de 1943. Os que não cabiam no *Hollandsche Schouwburg* foram levados para o *Joodsche Invaliden*, um outro hospital judaico na *Wesperplein*. Entre eles, Jaap. Em finais de Setembro de 1943, portanto, logo após a deportação da sua família, Jaap Hillesum chegou a Westerbork. Em Fevereiro de 1944, foi transportado para Bergen-Belsen. Faleceu a 17 de Abril de 1945, durante a viagem de comboio após a evacuação parcial do campo, nos arredores de Tröbitz. (N. da E.)

³ Philip Mechanicus (Amesterdão, 1889 Auschwitz, 1944), jornalista do *Algemeen Handelsblad*. Foi preso a 27 de Setembro de 1942 por não usar uma estrela. Depois de ter passado pela Casa de Detenção no *Amstelveenseweg*, foi enviado para o campo de Amersfoort, onde sofreu graves maus-tratos. A 7 de Novembro de 1942, deu entrada no campo de Westerbork. Aí manteve um diário que foi publicado em 1964 com o título *In dépôt (Em prisão provisória)*, reeditado em 1978. Durante a sua estadia em Westerbork, conseguiram mantê-lo no hospital até 29 de Julho de 1943, período durante o qual foi possível retirar o seu «caso» de *strafjeval*, ou «caso disciplinar». Estes eram deportados sem excepção para a Polónia. A 8 de Março de 1944, Philip Mechanicus foi transportado para Bergen-Belsen e daí para Auschwitz, a 9 de Outubro de 1944, com um grupo de 120 pessoas, onde, três dias depois, todos foram mortos a tiro por razões desconhecidas. No seu diário de Westerbork, Mechanicus escreve com fre-

e o arame farpado, lê-me o que acabou de escrever. Fazemos aqui amizades suficientes para várias vidas em simultâneo. Ainda arranjo tempo, diariamente, para uma curta conversa filosófica com o Weinreb¹, um homem que é um mundo fechado com uma atmosfera própria que consegue manter em todas as circunstâncias.

quência sobre os Hillesum e Etty, mas sem referir nomes. Ele escreveu o seguinte sobre a família Hillesum: «Domingo, 11 de Julho 1943 (...) na semana passada, o pai de uma amiga minha de u entrada no barracão-hospital. Um indivíduo erudito, são como um pêro, mas totalmente associal, um excêntrico. Vive como se nada existisse em seu redor, não faz mais nada senão ler, o livro mesmo por baixo dos olhos fracos. Bem tratado durante toda a vida, mimado, sente-se como um peixe fora de água nesta comunidade. A família pensara poder protegê-lo, a ele e aos restantes membros, da deportação. Não obstante, a sina paira sobre as suas cabeças: há uma grande possibilidade de, na próxima terça-feira, terem de empreender a grande viagem. A mulher diz tristemente: preferia ter de fazer a viagem sozinha, com ele é impossível. Não saberia o que fazer com o marido e este responde, com uma boa disposição infantil: Ora, vai tudo correr bem, só temos de aceitar as coisas como elas são. A filha (que está dispensada de fazer a viagem), diz: Que horror, o meu irmão, que pode cá ficar, quer forçosamente ir com os meus pais e não é muito equilibrado. A tensão é insuportável. Esperemos que não haja transporte na terça-feira, mas depois vem uma semana de nova tensão, e talvez mais outra e, por fim, acabarão por ir, apesar de tudo. Gostaria de pedir: Senhor, faz com que dure o menos possível. Os jovens conseguem resistir a esta vida de tensões, para eles é possível, mas os mais velhos vão-se abaixo. Quanto mais depressa terminar este calvário, melhor, parece. Todos os dias, a mulher beija o seu marido, a filha beija o pai, cheias de ternura, para o cumprimentarem e para se despedirem. Todos os dias a filha acaricia carinhosamente o cocuruto grisalho do pai, passa a mão pelos sulcos do rosto enrugado da mãe. A irmã segue com preocupação os passos do irmão. Um exemplo enternecedor de uma família feliz; uma cordialidade recíproca exemplar, um companheirismo espiritual, um sentimento de vida aristocrático nato. Esta família foi apanhada pelo furacão do anti-semitismo, está em vias de ser disseminada. A sombra do desespero do futuro repousa no olhar da mãe, que se prepara com uma tranquilidade aparente para o seu destino desconhecido.» (*In dépôt*, Amesterdão, Polak & Van Gennep, 1964, pp. 79 seguintes). (*N. da E.*)

¹ Friedrich Weinreb (Lemberg, 1910-Zurique, 1988) chegou aos Países Baixos com os pais aos seis anos. Em 1938, concluiu o exame de licenciatura na Escola Superior de Economia de Rorerdão. Após a guerra, caiu em descrédito devido às «Listas de Weinreb». Durante a ocupação Nazi, os judeus podiam, a troco de pagamento, ser inscritos nestas listas, ficando assim com a ilusão de estarem protegidos contra as deportações. Em 1948, o controverso Weinreb foi condenado a seis anos de prisão pelo seu passado de guerra. No completo «Relatório Weinreb» do Real Instituto de Documentação de Guerra, publicado em 1976, os actos de Weinreb durante esse período de tempo são de novo negativamente avaliados. Weinreb faz nas suas memórias uma descrição de Etty e do trabalho que esta desempenhava no campo, nomeadamente no barracão-hospital: «Uma outra visita muito simpática era Etty Hillesum. Ela não aparecia à hora das visitas, mas sim para desempenhar as suas funções de colaboradora do Conselho Judaico. Avançava então ao longo das camas e perguntava se alguém precisava de enviar um telegrama através do Conselho Judaico (...) e assim ia Etty, com um saco de couro à tiracolo, percorrendo

Que pena ter tão pouco tempo para escrever, queria contar-vos tanta coisa; vou deixar para depois, sim, para depois.

Primeiro vamos à couve, um prato muito apreciado por estes lados.

Um pouco mais tarde.

Aqui cozinha-se bem; disso, não me posso queixar. Meninos, gostava tanto de saber como estão, porque não tenho notícias da Maria? Maria, é verdade que o Ernst vem cá visitar-nos? Foi o que a Renata¹ me contou. Por vezes, encontro a mãe

as camas, curvava-se sobre cada doente e perguntava: "O que posso fazer por si? Posso enviar telegramas em seu nome. Pelo menos, se tiverem algo a ver como Conselho Judaico, para prorrogar um prazo ou para uma licença". Alguns resmungavam qualquer coisa ininteligível, outros deixavam-se ficar, apáticos, outros ainda começavam a conversar. Ela tinha clientes fixos (...) Na minha opinião, o barracão-hospital era uma parte do seu terreno de trabalho na área dos telegramas. Uma vez que os doentes não podiam dirigir-se ao Conselho Judaico do campo para comunicarem o assunto dos seus telegramas, vinha o Conselho Judaico ter com eles. O Conselho até conseguia ser muito bom em alguns aspectos (...) Quando ela vinha apenas "em serviço", contava muitas coisas sobre si mesma, sobre o seu pai complicado, que adorava a mãe, e o seu talentoso mas algo estranho irmão. Dei-me conta de que ela era a alma da família e que tentava de tudo para mantê-la unida. Mas ela não acreditava nisso. Era, nas palavras da própria: "Uma batalha contra o tempo..." Nunca mais voltei a ver a Etty Hillesum. Ficou a recordação de uma rapariga muito inteligente e muito interessada. O que me espantou, sobretudo, foi o seu sentimento religioso das coisas, uma característica que só então descobrira dentro de si. Para ela, era extremamente penoso carregar um fardo pesado, que parecia de milhares de anos, mas era também uma sensação muito leve e alegre» [*Collaboratie en Verzet (Colaboração e Resistência)*, parte 2, pp. 1071, 1072 e 1075]. (*N. da E.*)

¹ Renate Lisclotte Margarete Laqueur (Briegg, 1919), filha do Prof. Dr. E. Laqueur; a 18 de Fevereiro de 1943, foi detida em Amesterdão, juntamente com o médico Louis Schaap e sua família, uma vez que as SS encontraram alguns cartões de identificação falsos em nome destes. O grupo esteve primeiramente detido na prisão e no campo de concentração de Vught, tendo depois ido para Westerbork. Ajudada pelo acaso e pelo seu carimbo 120 000, Renate foi libertada meses depois. Em Novembro de 1943, ela e o marido, Paul Goldschmidt (Amesterdão, 1914), foram chamados para Westerbork. Por insistência de Paul, apresentaram-se às autoridades alemãs e foram encerrados no *Hollandsche Schouwburg*. A 6 de Novembro de 1943, Renate regressou a Westerbork. A 15 de Março do ano seguinte, esta e o marido foram enviados para Bergen-Belsen. Nesse campo, Renate escreveu um diário, que foi publicado em 1946 com o título *Dagboek uit Bergen-Belsen (Diário de Bergen-Belsen)*, reeditado nos Países Baixos em 1979). Depois da guerra, e após o seu divórcio, Renate emigrou para os EUA. (*N. da E.*)

do Paul¹ num ou noutro caminho enlameado e conversamos por uns minutos. Não há tempo para verdadeiras «visitas», nem há cá um lugar sossegado onde possamos sentar-nos juntos; falamos uns com os outros de passagem, no exterior. A bem dizer, caminhámos o dia todo.

Ah, sim, outra coisa; esqueci-me completamente daquilo de que se fala a toda a hora no C.J. Tem andado num alvoroço. As informações mais recentes são estas, mas dar-se-ão com certeza ainda algumas mudanças: 60 de nós podem cá ficar, os outros 60 terão de regressar a Amesterdão e aí receberão uma *Sperre*² especial. Como os meus pais estão aqui, eu pertença, evidentemente, ao grupo dos que querem ficar a todo o custo. A maioria de nós encontra-se nessa situação, quase todos temos família que ainda podemos proteger um pouco com a nossa presença no campo, enquanto tal for possível. Já se pode ver o paradoxo: enquanto qualquer pessoa daria tudo para poder sair de W., parte de nós será, por assim dizer, expulsa. Os ânimos estão agitadíssimos. Debates, contagens e cálculos de hipóteses estão na ordem do dia. Mas eu não me meto nisso. Essa conversa toda custa-nos muita energia e tudo será como tem de ser. Podem não acreditar, mas sou a pessoa mais calada de todo o C.J., sou, sim, senhores. As pessoas ficam em fanicos a tratar dos milhares de pequenos detalhes que aqui se abatem diariamente sobre nós, perdem-se neles e ficam submersas. Por isso, perdem de vista as linhas gerais, perdem o norte e acham a vida sem sentido. Não devemos esquecer-nos das poucas grandes coisas realmente importantes na vida; o resto, po-

¹ Adela Goldschmidt-Koppel (Amesterdão, 1884-Harlingen, 1985) chegou a Westerbork em 1942. Por ser judia baptizada, foi transportada para Ierezin em Setembro de 1944. Um ano depois, regressou aos Países Baixos. (*N. da E.*)

² licença especial de deportação (*N. da E.*)

demos dispensar tranquilamente. E reencontramos esses aspectos importantes em todo o lado, devemos redescobri-los continuamente dentro de nós para podermos renovar-nos. E, apesar de tudo, vai sempre dar ao mesmo: na realidade, a vida é boa, e se por vezes corre mal, a culpa não é de Deus, mas sim de nós próprios. Continuo a pensar assim, mesmo agora, mesmo quando for enviada com a minha família inteira para a Polónia.

E agora vou procurar a mãe e o Mischa. Adeus, até logo.

Última etapa.

Neste momento, estou sentada em cima da minha mala, na nossa pequena cozinha; lá dentro está tão cheio, que não cabe mais ninguém. Só uns assuntos práticos, agora.....

.....
interrupção. Um senhor simpático que foi objecto do Spier acaba de ir sentar-se numa outra mala e, de repente, demos por nós em plena Quirologia. Aliás, encontro aqui muitos objectos e alunos do Spier. E todos dizemos o mesmo: que grande sorte ele já não se encontrar entre nós.

Vamos aos assuntos práticos. Junto mais algumas senhas de pão. Será que o Frans¹ ficava aborrecido se lhe telefonassem a perguntar se ele pode enviar mais algumas *Sanovite*²? O Frans ainda lá está? A mãe não come quase nada, o pão daqui não lhe cai muito bem; ficaria contente se pudesse dar-lhe umas bolachas de vez em quando. Por favor, espero que não se importem por eu ser tão chata.

¹ Frans van Steenhoven trabalhava numa mercearia e podia assim fornecer mantimentos que se tivessem tomado escassos. (N. da E.)

² Marca de produto que passou a designar todos os do género. Inspirada na sueca *knäckebröd*, a bolacha foi colocada no mercado em 1932 pela empresa Liga, com o nome de Liga Sanovite. (N. da F.)

Oxalá as senhas de sabão ainda não tenham caducado¹, tenho-me esquecido sempre de enviá-las. Sou eu que trato da lavagem da roupa, num balde, diante da casa, e depois penduramo-la numa corda, é um bocado primitivo, mas serve.

Esta carta também é para a Mien Kuyper², hoje já não lhe escrevo. Não se importam de lhe dizer que, até hoje, domingo, ainda não chegou nenhuma encomenda dela? As suas cartas chegaram, portanto, ela sabe a morada; seria terrível se alguma encomenda sua se extraviasse, ela escreveu nomeadamente duas vezes a dizer que tinha enviado algo. Não se importam de lhe perguntar se ela pode enviar, por exemplo, tomates e outros produtos frescos do género, aqui faz-se sentir uma tempestade de areia contínua, pelo que ficamos totalmente cobertos de pó e completamente desidratados; por esse motivo, há ainda maior necessidade de produtos frescos do que de pão. Eu, pessoalmente, não tenho assim muita necessidade. Isso é muito comum, desde aquele transporte em que apanharam as pessoas depois da razia que não tenho apetite, nem sono, nem nada, esinto-me muito bem; concentramos de tal forma as nossas atenções nos outros que nos esquecemos de nós mesmos, o que também é bom. A Mien que dê cumprimentos cordiais à Milli Ortmann; assim que puder, escrevo-lhe também. Esperemos que o Mischa saia de Westerbork, ele iria piorar com o passar do tempo, mas enquanto os pais não estiverem em segurança, não conseguimos nada dele. Vou interromper agora o meu relato, para

¹ Nas senhas de racionamento estava impressa a data de validade das mesmas. (N. da E.)

² Mien Kuyper-Canté (Amsterdão, 1898-1957). Viúva do Prof. Dr. R. Kuyper, residia no *Reynier Vinkeleskade*, na zona sul de Amsterdão. Em 1921, fizera o exame final de piano no Conservatório de Amsterdão, e dava aulas desse instrumento musical. Além disso, ajudava na carreira de jovens músicos talentosos. Mischa Hillesum era um dos seus protegidos. Organizava regularmente para ele saraus musicais em sua casa. A dado momento, Mischa passou a viver com ela. (N. da E.)

não vos dar cabo da vista. Cumprimentos para todos aqueles que me são tão queridos, vocês bem sabem quem são.

Adeus!

Etty

Podem enviar uns selos para a próxima?

43. A Milli Ortmann.

Westerbork, terça-feira, 29 de Junho de 1943.

29.6.43.

Tarde de terça-feira.

Millizinha, querida,

Primeiramente, uma questão prática de extrema importância: o *Zentralstelle* tem de informar oficialmente o Comandante de cá de que os meus pais e o Mischa têm de ser mantidos aqui. Senão, não servirá de nada.

Conseguimos escapar a esta noite de transporte: o Mischa foi temporariamente retido¹ e conseguimos manter cá os meus pais, por constarem da lista² do pessoal de Westerbork. Mas ela é de pouca confiança. Para a semana, recomeça a batalha por eles. Se continuar a haver um transporte semanal, ser-me-á impossível mantê-los cá, a não ser que haja alguma intervenção do exterior.

¹ Em alemão no original. (*N. da T.*)

² Da «Lista dos Pais» constavam os nomes dos pais dos membros do *Expositur* de Amesterdão, aos quais E. Fischer havia concedido uma licença especial em Haia. Também os colaboradores do Conselho Judaico conseguiam obter frequentemente dispensas de transporte para os seus pais. Após a dissolução do Conselho em Westerbork e a partida de metade dos seus colaboradores para Amesterdão, a 5 de Julho de 1943, os antigos funcionários e os respectivos pais obtiveram um carimbo Z. vermelho. (*N. da E.*)

O transporte do *Hollandsche Schouwburg*¹ chegou esta noite e eu passei-a de atalaia por estar à espera do Jaap. Para nossa grande alegria, ele não apareceu. Ouvimos rumores vagos de que tinha ficado retido por constar da lista de Meyer² (que espécie de lista é essa, por amor de Deus?). Às cinco da matina, fui até ao hospital para verificar se não tinham levado o pai acidentalmente e para lhe dar as boas-novas sobre o Jaap. Muitos doentes que tinham de partir estavam a ser vestidos pelos enfermeiros. A longa fila de vagões miseráveis já os esperava desde manhã. Vagões de gado completamente vazios, cada um com um barril ao centro. Havia colchões de papel no chão para os doentes.

Depois de ter visto o pai, atravessei o campo até ao barracão grande da mãe, onde quase todos se preparavam para partir. As

¹ A maioria dos judeus deportados de Amsterdão para Westerbork passara um período de tempo — indo de algumas horas a alguns dias — no *Hollandsche Schouwburg*. Daí, eram levados sob vigilância policial até à estação central de comboios. O transporte a que Etty se refere nestas linhas é o da grande razia de 20 e 21 de Junho de 1943, na zona sul e oriental de Amsterdão. O ponto de reunião para este transporte não foi o *Hollandsche Schouwburg*, mas sim quatro locais na zona sul e um na oriental. Desses pontos de reunião, os judeus foram conduzidos de eléctrico para um terreno no *Polderweg*. Nesta razia, 5542 judeus foram retirados de suas casas e levados para Westerbork. Foi o penúltimo ataque efectuado. Os judeus que ainda residiam na zona sul da cidade foram notificados para se mudarem para o *Transvaalbuurt*. Na última razia, que teria lugar a 29 de Setembro do mesmo ano, estes judeus foram facilmente capturados. (*N. da E.*)

² O Dr. E. Meyer, líder da Unidade de Assalto das SS, estava encarregue dos serviços médicos dos Serviços de Segurança (SD, ou Polícia de Segurança Nazi). Da «Lista de Meyer» constavam os nomes de judeus com casamentos mistos que se haviam submetido a esterilização ou recebido uma declaração de esterilização. Com base numa operação realizada no N.I.Z. ou num atestado cirúrgico, o Dr. Meyer podia assinar uma declaração com a qual o judeu deixava de ter de usar a estrela-de-david na roupa. Porém, esta declaração não era válida sem a assinatura do Capitão Aus der Fünften. Os judeus sem estrela, com casamentos mistos e «voluntariamente» esterilizados não recebiam, contudo, o mesmo tratamento que os não-judeus. Assim, continuavam a não poder ir a zonas onde surgisse o letrero «Proibido a Judeus», não podiam ensinar crianças não-judias, não deviam trabalhar com médicos, em clínicas privadas ou com advogados não-judeus, etc. No total, cerca de 3000 judeus com casamentos mistos — mais do que um terço do número total — foram dispensados de usar a estrela-de-david. Deste grupo, cerca de seiscentos judeus haviam sido esterilizados. Uma grande percentagem dos que deixaram de usar a estrela depois de apresentar o atestado eram mulheres. (*N. da E.*)

peessoas mostravam dignidade, calma e disciplina. Vi partirem muitos bons amigos. Estive agora mesmo com a mãe. Estava deitada na sua estreita cama de soldado em ferro, quase esgotada. Depois de um transporte nocturno, todos nos sentimos sempre doentes e desfeitos. Então, por instantes, respiramos de alívio e, de seguida, voltamos a viver a pensar no dia de transporte seguinte. Como eu espero que cheguem notícias do *Zentralstelle*. Os meus pais agem de modo verdadeiramente magnífico: interiormente, preparam-se para a Polónia, fazem poucas exigências e não se queixam; estou muito orgulhosa deles. O Mischa é o mesmo de sempre, um pouco sujo e, por vezes, bastante agitado, e nunca aparece a tempo para as chamadas, mas o seu maravilhoso bom humor não o abandonou, nem mesmo aqui. Recebi a tua carta e as cópias, e também a da Grete e do Cor¹. São todos tão queridos. Agradeço muito as encomendas, que trabalhadeira têm connosco; às vezes, pesa-me a consciência. E, em todo o caso, até à vista. Beijos.

Etty

¹ Margarete (Grete) Wendelgest-Blankenstein (Hagen, 1899-Bergen, 1985) era a irmã mais velha de Milli Ortmann-Blankenstein. Em 1939, fugiu com a mãe para Amesterdão. Graças a um «casamento de refugiados» nesse mesmo ano, com o neerlandês Bertus A.J. Wendelgest, Grete e a mãe conseguiram uma autorização de permanência e foi-lhes concedido um apartamento em Amesterdão. Cor era a aluna de Evaristos Edgar Glassner (Lípsia-Lindenau 1912-Amesterdão, 1988), organista e pianista alemão, que tocava nos encontros musicais do «Clube Spier». Foi também «objecto» no curso de Spier. (*N. da E.*)

44. A Han Wegerif e outros.
Westerbork, 29 de Junho de 1943.

Westerbork.

Paizinho Han, Käthe, Maria, Hans,

Apenas uma mensagem estilo telegrama para vocês, sem mais nem menos. Esta noite estive de atalaia para receber o Jaap. Ele não veio; ficámos delirantes. De manhã cedo, partiu outro grande transporte. Até fui ao hospital às 5 horas para me certificar de que não levavam o pai por engano — há muitos enganos. Depois, fui até ao barracão grande da mãe. Ela estava deitada na sua cama de soldado estreita e abafada e ficou feliz ao saber da notícia sobre o Jaap. Os meus pais estão a reagir de modo fantástico, estou muito orgulhosa deles. Já nem sequer se preocupam com a Polónia — é o que eles dizem. Espero conseguir mantê-los aqui, mas neste lugar nada é certo. Em poucos dias somos afastados para longe da nossa velha base e forças novas e poderosas tomam conta de nós — também é necessária força interior para aceitar o próprio fim.

Recebi uma carta do Leguyt¹ que me tocou muito; ele é daquelas pessoas que nos fazem querer dar tudo por tudo para resistir e poder revê-las mais tarde. Inclui uma citação do Dr. Korff²: «E, porém, Deus é amor». Subscrevo-a plenamente, e é mais verdadeira agora do que nunca. O senhor Leguyt escreveu, entre outras coisas: «Surpreender-

¹ J. Leguyt (Amesterdão, 1897-1969) começou por ser assistente de Wegerif e, em 1943, tornou-se seu sócio. Dirigiam juntos o escritório de contabilidade *Wegerif & Leguyt*. Após a morte de Wegerif, em 1946, Leguyt continuou o negócio. (*N. da E.*)

² Frederik Willem Adrianus Korff (1887-1942), teólogo protestante reformador e professor na Universidade de Leida a partir de 1932. Escreveu, entre outras obras, *En toch is God Liefde* (*E, porém, Deus é amor*, Haia, J.N. Voorhoeve, 1941). Entre o ano de publicação e 1945, foram publicadas doze edições deste pequeno livro. (*N. da E.*)

-me-ia se a Etty tivesse força de espírito suficiente para dar meio ouvido de atenção aos que ficaram para trás». Sou toda ouvidos para vocês e dou-vos toda a minha atenção, continuo a viver convosco tal como antes e, de vez em quando, é junto de vocês que descanso de tudo o que aqui me deixa de rastos. É-vos mais difícil digerir os acontecimentos de Westerbork do que a nós. Noto que, em cada situação, mesmo nas mais difíceis, o ser humano cria novas faculdades que o ajudam a continuar a viver. Quanto a isso, Deus é suficientemente misericordioso. E, de resto: diversos suicídios esta noite, antes do transporte, com lâminas de barbear e coisas do género.

Esta manhã, enquanto eu e uma colega estávamos a lavar-nos, disse-lhe do fundo do coração algo como isto: «As regiões da alma e do espírito são tão vastas e intermináveis que este bocadinho de desconforto físico e sofrimento não importam realmente muito, não me sinto despojada da minha liberdade e, na verdade, também ninguém me pode fazer mal».

Pois, meninos, é isso, sinto uma singular espécie de satisfação pesarosa. Se alguma vez vos tiver escrito uma carta desesperada, não a levem muito a sério, foi só um pequeno momento: podemos sofrer, mas não é necessário desesperarmos por causa disso.

E agora mergulho de novo nas profundezas e vou até ao hospital, com uma caixinha debaixo de um braço para o meu querido paizinho e a minha pasta de funcionária debaixo do outro. Vou encontrar muitas camas vazias depois deste transporte. Força, meus bons amigos! Como está o sobrinho Wegerif¹? E tu, Käthe, tens-te

¹ Cornelis Wegerif (Dordrecht, 1919-Leusden, 1943), filho do irmão de Han Wegerif, W.J. Wegerif. Cornelis foi preso pelos alemães em 1942 por pertencer ao Grupo de Resistência de Roterdão. Passou por diversos campos e prisões, entre eles St. Michielsgestel, o *Oranjestad* em Scheveningen e, mais tarde, esteve em Utreque. A 20 de Julho de 1943, ele e outros membros do seu grupo de resistência foram executados na Leusderhei. (N. da E.)

portado bem? E o senhor não tem andado muito macambúzio?
A mãe do Hannes *não* foi para Terezin¹. Cumprimentos para a
Adri, da Ilse B². Adeus!

Etty

¹ Entre 1941 e 1945, a cidade de Terezin (ou Theresienstadt), na antiga Checoslováquia, serviu de «gueto de idosos» ou «campo de trânsito». Os alemães planeavam concentrar ali a maioria da população judaica do protectorado da Boémia e da Morávia, bem como judeus mais idosos (com mais de 65 anos), os judeus que haviam combatido pela Alemanha na I Guerra Mundial e, por isso, haviam obtido uma distinção militar elevada, e também os chamados «judeus de mérito»: médicos, cientistas, presidentes de comunidades judaicas, de conselhos judaicos, etc. Terezin poderia ser mostrada pelos alemães ao mundo como «instalação modelo» para o acolhimento de judeus. Na realidade, a situação no gueto deteriorou-se rapidamente. Os primeiros deportados chegaram em Novembro de 1941. Em Setembro do ano seguinte, encontravam-se ali 53 000 pessoas, enquanto, antes de ser um gueto judaico, Terezin tinha apenas 3700 habitantes. A partir de Janeiro de 1942, começaram a realizar-se transportes dessa cidade para diversos campos de concentração e, a partir de Outubro desse ano, exclusivamente para Auschwitz. Após a última onda de deportações, em 1944, apenas 11 068 judeus ficaram em Terezin. Entre estes, contavam-se 4843 judeus neerlandeses. (N. da E.)

² Ilse Blumenthal-Weiss (Berlim, 1899-1987), colaboradora do semanário *Jüdische Rundschau*, contribuiu em 1946 para o *Jahrbuch für jüdische Geschichte und Literatur* (Anuário de história e literatura judaica). Em 1937, refugiou-se nos Países Baixos, onde publicou textos no semanário *De Groene Amsterdammer*, entre outros. Em 1943, foi levada para Westerbork, onde voltaria a encontrar Etty. Um ano depois, foi deportada para Terezin. Perdeu o marido e um filho nos campos de concentração. Escreveu *Gedichte aus dem K.Z.* (Poemas do campo de concentração, Hamburgo, 1957), sobre as suas experiências aí passadas. Em 1947, emigrou para Nova Iorque. Ilse Blumenthal-Weiss deu palestras sobre Rilke para a rádio neerlandesa e para a emissora *Beromünster*, de Zurique. Nos Estados Unidos, deu palestras sobre o escritor com quem se correspondeu em escolas superiores e universidades. Uma parte da troca de correspondência entre Ilse Blumenthal-Weiss e Rainer Maria Rilke foi publicada por este em *Briefe aus Muzot* (Cartas de Muzot, 1935). (N. da E.)

45. A Christine van Nooten.

Westerbork, quinta-feira, 1 de Julho de 1943.

Westerbork, 1 de Julho de 1943.

Christien, minha querida,

Esquivei-me para o Sol por uma horinha, quero escrever umas coisinhas a vários amigos. Está um dia radioso, que diferente parece, de súbito, a vida. Estou tão feliz por o meu trabalho ser na zona dos barracões-hospital¹, isso significa que posso ir ver o pai sempre que quiser. É quando não posso entrar no seu barracão, converso um bocadinho com ele pela janela aberta, já que a sua cama fica mesmo diante dela. Acabei de ir entregar-lhe as tuas cartas, que o deixaram muito feliz. Tenho agora diante de mim a que me escreveste. Os óculos de protecção fizeram-me soltar um grito índio de alegria, os nossos olhos ficam uma lástima sem eles, que bom ter-los enviado por iniciativa própria. Acho tão querido o modo como te preocupas connosco. Julgo que vocês aí fora também têm preocupações de sobra e ainda têm de se ralar connosco. A tua carta para o Mischa era muito bonita, é o pai quem a tem agora e há-de entregá-la quando ele for visitá-lo hoje.

(Meia hora depois. Um intervalo pitoresco, apenas: um grande amigo meu de Amesterdão, um jovem músico talentoso², passou por mim com um carrinho de mão cheio de areia e um fato-maca-

¹ O campo dos doentes tinha uma capacidade máxima de 1700 camas, 1000 funcionários e mais de 120 médicos. Situava-se no lado sudoeste do campo. Não havia livre acesso entre os barracões dos moradores e os barracões-hospital. Era necessário pedir uma autorização especial para ir visitar um doente. Uma vez que Etty, pelo seu trabalho, se deslocava diariamente a esse local, podia ter mais contacto com o pai, já que não necessitava de uma autorização para ir até lá. (*N. da E.*)

² Informações inexistentes. (*N. da E.*)

co imundo. Entre o arame farpado e as cordas onde está a secar a roupa encardida, entregámo-nos em divagações filosóficas acerca dos aspectos surpreendentes e incompreensíveis desta existência sub-humana. Tomara que já não apareçam muitos mais amigos com carrinhos de mão, pois creio que ainda tenho muito para te escrever).

A escrita vai acabar em breve. Já me dou por feliz por poder cá ficar. Já te contei que 60 dos 120 colaboradores do Conselho Judaico serão *obrigados* a ir para casa? Felizmente, não pertenço a esses 60 e posso ficar para poder continuar a proteger os meus pais o melhor que puder. Como vês, há sempre motivos de satisfação. Em Amsterdão continuam muito empenhados em conseguir que a família vá para Barneveld. Rezo para que tudo acabe da melhor forma. No meu caso, preferia mil vezes ir para a Polónia ou para outro local qualquer, se pudesse tirar daqui estes queridos primeiro. Enfim, temos de ter paciência, e, na verdade, temo-la.

Quando já não tiver autorização para escrever, ainda poderei enviar um postal a seguir à chegada de uma encomenda, com as palavras «encomenda recebida»¹, mais nada. Portanto, se receberes desses postais vazios de sentido, já sabes que não pode ser de outra forma. É mais uma coisa: temos permissão para enviar telegramas ao Conselho Judaico a pedir coisas de que necessitemos — também sem comentários adicionais.

¹ Inicialmente, os moradores do campo podiam escrever postais para as suas famílias, amigos e conhecidos que (ainda) não haviam sido transportados para Westerbork. Nesses postais, eram frequentemente feitos pedidos de envio de encomendas com mantimentos. O correio que saía e entrava era, porém, submetido a censura. Por isso, muitos pacotes não chegavam ao destino certo. Para além disso, iam chegando cada vez mais ordens e directrizes que limitavam a recepção de correspondência e encomendas. Os agradecimentos por postal acabaram por ser também reduzidos à escrita das palavras obrigatórias «pacote recebido». Mais tarde, os moradores do campo receberam postais com esse texto previamente impresso; apenas podiam acrescentar o nome e o endereço do destinatário. (V. *da F.*)

Nesse caso, só podemos telegrafar «mantimentos», sem especificar. Por isso, vamos desde já combinar, por exemplo, o seguinte: livro=manteiga, caderno=compota, tinta para caneta=pão de centeio, atacadores=fruta. (Se chegar ao ponto de ter de enviar telegramas como este, entras em contacto com o Simon¹, está bem?)

Sabes, por aqui podemos dizer resignadamente² muitas «palavras importantes»³. Para mim, é fácil falar em fruta, tomates, e produtos do género. Contudo, não sei se aí fora há produtos desses disponíveis. Por isso, não deves achar impróprio se fizermos pedidos impossíveis, lembra-te de que eles se devem ao desconhecimento. Do que o pai, por exemplo, necessita muito é de fruta e legumes frescos. Nós aqui, sobretudo, desidratamos muito por causa das contínuas tempestades de ateiá. A água também não é muito própria para consumo⁴; somos desaconselhados a beber muita por causa das «doenças de campo» e as restantes bebidas são uma porcaria. Tenho a impressão de que a mãe ainda tem várias

¹ Erty acrescentou ainda: «para finanças, Doornink, Smit e Kuik» — uma informação que, mais tarde, por motivos pouco claros, foi rasurada. Estes três conhecidos dos Hillesum de Deventer estavam dispostos a — não em conjunto, mas cada um deles — tratar de eventuais assuntos pela família, quando Louis Hillesum o pedisse. Martinus van Doornink (Deventer, 1884-1970), era vizinho dos Hillesum. Após o despedimento do reitor Hillesum, colocou à disposição a sua residência de férias em Gorssel, para que este ali se refugiasse. Porém, Hillesum recusou esta oferta, por na habitação não haver espaço para toda a família. O Dr. Wisse Alfred Pierre Smit (Heumen, 1903-Utrecht, 1986), foi director do Liceu Feminino de Deventer entre 1934 e 1946. Nesse último ano, foi nomeado professor de Filologia Neerlandesa na Universidade de Utrecht. Jan van Kuik (Amersfoort, 1906-Gorssel, 1989), tornou-se professor de Matemática no Liceu de Deventer. Após a guerra, van Kuik geriu parte dos bens dos Hillesum. Em 1965, tomou-se director do Liceu. (*N. da E.*)

² Em alemão no original. (*N. da T.*)

³ Idem. (*N. da T.*)

⁴ Provavelmente, a água do campo era imprópria para consumo devido ao pó e areia contínuos. Para além disso, o fornecimento de água ao campo era mau, devido à falta de meios, entre outras causas. Esta situação, aliada às más condições de higiene, causava problemas de saúde a muitos moradores fisicamente debilitados, tais como diarreias e disenteria. (*N. da E.*)

bebidas engarrafadas na casa de Deventer, mas quer-me parecer que seria um trinta e um fazê-las chegar cá. Acho que vocês se preocupam muito connosco, mas vale a pena o sacrifício mútuo para nos mantermos vivos. Oh, Christine, imagina que chegará mesmo o dia em que poderemos contar tudo o que vivemos. E se sobrevivermos, ainda estaremos agradecidos por termos tido a possibilidade de estar numa das muitas frentes da Europa e partilhado com outros parte do grande sofrimento. Ontem, o homem que costuma fazer a barba ao pai disse-lhe: «O senhor é daquelas pessoas que conseguem fazer algo da sua vida, seja em que circunstâncias for» O pai é realmente maravilhoso e está perfeitamente resignado. Ontem de manhã colocaram todas as camas fora do barracão, sobre a areia esvoaçante entre dois barracões-hospital grandes e baixos. Parecia mesmo um sanatório ao ar livre. Aproximei-me e ouvi a gargalhada agradável do pai soar por toda a área. Ele está rodeado por pessoas simpáticas que se prestam sempre a encontrar todo o tipo de ninharias que ele pede todos os dias com certa altivez e indiferença. Junto a si está, por exemplo, o jornalista Philip Mechanicus, uma figura elegante e forte que vai regularmente conversar com ele. O pai também aqui encontrou vários antigos amigos de curso. Dedicou-se com afincado ao estudo da Bíblia, comparando as versões francesa, grega e holandesa. Levei-lhe os escritos de Mestre Eckhart¹ e mais uns livros que aqui tinha. Ele não come muito; podemos dar muito pão e estamos contentes por

¹ Eckehardt (ca. 1260-1328), místico alemão e dominicano; deu aulas em Paris, e mais tarde tornou-se prior em Estrasburgo. Escreveu reflexões com fortes toques panteístas sobre o mistério de Deus e sobre a união mística Deste à alma. Os seus pensamentos influenciaram grandemente o misticismo medieval e o pensamento filosófico na Alemanha. Ety leu muitos textos de Eckehardt no seu último ano de vida, segundo uma anotação de Maria Jüning no exemplar de Ety de *Ein Breviarium aus seinen Schriften* (*Um brevíário dos seus escritos*). (N. da E.)

isso, pois a situação começa a tornar-se séria para muitos, numa altura em que o exterior, que costumava enviar mantimentos com regularidade, está tão reduzido. Pois a maioria dos judeus, agora, tem aqui a família e conhecidos.

Vou levantar-me deste cantinho ensolarado e ventoso, estou sentada sobre um poço. Ainda vou passar pela janela do pai e depois sigo até ao meu barracão, vou ver qual é a ementa para hoje.

Estamos felicíssimos por o Jaap ainda não estar cá, que simpático da tua parte teres estado com ele. Quando há umas noites chegou o transporte do *Hollandse Schouwburg*, estive sempre de vigia para recebê-lo, mas, graças a Deus, não foi necessário.

Mais logo, escrevo mais um bocadinho e só envio a carta quando a tua encomenda anunciada chegar. Adeus, até logo.

17:30.

Se soubesses o que aqui significa estar sozinha por momentos num quartinho. E agora encontro-me assim e vou finalmente responder à tua carta. Sabes o que me deixava felicíssima, já que queres saber quais são os meus desejos especiais? Alguns desses lenços de papel. Nós aqui estamos cronicamente constipados, o clima é péssimo. Acabamos por habituar-nos, mas é pior por causa dos lenços do que pela constipação. Quando lavamos a roupa, ela fica mais suja do que limpa. A questão da higiene¹ é, na verdade, a mais exasperante. O pai desfaz-se em queixumes e diz: sou o maior cigano de Westerbork, mas ele não vê que os outros têm o mesmo

¹ As condições de higiene em Westerbork eram más. Com o aumento do número de moradores no campo, o espaço por pessoa diminuiu. Os barracões estavam sobrelotados. Apesar dos turnos de limpeza feitos sob vigilância dos chefes judeus dos barracões, estes permaneciam bastante sujos. Os detergentes eram poucos ou nenhuns e o sabão tinha de ser fabricado clandestinamente. (N. da E.)

problema. Vocês ainda conseguem arranjar pensos higiénicos? E também rolos de ligaduras? Para grande tristeza minha, um eczema teimoso que tive há uns anos na mão direita voltou a manifestar-se¹. Agora ando com ela ligada por causa deste pó todo. Não te peço tudo isto de ânimo leve, pois não é assim tão fácil arranjar estes produtos, pois não? Ah, mais uma coisa: se ainda estiver aí um frasco de compota nosso, também poderá viajar para cá, a seu tempo. Acho que, nos dias que correm, não devemos ter muitos desejos especiais. Mas isso é o mais difícil, percebes, não desejaria nada para mim e movia mundos e fundos para dar aos meus pais algo que ainda pudesse trazer um pouco de alívio às suas vidas. Fica ao teu critério. Desejamos-te umas maravilhosas férias. O dia de escrita do pai é amanhã; acho que ele planeia usá-lo para enviar-te uma carta. Correspondência desta demora uma semana a chegar. Tem de passar por um censor especial. Desculpa-me por escrever tudo de forma tão desorganizada, é por causa do ambiente. Espero ainda poder escrever mais vezes, mas dá ideia que tal não será possível por muito mais tempo. Ainda não preciso de papel de carta. Muitos beijos e obrigada por tudo.

Etty

P.S. da mãe: talvez pudesses também entrar em contacto um dia destes com o padeiro Gantvoort², alojado ao pé da família Lansen, *Sweelinckstraat* 23. Ele disse uma vez que não se importava de

¹ Por volta de 1935, Etty teve um eczema e mantinha a mão envolta em ligaduras. (*N. da E.*)

² O padeiro Hendrik Jan Gantvoort (Deventer, 1905-Rijswijk Z.H., 1983) estava estabelecido na *Kleine Overstraat*, em Deventer. Pieter Johannes Bernardus Lansen (Amsterdão, 1890-Deventer, 1930) era director da Escola A, a escola primária frequentada por Etty na mesma cidade. A família Lansen residia no n.º 21 da *Sweelinckstraat* e o padeiro Gantvoort, no n.º 23. (*N. da E.*)

preparar algo no forno, ou assim. Desculpa lá, mas olha que este pedido não é para mim.

Acrescento da mãe: ainda há conservas e chouriço ou algo do género neste mundo? Não te preocupes com o dinheiro. Consegues arranjar ovos?

Envio-te um postal assim que receber a encomenda; para já, envio-te esta carta.

46. A Johanna e Klaas Smelik¹ e outros.

Westerbork, sábado, 3 de Julho de 1943.

3 de Julho de 43.

Westerbork

Jopie, Klaas, queridos amigos,

Vou rapidamente desencadear aqui na minha cama, a terceira a contar de baixo, uma autêntica orgia de escrita; dentro de alguns dias, começará a haver restrições ao nosso número ilimitado de cartas; nessa altura, passo a ser «residente do campo»² e só me será

¹ Johanna F. Smelik (Haia, 1916-2008) e Klaas Smelik (Den Helder, 1897-Amesterdão, 1986). Klaas Smelik começou por exercer a profissão de mecânico naval. Mais tarde, tornou-se jornalista e escritor de folhetins radiofónicos e livros. Em 1934, tivera um relacionamento com Ety que durou seis meses e, por iniciativa desta, terminara sem conflitos. Posteriormente, o contacto prosseguiu, sobretudo, através da filha deste, Johanna, que morava principalmente em casa do pai. Era uma grande amiga de Ety e visitava-a regularmente em Amesterdão. Ety, que gostava de transformar os nomes numa espécie de diminutivos carinhosos, chamava-lhe «Jopie». A relação entre pai e filha era continuamente tensa, levando regularmente a conflitos. Numa ocasião, pouco depois da capitulação dos Países Baixos, Klaas Smelik ficou furioso por a filha se ter recusado a levar-lhe veneno. Smelik tencionava acabar com a vida, por temer represálias da parte dos alemães, devido às suas actividades antifascistas. (*N. da E.*)

² Em alemão no original. (*N. da T.*)

permitido escrever uma carta a cada duas semanas, que terei de entregar aberta. E ainda tenho uns pequenos assuntos para falar com vocês. Enviei mesmo uma carta em que parecia ter perdido a coragem? Custa-me a acreditar. Há momentos, é certo, em que sentimos que não aguentamos mais. Mas acabamos sempre por aguentar, já o vão sabendo, ainda que a paisagem em nosso redor pareça, então, repentinamente mudada: surge um céu escuro carregado e dão-se grandes mudanças na nossa forma de ver a vida, o nosso coração fica totalmente cinzeno e vetusto. Contudo, nem sempre é assim. O ser humano é tão notável. A miséria neste lugar é realmente indescritível. As pessoas dos barracões grandes vivem como ratazanas no esgoto. Vêem-se muitas crianças a morrer. Mas também muitas outras saudáveis. Numa noite na semana passada, recebemos um transporte de prisioneiros. Rostos lívidos e transparentes. Nunca tinha visto tanta exaustão e fadiga em faces humanas como em tão. Nessa noite, eles foram «processados»¹ por nós: registado, outro registo, revista por homens fortes do NSB², quarentena, um pequeno calvário de horas e horas. De manhãzinha, foram comprimidos em vagões de mercadorias vazios. Esse comboio foi ainda atacado a tiro na Holanda, do que resultou um atraso. E depois, mais três dias de viagem rumo a Leste. Colchões de papel no chão para os doentes. De resto, vagões despídos apenas com um barril ao meio e cerca de 70 pessoas num vagão fechado. Cada prisioneiro foi autorizado a levar somente uma sacola. Pergunto-me quantos chegarão vivos ao seu destino? E os meus pais estão a preparar-se para

¹ À realização de uma série de formalidades e obrigações antes de se ser colocado no transporte era dado o nome de «processado». (N. da T.)

² *Nationaal Socialistische Beweging*, Movimento Nacional Socialista, o partido Nazi neerlandês. (N. da T.)

uma viagem idêntica, a não ser que ainda chegue inesperadamente ordem para Barneveld. Há pouco tempo, fui dar um passeio pelo deserto poeirento com o meu pai; ele é muito querido e está perfeitamente resignado. Disse de modo suave e tranquilo e parecendo desinteressado: «Na verdade, quero ir para a Polónia o mais depressa possível. Assim, acaba-se tudo depressa e estarei morto em três dias; não faz sentido continuar esta existência desumana, aqui. Afinal, porque haveria de ser poupado ao que acontece a milhares de outras pessoas?» Mais tarde, rimos os dois da paisagem adequada; por vezes, parece mesmo um deserto — não obstante os tremoceiros-roxos e as campainhas amarelas, e aves graciosas que parecem gaivotas. «Os judeus no deserto, já conhecemos esta paisagem de outros tempos». Sabem, custa um bocado, um paizinho tão amigável, que, por vezes, gostaria de desistir. Mas são apenas estados de alma. Por vezes, também está diferente e nessas ocasiões rimamos os dois e admiramo-nos com muitas coisas. Encontramos muitos familiares¹ que já não víamos há anos, juristas, um bibliotecário, etc., a levar carrinhos de mão cheios de areia, em fatos-macacos desleixados e pouco confortáveis, e ficamos a olhar uns para os outros por momentos, sem dizer muito. Na noite do transporte, um jovem polícia holandês com ar triste disse-me: «Perco mais de dois quilos em noites destas, e limito-me a escutar, olhar, e calar-me». É por esse motivo que eu também não gosto de escrever muito sobre isto. Mas estou a divagar. Queria dizer apenas o seguinte: a miséria aqui é realmente terrível e, ainda assim, à noite, quando o dia caiu num

¹ Estes familiares eram, por exemplo, Jeremias Hila Hillesum (Amesterdão, 1884-Sobibor, 1943), advogado, procurador, e também director da bolsa de diamantes de Amesterdão, e Jeremias Meier Hillesum (Amesterdão, 1863-Sobibor, 1943), conservador da Biblioteca Rosenthaliana em Amesterdão de 1890 a 1930. (V. de F.)

abismo atrás de mim, costumo caminhar a passo enérgico ao longo do arame farpado e, nessas alturas, volta a assolar-me o sentimento — não consigo evitá-lo, as coisas são como são, existe uma força elementar — de que esta vida é algo de glorioso e magnífico e que, um dia, teremos de construir um mundo totalmente novo. E quantos mais delitos e horrores se derem, mais amor e bondade teremos de oferecer em contrapartida, sentimentos que temos de conquistar dentro de nós. Podemos sofrer, mas não podemos sucumbir. E se escaparmos a estes tempos imaculados no corpo e na alma, mas sobretudo na alma, sem rancor, sem ódio, então, também nós teremos algo a dizer após a guerra. Talvez seja uma mulher ambiciosa: gostaria de poder ter apenas uma palavrinha a dizer.

Falas de suicídio, e de mães e filhos. Sim, entendo o que queres dizer, mas acho que é um assunto mórbido. O sofrimento tem limites; talvez o ser humano não receba mais sofrimento do que o que consegue aguentar — chegando ao seu limite, acaba por morrer. Por vezes, perecem aqui pessoas, gente jovem com o espírito desfeito por não conseguir encontrar o significado da vida. Os mais velhos ainda estão enraizados num solo mais forte e aceitam o seu destino com dignidade e conformados. Oh, vêem-se aqui tantos tipos diferentes de pessoas e observamo-los nas suas atitudes em relação às questões mais complexas e derradeiras.

Vou tentar descrever-vos como me sinto, mas não sei bem se a minha metáfora serve. Quando uma aranha tece a sua teia, não lança primeiro os seus fios principais, trepando ela própria também a seguir? O caminho principal da minha vida estende-se já há muito para longe, alcançando já um outro mundo. É como se tudo o que aqui acontece e que ainda está para acontecer me estivesse já a ser descontado, é como se já o tivesse superado e vivido e

agora participasse na formação de uma nova sociedade. A vida aqui não me custa muita da minha força essencial — talvez nos degrademos mais fisicamente e sintamos amiúde um pesar insondável, mas, na essência, vamos ficando cada vez mais fortes. Gostaria que também fosse o vosso caso e o de todos os meus amigos; é necessário, ainda há muito para viver e muito para fazer em conjunto. E, por isso, peço-vos: mantenham-se em sentinela interior, se é que alguma vez assim estiveram, e nunca se sintam desesperados ou tristes por mim, não há razões para tal.

Os Levies estão a passar por um mau bocado, mas também são daquelas pessoas que se salvam e que possuem grande resistência interior, apesar de fisicamente debilitadas. Por vezes, as crianças daqui andam muito sujas; esse é um dos nossos maiores problemas — a higiene. Voltarei a falar delas numa outra carta. Junto em anexo um bilhete que comecei a escrever ao pai e à mãe, mas já não precisei de enviar; talvez contenha algo de interessante para vocês.

Também tenho um pedido, se não acharem muito impertinente: queria uma almofada, uma velha almofada de divã, por exemplo; a palha acaba por ser um bocado dura. Mas só é permitido enviar encomendas da província até 2 quilos, e talvez uma almofada pese mais do que isso. Porém, se por acaso fores a Amesterdão, a casa do Paizinho Han (peço-te, por favor, que não o abandones e que lhe mostres esta carta), talvez possas entregá-la numa estação de correios. De resto, só desejo que estejam todos bem de saúde e animados, e que me escrevam umas palavras inocentes de tempos a tempos.

Muitos muitos beijos Etty

47¹. A Han Wegerif e outros.

Westerbork, segunda-feira, 5 de Julho de 1943 a sexta-feira, 9 de Julho de 1943.

Westerbork, 5 de Julho.

Deixa-me cá tentar tirar depressa uma carta da manga, visto que, se amanhã ou depois deixar de ter autorização para escrever, vou arrepende-me de não o ter feito agora. Hoje é um dia negro. Amanhã de manhã² parte um transporte. Ouvi dizer ontem à noite que os meus pais estavam na sua lista³. O Herman B. sussurrou-mo ao ouvido quando estava sentada à beira da cama do pai a conversar amavelmente com ele — o pai sem suspeitar de nada. Não disse palavra e dirigi-me logo às várias autoridades. Parece que por esta vez a lista de pais ainda é segura, mas não haverá certezas até ao último minuto. Pelo que teremos de estar muito atentos até amanhã de manhã. Esta noite chega outro transporte de Amesterdão, por isso, vou

¹ Do ponto de vista cronológico, a carta n.º 53 deve vir primeiro. Ver também a nota sobre a mesma carta. (*N. da E.*)

² No transporte de terça-feira, 6 de Julho de 1943, partiram 2417 judeus. Este incluiu dois vagões à parte para «casos disciplinares». Os alemães insistiam mais cada vez em deixar no campo apenas aqueles que estivessem a trabalhar no hospital, no Serviço Externo e na indústria. Uma vez que Etty já não desempenhava as funções de colaboradora do Conselho Judaico, estava a tornar-se cada vez mais difícil para si e para os seus permanecer no campo. (*N. da E.*)

³ A quota de judeus a deportar escolhidos para transporte tinha de ser incondicionalmente cumprida pelo Comandante Gemmeker. Os registos judaicos formavam as listas de transporte com base no «ficheiro central». Por vezes, esta lista continha mais nomes do que o estabelecido. Quando tal acontecia, um número de judeus vinha então a saber no último momento que, afinal, não iria no transporte. Noutros casos, a lista continha nomes insuficientes. Para preencher a quota exigida, um número de judeus recebia ordens, no último momento, para se preparar, pois afinal iria ser deportado. A posse de uma *Sperre* acabava por já não garantir a permanência em Westerbork. Antes dos transportes — que eram maioritariamente realizados às terças-feiras — as pessoas ligadas ao *Antragsstelle* eram bombardeadas com perguntas e pedidos sobre o valor das suas licenças e sobre as hipóteses de escaparem ao transporte. Em alguns casos, o *Antragsstelle* conseguia que, no último momento, se fosse retirado da lista. (*N. da E.*)

ficar a pé. O Mechanicus, com quem desenvolvi uma forte amizade neste curto período de tempo, também se encontra na lista; ainda estamos a tentar tudo o que podemos. O Weinreb já foi levado¹ há algum tempo — para Haia, por alguns manda-chuvas. Não devemos apegar-nos demasiado a ninguém, aqui.

Esta manhã estive a trabalhar no barracão das punições, onde as pessoas se encontram em vigilância especial, e transmiti notícias dos detidos aos familiares no campo. Acabo de estar com o pai. Ele estava razoavelmente satisfeito, deitado a ler um romancelito francês e alheio ao facto de o seu nome ainda ter de ser retirado da lista de transporte. O pior campo de trabalhos forçados é preferível a esta tensão semanal. Antigamente, não me incomodava, pois tinha aceite o facto de que iria para a Polónia, mas acaba por ser impossível conseguir viver em angústia constante pelos entes queridos, sabendo que os espera um martírio infinitamente longo, comparado com o qual a vida aqui ainda é maravilhosa. Por vezes, apetecia-me preparar a mochila à socapa e seguir num transporte para Leste, mas enfim, não devemos tomar o caminho mais fácil.

Terça-feira de manhã.

São dez horas. Estou sentada na nossa sala de trabalho vazia; está maravilhosamente calma; a maioria dos meus colegas está a

¹ Weinreb chegara a Westerbork a 13 de Maio de 1943, apontado como «caso disciplinar», depois de o «jogo Weinreb» ter sido desmascarado pelos Serviços de Segurança (SD). A 28 de Junho de 1943, Weinreb foi chamado a Haia por Lerncke, um Alto Oficial das Forças Armadas alemãs e por um Oficial dos Serviços de Segurança a quem Weinreb chama Holman, nas suas memórias. Os SD permitiram que Weinreb recomeçasse o seu «jogo», para ir ao encalço de judeus ricos escondidos. Os Oficiais dos Serviços de Segurança desejavam, assim, enriquecer. Para se proteger, Weinreb recomeçou a sua lista. Viajou várias vezes para Westerbork, onde conseguiu cerca de mil e quinhentos «clientes» que lhe pagaram cem florins cada para figurar na lista. Com isto, Weinreb conseguiu manter os seus superiores satisfeitos. Em Fevereiro de 1944, Weinreb e a sua família esconderam-se. (N. da E.)

dormir nos barracões. Alguns rapazes estão apoiados ao parapeito e olham com ar abatido para a locomotiva, que está novamente a deitar nuvens de fumo. O resto do comboio está fora do alcance da visão, escondido por trás de um barracão baixo. Desde as seis da manhã que andamos ocupados a carregar os vagões; o comboio está prestes a partir. Sinto-me como que depois de um parto, pelo menos em relação aos meus pais, que conseguimos mais uma vez manter fora do comboio; quanto ao resto, sinceramente, não sei dizer ao certo como me sinto. Ontem vivi um dia sem precedentes. Nunca antes tinha «agido» para evitar que alguém fosse incluído num transporte, não tenho, pura e simplesmente, jeito nenhum para diplomacia. Ontem interfeiri pelo Mechanicus. O que fiz exactamente, não sei bem, dirigi-me a todo o tipo de instâncias, dei por mim a palmilhar com um cavalheiro misterioso¹ que nunca tinha visto antes, que parecia um negociante de escravas brancas e seria um sucesso num filme francês. Entrei com este senhor nos escritórios de vários manda-chuvas do campo que nunca estão disponíveis, sobretudo antes de um transporte. Abriram-se portas invisíveis; a dado momento, tive uma reunião com o «Re-

¹ O «cavalheiro misterioso» é Schripperman, um amigo de Mechanicus no campo. Com ele, Ety visitou Trottet, o «velhinho senil». Trottet tinha boas relações com Schlesinger e podia conseguir algo dele. Kurt Schlesinger (Schmalkalden, 1902-?), um judeu alemão, passara — debaixo da asa do Comandante de campo Gemmeker — de detido a um dos homens mais poderosos de Westerbork. Schlesinger, temido e odiado por todos, foi nomeado Primeiro Chefe de Serviço a 12 de Agosto de 1943 e, com esse cargo, tinha total poder sobre a máquina administrativa. Podia determinar quem seguiria no transporte, e só lhe interessava conseguir a quota exigida. Na sua visita a Trottet, Ety tentou (com sucesso) tirar Mechanicus e os seus pais da lista do transporte. Sobre esta visita, Mechanicus escreveu: «Schripperman mete-se logo a caminho com a empregada do Conselho Judaico. Uma hora depois, ela está de regresso: “Está noventa por cento em ordem”. Está entusiasmada, soube logo entrar no jogo. “Que mundo estranho”, diz, “não consigo compreendê-lo. Não imaginava que existissem por aqui forças tão poderosas. Um homem velho, feio, com um boné enterrado sobre os olhos. Havia uma fila de pessoas que não tiveram direito a ser atendidas e ele limitou-se a entrar no escritório do deus. Ele interessa-se por pessoas importantes. Já vem ter contigo.”» (*In dépôt*, pp. 71 e seguintes). (*N. da E.*)

gisto»^{1, 2}, no momento seguinte, tive de dirigir-me a um velhinho senil que parece ocupar um misterioso cargo de poder e conseguir libertar pessoas do transporte, mesmo quando tudo já parece perdido — aqui em Westerbork há uma espécie de «submundo», ontem dei-me conta dele; como funciona ao certo, não sei, nem acredito que seja assunto agradável. Enfim, ardei para aqui e para ali o dia todo, deixei os meus pais entregues ao olhar atento do Kormann e à direcção do C.J., que me garantiu que, desta vez, tudo haveria de se resolver. A situação do Mechanicus permaneceu incerta até ao último momento. Ajudei-o a fazer as malas, ainda lhe preguei alguns botões no fãto; ele disse, entre outras coisas: «Fiquei mais benevolente neste campo, passei a ver todos os homens como iguais, são todos folhas de relva que vergam sob a tempestade, abatidos sob o furacão».

E disse ainda: «Se sobreviver a estes tempos, sairei deles como alguém mais maduro e profundo, e se morrer, morrerrei como alguém mais maduro e profundo». Mais tarde, o meu pai disse, enquanto eu lhe acariciava o alto da cabeça, agora quase branco: «Se for convocado esta noite, não ficarei preocupado, a sério que não, partirei serenamente». (As pessoas recebem a convocatória à noite, horas antes de o transporte partir.) Depois das oito fui dar uma volta com a mãe, despedi-me de vários amigos que tinham de ir, seguidamente ainda fui dar um passeio com a Liesl e o Werner, por volta das dez, sentei-me um bocadinho ao pé do Jopie, que está lívido de cansaço. E depois disso, não conseguí mesmo aguentar mais, pedi dispensa do trabalho nocturno e deixei os aconteci-

¹ Em alemão no original. (N. da E.)

² Era no «Registo» que se decidia quem constaria da lista de transporte. (N. da E.)

mentos seguirem o seu rumo. Esta manhã, às oito, o Jopie passou por aqui e disse-me pela janela que os meus pais ainda cá estavam, que o Jaap não chegou esta noite (esperávamos pessoas do N.I.Z.), e que o Mechanicus *não* está no transporte.

E agora são onze horas e vou ao hospital, onde irei encontrar muitas camas vazias. Um dia como o de ontem deixa-me de rastos e para a semana recomeça a confusão toda.

Fim da tarde.

Bem, meninos, cá estou eu outra vez, na minha cama no terceiro andar: esta tarde, para variar, desmaiei num grande barracão abafado, e esta ocorrência tem as suas vantagens, serve para lembrar que há limites para a energia física. A situação estava a tornar-se um pouco louca de mais. Para além do serviço nos meus barracões-hospital, agora também fiquei encarregue do barracão das punições. Numa altura em que metade dos nossos colegas voltaram para Amsterdão, é difícil dar conta de tudo. Para mais, o Kormann disse-me que os meus pais devem estar preparados para o transporte da próxima semana; está a ficar cada vez mais difícil manter aqui as pessoas (mas nunca sabemos antecipadamente e essa incerteza até ao último instante é precisamente o que nos deixa de rastos), de seguida, fui ver a mãe, que estava a sentir-se tonta e indisposta. E então senti que não sabia mais o que fazer e desmaiei. Tudo há-de correr melhor amanhã. Lembrei-me de repente de que lá fora é época de «Férias de Verão». Fizeram planos em concreto? Contem-me tudo, está bem?

Maria, obrigada pela tua carta! Era exactamente como uma carta tua deveria ser. Se ainda me deixarem escrever amanhã, envio mais uns rabiscos, se não, ficarei temporariamente em silêncio.

Os médicos de cá não nos escondem nada. Que coisa desesperante. Temo-los aqui em abundância, impossibilitados de fazer algo de útil. O pai do Jan Zeeman¹ também cá está!

Adeus! Coragem! Ety

Quinta-feira à tarde

Olá! Há já meia hora que digo a mim mesma, meio sonolenta, para vos escrever, finalmente, mais um pouco. Cada dia em que posso fazê-lo é um dia ganho, nada foi ainda dito em definitivo quanto ao momento em que teremos de deixar de escrever. Assim, vou escrevinhando mais um bocadinho.

Primeiro, antes que me esqueça, algumas informações. O Leo Krijn² partiu no transporte, não se importou muito de sair daqui. O irmão, que ainda cá está, disse-me ontem: «Ele tem a esperança ingênua de que lá reencontrará a mulher e o filho...»

O Herman B. está preocupado; há já uma semana que não tem notícias da Wiep³ nem da mãe. Passa-se alguma coisa? Ele está tão bem como sempre⁴. Tem andado o dia todo a dar pepino e tomate ao meu pai. Por vezes, tenho pena do papá, por não po-

¹ O Prof. Dr. W.P.C. Zeeman (Amesterdão, 1879-1960), oftalmologista no hospital *Wilhelmina Gasthuis*, chamado *Westergasthuis* durante a ocupação. Pertencia à equipa de médicos em Westerbork. Provavelmente, Ety conhecia Jan Zeeman (Amesterdão, 1910) por este tocar, por vezes, com o flautista Paul Goldschmidt. (*N. da E.*)

² Leo Krijn partiu no transporte de 6 de Julho de 1943. A 9 de Julho, imediatamente após a chegada a Sobibor, foi assassinado. O seu irmão, Adolph Krijn (Amesterdão, 1884-Sobibor, 1943), foi deportado uma semana depois, a 13 de Julho. Também ele foi morto imediatamente após a sua chegada, três dias depois. Leo Krijn confessara ao seu filho Herman, que se escondera, a esperança de reencontrar na Polónia a sua esposa Alice e o seu filho Hoel. (*N. da E.*)

³ Wiep Poelstra (Menaldumadeel, 1907-Amstelveen, 1983) era amiga de Han Wegerif. Trabalhava no Centro de Emprego local como conselheira de carreira. (*N. da E.*)

⁴ Em alemão no original. (*N. da T.*)

der sair do barracão, mas isso não parece incomodá-lo muito; as nuvens de pó lá de fora não o atraem...

Entreguei a encomenda da Swiep à Anne-Marie. Ela esteve aqui agora mesmo, combinámos encontrar-nos num dos próximos serões, ela quer apresentar-me a um professor russo sociável para trocarmos uns dedos de conversa...

Tenho a mão direita ligada por causa do eczema e é por esse motivo que estou a escrever de modo ainda menos legível do que o habitual; desta vez, terá de retocar ainda mais letras¹, querido pai Han. Obrigada pela sua amável carta, acharia horrível se a Käthe se fosse mesmo embora. É uma decisão irreversível? Espero bem que não!...

Neste momento, jazo no meio de um campo de batalha de mulheres doentes, anda um bacilo equivocado a vaguear pelo nosso barracão, temos todas desarranjos intestinais, como reza o termo poético; não me importo nada, pois agora tenho um bom pretexto para vos escrever um bocadinho. Segundo as últimas notícias da Grete Wendelgelst, que recebi esta manhã, parece que, afinal, a minha família poderá permanecer aqui. Ontem dava ideia do contrário. Depois de ter desmaiado novamente no mesmo dia, decidi começar uma nova vida, abstraindo-me² de todas as tensões. Também já estava a começar a sofrer de «carimbite»³: há carimbos vermelhos, verdes e azuis; pode falar-se deles 24 horas por dia, são um assunto inesgotável. O Jopie padece de uma versão aguda desta malita — sempre que ouve a palavra «carimbo», dá-lhe vontade de

¹ Ver nota relativa à «rainha da beleza da vida». (N. da E.)

² Em alemão no original. (N. da E.)

³ Caça febril a toda a espécie de carimbos que possibilitassem um adiamento — temporário ou não — da deportação. Circulavam também listas de todo o tipo com um objectivo semelhante. Num grande número de casos, era necessário entregar uma soma considerável de dinheiro para as isenções, quer estas viessem ou não a ser atribuídas. (N. da E.)

vomitam. De momento, os ânimos andam muito exaltados: todos os carimbos, de todas as cores, deixaram de ser válidos¹; vai haver um reagrupamento, ninguém sabe como será o próximo transporte, as listas terão de ser refeitas e certamente muito se irá passar nos bastidores. Estão a divertir-se às nossas custas, mas nós deixamo-los fazê-lo, e essa será a nossa vergonha indelével por todas as gerações vindouras. Há dias, falei-vos de um velhinho senil ao qual se abriam misteriosamente portas fechadas. Apesar de tudo, ele era um homenzinho engraçado; foi mensageiro durante a Grande Guerra e, entre outras coisas, amigo do arcebispo Söderblom². E é o único autorizado a fazer visitas sem marcação prévia ao próprio Comandante, que lhas retribui pessoalmente, o que é uma grande honra, valha-me Deus. Ontem deambulei durante umas horas com ele e o *Mechanicus* pelo campo e ele falou das suas recordações acerca de Poincaré³ e da Rainha; é que não o fazia por menos. Mas, a dado momento, disse algo muito simpático, o seguinte: «Em Westerbork só existe uma instituição justa, que é a rede de distribuição de água; abastece 10 000 judeus e todos recebem a mesma quantidade».

Escrevo tudo um pouco misturado, não se importam, pois não? É que tenho tanto sono. Como podem verificar, há palavras que mesmo aqui não deixei de usar. A experiência mostrou-me claramente que se vivermos aqui sempre ao sabor das tensões, em 3 semanas estamos desfeitos, mas completamente desfeitos, e quando chegar, por fim, a nossa vez de partir na direcção de Moscovo, já

¹ No dia 7 de Julho de 1943, os carimbos Z verdes e vermelhos deixaram de ser válidos em Westerbork. Dessa forma, um grande número de moradores foi liberado para ir no transporte (Etty tinha um carimbo vermelho). (*N. da E.*)

² Lars Olof Janathan Söderblom (1866-1931). Teólogo sueco, vencedor do Prémio Nobel da Paz em 1930. Foi Arcebispo de Uppsala desde 1914 até à sua morte. (*N. da E.*)

³ Raymond Poincaré (1860-1934). Presidente da República da França entre 1913 e 1920. (*N. da E.*)

não aguentaremos mais. Por isso, tento viver a vida à margem¹ dos carimbos verdes, vermelhos e azuis e das listas de transporte e, de vez em quando, vou ver as gaivotas. Os seus movimentos por entre as nuvens fazem-me suspeitar de que existem leis eternas, diferentes das que são feitas pelos seres humanos. Esta tarde, o Jopie, que, de momento, se sente totalmente doente e esgotado², e a sua pequena companheira de armas Etty estiveram certamente um quarto de hora a observar um desses pássaros pretos e prateados, vendo como se movia por entre as poderosas nuvens de chuva azul-escuras e, de repente, sentimo-nos muito menos oprimidos.

Poder-se-ia escrever aqui contos de fadas. Parece estranho, mas se quiséssemos escrever sobre a vida em Westerbork, poderíamos fazê-lo melhor dessa forma. A desgraça neste local já ultrapassou de tal forma os limites da realidade que se tornou irreal. Por vezes, ando sozinha pelo campo, rindo-me de situações completamente grotescas. Na verdade, deveria ser necessário ser-se um grande poeta para descrevê-las; talvez daqui a dez anos consiga estar perto disso...

Ao serão.

Mesmo a meio dos contos de fadas

Manhã seguinte tive de interromper. As pessoas aqui vivem uma vida ambulante; de momento, tenho um quarto de hora, aqui vão mais umas palavrinhas.

Sim, é mesmo verdade, existem mesmo leis muito misericordiosas na Natureza, desde que sejamos capazes de seguir-lhes o ritmo. Estou constantemente a notá-lo em mim: quando nos encontramos no

¹ Em alemão no original. (N. da T.)

² Idem. (N. da T.)

limite do desespero e pensamos que não conseguimos continuar, eis que, de repente, a balança pende para o outro lado e conseguimos rir e aceitar a vida como ela é. Depois de nos sentirmos realmente sem alento durante muito tempo, somos subitamente capazes de elevar-nos tão acima desta miséria terrena que nos sentimos mais leves e libertos do que nunca. Já estou outra vez muito bem, mas durante uns dias estive bastante desesperada. O equilíbrio restabelece-se sempre. Ai, meninos, que mundo assombroso...

Isto é um completo manicómio do qual teremos de nos envergonhar ainda por três séculos. O campo tem de descartar um grande número de pessoas que terão de ir no transporte. São os próprios *Dienstleiter*¹ que têm de elaborar as listas. Reuniões, inquietações — tudo isto é horrível. No meio deste jogo com vidas humanas, de repente, uma ordem do Comandante: esta noite, os *Dienstleiter* devem estar presentes na estreia do espectáculo de variedades que estão neste momento a montar aqui. Eles ficam a olhar estupefactos, mas têm de ir para casa e vestir as melhores roupas. E, ao serão, ei-los na sala de registo, onde Max Ehrlich², Chaja Goldstein³, Willy Rosen⁴ e outros actuam. Na primeira fila, o Comandante e os seus convidados. Por

¹ A administração do campo assentava numa forte hierarquia. O campo tinha algumas Secções de Serviço com um Chefe próprio e o seu substituto. Estes Chefes de Serviço reuniam-se regularmente, trocavam experiências, debatiam questões internas, tomavam medidas oficiais, recebiam ordens e promulgavam instruções. (*N. da E.*)

² Max Ehrlich (Berlim, 1892-Auschwitz, 1944), artista de variedades. Foi para os Países Baixos em 1934. Durante a guerra, actuou frequentemente no *Joodsche Showburg*. Foi enviado para Westerbork em 1942, e aí exerceu as funções de director do «Palco do Campo de Westerbork». (*N. da T.*)

³ Chaja Goldstein (1908-1999), artista de teatro judia. Emigrou da Alemanha para os Países Baixos em 1933. No início dos anos 30, fez furor em Amesterdão junto de um público intelectual de esquerda e artístico, com os seus contos hassídicos acompanhados com música. Fez também muitas *tournées* internacionais. Durante a guerra, ficou detida em Westerbork, mas, graças ao seu casamento com o operador de câmara almeão Peter Güsten, foi libertada. Em 1949, emigrou para os EUA. (*N. da E.*)

⁴ Nome artístico de Julius Rosenbaum (Magdenburg, 1894-Auschwitz, 1944), um popular letrista e compositor de canções populares na Berlim dos anos 20. Em 1933, fugiu para os Países Baixos.

trás deles, o professor Cohen¹. O resto da sala está cheio. Os espectadores choram de tanto rir — sim, até choram. Quando as pessoas de Amesterdão cá chegam, colocamos uma espécie de barreira de madeira na grande sala de recepção, com a qual as detemos, quando a afluência se torna demasiada. Durante o espectáculo, essa mesma barreira serviu de adereço no palco; Max Ehrlich encostou-se a ela para cantar as suas canções. Eu não estive lá, mas o Kormann acabou de mo contar, acrescentando «Isto tudo está a deixar-me à beira do desespero»².

Vou ter de terminar esta carta, ou nem sequer poderei enviá-la. Deixem-me ver de que mais me lembro. Recebi uma caixa de charutos cheia de tomates da Gera; por favor, agradeçam-lhe se a virem; não posso escrever tantas cartas como antes. O Jim³ da Sr.^a Nethe também aqui está, vindo da casa da Mien, por isso, estou a par das últimas novidades.

Ah, sim, Pai Han, envie-me de vez em quando dez florins numa carta; por vezes, podem dar muito jeito a alguns, por muito tolo que isto possa soar. Continuam a tratar da nossa licença de

Tornou-se director artístico do *Cabaret der Prominenten* em Scheveningen. Em 1941, a revista Willy Rosen fazia representações em exclusivo para público judeu, com atracções como Max Ehrlich, entre outros, no *Theater vande Lach* no *Plantage Middenlaan*. Depois de o teatro de variedades judaico ter sido obrigado a concentrar-se no *Joodsche Schouwburg*, a revista de Willy Rosen colaborou com o *Joodsche Kleinkunst Ensemble*. Em Westerbork, Willy Rosen e Max Ehrlich faziam teatro de variedades de alto nível. (N. da E.)

¹ David Cohen (1882-1967), Co-Presidente do Conselho Judaico. (N. da T.)

² Em alemão no original. (N. da T.)

³ Simon van Gelder (Dordrecht, 1890-Bergen-Belsen, 1944), professor de piano de Haia. Simon, ou Jim, como era conhecido, escondeu-se por algum tempo em casa da família Nethe, após a morte de Spier. Três meses depois, Gera Bongers levou-o para casa de Mien Kuyper, onde ficou temporariamente instalado. Mien Kuyper ajudava regularmente indivíduos escondidos, a sua casa era conhecida como morada de esconderijo ou de passagem. Mais tarde, porém, Jim acabou por ser capturado e levado para Westerbork. Foi deportado e assassinado. (N. da E.)

curta duração, para que possamos resolver definitivamente¹ os nossos assuntos. Caso a consigamos, será um grande presente extra, mas não conto com isso. Se ainda me deixarem escrever amanhã, envio outra cartinha; se não, têm de ter alguma paciência...

Por muito improvável que possa soar: estou muito mais entristecida com o que se passa aí fora do que com os acontecimentos deste campo de batalha. Lembro-me de um almoço com Joh. Brouwer²; era um homem sensível.....
.....
de repente, estão outra vez a escorraçar-me.

ADEUS!
ETTY

48. A Milli Ortmann.

Westerbork, terça-feira, 6 de Julho de 1943.

Westerbork, 6 de Julho

Millizinha,

Apenas um pequeno grito de socorro. Comecei a escrever-te, a ti e à Mien, mas, por aqui, as cartas ficam desactualizadas enquan-

¹ Em alemão no original. (*N. da T.*)

² Johan Brouwer (1898-1943), neerlandês especialista em literatura e historiador cultural. Os alemães proibiram o seu romance histórico *Philip Willem* (1940). Por ter estado envolvido no ataque ao Registo Civil de Amesterdão, Brouwer foi fuzilado com dezasseis outros indivíduos a 1 de Julho de 1943, em Overveen. Provavelmente, Ety acabou de receber a notícia. (*N. da E.*)

to estamos a escrevê-las. Hoje faltaram-me pela primeira vez as forças por instantes e desmaiei no meio de um barracão grande. Viveram-se novamente dias penosos. Esta manhã, partiu um novo transporte com 2500 pessoas, mal consegui manter os meus pais fora do comboio, é tudo verdadeiramente desesperante. Os bons amigos que aqui tenho, que possuem o que se pode chamar influência, confidenciaram-me esta manhã que os meus pais devem preparar-se para o transporte da próxima semana, o campo está a ser lenta mas seguramente esvaziado. A situação agrava-se cada vez mais. Se não se der um milagre do exterior, tudo estará perdido dentro de uma ou duas semanas. Só queríamos tirar daqui o Mischa, que está determinado a partir com os pais e a enfrentar a sua ruína definitiva. É mesmo verdade que ele poderia ter ido sozinho para Barneveld? E não seria ainda possível, mesmo que os pais não o acompanhem, receber uma ordem a dizer que ele *tem* de ir para lá? Mesmo embora, para ser sincera, saiba muito bem no meu íntimo que não irá de maneira nenhuma sem eles. «Se os pais partirem, será esse o meu fim», diz ele constantemente. Entre nós, é um grande martírio. E o mais desesperante é que se pode fazer muito menos pelos nossos do que eles esperam. Provavelmente, há seis meses seria ainda bastante fácil mantê-los cá e integrá-los, mas actualmente estamos cada vez mais impotentes. Tu própria conheces muito bem este sentimento. Não vou escrever mais agora, pois, desta vez, a carta não será alegre...

São todos tão queridos, todos estes problemas, esforço e preocupação que estamos a causar-vos pesam-me bastante na consciência.

Acabei de ler a carta do Cor ao Mischa. Chegou uma encomenda da senhora Kuyper-Glassner, mas não chegou nenhuma da Kuyper-Ortmann. É muito triste quando os vossos embrulhos

preparados com tanto esmero e amor não chegam ao destino, mas julgo que, de resto, chegou tudo; todos os embrulhos são muito bem-vindos, e pergunto-me como conseguem enviá-los, já que a situação por aí também não está assim tão fácil, não é verdade?

Também recebemos uma caixa grande com tomates e pepinos sem o nome do remetente, logo, não sei quem a enviou, mas, de qualquer maneira, acuso a recepção.

Termino subitamente esta carta, amiga, sinto-me um pouco doente, mas tudo estará melhor amanhã.

Cumprimentos à Grete e ao Cor.

Adeus.

Etty

Por um destes dias passarei a ter apenas autorização para escrever quinzenalmente, logo, se de repente deixarem de ter notícias nossas, já sabes que não há nada a fazer.

49. A Christine van Nooten.

Westerbork, quinta-feira, 8 de Julho de 1943.

Westerbork.

Serão de quinta-feira, 8 de Julho.

Queridíssima Christine,

De momento, estou no turno nocturno, por isso, se não tiver muito movimento junto da minha mesinha, vou escrevendo umas palavrinhas por entre os meus afazeres. Em todo o caso, esta noite

quero enviar uma carta para que a tua irmã a receba a tempo. Portanto, perdoa-me se ficar muito incoerente.

Christine, aquele bolo de Groninga¹! Estava magnífico. A encomenda era, toda ela, maravilhosa. Fui logo dar algumas fatias ao pai, e meia tablete de chocolate. É tão giro, vou de fugida ter com ele, a cinco minutos do meu barracão, entrego-lhe qualquer coisa pela janela e regresso a correr. E é isto o melhor, poder manter aqui os nossos entes queridos, poder cuidar deles e mantê-los em forma com a ajuda do exterior. O Mischa estava presente quando abri o embrulho, ficou radiante. Preparaste-o com tanto cuidado e amor, é realmente comovente, não é só o conteúdo, que é tão fortalecedor, mas também o facto de haver quem nos queira ajudar desta forma; é muito reconfortante...

Entretanto, chegou outro embrulho do Conselho Judaico de Deventer² com belos pãezinhos de centeio do Gantvoort. Dou sem-

¹ Christine van Nooten passou as férias de Verão de 1943 em Groninga, em casa da irmã C.C.J.W. van Nooren (Weert, 1890-Lochem, 1976), também professora de Línguas Clássicas. (*N. da E.*)

² A secção provincial do Conselho Judaico de Overijssel — a que pertence Deventer — situava-se em Enschede e era chefiada por S.N. Menko. Em Deventer existiam representantes locais do departamento de «Assistência a Judeus Não-Neerlandeses» (B. Behr), do departamento de «Segurança Social» (Dr. J. Cohen), do departamento de «Autorizações de Viagem e Mudanças de Residência» (R. Adelaar) e uma Comissão para Administração Financeira (H. Gelder). O principal representante em Deventer era o Dr. Johan Cohen. Estas delegações provinciais e municipais do Conselho Judaico foram criadas no Outono de 1941 pela chefia do Conselho Judaico. Todas as cidades onde residissem judeus em número suficiente tinham direito a uma representação. O Conselho Judaico de Deventer mantinha bons contactos com as autoridades locais, pelo que as razias de finais de 1942 não tiveram o efeito desejado pelos alemães. Por esse motivo, a 14 de Janeiro de 1943, o ocupante deteve quer o Conselho Judaico de província, quer a polícia local, para, simultaneamente, retirar os judeus — que, assim, não podiam ser alertados — de suas casas. Dois dias depois, deram-se mais detenções de judeus. A 10 de Abril de 1943, começou a ser recusada aos judeus a permanência nas três províncias setentrionais e nas três meridionais, bem como em Overijssel. Com a partida dos judeus, cessaram as actividades do Conselho Judaico em Enschede e das suas delegações em Deventer. Pelo que se pode perceber por uma carta posterior (n.º 59), Etty desconhecia que o Conselho Judaico em Deventer já não existia. (*N. da E.*)

pre metade à mãe, que trata do Mischa, e fico com a outra metade para dar ao pai.

Vivemos dias tensos e movimentados. O pai estava na lista de transporte. Conseguimos tirá-lo. As convocatórias de preparação para o transporte são feitas a meio da noite, horas antes da partida. Se no último minuto ainda forem necessárias pessoas para preencher as quotas exigidas, escolhem-se no último instante judeus ao acaso, aqui e ali, dos barracões. E é por essa razão que os dias que antecedem o transporte são tão desgastantes; no dia seguinte, desmaiei duas vezes, mas já vou andando outra vez — até ao próximo transporte. No domingo à noite, enquanto estava a conversar sentada à beira da cama do pai, um conhecido sussurrou-me de repente ao ouvido: «O teu pai está na lista». Se queres que te diga, apanhei um valente susto. E durante todo o dia de segunda-feira estive junto de nós uma longa fila de vagões crus; cerca de 70 pessoas, homens, mulheres, doentes e bebés, são comprimidas num único vagão, as portas são cerradas, entra algum ar por cima, por alguns respiradouros e tábuas partidas, colchões de papel no chão para os doentes; de resto, nada mais do que chão duro, um barril no meio e uma viagem de três dias pela frente. Consegues imaginar algo assim? Habituei-me à ideia de que eu própria terei de ir um dia. Desejava, acima de tudo, poder poupar os meus pais e os meus irmãos. Mas aqui é impossível enterrar a cabeça na areia; todas as semanas há um grande transporte, cuja quota tem de ser preenchida; se continuar assim, em breve chegará a nossa vez. O meu pai encara tranquilamente a questão: «Aquilo por que milhares passaram antes de nós, também nós podemos suportar», diz ele. Estou grata por ainda os ter aqui, mas na próxima segunda-feira recomeça a desgraça. Se bem que — segundo uma informação

que me foi hoje dada por uma boa amiga¹ que está a trabalhar para nós — pareça que, afinal, estão a fazer algo por nós em Haia. O pai e a mãe deixam-me cheia de alegria, cada qual lida com a situação à sua maneira, admiro-os muito. O pai tem agora 2 alunos no seu barracão, um rapaz pouco doente e outro que está muito mal, mas que, apesar de tudo, deseja aprender algum Grego e Latim para se distrair um pouco. O pai lê Homero, Ovídio e Salústio com eles e dá-lhes duas horas de aulas por dia, com muito gosto. E também lê muito, filosofa com rabinos vetustos e antigos colegas de estudo e de vez em quando passeia com a filha pelo terreno hospitalar onde a areia esvoaça.

Oh, Christine, se ao menos eles pudessem continuar aqui no caso de Barneveld não dar em nada. Neste local, há hipótese de sobreviver com a ajuda do mundo exterior, por muito difícil que tudo seja. Mas, uma vez no comboio, só antevejo um martírio sem fim — só nos resta esperar...

Pouco mais tarde. Ah, sim, o sabão em pó — quero, pois! Produtos desses são quase mais importantes do que alimentos; com o amontoar de pessoas, a questão da higiene cada vez deixa mais a desejar. Lavamos a roupa muitas vezes, numa variedade de baldes obtidos a custo; não fica muito mais limpa, é certo, mas a ideia de que foi lavada faz-nos sentir limpos...

Não te respondo de forma tão sistemática como tu, pois isso aqui é quase impossível.

O barracão do Mischa é o 62.

Terminei o serviço. Vou a correr para o meu barracão, tenho febre e algo poético: desarranjos intestinais; meio campo parece

¹ Milli Ortmann-Blankenstein. (*N. da E.*)

deste mal, de momento, mas não há quem me convença a ficar na cama, prefiro estar sempre disponível.

O que dizia eu? Uma carta desorganizada, incoerente. A escrita vai acabar em breve. Ouvi dizer que nem sequer podemos agradecer com um postal as encomendas particulares vindas das províncias. Se eu escrever ao Simon «embrulho recebido», significa uma encomenda do C. J., mas se escrever «embrulho pequeno», significa que é teu — se bem que, no que toca a tamanhos, fosse mais apropriado fazer ao contrário.

Muitos, muitos beijos de todos. Recebemos uma carta simpática do van Kuik.

Boas férias.

Adeus! Etty

50. A Milli Ortman.

• *Westerbork, s. d. provavelmente quinta-feira 8 de Julho de 1943*

Westerbork.

Milli, preciosa Milli,

Voo por instantes até ti para lançar os meus braços em redor do teu pescoço. Pobrezinha, que cartas horríveis te tenho escrito. Esta manhã, recebi notícias da Grete; ela diz que os papéis estão a caminho. Ainda não sabíamos de nada. Agora há grandes esperanças de conseguirmos mantê-los neste lugar. Como os carimbos do campo deixaram de ser válidos, todos podem ser deportados, excepto aqueles cujos casos ainda estão em apreciação em Haia. E, oh,

Milli, preferia que não fossem naqueles vagões, embora não me importe muito se eu for; enfim, teremos de aguardar.

Vou ser rápida. De momento, estou um bocadinho doente: febre, diarreia, mas meio campo está assim. Esta noite vou enviar ao Wegerif uma carta mais extensa¹, dirigida a todos vocês. Dá um abraço à Grete pela sua simpática missiva. São todos tão atenciosos, mesmo tendo, efectivamente, preocupações que cheguem. Ando a tentar localizar a vossa tia Hermine²; vou procurá-la amanhã; ao fim e ao cabo, eles deveriam ter deixado as pessoas de idade em paz.

Também está tudo bem convosco, não está?

E o Cor que agora vive aí tão perto. Não, não podem vir cá. Obrigada por tudo.

Não te importas de te dirigir ao Wegerif relativamente ao pagamento pelas despesas que tiveste connosco? Se bem que o que fizeste por nós não tenha preço!

Não tenho mais tempo. Depois escrevo mais, se ainda for possível.

Adeus!

Etty

¹ Ver carta n.º 47. Todavia, esta carta não foi enviada antes de 9 de Julho de 1943. (*N. da E.*)

² Informações inexistentes. (*N. da E.*)

51. A Milli Ortmann.

Westerbork, sexta-feira, 9 de Julho de 1943.

Sexta-feira à noite.

Pobre Milli, lamento tanto por ti, andaste e esfalfaste-te tanto por isto. Barneveld foi negado, mesmo para o Mischa. O pai e a mãe estão na lista de deportação; o Mischa tem permissão para ficar, mas não quer. Está a ser difícil mantê-lo calmo. Ele ameaçou: «Vou ter com o Comandante e dizer-lhe que é um assassino». Temos de estar atentos para ver se ele não faz nada de perigoso. A secretária do Rauter¹ está cá neste momento e a mãe foi chamada especialmente para lhe darem a informação. Foi-lhe dito expressamente que agora estão inscritos para o transporte de terça-feira. Não sei se cá ainda se pode fazer alguma coisa, tenho de ver. De momento, a nossa lista de pais já não é de confiança; nem sequer sei se os meus pais ainda figuram nela, depois das ordens de Haia. Só espero que ainda chegue a tempo alguma bagagem de Amesterdão, embora, assim como assim — temos cada vez mais certezas — tudo nos seja retirado.

Vou combinar uma coisa contigo, também já escrevi à Nethe a dizer o mesmo: se a mãe e o pai tiverem partido na próxima terça e eu já não puder escrever, telegrafarei à Nethe o seguinte (ainda podemos enviar certos telegramas a judeus e cônjuges de casamentos mistos; são entregues por estafeta): «Envia 2 sobretudos». Se o Mischa também tiver ido, direi: «Envia 3 sobretudos».

¹ Provavelmente, Etry refere-se a *Fräulein* Gertrud Slotke (Mühle-Mühlental, 1902), pertencente aos Serviços de Segurança. Visitava Westerbork com regularidade. Tratava sobretudo dos pedidos para Terezin. As suas decisões e procedimentos davam-lhe uma reputação lúgubre. Após a guerra, foi condenada a cinco anos de prisão. (*N. da E.*)

Da mesma forma que o Mischa quer ir por amor aos pais, eu quero ficar por um tipo diferente de amor. Talvez seja um amor mais covarde, mas sozinha, sou forte. Creio que é mais fácil rezarmos por alguém à distância do que vermos esse alguém a sofrer ao pé de nós. . .

Caso recebas um telegrama destes, transmite as notícias aos nossos amigos de Amsterdão, e também à Menina J.C. J.C. van Nooten, *Noordenbergsingel 7*, Deventer, e à Senhora M. Gans¹, *Roodenburgerstraat 60*, Leida. Logo que for possível, voltarei a escrever. Se eles ainda cá estiverem e já não puder escrever, telegrafo: «manda lenços», está bem?

Mais uma notícia triste: a tua tia Hermine já não está aqui. Como eu lamento, Millizinha, por não ter senão más notícias
Adeus. Beijos.

Erty.

52. A Maria Tuinzing.

Westerbork, sábado, 10 de Julho de 1943.

10 de Julho.

Maria, olá.

Dezenas de milhares partiram deste lugar, vestidos e nus, velhos e novos, doentes e sãos — e eu fui capaz de continuar a viver, pensar, trabalhar e sentir-me alegre. E agora, também os meus pais terão de partir; se, por milagre, não for esta semana, então será, certamente, na próxima. E eu tenho de aprender a aceitar também

¹ M. Gans, esposa do neurologista e publicista Abraham Gans (Aalten, 1886-Leida 1971). Louis Hillesum e Abraham Gans eram amigos desde os seus tempos de estudantes. (*A. da P.*)

este facto. O Mischa quer ir com eles e a mim parece-me que será a decisão acertada; se tiver de ver os nossos pais a sair daqui, isso deixá-lo-á completamente desorientado. Eu não irei, não sou capaz. É mais fácil rezarmos por alguém distante do que vermos esse alguém sofrer ao nosso lado. Não é por rezeir a Polónia que não vou com os meus pais, mas sim por ter medo de vê-los sofrer. Ou seja, novamente por cobardia.

As pessoas recusam-se a reconhecer que, a dada altura, nada mais podem *fazer*, apenas existir e aceitar. E eu já comecei há muito a aceitar, mas só podemos fazê-lo relativamente a nós mesmos e não aos outros. E é por esse motivo que a situação de momento está tão desesperadamente difícil para mim. A mãe e o Mischa ainda querem agir, virar o mundo de pernas para o ar, e, quanto a isso, estou completamente impotente. Nada posso fazer, nunca tive a possibilidade de fazer algo; apenas posso assumir tarefas e sofrer. É aí que reside a minha força, e é uma grande força. Mas para mim mesma; não para os outros.

Barneveld foi recusado ao pai e à mãe; soubemo-lo ontem. E ainda lhes disseram para estarem prontos para ir no transporte da próxima terça. O Mischa quer ir ter com o Comandante e dizer-lhe que é um assassino. Nos próximos dias, teremos de vigiá-lo atentamente. O pai tem-se mostrado muito calmo. Mas teria morrido em poucos dias no barracão grande se eu não tivesse conseguido levá-lo para o hospital, onde, aos poucos, a vida também se tornou relativamente intolerável para ele. Está completamente vulnerável e incapaz de se governar sozinho.

As minhas orações não são como deveriam ser. Bem sei: podemos rezar pelas pessoas para que elas encontrem força para suportar tudo. Mas não pára de surgir dentro de mim a mesma prece: «Meu Deus, faz com que dure o menos possível». E, por isso, estou

paralisada em todas as minhas acções. Gostaria de preparar-lhes a bagagem da melhor maneira possível, mas, ao mesmo tempo, sei perfeitamente que tudo lhes será retirado (quanto a isso, temos cada vez mais certezas); então, para que haverão eles de ter de carregá-las?

Tenho aqui um bom amigo¹. Na semana passada, ele esteve na lista de transporte. Quando fui vê-lo, colocou-se diante de mim, muito direito, de semblante tranquilo, a mochila pronta junto à cama; não falámos da sua partida, ele leu-me vários textos que escrevera e ainda filosofámos um pouco. Não piorámos a situação para ambos com a nossa tristeza por termos de dizer adeus. Rimos e dissemos que voltaríamos a ver-nos. Cada um de nós conseguiu suportar o seu fado. E é isso que é tão desesperante neste local: a maioria das pessoas não consegue suportar o seu destino, colocando-o sobre os ombros de terceiros. E é possível ceder sob o peso desse destino, mas não sob o do nosso. Sinto-me capaz de suportar o meu fado, mas não o dos meus pais.

Esta é a última carta que poderei escrever por agora. Esta tarde, irão retirar-nos os cartões de identificação² e tomar-nos-emos residentes do campo. Por isso, será necessário teres um pouco de paciência até receberes notícias minhas. Talvez consiga fazer passar clandestinamente uma missiva de vez em quando.

Recebi as tuas 2 cartas.

Adeus, Maria — amiguinha...

Etty

¹ Philip Mechanicus. No último momento, foi retirado do transporte, graças aos esforços de Etty nesse sentido. (*N. da E.*)

² Do cartão de identificação usado no campo conserva-se, para além dos dados pessoais, a «profissão» desempenhada em Westerbork. Visto que, após a dissolução do Conselho Judaico no campo, as funções de Etty haviam mudado, a informação também tinha de ser corrigida no cartão. (*N. da E.*)

53¹. A Christine van Nooten.

Westerbork, s.d., carimbo postal de 5 de Julho de 1943.

Christine, queridíssima amiga,

Já temos os olhos protegidos graças à tua colecção de óculos de protecção, os outros salutarens bens terrenos também chegaram intactos às nossas mãos, os bolinhos secos estavam inigualáveis, guardei alguns para mim numa caixinha e vou levar todos os dias uns quantos ao meu pai, para animá-lo; é tão bom levar-lhe uma guloseima de vez em quando. Por acaso, podes avisar a Joanhinha Lansen² de que o pai não pode responder-lhe? Ela escreveu uma carta comovente que adorámos, diz-lhe isso. Passa bem em Groninga.

Depois darei mais notícias.

Adeus!

Etty

54. A Maria Tuinzing.

Fragmento. Westerbork, s.d., finais de Julho de 1943.

[...] que outros estivessem pelo meu pai. É a única forma de se poder viver a vida nos dias que correm, com amor sem predilecção pelos nossos semelhantes atormentados, sem olhar à nação, à raça ou ao credo. E quando voltei a lembrar-me disso durante um momento completamente desconsolado, pude prosseguir a minha

¹ Este postal é aqui colocado de forma abusiva, mas segue-se à carta n.º 46. (*N. da E.*)

² Johanna Maria Lansen (Amesterdão, 1914-Deventer, 1969) era uma conhecida de Etty de Deventer. Filha do já referido Pieter Lansen. (*N. da E.*)

vida, não apenas um sucedâneo de vida num campo transitório judaico durante a Segunda Guerra Mundial, como faz a maioria das pessoas aqui, mas uma vida genuína, com uma boa porção de *élan*, alegria e convicção e um leve pressentimento das ligações que existem e que, no fundo, acabam por tornar a vida um todo cheio de significado — mas é algo sobre o qual não se pode, por enquanto, escrever muito, por não se conhecer palavras para fazê-lo. Jamais devem preocupar-se ou sentir-se tristes por mim, para mais, não me ajudariam se o fizessem.

Que adorável era aquela encomenda que a Käthe enviou, embrulhada com tanto cuidado; voltei a estar rodeada por toda a casa da *Gabriël Metsustra*. Hoje preparei aquele esparguete para a mãe, que agora está com bronquite e talvez vá para o hospital se ainda houver um lugarzinho. O teu embrulho também era tão querido e útil; já avisei a Mien K. de que o recebi. E tu também continuas a alimentar-te bem e a cuidar um pouco de ti, Mariazinha? Ainda temos de durar por um bom par de anos, sabes isso?

Estou agora sentada à minha secretária de trabalho, a receber telegramas; de vez em quando, escrevo uma linha, olha [...]

55. A Christine van Nooten.

Anterior a 31 de Julho de 1943. (Divulgada por Maria Tuinzing numa carta a Christine van Nooten, datada de 31 Julho de 1943).

Wageningen
31 de Julho de 1943.

Estimada Menina van Nooten,

Etty Hillesum — Westerbork — pede-me que lhe escreva o seguinte:

De manhã, antes das seis, começo por ir até ao barracão do pai; vou buscar o seu cantil e com ele dirijo-me para a casa das caldeiras: quatro torneiras de água quente na parede exterior — uma longa fila de pessoas com alguidares, baldes e cafeteiras; um cavaleiro com ar de professor que controla o tráfego, aguardo a minha vez, tenho sempre no bolso esquerdo do casaco aquele saquinho de chá da Swiep — queimo os dedos na torneira e durante o caminho de regresso ao hospital o chá fica pronto. Depois, vou ver a mãe (com bronquite — sem voz e bastante fatigada), pego no seu termo e recomeço a mesma peregrinação.

Em seguida, vou ter com o Mischa — que está deitado na cama do terceiro andar, sob uma trave transversal no barracão grande, como um príncipe disfarçado — ver se precisa de alguma coisa.

Sou eu que recebo todas as encomendas — tento ser o centro de distribuição justa da família. Passo por todos eles com caixinhas, e tenho genuíno prazer em poder fazê-lo. Não tenho, simplesmente, palavras para falar de amigos como os nossos, até os colegas do pai cuidam de nós; por vezes, quase me pesa a consciência.

O pai é um cigano imperturbável — só se vai abaixo ocasionalmente e, nessas alturas, o que mais gostaria de fazer era embar-

car no comboio para se livrar destas chatices todas — mas ultrapassa sempre essas fases. Passa os dias aqui munido de meia dúzia de pequenas Bíblias — grega, francesa, russa, etc. — e não pára de me surpreender com textos muito adequados. É contido nas suas exigências, vive essencialmente de pão. No dia anterior ao transporte do qual estava firmemente convicto de que iria fazer parte, mostrou-se muito calmo, leu Homero com meninos doentes e conversou com antigos colegas de estudo que aqui reencontrou — e que, entretanto, se transformaram em rabinos grisalhos.

Aprendi com um amigo inesquecível — por cujo falecimento ainda dou graças todos os dias — a grande lição ensinada em Mateus 24¹: «Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã; porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal». Esta é a única atitude que podemos adoptar para conseguirmos viver aqui. Pelo que todas as noites deixo as minhas muitas preocupações terrenas aos pés do próprio Deus, com uma certa paz de espírito. Geralmente, são preocupações muito triviais, por exemplo, como conseguirei lavar a roupa da família, etc. As grandes preocupações já não o são — transformaram-se num destino² ao qual ficámos ligados.

O caso Puttkammer³ deixou-me muito envergonhada. Já podes ver as loucuras que as pessoas cometem por necessidade —

¹ Na verdade, Ety refere-se à passagem de Mateus 6:34. (*N. da E.*)

² Em alemão no original. (*N. da T.*)

³ Erich August P. Puttkammer era um procurador alemão num dos escritórios do banco RBV em Amsterdão. Ainda antes da guerra, entrou em contacto com judeus alemães que desejassem emigrar. Na guerra, os alemães tentaram obter divisas estrangeiras através da emigração de judeus com poses. Puttkammer funcionava como intermediário no processo. Na chamada «lista de Puttkammer», as pessoas podiam registar-se como candidatas à emigração, em troca de divisas. Conseguiram assim uma espécie de comprovativo de inscrição que mais tarde — aquando de uma resposta positiva ao pedido — funcionaria como carimbo. A Puttkammer era pago dinheiro de mediação, uma quantia que, no decorrer de 1942/43, foi aumentando cada vez mais. Nunca chegou a haver verdadeira emigração.

mas julgo que tudo tem um limite. E uma questão de dinheiro como essa nem parece coisa nossa. Por amor de Deus, não dê mais voltas à cabeça por esse motivo. Também seremos capazes de suportar o que milhares e milhares de pessoas suportaram antes de nós. Para nós, já não se trata, creio eu, de estarmos vivos, mas sim de como nos preparamos para o fim.

Termina aqui a carta da Etty...

Todos eles se encontram, portanto, tão bem como se pode esperar, dadas as circunstâncias. A Etty mantém-me regularmente ao corrente de tudo — agora, apenas tem autorização para escrever uma carta ou dois postais de quinze em quinze dias — mas, por vezes, consegue passar em segredo uma mensagem ou um bilhete — O Jaap ainda se encontra em Amesterdão — encomendas chegam à destinatária — como sabe.

Cumprimentos da

Enfermeira Maria Tuinzing.

Gabriël Metsustraat 6
Amesterdão-Sul.

Julgo que nos encontrámos certa vez em casa da Etty, quando ela esteve doente, não foi?

A primeira lista falhou em Fevereiro de 1943. Os judeus que haviam gasto todas as suas posses para conseguir um lugar na lista de Puttkammer acabaram por ser deportados. A mãe de Etty tentou em vão através de Christine van Nooten ser colocada na lista com o seu marido, isto muito contra vontade de Etty, como parece mostrar esta passagem. (N. da E.)

56. A Maria Tuinzing.

*Westerbork, sábado, 7 de Agosto de 1943, a domingo,
8 de Agosto de 1943.*

7 de Agosto.

Maria, minha querida amiguinha,

Esta manhã apareceu um arco-íris sobre o campo e o sol brilhou nas poças de lama. Quando entrei no barracão-hospital, algumas mulheres perguntaram-me: «Traz boas notícias? Vem tão alegre». Ponderei contar uma pequena história¹ sobre Victor Emanuel, sobre um governo popular e sobre uma paz que se aproximava; afinal, não podia despachá-las com aquele arco-íris, não é? Embora fosse essa a única razão da minha alegria.

«O fim aproxima-se, está a colapsar»², acaba de afirmar um velho e pequeno professor enrugado sentado a uma mesa de madeira à minha frente. Por cá, reina a boa disposição. Por entre os catres de ferro e os trapos prosperam sonoridades italianas. Provavelmente, haverá um fundo de verdade na avalanche de notícias que se reflecte nas conversas do campo como que em espelhos mágicos. Um «ariano» com ferimentos de bala foi trazido para cá. Está internado num dos barracões-hospital, num cubículo à parte. Pouco depois, chegou um automóvel da polícia judiciária pelos nossos carreiros enlameados; o Comandante, vestindo um pólo, veio à frente de bicicleta para mostrar o caminho. Diz-se que o ferido está

¹ Esta «pequena história» está ligada ao que se passava em Itália no momento. A 25 de Julho de 1943, Mussolini foi detido por ordem do Rei Victor Emanuel II (1869-1947), isto em consequência da chegada dos Aliados à Sicília, no dia 9 desse mês. (*N. da E.*)

² Em alemão no original. (*N. da E.*)

a ser interrogado regularmente, horas a fio. E que, de resto, está a ser tratado com todas as mordomias. O próprio Comandante trouxe-lhe uma almofada de casa. Dizem que pertence ao *Vrij Nederland*¹. E também que atingiram o Burgomestre de Beilen. Dizem igualmente que foram trazidos para cá mais arianos, todos com ferimentos de bala. Que há grande agitação em Drente. Há umas noites, deflagrou um incêndio² contra o céu cinzento sobre as nossas pradarias; fiquei a observá-lo durante muito tempo, à chuva. Na manhã seguinte, um judeu de fato-macaco verde está de vigia ao barracão que fica em frente ao orfanato, no local onde as crianças brincam num pedacinho de terreno arenoso cercado por arame farpado. O homem do fato-macaco verde guarda 20 indivíduos não-judeus, homens, mulheres e crianças, mantendo-os como reféns arrancados das suas camas durante a noite, em Drente, por causa do incendiozinho. Há entre nós um sentimento de desagrado por ser necessário vigiar não-judeus num campo para judeus. Porém, os 20 desapareceram ainda nesse dia.

Ontem tivemos a visita de um General³. Fomos tirados das camas muito cedo, estalou uma febre de limpeza por todo o campo;

¹ Os colaboradores do *Vrij Nederland*, ou VN (em português: «Holanda Livre»), participavam na produção e distribuição deste jornal da Resistência de origem ilegal. Para a sua distribuição, foram colocados representantes em diversas partes do país. Alguns destes não limitavam as suas actividades de resistência à distribuição do jornal clandestino: estavam também ligados a espionagem, sabotagem, ataques a neerlandeses simpatizantes da Alemanha, assaltos a escritórios de distribuição e auxiliavam quem desejasse esconder-se. (*N. da E.*)

² Na noite de segunda-feira, 2 de Agosto de 1943, três quintas das imediações do campo foram incendiadas. Dez não-judeus foram detidos e levados para o campo no dia seguinte. Foram mantidos como reféns num barracão e vigiados por alemães pertencentes ao Serviço de Ordem. (*N. da E.*)

³ A 6 de Agosto de 1943, Wilhelm Harster (Kallheim, 1904-Munique, 1991) visitou o campo. Harster, nomeado a Julho de 1940, Comandante da Polícia de Segurança e dos Serviços de Segurança nos Países Baixos, estava fortemente ligado à perseguição dos judeus neerlandeses. Após a guerra, foi condenado a quinze anos de prisão. (*N. da E.*)

sem abrigo, vagueei durante umas horas pela lama, os doentes tiveram de permanecer no leito de modo exemplar, as refeições pareceram um pouco melhores do que o costume, os doentes dos barracões grandes tiveram de usar estrelas nos pijamas e em lado algum podia haver estrelas soltas. Um sapo balofo de uniforme verde passou por entre os barracões; devia ser, de certeza, o General. Diz-se que veio cá por causa da agitação em Drente. Por aqui, impera a boa disposição. Há já algumas semanas que não partem transportes e parece que não voltarão a sair¹. É o que dizem. Westerbork vai tornar-se um campo de trabalhos forçados com campo de concentração em anexo. Às pessoas no barracão das punições, cujo número aumenta de dia para dia, raparam-lhes o cabelo e deram-lhes roupas de prisioneiros. Não sabiam o que fazer com os idosos e as crianças, em relação a estes, permanece tudo em aberto. O Comandante decidiu que podem ficar. É o que dizem.

O pai está doente num chiqueiro com 130 pessoas. «Albergue Nocturno»², diz ele, e ri com ironia. Ironiza muitas vezes. Tem pequenas Bíblias em várias línguas espalhadas sobre o cobertor em desalinho, e romances franceses. O fato, o sobretudo, os seus haveres estão todos amachucados, formando uma bola atrás da almofada. As pessoas quase não têm espaço entre si. Os «enfermeiros» afastam-se a passos largos quando lhes pedimos algo, credo. «É preciso uma saúde de ferro para podermos sobreviver neste hospital», diz o pai, «já que, doentes, não conseguimos». Esteve bastante mal durante uns dias, com quase 40 graus de febre e di-

¹ Entre 20 de Julho e 24 de Agosto de 1943 não se realizaram transportes. (N. de E.)

² Referência à peça de teatro *Op de Bodem (No chão)*, de 1902, também conhecida pelo título alemão *Nachtasyl*, do escritor russo Máximo Gorki (1868-1936). A peça passa-se num albergue nocturno frequentado por pobres. (N. de E.)

senteria. Torrei-lhe pão em casa da Anne-Marie e vou muitas vezes à casa das caldeiras buscar água quente para o chá. Troco pão de centeio por tostas e produtos mais fáceis de digerir, negocio, pura e simplesmente, em pão de centeio. Ontem veio cá uma senhora amável e trouxe-lhe um presente digno de um rei: um rolo de papel higiénico. Era a esposa de um rabino eminente, que aqui trabalha em acções de beneficência. O pai agradeceu-lhe com uma cortesia excepcional.

Costumo entrar à socapa para vir visitá-lo, o que me custa sempre uma pequena desavença com o porteiro, um homem de regras. Num momento de esquecimento, o pai insultou-o, chamando-lhe *Feldwebel*¹. O homem quase começou a chorar e disse: «Senhorrr, há já 10 anoz que vivo na Holanda». «E eu, há 300», respondeu laconicamente o pai. No dia seguinte, quis fazer as pazes e disse-lhe: «Não foi minha intenção ofendê-lo, nem ao *Feldwebel*». Seja como for, aquele porteiro exige muita da minha astúcia e energia. Fartamo-nos ambos de dar risinhos de troça, o pai e eu, não se pode dizer que nos ríamos realmente. Ele é dono de um sentido de humor inato que vai ficando mais profundo e vivo à medida que este grotesco processo de empobrecimento em que ele se encontra assume proporções mais lamentáveis.

Continuam sem ver, meu Deus, que aqui tudo são areias movediças, excepto Tu. Esta escapou-me.

Encontro-me agora num dos barracões grandes, sentada a uma mesa de madeira, três catres atrás de mim, três à minha fren-

¹ Cabo. (*N. da l.*)

casinha, temos algumas horas para cozinhar. Moro com mulheres muito dadas a tarefas domésticas. As suas vidas desenrolam-se em redor desta única plaquinha de fogão. Por vezes, com resultados algo cómicos. Quase sempre com resultados que dão vontade de chorar. Raramente estou «em casa». Temos aqui três livros: *Kwik-zilver*, de Cissy van Marxveldt¹, *De Scheiding*, de Henri van Booven² e *Gesprekken met Sri Krishna*³. O de Cissy van Marxveldt é tão disputado que quase gera lutas. Da última vez que peguei na minha Bíblia, uma das minhas colegas exclamou, cheia de uma glória satisfeita: «Eu escondi a minha num local seguro!»

A chuva bate contra as nossas pequenas janelas, está frio, parece que o Verão chegou mesmo ao fim. Do meu catre vejo ao longe as gaiivotas avançando pelo liso céu cinzento. São como pensamentos livres avançando por um espírito aberto.

Ontem à noite fui com o *Mechanicus* ver a mãe do Paul. Há uns dias que está no barracão de quarentena, porque tinha um, sim, um piolho. Durante esse tempo também lhe arrancaram um dente e foi vacinada. Além disso, tem descascado batatas todos os dias, horas a fio, sentada num banquinho estreito. «Trabalho de escravos», diz ela. Está triste. O barracão onde se encontra agora parece uma casa de correcção, sem um único objecto que dê algum

¹ *Mercurio*, de Cissy van Marxveldt, pseudónimo da popular escritora de literatura para raparigas C. Beek-de Haan (Oranjewoud, 1889-Bussum, 1948). O referido título, com ilustrações de Henri Pieck, foi publicado pela primeira vez em 1926. (N. da E.)

² *A separação*, de Henri van Booven (Harlém, 1887-Haia, 1964), jornalista e escritor. Autor de *Tropenwee* (*A dor dos trópicos*) e de outros romances muito menos apreciados, entre os quais *De scheiding: Geschreven in oorlogstijd October 1914-Mei 1919* (*A separação: escrito em tempo de guerra, entre Outubro de 1914 e Maio de 1919*), publicado pela primeira vez neste referido mês. (N. da E.)

³ *Conversas com Sri Krishna*. Provavelmente, Etty refere-se à obra *De boodschap van Sri Krishna*, (*A Mensagem de Sri Krishna*), o diálogo entre Sri Krishna e Uddhava, de G.H. Mees, com prefácio de Sri Vishwanath Keskar (Haia, Servire, 1931). (N. da E.)

conforto. Conversámos sobre as muitas crianças órfãs — algumas delas já como pequenos homens e mulheres — sobre os idosos que se vêem muito juntos à chuva todas as manhãs, por serem expulsos dos barracões enquanto procedem à limpeza dos mesmos, falámos do trabalho estupidificante de escolher ervilhas e feijões, sobre o perigo de perder a moral e deixar andar, sobre as pequenas tristezas e detalhes grotescos da vida neste campo. «Não é possível descrever estas coisas, só se pode mesmo passar por elas», diz o Mechanicus, com certo rancor. Apoia os cotovelos sobre a mesa de madeira; tem pulgas, meias esburacadas e calafrios e diz, rindo de si mesmo com benevolência: «Este serão, sinto-me como um rapazito com medo do lobo». Mais tarde, acompanhei-o até ao seu barracão e trouxe comigo as meias esburacadas. A mãe do Paul fez-nos companhia durante parte do serão, com um grande xaile de lã à volta dos ombros, o cabelo grisalho solto ao vento. Ainda te lembras daquela tarde musical quando o Paul tocou flauta na sacada e a mãe se sentou com ar muito solene no meio da sala?

Muitos sentem o seu amor pela humanidade definharem neste lugar, por não receber alimento. Dizem que as pessoas aqui não nos dão muitos motivos para as amarmos. «A massa é um monstro horrendo; os indivíduos são deploráveis», afirmou alguém. Contudo, a minha experiência mostra-me cada vez mais que não existe relação de causa e efeito entre o comportamento dos seres humanos e o amor que se sente por eles. O amor pelo nosso semelhante é como um brilho elementar que nos sustenta. O nosso semelhante por si só quase não tem nada a ver com isso. Oh, Maria, o amor aqui é escasso, e eu própria sinto-me imensamente rica; não posso explicá-lo.

Quando responderes, não deixes transparecer que recebeste esta carta fora do meu dia de escrita; de momento, há uma forte censura no correio que chega.

Cumprimentos para todos.

Etty

57. A Christine van Nooten.

Westerbork, domingo, 8 de Agosto de 1943.

8 de Agosto.

Querida Christine,

Um abraço caloroso de todos nós. Lembrei-me de enviar primeiro a tia carta que é para uma amiga minha. Muito do que está nela poderia ter sido igualmente escrito para ti, e assim terás novamente notícias nossas. Não te importas de encaminhar depois as folhinhas em anexo¹ para a enfermeira Maria Tuinzing, a/c Sr. Wegerif, *Gabriël Metsstraat 6*? Ela serviu-te uma chávena de café num domingo de manhã, quando estavas sentada à beira da minha cama, e falámos do *Livro de Horas*², lembras-te? Esse livro está agora debaixo da minha almofada, com a minha pequena Bíblia. É, sim, aquelas palavras de Isaías são maravilhosas e reconfortantes e devolvem-nos sempre aquela misteriosa paz interior que ultra-

¹ Provavelmente, carta n.º 56. (N. da E.)

² Etty cita *Das Stundenbuch, O Livro de Horas*, de Rainer Maria Rilke, sobretudo no quarto caderno do seu diário. (N. da E.)

passa qualquer entendimento¹. E maravilhosa era também — e agora estou a dar um grande salto para a Terra — a latinha de caranguejo e as tostas e outras iguarias. Ficámos com a sensação de que nos deram não só o melhor como também os últimos produtos das vossas próprias reservas e o sentimento que tal sensação desperta em nós não pode ser convenientemente expresso em palavras. Os embrulhos da tua mãe também eram tão adoráveis. E as maçãs eram deliciosas — não posso referir aqui tudo, ou ficaria sem papel. Temos uma carta muito simpática do Kraak², cheia de música. Esperamos que tenhas descansado bastante e regressees ao trabalho como nova. O pai está um pouco melhor, embora ainda não possa comer quase nada. Tem paciência que chegue, a boa alma, e, ainda assim, por ele (e por muitos, muitos outros, também), espero que as coisas não continuem assim por muito mais tempo, sabes.

Tenho de voltar a incomodar-te com alguns pedidos mundanos; acho horrível, mas não pode ser de outra maneira. Precisamos urgentemente de tostas e alimentos do género para o pai. Ele não comeu durante dias e precisa de regressar aos poucos à sua antiga forma; o pão do campo é péssimo. E não temos açúcar — acabámos o que tínhamos e aqui não arranjamos nenhum. Ainda é possível arranjar algum por meios obscuros? De momento, também estamos sem manteiga, mas é possível que um dia destes chegue al-

¹ Alusão a Filipenses 4:7: «Então, a paz de Deus, que ultrapassa tudo o que a mente humana pode naturalmente compreender». (*N. da E.*)

² O Dr. Willem K. Kraak (Harlem, 1914) estudou Línguas Clássicas em Leida. Após a demissão forçada do reino Hillesum, em Novembro de 1940, Kraak foi nomeado (com a aprovação de Louis Hillesum) para dar as aulas deste durante o ano lectivo de 1940/41. Violoncelista amador, Kraak frequentou saraus musicais em casa da família Hillesum, em Deventer, onde também ouvia Mischa tocar. (*V. da E.*)

guma de Deventer; nunca se sabe, aqueles duzentos e cinquenta gramas que enviaste de Amsterdão chegaram mesmo na altura certa. Pronto, lá voltei outra vez a fazer os meus pedidos: vivam as coisas materiais. Temos de nos manter firmes de ambos os lados do arame farpado, não é assim? «Está tudo bem», diz-se. O resto está na carta em anexo. Obrigada por toda a tua bondade e amor, querida menina. E cumprimentos à Joaquina Lansen.

Adeus! Etty

58. A Maria Tuinzing.

Westerbork, quarta-feira, 11 de Agosto de 1943.

11/8.

Mais tarde, quando já não tiver de viver num catre de ferro numa terra rodeada de arame farpado, quero ter um pequeno candeeiro por cima da minha cama, para poder ter luz em meu redor, à noite, sempre que quiser. Muitas vezes, quando estou meio a dormir, surgem a rodopiar pensamentos e pequenas histórias, tão rarefeitos e transparentes como bolas de sabão; quem me dera poder fixá-los numa folha de papel. De manhã, quando acordo, fico presa nas teias dessas histórias; é um precioso despertar, sabes? Depois, porém, surgem por vezes pequenos retalhos de sofrimento: as ideias e imagens movem-se de forma tão palpável em meu redor, desejam ser anotadas, mas não podemos sentar-nos tranquilamente em nenhum lado; por vezes, deambulo durante horas em busca de um cantinho tranquilo. Certa vez, uma gata vadia entrou aqui

durante a noite. Colocámos uma caixa de chapéus na retrete e ela teve gatinhos dentro dela. Às vezes, sinto-me como uma gata vadia sem uma caixa de chapéus.

Encontrei isto escrito algures sobre Paula Modersohn-Becker¹:
«(...) Está-lhe no sangue a grande modéstia com que encara a vida, que é apenas aparente e, na realidade, não é senão a expressão verdadeiramente amadurecida da maior exigência: o desprezo por tudo o que é exterior, resultante do sentimento inconsciente da própria plenitude e de uma secreta felicidade interior, não totalmente explicada (...)»².

Esta noite, nasceu o filho do Jopie. Chama-se Benjamin³ e dorme numa gavetinha de um armário.

Agora colocaram um louco ao pé do meu pai.

Ah, sabes, se não tivermos uma grande força interior enquanto aqui estamos para compreender que todas as aparências exteriores são meros acasos pitorescos, incomparáveis ao grande esplendor (de momento, não me ocorre palavra melhor) intransmissível que possuímos dentro de nós — as coisas aqui são, realmente, bem negras. Como é profundamente triste, todas estas pessoas indefesas que perdem a última toalha, que se debatem com caixinhas, tigelas de comida, canecas, pão bolorento e roupa suja, dentro, por baixo e à volta dos catres; que se sentem infelizes quando os outros lhes

¹ Paula Modersohn-Becker (1876-1907), pintora alemã, amiga de Rilke. Citação de *Briefe und Tagebücher von Paula Modersohn-Becker* (Cartas e Excertos do Diário de Paula Modersohn-Becker), Edição e Introdução biográfica de S.D. Gallwitz, Berlin, Kurt Wolff Verlag, 1920, p. V. (*N. da E.*)

² Em alemão no original. (*N. da E.*)

³ Benjamin Vleeschhouwer (Westerbork, 1943) faleceu dois meses depois, a 26 de Outubro, em Westerbork. Os Vleeschhouwer tinham mais dois filhos: Liesbeth (Amsterdão, 1930-Riesa, 1945) e Hans (Amsterdão, 1932), que em 1956 emigrou para Israel. (*N. da E.*)

gritam ou são antipáticos, mas que, por sua vez, gritam a outros sem sequer o notar, ou as criancinhas abandonadas cujos pais foram enviados no transporte e que são ignoradas pelas outras mães — que sofrem pela sua própria prole, com diarreia e maleitas e doenças de todo o tipo, quando nunca sofria de nada no passado. Devias ver estas pobres progenitoras num desespero atarantado e irracional, junto das caminhas dos seus meninos em pranto que não medram.

Tive de estar em 10 lugares diferentes para conseguir escrever esta folhinha de papel; na minha mesinha do nosso barracão de trabalho, onde trato dos telegramas, sobre um carrinho de mão, diante da lavandaria onde trabalha a Anne-Marie (de pé durante horas ao calor, rodeada de crianças das classes mais baixas sem dó¹, aos gritos e que já não aguenta — ontem, enxuguei-lhe muitas lágrimas, mas não lhe dêes a entender que escrevi isto — esta cartinha também pode ser lida pela Swiep), numa palestra dada ontem à noite no orfanato por um prolixo professor de Sociologia, esta manhã, sentada num bocado ventoso de «duna» a céu aberto — tenho sempre mais palavras a acrescentar — e agora estou sentada na cantina de cartão do hospital, que só há pouco tempo descobri, um achado para onde julgo que poderei retirar-me de vez em quando.

Amanhã de manhãzinha, o Jopie parte para Amesterdão; pela primeira vez nos meses em que aqui estou, sinto uma pequena pontada no meu coração disciplinado, por a barreira continuar fechada para mim. Mas pronto — chegará a vez de todos. A maioria das pessoas aqui é muito mais pobre do que o necessário por regis-

¹ Em alemão no original. (*N. da T.*)

tar a falta que sente dos amigos e da família na secção de perdas da vida, quando, na verdade, um coração tão capaz de desejar e amar deve constar da lista dos seus bens valiosos.

Valha-me Deus¹, pensava ter encontrado um cantinho sossegado, mas, de repente, ele encheu-se de pessoal em macacões a entrar com caldeirões de guisado a chocalhar e funcionários do hospital a sentarem-se às mesas de madeira para comer — ainda só é meio-dia, vou procurar outro lugarzinho.

Vou tentar filosofar a altas horas da noite, com os olhos a reimar em fechar com sono:

Por vezes, as pessoas dizem: «Consegues tirar o melhor partido de tudo». Acho esta expressão desmoralizante. Em todo o lado, tudo está perfeito e, ao mesmo tempo, péssimo. Ambos estão em equilíbrio, em todo o lado e sempre. Nunca sinto que tenho de tirar o melhor partido; tudo está perfeito como está. Qualquer situação, por muito miserável que seja, é absoluta e contém em si o bem e o mal.

Só queria mesmo dizer isto: para mim, a expressão «tirar o melhor partido» é realmente horrível, tal como «ver o lado positivo em todas as situações», gostaria de explicar melhor porquê.

Se soubesses como estou cansada — estava capaz de dormir durante quinze dias seguidos. Agora, vou levar esta carta ao Jopie; amanhã de manhã, acompanho-o ao posto da guarda e depois ele parte para Amesterdão e eu volto para os barracões — oh, meus meninos.

Adeus!

Etty

¹ Idem. (*N. de T.*)

59. A Christine van Nooten.

Westerbork, quinta-feira, 12 de Agosto de 1943.

Christine, hoje foste verdadeiramente um anjo salvador; nunca esperei tão ansiosamente por um embrulho como durante esta semana. E eis que chegou um, finalmente, e que embrulho! Os biscoitos e os pãezinhos, levei-os logo ao pai. O pobre homem ficou macérrimo depois deste jejum todo; tem um treçolho e um porteiro atormentador. Ao fim e ao cabo, chega a meter dó, mas não devemos deixar-nos levar demasiado por essa tristeza. Ainda assim, ele é tido como o milagre do barracão, é o único capaz de ler concentradamente — hebraico, francês, holandês, seja o que for, não pára de ler, ninguém compreende como pode alguém fazê-lo num ambiente semelhante. Espero que não te importes muito se escrever tudo um bocado misturado; estou outra vez no turno da noite — atendo pessoas de vez em quando e estou a cair de cansaço. Espero que tenhas recebido notícias minhas por duas vezes: um excerto da minha carta enviada para Amesterdão e outro enviado para a enfermeira Tuinzing¹. Acho que deves ter recebido este último, tenho quase a certeza de que o teu embrulho substancial foi uma resposta directa a ele. Estou feliz por poder enviar alguma correspondência de vez em quando, graças a algumas pessoas corajosas. Parece que, por agora, não deixam seguir as nossas missivas oficiais e também não estamos a receber o correio todo. Mas peço-te, por favor, que continues a escrever; mais cedo ou mais tarde, acabará por chegar de novo a nós.

Gostaria de saber se o Conselho Judaico em Deventer ainda funciona. Ultimamente, não tenho tido notícias dele. A família

¹Ver cartas n.º 55 e n.º 57, respectivamente. (N. da E.)

Gelder¹ está cá. Um aparte: caso esse Conselho deixe de funcionar, sabes que é permitido enviarembrulhos da província com um peso máximo de 2 quilos, de preferência *não* registados, já que os registados são recebidos por terceiros. Por aqui, há sempre uma regra nova. Caso proibam todo e qualquer contacto com a província (sabe-se lá), seria melhor entrares em contacto com a senhora M. Kuyper, *Reynier Vinkeslade 61*, Amesterdão, que se encarrega de todo o tipo de bagagem nossa através do Conselho Judaico de Amesterdão. Estamos a causar-vos muitas chatices, não estamos?

Oh, Christien, nem quero pensar como seria, se não pudéssemos contar convosco; esta semana, dei-me conta de como tudo isto é miserável. Fiquei comovida ao receber o chá. E a manteiga foi um presente vindo directamente do Céu, há já uns dias que se tinha acabado; esse facto, em si, não é nenhuma tragédia, já me tinha acontecido ficar sem manteiga por uns dias em Amesterdão, depois de a guerra ter começado; porém, aqui é tudo muito mais grave, sobretudo, por as pessoas estarem tão debilitadas devido a doenças e maleitas e ao mau clima.

Fisicamente, o pai não está lá muito bem, de momento, e a mãe, para variar, está com problemas de bexiga. Ficas aborrecida se fizer mais pedidos? Podias arranjar alguns tampões para ouvidos na farmácia? São aquelas esponjinhas que se colocam nos ouvidos para proteger do ruído. O barracão da mãe é muito barulhento à

¹ A família Gelder era formada por Hartog Gelder (Deventer, 1879-1949), Reine Gelder-van Son (Deventer, 1886-1983) e Philip Gelder (Deventer 1918-1994). A 4 de Agosto de 1943, foram levados de Deventer para Westerbork. Hartog (Herman) Gelder era uma figura importante em Deventer. Entre outros cargos, desempenhara a função de presidente da comunidade judaica local durante quarenta anos. A família encontrava-se na «Lista de Barneveld», e, a 4 de Setembro de 1944, foi deportada para Terezin. Foram quase os últimos a serem incluídos no transporte de 1200 pessoas que, em Janeiro de 1945, partiu de Terezin para a Suíça. Em Junho desse ano, a família Gelder foi repatriada. (*N. de E.*)

noite, tem muitos pequeninos que estão doentes — na verdade, aqui não há um momento sem barulho — e agora ela quer tentar dormir com os ouvidos tapados.

Mais uma coisa: conheces um produto chamado *Reformite*¹, parecido com *Marmite*, que se barra no pão, é um produto eficaz para manter o apetite da mãe. Aqui, a falta de apetite é um tipo estranho de doença: por vezes, não temos necessidade de alimento dias a fio. É um lugar louco, este. E agora, mais uma coisa: parece que podemos ainda ter alguma banha em casa do Bryan². Se poderes enviar-nos um pedacinho de quando em quando, devo poder fritar algumas batatas no fogãozinho de uns conhecidos. E já chega de pedidos, estão a fazer-me sentir mal.

E agora, também vou enviar-te algo belo, um excerto que li sobre Paula Modersohn-Becker:

«(...) Está-lhe no sangue a grande modéstia com que encara a vida, que é apenas aparente e, na realidade, não é senão a expressão verdadeiramente amadurecida da maior exigência: o desprezo por tudo o que é exterior, resultante do sentimento inconsciente da própria plenitude e de uma secreta felicidade interior, não totalmente explicada (...)».

O pai quer enviar-te uma carta no dia de escrita, mas pode não conseguir que ela siga. Enfim, os laços que existem entre as pessoas não podem ser quebrados por pequenos contratemplos. Começa o teu novo curso com ânimo e pensa em nós de vez em quando. Muitos beijos.

Erty

¹ Produto à base de vitamina B, feito a partir de levedura de cerveja, ao qual se acrescenta um extracto de vegetais. (*N. da E.*)

² E.C.A. Bryan (Schiedam, 1878-1959), neurologista e psiquiatra num hospital psiquiátrico em Deventer. (*N. da E.*)

68. A Henny Tideman.

Westerbork, quarta-feira, 18 de Agosto de 1943.

Westerbork, 18 de Ag.

Tidezinha,

De início, pensei em não fazer uso do meu dia de escrita, por estar terrivelmente cansada, e também por pensar que, desta vez, não tinha nada para dizer. Mas é claro que tenho, e muito; contudo, prefiro deixar os meus pensamentos fluírem livremente até vocês, de certeza que os recebem. Esta tarde, estava a descansar no meu catre e, de repente, senti necessidade de escrever no meu diário¹ umas palavrinhas que te vou enviar:

Deus meu, fizeste-me tão rica, deixa-me, por favor, partilhar generosamente essa riqueza. A minha vida tornou-se um diálogo ininterrupto Contigo, meu Deus, um grande diálogo. Quando estou em algum canto do campo, de pés plantados na Tua terra, os olhos levantados para o Teu céu, há alturas em que me correm lágrimas pelas faces, brotadas de uma comoção e gratidão interiores, que procuram uma saída. Do mesmo modo, à noite, quando estou deitada e descanso em Ti, meu Deus, as lágrimas de gratidão correm-me, por vezes, pelo rosto, e isso é, também, a minha prece.

Há já alguns dias que me sinto muito cansada, mas esse cansaço também há-de passar, tudo é regido por um ritmo interno próprio e é necessário ensinar as pessoas a escutá-lo; isso é o que de mais importante se pode aprender nesta vida.

Não me revolto contra Ti, meu Deus, a minha vida é um diálogo ininterrupto Contigo. Talvez nunca venha a tornar-me a

¹ Um dos diários do campo; nenhum deles chegou até nós. (*N. ibi F.*)

grande artista que, na verdade, gostaria de ser, mas já estou demasiado protegida em Ti, meu Deus. Por vezes, gostaria de registar pequenas sabedorias e relatos vibrantes, mas volto sempre à mesma palavra — Deus — que compreende tudo, pelo que nada mais necessito de dizer. E toda a minha força criativa se converte em diálogos interiores. Contigo, o bater do meu coração tornou-se aqui mais amplo e agitado e tranquilo ao mesmo tempo, e é como se a minha riqueza interior crescesse cada vez mais. . .

Inexplicavelmente, nos últimos tempos o Jul tem pairado sobre esta charneca; ele continua a ensinar-me diariamente. É bem verdade que se dão milagres na vida humana, a minha é uma sucessão de milagres interiores; que bom é voltar a poder falar deles a alguém.

Tenho a tua fotografia dentro do *Livro de Horas* de Rilke, junto de um retrato do Jul; estão debaixo da almofada, com a Bíblia pequenina. A tua carta com as citações também chegou. Continua a escrever, sim? Tudo de bom para ti, querida,

Etty

Estas palavras também são para a Maria, está bem? Mas para mais ninguém. Adeus.

61. A Han Wegerif e outros.

Fragmento. Westerbork, s.d., posterior a 18 de Agosto de 1943.

Mas pronto, não posso dizer isto sem mais nem menos às jovens com os seus bebês, mulheres que, provavelmente, irão directamente para o inferno num comboio de mercadorias vazio. Elas

responderiam: «Para ti é fácil falar, não tens filhos», mas, na verdade, isso não tem nada a ver.

Há um versículo ao qual vou sempre buscar novas forças. Julgo que é mais ou menos assim: «Se me amais, deveis deixar os vossos pais»¹. Ontem à noite, em que tive de lutar novamente com todas as forças para não me deixar ir abaixo com pena dos meus pais, já que paralisaria por completo se me entregasse a esse sentimento, também vi nessas palavras o seguinte significado: não devemos entregar-nos tanto à tristeza, tão-pouco devemos preocupar-nos tanto com a nossa família, pois assim não nos sobra atenção e amor para darmos ao próximo. Estou cada vez mais consciente de que o amor por todos os que possam cruzar o nosso caminho, por todos os que foram feitos à imagem de Deus, deve ultrapassar o amor pelos que estão unidos a nós por laços de sangue. Não me interpretem mal, peço-vos. Pode parecer antinatura... noto que ainda me é muitíssimo difícil escrever sobre este assunto, apesar de ser, porém, tão simples de vivenciar.

Esta noite eu e o Mechanicus vamos visitar a Anne-Marie e o seu eterno anfitrião, o chefe dos barracões², que tem um quarto só para si. Sentar-nos-emos então na espaçosa divisão, segundo os padrões de Westerbork, com uma janela aberta, grande e baixa; e a charneca que se vê por ela é tão vasta e ondulante como o mar, era dali que eu escrevia sempre as minhas cartas para vocês, no ano passado. A Anne-Marie fará, certamente, café, e o anfitrião contará como era, de início, a vida no campo (já aqui está há 5

¹ Alusão a Lucas 14:26. Ver também Lucas 18:29 (N. da E.)

² Informações inexistentes. (N. da E.)

anos) e o Philip escreverá histórias sobre tudo. Vou vasculhar a minha caixinha para ver se tenho algo para acompanhar o café; e, quem sabe, talvez a Anne-Marie tenha feito pudim, como da última vez — nessa ocasião, foi aquele teu inesquecível pudim de amêndoa, Jetzinha¹. Hoje esteve calor, vai estar um bela noite de Verão diante daquela janela aberta e da charneca. Mais tarde, o Philip e eu iremos sair e ir ter com o Jopie, e, trio pacífico, iremos então dar um passeio à volta da grande tenda beduína cinzenta que se ergue numa grande superfície de areia; costumavam pôr nela pessoas com piolhos; agora, guarda recheios roubados de lares judaicos, que acabarão por ir para a Alemanha como dádivas de amor² ou enfeitar a casa do Comandante. Por trás dessa tenda vê-se um pôr do sol diferente todas as noites. Há muitas paisagens neste campo na charneca de Drente. Acredito que o mundo é lindo, mesmo aqueles lugares que os livros de Geografia descrevem como áridos, inférteis e desprovidos de fantasia. Até porque a maioria desses livros não presta para nada; na verdade, vamos ter de rescrevê-los a todos.

Escrevi a minha carta quinzenal à Tide; agora só estamos autorizados a escrever uma página.

Meus meninos, como conseguiram arranjar algo tão valioso como aqueles duzentos e cinquenta gramas de manteiga? Foi a surpresa da minha vida, foi colossal. Perdão por este final materia-

¹ Henrica Elisabeth Maria (Jet) van der Hagen (Den Bosch, 1903-Driebergen, 1984), secretária no Banco de Java. Pertencia ao «Clube Spier». (N. da E.)

² O recheio das casas de judeus levados eram por vezes roubados por vizinhos ou outros. Porém, a maioria dos bens era enviada para a Alemanha como «dádiva de amor», destinando-se a militares e vítimas dos bombardeamentos aliados. (N. da E.)

lista. São seis e meia. Agora tenho de ir primeiro buscar o quinhão de alimento da família.

Muitos, muitos beijos para todos.

Etty

62. A Christine van Nooten.

Westerbork, quinta-feira, 19 de Agosto de 1943.

Westerbork, 19 de Agosto

Muito obrigada pelo embrulho cheio de coisas!

Etty

63. A Han Wegerif e outros.

Fragmento. Westerbork, domingo, 22 de Agosto de 1943.

Manhã de domingo 21/8/43 (*sic*).

Está uma bebé de 9 meses cheia de mimiños na nossa maternidade. Uma coisinha linda, querida e de olhos azuis. Chegou aqui há uns meses com registo disciplinar¹, encontrada pela polícia numa clínica. Ninguém sabe quem são os pais ou onde se encontram. Por enquanto, têm-na mantido na maternidade e as enfer-

¹ Em alemão no original. (*N da E*)

meiras já se afeiçoaram muito àquela bonequinha. Mas o que vos queria contar é o seguinte: quando aqui chegou, não a deixavam sair. Todos os outros bebés eram colocados ao ar livre, em carrinhos, mas ela tinha de ficar lá dentro, pois, bem vistas as coisas, tinha registo disciplinar! Informe-me junto de três enfermeiras, pois estava a custar-me muito a acreditar, apesar de aqui estarem sempre a acontecer as coisas mais bizarras, e que acabam por ser sempre confirmadas.

Travei conhecimento com uma menina de 12 anos, franzina e subnutrida, no meu barracão-hospital. Com o mesmo à-vontade e inocência com que qualquer criança fala dos seus problemas de aritmética na escola, ela contou-me: «Venho do barracão das punições, tenho registo disciplinar». Um rapazinho de três anos e meio partiu uma janela com um pau, levou uma terrível reprimenda do pai e começou a chorar ruidosamente, gritando: «Oooh, agora vão mandar-me para o 51 (=a prisão), e depois vou ter de viajar sozinho no transporte dos presos». As conversas entre as crianças daqui são perturbadoras. Ouvi um rapazito dizer a outro: «Não, pá, o carimbo 120 000¹ não serve para nada, é muito melhor ser meio-ariano e meio-português»². E olha o que a Anne-Marie ouviu uma

¹ Os carimbos capazes de livrar (temporariamente) quem os possuísse do transporte eram numerados. Os carimbos do Conselho Judaico pertenciam ao grupo de 80 000 a 100 000. O «carimbo 120 000» destinava-se àqueles que tinham a possibilidade de entregar diamantes ou outros bens de valor. Inicialmente, todos os que fossem maiores de 15 anos tinham de pagar por este carimbo cerca de 20 000 florins em dinheiro ou bens. Mais tarde, o valor aumentou para os 30 000 florins, acrescidos de 10% para «custos de mediação». Cerca de 1.300 judeus possuíam um carimbo destes. Eram colocados numa lista de permuta (*Austauschliste*), tendo acabado por ser deportados para Bergen-Belsen, onde pelo menos um quarto veio a falecer. (*N. da E.*)

² Numa tentativa de ficar livre da deportação, um grupo de judeus portugueses (sefarditas) tentou provar através de relatórios e com o auxílio de advogados que, entre eles, quase não existia «sangue semita». Os judeus portugueses afirmavam que quase não tinham de ser tidos como judeus, no que diz respeito à «raça», uma vez que seriam «racialmente puros» ou, por outras palavras, que eles e os seus an-

mãe dizer ao filho na charneca: «Se não comeres o pudim como um bom menino, vais sem a mamã no transporte!»

Esta manhã, a mulher da cama por cima da da minha mãe entornou uma garrafa de água. A maior quantidade caiu em cima da cama da minha mãe. Neste lugar, algo assim é como uma catástrofe natural de proporções dificilmente imagináveis. Aí fora, o mais parecido com isto seria uma casa flagelada por uma inundação.

Agora vou ficar a escrever nesta cantina do hospital. É tal e qual uma cabana de troncos índia. Um barracão baixo de madeira crua com mesas e bancos do mesmo material e janelinhas a bater, nada mais. Tenho vista para a faixa árida de areia com tufos de erva, rodeada por um grande monte de areia retirado de uma vala, diante do qual serpenteiam uns carris abandonados; durante a semana, homens seminus, queimados do sol, lidam com vagonetas. Ao contrário do que acontece em qualquer outro ponto desta aldeia indígena, daqui não se vê a charneca. Para lá do arame farpado, há uma planície ondulante de arbustos rasteiros, parecem pequenos abetos. Este pedaço de paisagem de uma aridez implacá-

tepassados jamais haviam casado com judeus Asquenazins. Estes relatórios foram enviados ao alemão H.G. Calmeyer, que trabalhava no «Comissariado Geral de Administração e Justiça». Uma das suas funções era determinar se alguém era judeu ou «ariano». Ele decidiu que as pessoas deste grupo eram de um quarto a um oitavo judias. Cerca de 1000 judeus sefarditas tentaram provar a sua «descendência pura», mas Calmeyer apenas deu uma «isenção» de deportação a 368 destes. Deixariam de usar a estrela-de-david (o que, implicitamente, significava que não seriam deportados) e seria averiguado se poderiam ser enviados para Espanha ou Portugal (países neutros). A inícios de 1943, os 368 judeus portugueses obtiveram um carimbo que os livrava temporariamente do transporte. Porém, antes de finais de Junho do mesmo ano, 78 deles foram, ainda assim, deportados. A 10 de Outubro de 1943, ainda se encontravam 260 pessoas deste grupo em Amesterdão e cerca de 180 em Westerbork. Após a acção de recolha da noite de 1 para 2 de Fevereiro de 1944, o grupo português de Westerbork aumentou para cerca de 300 pessoas. Willi Zöpf, Capitão das SS, e Herbert Aust, líder da Unidade de Assalto, determinaram, após uma visita ao campo, que não era possível provar que o grupo português não era judeu. Todos eles foram levados para Terezin em dois transportes, em finais de Fevereiro e inícios de Abril de 1944. Quase todos foram mortos mais tarde em Auschwitz. (N. da E.)

vel, a cabana de madeira crua, os montes de areia, a vala estreita e malcheirosa — parecem saídos de uma região de extracção de ouro, algo a lembrar o Klondike.

À minha frente, na mesa de madeira, o Mechanicus mordisca a sua caneta. De vez em quando, olhamos um para o outro por cima das nossas folhas de papel todas rabiscadas. Ele regista com fidelidade e precisão, quase como um funcionário, tudo o que aqui acontece. «É de mais», diz, subitamente. «Bem sei que sou escritor, mas aqui estou, perante um abismo — ou uma montanha. É de mais.»

Este lugar está outra vez a ficar cheio de pessoas com roupas de confecção puídas e carimbos que vêm comer nabos de tigelas esmaltadas.

Mais tarde.

Ellizinha¹, a tua carta deixou-me muito feliz e significou muito para mim.

O Jopie trouxe para aqui um pouco da vossa presença. Foi duplamente maravilhoso, pois, ultimamente, quase não nos chega correio às mãos, estamos isolados no que respeita às cartas, uma

¹ Leonie Snatager (Haia, 1918), mais tarde Leonie Penney-Snatager; estudou Economia em Amesterdão e aí conheceu Etty, em 1937 ou 1938. «Para mim, o tempo que passei em Amesterdão foi um período intensamente romântico que culminou com a minha amizade com a Etty. Absorvia a vida. Comparada com a atmosfera pequeno-burguesa de Haia, a vida naquela zona de prostituição na parte antiga de Amesterdão era como a de uma espécie de Montmatre de Paris, entre estudantes e artistas. As impressões, os acontecimentos, as emoções cristalizavam-se com Etty. Tínhamos conversas intermináveis ao telefone, ou subíamos ao quarto dela e do Paizinho Han. Ela ligava o aquecedor a gás, puxávamos uma cadeira e conversávamos, analisávamos, comparávamos, compreendíamos, explicávamos, criávamos ordem no caos, sentiamo-nos aliviadas, ríamos, víamos o absurdo de muitas situações, e sentiamo-nos efectivamente superiores. A Etty chamava a isso “má língua elevada”, mas com compaixão pelos outros. Uma das expressões da Etty desse tempo que me ficou gravada na memória é a seguinte: “O que mais me toca é a impotência das pessoas, em relação a elas e aos outros.” O paizinho Han sentava-se muitas vezes lá atrás, a fumar o cachimbo, a desfrutar de todo aquele palrar juvenil. Ele emanava uma

das maiores arrelias. Mas também não devemos deixar-nos ir muito abaixo por causa disso; no nosso íntimo, somos capazes de ultrapassá-lo.

A Anne-Marie ficou delirante com os rabiscos da Swiep.

Para grande tristeza minha, o pão de centeio da Leonie acabou nos estômagos errados. Quando ele chegou, a nossa posição face às provisões do pão, por assim dizer, era desafogada, por isso, apressei-me a distribuí-lo por pessoas cuja situação não era tão boa; no dia seguinte, não pude reclamar o reembolso desse produto perecível, mas, para a próxima, pelo menos, saberei para quem é.

Que emoção receber aquelas uvas e as peras. As encomendas deixam-me sempre tão constrangida, nunca consigo dizer muito sobre elas. Com as *Sanovite* fico sempre contente; uso-as com parcimónia e guardo-as sobretudo para o pai e a mãe, para não lhes dar sempre o pão do campo, que fica logo bolorento. Obrigada por emprestar a lanterna, Pai Han; é extremamente útil à noite, com todas as poças de água e o arame farpado. O Jopie contou-me uma história incrível sobre o Hans; ao que parece, cada um de nós ainda tem a sua estrelinha. Ele também disse que me tinha encontrado em todos os cantinhos da antiga casa e que eu continuava convosco.

força serena. Ety tinha um lado que eu não partilhava: russo, pessimista; contudo, eu achava aquele lado russo-dramático terrivelmente interessante. Ela era como uma fada: tudo aquilo que a sua varinha mágica tocava era arrancado à monotonia diária e levado para o fascinante mundo da Ety». (I. Penny-Snater) (*N. da E.*)

64. A Han Wegerif e outros¹.

Westerbork, terça-feira, 24 de Agosto de 1943.

24-8-43

Depois desta noite, houve um momento em que senti seriamente que, de futuro, seria pecado voltar alguma vez a rir. Mas lembrei-me então de que, não obstante, alguns haviam partido a rir, embora não muitos, apenas alguns, desta vez. E talvez haja também quem ria de vez em quando na Polónia, embora não venham a ser muitos deste transporte, creio eu.

Quando penso nos rostos daquele pelotão de acompanhamento de guardas de uniforme verde armados — meu Deus, aqueles rostos! Olhei-os um a um, escondida por trás de uma janela², e nunca na minha vida houve algo que me deixasse tão assustada. Pus em causa as palavras que constituem o *leitmotiv* da minha vida: E Deus criou o Homem à Sua imagem³. Esta passagem viveu comigo uma manhã difícil.

Disse-vos já por diversas vezes que não existem palavras ou imagens adequadas para descrever noites como esta. Ainda assim,

¹ A 1 de Outubro de 1945, Han Wegerif escreveu a Leonie Snatager o seguinte sobre esta carta: «voltei a lê-la e voltei a ficar impressionado, quer pelo conteúdo, quer pela sua forma. É extraordinária, por exemplo, a descrição do Comandante de Westerbork com os seus bobos da corte Ehrlich e Rosen! E as descrições sóbrias das pessoas nos barracões. Sem palavras supérfluas e sem sentimentalismos e, por isso mesmo, com um efeito tão sensibilizador». O historiador J. Presser inspirou-se nas duas cartas de Etty clandestinamente publicadas para escrever a sua novela *De Nacht der Girondijnen (A Noite dos Girondistas)*, Amesterdão, Meulenhoff, 1957, 19846). Ver também a nota relativa à carta n.º 23. (*N. da E.*)

² Mais à frente nesta carta, ficamos a saber que, nessa manhã, Etty entrou sorrateiramente num barracão com vista para o comboio. Isto significava uma infracção à regra campal n.º 8, que afirmava que, numa manhã de transporte, as pessoas não autorizadas estavam proibidas de sair das instalações que lhes haviam sido indicadas. Por isso se escondeu. (*N. da E.*)

³ Etty quer dizer: «E Deus criou o Homem à Sua imagem e semelhança.» (Génesis 1:27) (*N. da E.*)

tenho de tentar registrar alguma coisa. Aqui, temos sempre a sensação de sermos os ouvidos e os olhos de um pedaço de História judaica, havendo também a necessidade de, por vezes, sermos uma pequena voz. Temos de manter-nos ao corrente de tudo o que acontece nos quatro cantos deste mundo, cada um deve dar o seu contributo para o grande mosaico estar totalmente preenchido no fim da guerra.

Ao passar de manhãzinha pelo barracão das punições, após uma noite no barracão-hospital, senti, por um momento, um alívio. Os prisioneiros, sobretudo homens, de malas e bagagens, estavam cercados pelo arame farpado; muitos tinham ar expedito e duro. Um velho conhecido — não o reconheci logo por ter a cabeça rapada, o que, por vezes, modifica por completo as pessoas — chamou-me e disse, sorrindo: «Se eles não me conseguirem matar à paulada, eu volto».

Mas aqueles bebés, aqueles gririnhos penetrantes dos bebés que são rerirados das suas caminhas, a meio da noite, para serem levados para um país distante. Tenho de escrever tudo de forma desorganizada, rapidamente, porque se deixar para mais tarde, já não conseguirei fazê-lo, não acreditarei que isto aconteceu realmente; já é como uma visão que, flutuando, se afasta cada vez mais de mim. Os bebés foram, sem dúvida, o pior. E depois, houve ainda aquela menina paralisada que já não quis levar um prato consigo e achava tão difícil morrer. E o rapaz assustado¹: julgava estar seguro e foi esse o seu erro; inesperadamente, também tinha de partir, teve um ataque de loucura e fugiu. Os seus companheiros judeus foram obrigados a ir atrás dele. Se não o encontrassem, dezenas de outros

¹ Herman Boasson. (*N. da T.*)

judeus teriam de partir no seu lugar. Não tardaram a cercá-lo, foi encontrado numa tenda e, porém... porém¹, os outros tiveram de partir para, de forma medonha, darem o exemplo, como se costuma dizer. E assim, o rapaz arrastou consigo vários bons amigos. Com o seu momento de loucura, causou cinquenta vítimas. Ou melhor, não foi ele o culpado, mas sim o nosso Comandante, aquele de quem tantas vezes dizem ser um cavalheiro. Conseguirá o rapaz viver em paz consigo mesmo, quando se aperceber realmente daquilo que provocou, e como irão reagir todos os outros judeus no comboio em relação a ele? O rapaz passará por um muito mau bocado. Talvez a situação não se tivesse agravado tanto se nessa noite não tivesse havido tanta actividade aérea² sobre as nossas cabeças; o Comandante também deve ter ficado afectado com isso. «Bolas, que estes voam bem!»³, ouvi um homem dizer para as estrelas, a meio da noite. As pessoas ainda tinham a esperança ingénua de que o transporte fosse cancelado. Muitas conseguiram assistir daqui ao bombardeamento de uma cidade vizinha, Emden, talvez. E porque não poderiam os carris ser também atingidos e o comboio impedido de partir⁴? Nunca sucedeu nada do género, mas as pessoas continuam a acreditar que algo assim acontecerá, a cada novo transporte e com uma esperança obstinada...

¹ Em alemão no original. (N. da T.)

² Os voos dos Aliados intensificaram-se a partir de finais de 1943 e sobretudo em 1944. Inicialmente, realizavam-se sobretudo ao fim da tarde e à noite, cobertos pela escuridão. Mais tarde, os Aliados começaram também a efectuar muitos voos durante o dia. (N. da E.)

³ Em alemão no original. (N. da T.)

⁴ Este pensamento esperançoso manteve-se uma ilusão, não só para os moradores de Westerbork, como para milhares de outras pessoas em campos de concentração. Após a guerra, a não realização de bombardeamentos em pontos estratégicos (campos, crematórios, linhas de caminho-de-ferro) pelos Aliados foi um importante tema de discussão. (N. da E.)

Na noite anterior ao sucedido, caminhei pelo campo. As pessoas estavam agrupadas entre as barracas, sob um céu plúmbeo. «Veja, é assim que as pessoas agem após uma catástrofe, juntando-se em esquinas das ruas a discutir o sucedido», disse-me o meu interlocutor.

«Mas é precisamente isso o que é incompreensível», exclamei, «desta vez, estão a fazê-lo antes da catástrofe!» Sempre que o infortúnio bate à porta, as pessoas tendem naturalmente a estender a mão para ajudar e a salvar o que pode ser salvo. Mas, esta noite, eu irei vestir bebês e acalmar mães — e chamar a isso «ajudar», quase me podia amaldiçoar por fazê-lo. Sabemos perfeitamente que vamos deixar os nossos doentes e desprotegidos à mercê da fome, do calor, do frio, da falta de protecção e da destruição e, ainda assim, nós próprios os vestimos e acompanhamos até aos monstruosos vagões despídos — e aos que não podem andar, carregamo-los sobre macas. Mas que se passa, afinal, que mistérios são estes, em que espécie de mecanismo fatal nos encontramos enredados? Não podemos, simplesmente, fugir a esta questão com a desculpa de sermos todos cobardes. Nem somos assim tão maus. Estamos perante questões muito mais profundas...

Nessa tarde, fiz, uma vez mais, a ronda pelo meu barracão-hospital, indo de cama em cama. Quais as que ficariam vazias no dia seguinte? As listas de transporte nunca são reveladas senão no último momento; ainda assim, alguns sabem antecipadamente se terão de partir. Uma menina chama-me. Está sentada na cama, muito direita, de olhos arregalados. A menina tem pulsos finos e um rostinho estreito e transparente. Está parcialmente paralisada, começava justamente a reaprender a andar, apoiando-se a duas en-

fermeiras, passo a passo. «Já sabe? Tenho de ir», diz-me, sussurrando. «Como? Tu tens de ir?» Olhamos por momentos uma para a outra, incapazes de falar. O seu rosto como que desapareceu; ela é apenas olhos. Então, volta a falar, com uma vozinha monocórdica e abafada: «Que pena que tudo o que aprendemos na vida tenha sido em vão, não acha?» E «É tão difícil morrer, não é?» Subitamente, a expressão rígida forçada da sua face esbate-se com as lágrimas e os soluços e ela exclama: «Oh, e o pior de tudo é ter de sair da Holanda!» E «Oh, porque não pude morrer antes...» Mais tarde, durante a noite, vejo-a novamente, pela última vez.

Na casinha das lavagens está uma mulher pequenina, que segura debaixo do braço um alguidar com roupa a pingar. Agarra-me. Tem um ar um pouco desgrenhado. Lança-me um chorrilho de palavras: «Não pode ser, como é possível? Tenho de partir e nem sequer vou conseguir secar a roupa para amanhã. E o meu filho está doente, com febre, não pode fazer com que eu não tenha de ir? E não tenho sequer roupinha que chegue para ele, acabaram de me enviar o fatinho pequeno, em vez do grande, oh, ainda vou dar em doida. E só nos deixam levar um cobertor, vamos morrer de frio, ou julga que não? Tenho cá um primo que chegou ao mesmo tempo que eu, mas ele não tem de ir, por ter os documentos certos, não acha que eles também dão para mim? Diga que não tenho de ir, acha que vão deixar os filhos com as mães? Volte cá esta noite, venha ajudar-me nessa altura; o que acha, os papéis do meu primo...»

Se eu disser que nessa noite estive no Inferno, o que acham que quererei dizer? Afirmei-o uma vez para mim mesma em voz alta, a meio da noite, constatando com certa sobriedade: «Pois, agora estou no Inferno».

Não conseguimos mesmo saber quem vai e quem não vai, estão quase todos a pé, os doentes ajudam-se entre si a vestirem-se. Muitos não têm nenhuma peça de roupa, pessoas cuja bagagem se perdeu ou não chegou ainda. Senhoras do «Serviço de Assistência»¹ deambulam por aí, distribuindo vestuário, não importando se serve ou não, desde que se esteja tapado com alguma coisa. Algumas senhoras idosas estão trajadas de modo patético. Preparam-se biberões de leite para dar aos bebés, cujos gritos de lamento passam por todas as frestas do barracão. Uma jovem mãe diz-me como que a pedir desculpa: «O meu bebé não costuma chorar; é quase como se soubesse o que vai acontecer». Tira o menino, um lindo bebé de oito meses, de um berço primitivo e sorri para ele. «Se não te portares bem, não podes viajar com a mamã!» Fala-me de alguns conhecidos. «Quando os “homens de verde” foram buscá-los a Amesterdão, os filhos choraram terrivelmente. Então, o pai disse-lhes: “Se não se portarem bem, não vão poder ir no carro verde, este senhor de verde não vos leva.” E isso ajudou — os miúdos acalmaram-se». Pisca-me o olho corajosamente, uma mulher franzina, morena, de rosto vivo, cor de azeitona. Tem vestidas umas calças compridas cinzentas e uma camisola de lã verde. «Não sou assim tão forte», diz, «apesar de estar a sorrir».

A mulher da roupa molhada está à beira da histeria. «Não pode esconder o meu filho? Por favor, esconda-o, está com febre alta, como posso levá-lo comigo?» Aponta para um pequenino de caracóis louros e rostinho escarlate, a arder, que se debate numa caminha de madeira crua. A enfermeira quer que a mãe vista mais uma camisola de lã por cima do vestido. Ela recusa. «Não vou levar

¹ Em alemão no original. (N. da T.)

nada, de que me serve?... o meu filho». Soluça, e prossegue: «Tiram-nos os filhos doentes e não voltamos a vê-los». Uma mulher aproxima-se dela, uma mulher do povo pesada, de rosto bondoso e de traços rudes, puxa a mãe desesperada, fazendo-a sentar-se consigo à beira de um dos catres de ferro e fala com ela com um sotaque popular quase melodioso. «Tu também não passas de uma judia, não é? Por isso, também vais ter de ir, não é assim?...»

Umhas camas adiante deparou, subitamente, com o rosto macilento e sardento de uma colega. Está de cócoras junto à cama de uma mulher moribunda que engoliu veneno e que é sua mãe.

«Meu Deus, o que vem a ser isto, o que tenciona fazer?», deixo escapar. É aquela mulherzinha do povo querida de Roterdão. Está grávida de nove meses. Duas enfermeiras tentam vesti-la. Encosta o corpo enorme à caminha do filho. Gotas de suor escorrem-lhe pela face. Olha para o vazio, para onde não posso seguir-lhe o olhar, e diz numa voz sem entoação, gasta: «Há dois meses, ofereci-me para ir com o meu marido para a Polónia. Nessa altura, não me deixaram ir, por ter sempre partos difíceis. E agora, tenho mesmo de partir... só porque alguém tentou fugir esta noite...» O choro dos bebés torna-se mais forte, enchendo todos os cantos e recantos do barracão banhado por uma luz fantasmagórica. Quase não dá para aguentar. Ocorre-me um nome: Herodes.

Na maca, a caminho do comboio, começaram as dores de parto, e então permitiram que a mulher fosse levada para o hospital, em vez de para o comboio de mercadorias — o que, esta noite, parece um raro acto de humanismo...

Passo pela cama da menina paralisada, que já está parcialmente vestida, graças à ajuda de terceiros. Nunca vi uns olhos tão grandes num rosto tão pequeno. «Não consigo conformar-me», sussurra-

-me. Alguns passos adiante, está a minha russinha corcunda, de quem já vos falei¹. Como que presa numa teia de tristeza. A merina paralisada é sua amiga. Mais tarde, confia-me, lamentando-se: «Ela nem sequer tinha um prato; quis dar-lhe o meu, mas ela não o aceitou. Disse: “De qualquer forma, morrerei dentro de dez dias e, então, aqueles alemães horríveis ficam com ele”». Está diante de mim, com um quimono de seda verde em volta da sua pequena figura deformada. Tem olhos de criança, puros e muito sábios. Primeiro, fica a observar-me silenciosamente durante muito tempo, com olhar perscrutador, e, por fim, diz, irrompendo com emoção: «Oh, quem me dera, mas quem me dera poder escapar para um mundo melhor, nadando nas minhas lágrimas». E «Que saudades terríveis tenho da minha boa mãe». (Esta boa mãe morreu de cancro há uns meses, neste campo, na casinha das lavagens perto das retretes; foi ali que encontrou um espaço onde pôde ficar sozinha por momentos, para poder morrer.) A Liubutscá pergunta-me, com o seu estranho sotaque e a voz de uma criança que pede perdão, «Deus Nosso Senhor compreenderá, certamente, as minhas dúvidas num mundo como este, não acha?» Depois, afasta-se de mim, num gesto quase encantador de tristeza infinita, e durante toda a noite vejo uma figura disforme de seda verde movendo-se por entre as camas, prestando pequenas ajudas a todos os que estão prestes a partir. Ela ainda não tem de ir, pelo menos, não desta vez...

Estou a preparar sumo de tomate para encher biberões para os bebés. Ao pé de mim está uma jovem mulher; parece empreendedora, pronta para a viagem, e arranjou-se com esmero. Soa quase

¹ Uma carta anterior na qual Ety faz referência à russa Liubutscá, de quem não são conhecidas mais informações, não chegou até nós. (N. da E.)

como um grito de libertação, quando exclama, abrindo os braços num gesto largo: «Vou iniciar a grande viagem; talvez encontre o meu marido». Uma mulher que se encontra diante dela interrompe o seu discurso, dizendo amargamente: «Eu também vou, mas não o aceito». Observo por instantes a jovem mulher ao pé de mim. Está cá só há alguns dias, vinda do barracão das punições. Emana força e independência e torce a boca pequena num trejeito de desafio. Desde o início da noite que está a postos para a partida, de calças compridas e uma camisola e casaco de lã. No chão, junto a ela, encontra-se uma mochila pesada e um cobertor enrolado. Tenta engolir algumas sanduíches. Estão bolorentas. «Provavelmente, hei-de comer pão bolorento mais vezes», diz, rindo. «Na prisão, não comi nada durante dias». Um pouco da sua história nas suas próprias palavras: «Já estava no fim do tempo quando me atiraram para a prisão. E como escarneceram e me desprezaram! Tive a infelicidade de dizer que não podia estar de pé, por isso, fizeram-me estar assim horas a fio, mas aguentei sem um queixume». Lança um olhar desafiador. «O meu marido também lá esteve. Ai, como o trataram mal, mas ele foi tão forte! No mês passado, mandaram-no embora. Tinha tido o meu bebé há três dias e não pude ir com ele. Mas ele mostrou-se tão forte!» Quase irradia com uma espécie de orgulho carinhoso. Prossegue: «O bebé morreu aqui. Talvez volte a encontrar o meu marido». Ri-se em tom de desafio. «Podem arrastar-nos pela lama, mas acabaremos por ultrapassar todas as adversidades!» Olha para os bebés que choram em redor e diz: «Não vou ter mãos a medir, no comboio; ainda tenho leite.»

«O quê? A senhora também?», pergunto, de repente, estupefacta. A figura de uma mulher alta surge por entre os berços virados dos bebés agitados e chorosos, com as mãos pelo ar em busca

de apoio. Usa um vestido longo, preto, antiquado. Possui um semblante nobre e usa o cabelo branco ondulado apanhado em cima. O marido faleceu aqui há algumas semanas. Já passa em muito dos 80 anos, mas aparenta ter menos de 60. Sempre a admirei pelo modo aristocrático como se reclinava no seu catre miserável. Responde numa voz roufenha, «Sim. Não me deixaram partilhar o túmulo do meu marido».

Oh, e ela também! É a enérgica mulher do gueto que costumava ficar na cama, com fome, por nunca receber alimentos. E tinha cá sete filhos. Corre em passinhos miúdos de um lado para o outro com as suas pernas curtas, muito decidida e atarefada. «Pois, veja bem, tenho sete filhos e eles precisam de uma mãe corajosa que os acompanhe, isso lhe garanto eu!» Com gestos ágeis, enche o saco de juta com os seus pertences. «Não vou deixar cá nada, o meu marido partiu há um ano e os meus dois mais velhos também já foram». E acrescenta, com ar radiante: «Os meus filhos são p'ra mim uns autênticos tesouros!» Ela corre, apressa-se, emala, tem uma palavra de coragem para todos os que passam por ela. Uma mulher do gueto, baixa, feia, de cabelo negro oleoso, abdómen pesado e pernas curtas. Tem um vestido pobre e escuro, de meia manga, que julgo que costumava usar quando lavava a roupa na tina na *Jodenbreestraat*¹. E agora parte com o mesmo vestido para a Polónia, numa viagem de três dias, com sete filhos. «Pois, veja bem, vou partir com sete crianças e elas precisam de ter uma mãe corajosa que as acompanhe, isso lhe garanto eu!»

Ainda se nota que, outrora, aquela jovem mulher estava acostumada ao luxo e que era muito bonita. Chegou recentemente ao

¹ Rua principal do bairro judeu de Amesterdão. (*N. da T.*)

campo. Esteve na clandestinidade por causa do bebé. E agora está aqui, por ter sido denunciada, como tantos outros clandestinos. O marido encontra-se no barracão das punições. Dá pena olhar para ela. O cabelo pintado de louro deixa entrever, aqui e ali, raízes negras com um brilho esverdeado. Vestiu muitos conjuntos de roupa interior e outras peças de vestuário umas por cima das outras, pois não se pode carregar tudo, sobretudo se se tiver um filho pequeno para levar também ao colo. Agora tem um aspecto disforme e ridículo. O rosto está manchado. Observa todos com um olhar velado e inquiridor, como uma cria indefesa e abandonada. Que aspecto terá esta jovem mulher, que já está totalmente desorientada, quando for despejada após três dias naquele vagão superlotado, apertada entre homens, mulheres, crianças e bebés, sacos e malas e apenas com um barril ao centro como peça de mobiliário? Provavelmente, eles irão parar a outros campos transitórios, de onde serão novamente transportados. Estamos a ser perseguidos de morte por toda a Europa...

Caminho um pouco perdida por entre outros barracões. Passo por cenas que surgem com muitos e nítidos pormenores diante dos meus olhos e que, ao mesmo tempo, parecem visões antiquíssimas e já indistintas. Vejo um velhote moribundo a ser carregado, a recitar o Shemá para si mesmo. Recitar o Shemá é dizer uma prece pelo moribundo. Consiste principalmente na invocação constante do nome de Deus e é feita quando o próprio moribundo ainda está em condições de participar na oração. Vejo um homem idoso a ser carregado num andor para o comboio, dizendo o Shemá para si mesmo... vejo um pai, prestes a partir, a abençoar a mulher e o filho e a ser, por sua vez, abençoado por um rabino de

idade, de barba imaculadamente branca e perfil de profeta inflamado. Vejo... oh, não consigo descrevê-lo...

Entretanto, são 6:00; o comboio parte às 11 e estão a começar a enchê-lo de pessoas e mochilas. Os caminhos que a ele levam foram vedados por homens do *Ordnungsdienst*¹. Todos os que não estão envolvidos no transporte devem deixar o terreno livre, devendo permanecer nos barracões. Escapo-me para dentro de um que fica perto do comboio. «Daqui sempre se teve uma vista magnífica dos transportes que chegam e partem», ouço dizer alguém, com cinismo. Já desde ontem que o campo está dividido em duas partes pelo comboio: uma fila sombria de vagões de mercadorias despídos, vazios, e um vagão de passageiros à frente e outro atrás para o pelotão de escolta. Alguns têm colchões de papel no chão, para os doentes. Vê-se cada vez mais movimento na estrada alcatroada que acompanha os carris. Homens da *Fliegende Kolonne*², de fatos-macacos cas-

¹ O Serviço de Ordem formava em Westerbork a Repartição III. Este serviço terá sido formado ainda em Março de 1942, quando o campo ainda se encontrava sob liderança do Comandante neerlandês Jac. Schol. Uma espécie de polícia do campo mantinha então a paz e a ordem. Em Abril de 1943, o SO era formado por 182 judeus neerlandeses e alemães, em Fevereiro do ano seguinte, o seu número desceu para 67. Severos para com os restantes moradores judeus, não ficavam atrás da *Grüne Polizei*. Alguns membros do SO eram de tal modo fanáticos que denunciavam os seus companheiros de infortúnio. Philip Mechanicus descreve no seu diário o SO como sendo «as SS judaicas». O SO em Westerbork tinha de zelar, aquando da partida dos transportes, para que os seleccionados e as respectivas bagagens estivessem no comboio a tempo. Os membros do SO, vestidos com fatos-macacos verdes, chegavam mesmo a levar os doentes e idosos para os vagões. Fechavam para trânsito os caminhos até ao comboio e formavam um cordão em redor do cais. A chefia alemã responsabilizava o SO pelos fugitivos. Os membros do SO de Westerbork também participaram em diversas razias no país; por exemplo, na evacuação do *Het Apeldoornse Bos* e na grande razia em Amesterdão, a 20 e 21 de Julho de 1943. (N. da E.)

² «Coluna Voadora», também muitas vezes abreviada para *FK* na *príria* dos moradores do campo. A «Coluna Voadora» pertenceu durante algum tempo à Repartição VI (Serviço Externo). Era e permaneceu sempre um corpo pequeno: em 1942/43, dele faziam parte 80 a 120 homens, após Setembro de 1943, 60, descendo para 25 para, em Setembro de 1944, desaparecer por completo. A sua principal missão era a de ajudar a levar a bagagem para os comboios dos transportes prontos a partir. Paratal, o corpo dispunha de carrinhos de mão. (N. da E.)

tanhos, transportam bagagem em carrinhos de mão. Entre eles descubro, por exemplo, alguns bobos da corte do Comandante: o comediante Max Ehrlich e o compositor de música popular Willy Rosen, que parece a personificação da morte. Em tempos, figurou irrevogavelmente na lista de transporte; porém, noites antes, ainda cantou até à exaustão para um público entusiasta, entre o qual se encontrava o Comandante e a sua comitiva. Interpretou, entre outras, *Ich kann es nicht verstehen, dass die Rosen blühen*¹,² e outras canções em voga³. O Comandante, grande apreciador de arte, achou a actuação esplêndida e o cantor recebeu uma *Sperre*; teve até direito a uma casinha, onde vive agora por trás de cortinas aos quadrados vermelhos com a sua mulher de cabelo pintado de louro que passa os dias a trabalhar com a calandra na lavandaria escaldante. É o próprio Rosen que aqui anda, de fato-macaco castanho-amarelado, empurrando um carrinho de mão baixo no qual é obrigado a transportar a bagagem dos seus companheiros judeus; parece a personificação da morte. E ali está outro bobo da corte: Erich Ziegler⁴, o pianista favorito do Comandante. Reza a lenda que é tão virtuoso que consegue tocar a Nona Sinfonia de Beethoven em versão *jazz*, o que tem seguramente que se lhe diga...

De repente, a estrada asfaltada fica repleta de homens de uniforme verde; não entendo de onde saíram tão depressa. Mochilas e

¹ «Não compreendo como podem florir as rosas». (N. da T.)

² Informações não encontradas (auto-ironia?) (N. da E.)

³ Em alemão no original. (N. da T.)

⁴ Antes de ter chegado a Westerbork, em Dezembro de 1942, Erich Ziegler havia escrito, em conjunto com Willy Rosen, música para muitos espectáculos de revista. Depois de, em Maio de 1943, um grande transporte ter levado para Westerbork um grande número de artistas, começou o sucesso do teatro de variedades no campo. Erich Ziegler tornou-se o pianista do «Palco do Campo de Westerbork». (N. da E.)

armas sobre os ombros. Estudo-lhes as figuras e os rostos, tento olhar para eles sem preconceito.

Em transportes anteriores, ainda se viam indivíduos inocentes e bondosos que caminhavam fumando cachimbo com olhar espantado e falavam no seu dialecto incompreensível, e com os quais ninguém se importava de ir viajar. Desta vez, sinto um arrepio de terror da cabeça aos pés. Rostos rudes e escarninhos nos quais se tenta em vão vislumbrar o traço mais ténue de humanidade. Em que frentes foram educados estes indivíduos? Em que campos de castigos terão treinado? Afinal, este é um transporte punitivo, não é? Algumas jovens mulheres já se encontram dentro dos vagões de mercadorias, com os seus bebés ao colo, as pernas pendendo do lado de fora — desejam aproveitar todo o ar fresco que puderem. Os doentes são levados para ali em macas. É um transporte punitivo. Quase dou por mim a rir: a disparidade entre guardas e guardados é demasiado absurda. O meu companheiro¹, que observa pela janela, a meu lado, estremece. Há meses, trouxeram-no de Amersfoort, desfeito. «Sim, aqueles tipos são assim», diz, «é o ar deles». Algumas crianças espreitam, de narizes achatados contra o vidro. Ouço a sua conversa seríssima. «Porque é que aqueles homens porcos e maus se vestem de verde, porque é que não usam preto? O preto também é uma cor má, não é?», «Olha, vai ali um doente!» Um tufo de cabelo grisalho ao cimo de um cobertor revolvido, sobre uma maca. «Olha, ali vai outro». E, apontando para os «verdes»: «Vejam só, agora desataram a rir!»

Cada vez mais pessoas enchem os espaços vazios dos vagões. Uma figura alta e solitária surge pelo caminho alcatroado, com

¹ Max Witmond. (*N. de E.*)

uma pasta debaixo do braço. É o chefe do chamado *Antragstelle*¹. Tenta até ao último momento retirar pessoas das garras do Comandante. O regateio dura até à hora da partida. É possível tirar pessoas que já estão no comboio. O homem da pasta tem a frente de um jovem rato de biblioteca e ombros cansados, muito cansados. Uma velhinha curvada de chapéu preto antiquado sobre o cabelo grisalho eriçado barra-lhe a passagem, gesticulando e agitando alguns papéis diante do nariz deste. Ele escuta-a por momentos, depois abana a cabeça e afasta-se de seguida, de ombros ainda um pouco mais curvados do que o habitual. Desta vez, não será possível tirar muitos do comboio na hora H. O Comandante está arreliado. Um jovem judeu teve a ousadia de fugir; não pode chamar-se uma real tentativa de fuga, ele escapuliu-se do hospital num momento de confusão, um casaco fino por cima do pijama azul, e, de modo desajeitado e quase infantil, escondeu-se numa tenda, onde logo foi encontrado, após uma busca pelo campo inteiro. Mas, sendo-se judeu, não se pode permitir fugir nem ser-se tomado de loucura. A decisão do Comandante é implacável. Como represália, dezenas de outras pessoas estão a ser inesperadamente enviadas para o transporte, incluindo algumas que pensavam estar firmemente ancoradas aqui. Este sistema funciona, pura e simplesmente, à base de castigos colectivos. Os muitos aviões que esta noite passaram por cima das nossas cabeças não devem ter contribuído para melhorar a disposição do Comandante, embora ele não se pronuncie muito sobre esse assunto.

Os vagões já estão, digamos, cheios. É o que se julga. Meu Deus, é preciso fazer entrar ainda essa gente toda? Surge um novo

¹ Em 1943, o Dr. Hans Ottenstein (Nuremberga, 1902) era o Chefe do *Antragstelle*. Ottenstein fugira para os Países Baixos em 1933 e fora levado para Westerbork em Janeiro de 1942, após a evacuação dos judeus de Hilversum. (V. du E.)

grande grupo. Os miúdos continuam de nariz colado ao vidro; não lhes escapa nada. «Olhem ali, estão a sair uma data de pessoas; de certeza que dentro do comboio têm calor». De súbito, um deles exclama: «O Comandante!»

Ele surge no início do caminho de asfalto, como uma estrela famosa fazendo a sua entrada durante um *grand finale* de uma peça de revista. Quase já se teceram lendas em redor desta figura. É senhor de muito charme e das melhores intenções relativamente aos nossos. Para Comandante de um campo de judeus, tem umas ideias estranhas. Recentemente, decidiu que precisávamos de uma dieta mais variada, e logo tivemos direito a ervilha-miúda em vez de couve. Também é, por assim dizer, o mentor da vida artística aqui e um fiel frequentador das noites de revista. Numa ocasião, veio assistir ao mesmo espectáculo três vezes seguidas e riu-se sempre das mesmas piadas gastas¹. [Sob os seus auspícios, formou-se um coro masculino que às suas ordens cantou *Bei mir bist du schön*². Teve um impacto arrebatador aqui na charneca, há que dizê-lo.

Por vezes, chega a convidar artistas a irem a sua casa e conversa e bebe com eles até altas horas. E, uma noite, não há muito tempo, acompanhou uma atriz³ até casa e, ao despedir-se, segurou-lhe na mão; imagine só, na mão! Também dizem que nutre uma adoração especial por crianças. Elas devem ser bem tratadas. No hospital, até

¹ O restante texto da carta, entre parêntesis rectos, não existe na versão tipografada. Este excerto acrescentado pertence à edição ilegal *Drie brieven van den kunstschilder Johannes Baptista van der Pluym* (*Três cartas do pintor Johannes Baptiste van der Pluym*), de 1943. (N. da E.)

² Canção de sucesso das *Andrew Sisters*, de 1937, várias vezes interpretada posteriormente por diversos artistas. (N. da E.)

³ Camilla Spira (Hamburgo, 1906), atriz de teatro. Mudou-se para os Países Baixos após a «Noite de Cristal». Em 1942, foi deportada para Westerbork com o seu marido, o Dr. Herman Eisner, jurista. Aí, colaborou no «Palco do Campo de Westerbork». Em 1947, o casal regressou a Berlim. (N. da E.)

recebem um tomate por dia. Não obstante, muitas morrem à mesma. Até agora, nenhum perito conseguiu descobrir o motivo. Poderia continuar a contar imensas histórias sobre o «nosso» Comandante. Talvez ele se veja como um soberano misericordioso perante os seus muitos e humildes súbditos. Sabe Deus como ele se vê. Uma voz por trás de mim diz: «Tivemos em tempos um Comandante¹ que costumava correr com as pessoas para a Polónia ao pontapé. Este fá-lo com um sorriso».

Ele percorre o caminho paralelo ao comboio a passo militar, um homem relativamente jovem que prosperou na sua carreira, se se pode chamá-lo assim. É dono e senhor da vida e morte dos judeus holandeses e alemães aqui nesta charneca na província de Drente. Provavelmente, há um ano, ele não fazia ideia da existência de tal lugar. Sinceramente, eu também não. Esta manhã, ele envia cinquenta judeus a mais no transporte porque um rapaz de pijama azul se escondeu numa tenda. Percorre o caminho ao lado do comboio, o cabelo grisalho cuidadosamente penteado surge na nuca, sob o boné verde-claro, achatado. Aquele cabelo grisalho, que contrasta de modo tão romântico com o seu rosto bastante jovem, arranca suspiros a muitas rapariguinhas tontas, por aqui — embora elas não se atrevam, claro está, a admiti-lo publicamente. Nesta manhã cruel, a sua face está quase da cor do aço. É uma face que ainda me custa muito a decifrar. Por vezes, parece-me uma estreita cicatriz na qual cresceram em conjunto repressão, falta de alegria e falsidade. Para mais, é daquelas pessoas cuja aparência oscila entre o barbeiro cuidado e o cliente habitual de um café boémio. Porém, a repressão e a rigidez forçada predominam. Caminha

¹ Dischner e Gemmeker, respectivamente. (*N. da E.*)

a passo militar junto dos vagões a abarrotar de pessoas. Inspecciona as suas tropas: doentes, bebés, mães jovens e homens de cabeças rapadas. Trazem mais alguns doentes em macas. Ele esboça um gesto de impaciência; estão a demorar demasiado.

Atrás dele, segue o seu secretário judeu¹, trajando um elegante par de calças de montar beges e um *blazer* desportivo castanho. Tem a aparência aprumada, desportiva e, porém, inexpressiva de um bebedor de *whiskey* inglês. De repente, junta-se-lhes um bonito cão de caça castanho, vindo a saltitar sabe-se lá de onde. O secretário de bege brinca com ele com gestos graciosos, é tal e qual como uma ilustração de uma revista de sociedade inglesa. O pelotão verde fica a olhar² de olhos esbugalhados. Provavelmente pensa — embora essa não seja a palavra mais adequada — que os judeus daqui têm um aspecto bastante diferente daquele em que as imagens das suas revistas educativas os levaram a acreditar. Alguns dirigentes judeus do campo também caminham paralelamente ao comboio. «Também se dão ares de importantes»³, murmura alguém por trás de mim. «A *boulevard* dos transportes»⁴, digo eu em voz alta. «Conseguirá alguma vez alguém descrever ao mundo exterior o que aconteceu aqui?», pergunto ao meu companheiro. O mundo exterior provavelmente pensa que somos uma

¹ Heinz Todtmann (1901), judeu alemão baptizado e antigo jornalista. Todtmann chefiava a organização interna do campo. Era tido como o braço direito de Gemmecker e era, oficialmente, o Chefe de todos os Chefes de Serviço. Comandava as doze (mais tarde seis) Secções de Serviço independentes (*Dienstbereiche*). Todtmann não era tão perigoso como Schlesinger: era menos competente, porém, igualmente corrupto e muito sensível à beleza feminina. (*N. da E.*)

² Em alemão no original. (*N. da E.*)

³ Idem. (*N. da E.*)

⁴ A *Boulevard des Misères*, rua principal do campo de Westerbork, paralela ao cais de onde partiam os comboios para Leste. Atravessava o campo de oeste a leste. Quando o comboio, que geralmente partia nas manhãs de terça-feira, já estava pronto ao serãode segunda, dir-se-ia que a *Boulevard des Misères* dividia o campo em dois. (*N. da E.*)

multidão cinzenta, uniforme e sofredora de judeus, nada sabendo das brechas, abismos e diversidades existentes entre os indivíduos e os grupos; talvez jamais venham a compreendê-los. O *Oberdienstleiter*¹ juntou-se agora ao Comandante, que, de súbito, parece pequeno e insignificante. O primeiro é um judeu alemão bem constituído. Botas pretas, boné preto, gibão militar preto com estrela amarela. Tem uma boca cruel e um pescoço poderoso. Há um ano, ainda cavava no Serviço Externo². Em redor da sua meteórica ascensão desenrola-se um interessante pedaço da História da mentalidade da nossa época que as pessoas deveriam analisar mais tarde. O Comandante verde-claro e rígido, o secretário bege impassível e a hercúlea figura negra do *Oberdienstleiter* desfilam paralelamente aos vagões. Abrem caminho para deixá-los passar, mas não tiram os olhos deles.

Deus do céu, vão mesmo conseguir fechar todas as portas? Sim, vão. Fecham as portas, comprimindo a multidão de pessoas amontoadas e empurradas para trás. Pelas estreitas aberturas no topo, vêm-se cabeças e mãos que mais tarde acenarão para nós quando o comboio partir. O Comandante percorre novamente de bicicleta o caminho a todo o comprimento do comboio. Depois esboça um breve gesto como um monarca numa opereta e um pequeno ordenança apressa-se a ir buscar respeitosamente a bicicleta. O comboio solta um silvo cortante e um comboio com 1020 judeus deixa a Holanda. Desta vez, a quota não foi das mais exigentes: apenas um milhar de judeus, sendo os vinte reservas extra para a viagem, pois há sempre a eventualidade de alguns morrerem ou

¹ Kurt Schlesinger, Chefe Superior de Serviço ou Primeiro Chefe de Serviço (*Dienstleiter*) (*N. da T.*)

² Alguns dos prisioneiros trabalhavam fora do campo durante o dia. (*N. da T.*)

serem mortos por esmagamento durante o caminho, o que, desta vez, será mais do que certo, já que seguem tantos doentes, sem uma única enfermeira.

Os ajudantes junto do comboio vão desaparecendo gradualmente, vão procurar os seus lugares para dormir. Tantos rostos exaustos, pálidos e sofredores. Mais uma vez, parte do nosso campo foi amputada. Para a semana, será outra parte. É ao que temos vindo a assistir há já mais de um ano, semana após semana. Estamos aqui com alguns milhares que restaram. Há já cerca de cem mil holandeses da nossa raça a debater-se sob um céu desconhecido ou a apodrecer num solo desconhecido. Nada sabemos do seu destino. Talvez fiquemos a sabê-lo em breve, cada qual a seu tempo, pois será esse o fado que nos espera a todos, não duvido disso nem por um momento. Mas agora tenho de ir dormir um bocadinho. Estou um pouco cansada e tonta. Mais tarde, terei de ir à lavandaria procurar uma luva de banho que se perdeu. Mas primeiro, tenho de dormir um bocadinho e, de resto, estou firmemente decidida a voltar para vocês após algumas errâncias. Por agora, muitos beijos, meus queridos.]

65. A Christine van Nooten.

Westerbork, terça-feira, 24 de Agosto de 1943.

24/8 Westerbork.

Agradecemos embrulho encantador!

Etty

66. A Christine van Nooten.

Westerbork, sexta-feira, 27 de Agosto de 1943.

Westerbork 27/8

Muito obrigada por embrulho surpreendente!

Etty

67. A Christine van Nooten.

Westerbork, quarta-feira, 1 de Setembro de 1943.

Westerbork 1/9 43

Christine, minha querida e atenciosa amiga, envio-te um dos dois postais permitidos. Por enquanto, a família ainda está junta. O pai e a mãe estão agora alojados num barracão grande, por isso, a vida ficou muito mais complicada. É impossível imaginar como é um barracão desses. O pai já sente uma alegria infantil quando não é atropelado. Está sentado no seu banco de madeira, a ler, enquanto crianças pequenas quase lhe trepam pelas costas acima. Lê sobre o Rei Salomão e o Amor e a remetente¹ tu sabes quem é. O Mischa carimba cartões no balneário² e tem uma partitura por baixo destes. A mãe cuida dos seus homens desajeitados e agradecerá aos céus se eles pudessem ficar. Se... Já cá não está nenhuma

¹ Provavelmente, Etty refere-se a uma encomenda de livros de Christine van Nooten. (*N. da E.*)

² Mischa trabalhava no balneário de Westerbork. Para além disso, devido às suas qualidades como pianista, eram-lhe concedidos alguns privilégios. (*N. da E.*)

das famílias Adelaar¹. Podes dizer ao Simon que ele já não precisa de enviar nada à família Frank²? E agradeces-lhe por ter embalado e enviado tantos e tão bons produtos? Nós mencionamos os nossos desejos e vocês concretizam-nos.

Dêem saudações calorosas da nossa parte à querida Joanhinha Lansen. Queríamos ainda poder agradecer-vos pessoalmente por tudo; quem nos dera. Talvez já não falte muito para voltarem a ter notícias da Maria Tuinzing. As fotografias eram alegres e giras, oh, se eram! E voltando a assuntos materiais: o ideal seria que a maior parte da ração de pão e manteiga chegasse cá ao fim-de-semana, ou, quando muito, à segunda-feira, para estarmos sempre preparados para qualquer eventualidade. O maior drama familiar dos últimos tempos: desapareceu (para evitar a palavra roubar) o único par de sapatos do pai, numa noite infeliz, e agora, ele anda com um par emprestado que lhe está demasiado grande; mete muita pena, mas pronto, também havemos de superar este percalço. Na verdade, superaríamos tudo, aqui, desde que nos deixassem ficar neste pequeno país. Mas enfim. — Aos poucos, o campo vai ficando vazio. E estás outra vez a dar aulas a turmas de jovens ávidos de saber? O pai continua a ler Salústio e Homero com um rapaz aplicado que cava fossos durante o dia. Felizmente, o pai foi dispensado de escolher feijões e outras tarefas edificantes do género; fisicamente, não está em condições de fazer esse tipo de trabalho.

¹ A família E. Adelaar, de Deventer, da qual um dos filhos resistiu à deportação, e a família R. Adelaar, também de Deventer, da qual duas filhas sobreviveram ao campo de concentração. (*N. da E.*)

² Abraham Jacob Frank (s-Graveland, 1909-Auschwitz, 1943) e a sua esposa Hertha Regina Frank-Schmidt (Frankfort, 1907-Auschwitz, 1943). Deixaria de valer a pena enviar encomendas, pelo facto de terem sido deportados nessa semana. Dois dias depois de Eitty ter escrito estas palavras, Hertha foi assassinada em Auschwitz. (*N. da E.*)

Desta vez, não há muito para te contar, minha boa amiga. Está um dia abafado e cinzento. Estou sentada numa cama virada de pernas para o ar, num retalho de erva por trás do barracão-hospital. A tua irmã enviou-nos um bolo de Groninga que era um sonho. A resposta ao desejo do pai por torradas tocou-nos, mas já não são tão necessárias; pão de centeio voltou a ser igualmente bem-vindo — e talvez vos seja mais fácil de conseguir. Oh, meninos, o trabalho que vos damos. Um dia, irei escrever-te apenas desabafos líricos, sem uma única palavra sobre comida, assunto que, na verdade, acho horrível. Que maravilhosos são os Salmos! Achas que ainda se encontra um cobertor a mais algures em Deventer? No fim de um postal cheio de disparates, envio-te o meu afecto, querida amiga, até à próxima. Saudações de todos nós. E cumprimentos também aos colegas do pai, está bem?

tua Etty

68. A Maria Tuinzing.

Westerbork, quinta-feira, 2 de Setembro de 1943.

2/9.

Mariazinha, enviei a primeira parte desta carta¹ ao Pai Han; espero que cheguem ambas ao mesmo tempo. É um relato jornalístico, não é para os teus gostos, a sério. Olá, querida menina, como estás? Anseio muito por algumas palavras. As vossas cartas

¹ Possivelmente, a carta n.º 64. (N. da E.)

começam novamente a passar melhor. Sendo registadas, recebemo-las de certeza. Por favor, não te esqueças de o dizer sobretudo à Swiep, que pode avisar outros conhecidos da Anne-Marie, que sofre muito por não receber notícias dos amigos há uns tempos. Fiquei feliz por receber os rabiscos do Hans. Entreguei a carta para o Rob¹ directamente aos pais dele, já que não tenho autorização para visitá-lo. Por agora, estou no barracão grande junto do meu paizinho, já regressado outra vez do hospital. Estados de espírito variam, o bom humor, porém, volta sempre a aparecer. Ainda assim, para as pessoas de idade, isto aqui é macabro. Conseguimos escapar a outra terça-feira. Se houver transporte na próxima, as hipóteses de mantê-los cá serão muito reduzidas. Esta tensão consome-nos profundamente — tensão pelos outros, é claro. Quando entrei no nosso pequeno escritório esta manhã, estava uma barafunda terrível; tinha sido requisitado para servir de camarim para o espectáculo de revista². O campo inteiro está sob o signo da peça. Não há fatos-macacos para os que trabalham no exterior, mas na revista haverá um «*ballet* de fatos-macacos» e, por isso, trabalhou-se dia e noite no fabrico de peças dessas, com mangas de balão. As tábuas da Sinagoga de Assen³ foram serradas para fazer o palco para o bailado. Um

¹ Informações inexistentes. (N. de E.)

² O camarim da revista era o pequeno escritório onde a secção de Westerbork do Conselho Judaico estava instalada; a própria revista teve lugar no grande recinto onde as selecções para os transportes eram efectuadas pela chefia do campo. Os espectáculos tinham preferencialmente lugar aos serões dos dias de transporte. O «teatro da corte de Gemmeke» terá sido um perfeito teatro de variedades. Não só os artistas que participavam nos espectáculos eram a fina flor, como o equipamento — como, por exemplo, a iluminação — era excelente. O último espectáculo do «Palco do Campo de Westerbork» realizou-se a julho de 1944 e tinha o título apropriado de *Loucura total*. (N. de E.)

³ Fundada em 1832 e restaurada e reinaurada em julho de 1901. A 2 de Outubro de 1942, quase todos os quinhentos judeus de Assen, capital da província de Drente, foram deportados para a Polónia, passando por Westerbork. Apenas onze conseguiram passar à clandestinidade e um regressou da Polónia. A Sinagoga foi poupada e, depois da guerra, vendida. (N. de E.)

carpinteiro exclamou: «Que diria Deus se soubesse que a Sua Sinagoga seria usada com tal propósito?» É incrível, não é, a Sinagoga de Deus de Assen. Oh, Maria, Maria — na noite do último transporte, as pessoas trabalharam o dia todo para o espectáculo. Tudo aqui é de uma loucura e tristeza indescritíveis e tragicómicas.

Comigo, está tudo bem. Voltei a estudar russo todos os dias durante uma hora, leio os Salmos e converso com mulheres centenárias que fazem questão de me contar a história das suas vidas. Na verdade, vivo aqui como costumava viver convosco em Amesterdão: numa comunidade, mas também muito para mim mesma e isso é possível mesmo vivendo com outras pessoas por cima, por baixo, e no meio delas.

Sabes o que também gostaria muito de ter cá? O robe de lá azul que me deu a Hessinha¹ e o meu chapéu de feltro azul, que é a coisa mais confortável que tenho para a cabeça. Talvez também fosse boa ideia se alguém me enviasse o meu vestido azul de malha; é que aqui, por vezes, faz bastante frio, e também para o caso de ser inesperadamente colocada no transporte — por aqui, sabe-se lá o que irá acontecer. Oxalá não me achem muito chata.

Vamos combinar novamente o seguinte: às terças-feiras, irei enviar um pequeno telegrama aos Nethes: «Comida para quatro

¹ Nome carinhoso de Hes Hijmans (Amesterdão, 1915). Ela e Etty conheceram-se em 1939, através de Wiep Poelstra. Estudou em Inglaterra, mas regressara aos Países Baixos nesse mesmo ano, após o rebenatar da Segunda Guerra Mundial. Tomava regularmente as refeições em casa de Han Wegerif, que costumava organizar uma «mesa aberta» onde os convidados contribuíam para a refeição. Seguindo o conselho de Etty, Hes consultou Julius Spier. Porém, a sua abordagem teve nela um efeito extremamente negativo. Aparentemente, foi Hes Hijmans quem deu a Etty Hillesum a mochila que esta pedira («Telefonei à Hessinha para saber se ela pode arranjar-me uma mochila»; anotação do diário, de 27 de Julho de 1942). Quando Etty saiu de Westerhork em licença, Hes ofereceu-lhe um esconderijo, mas esta recusou. Considerava Etty «inacessível e incompreensível», pelo que o contacto entre ambas se manteve distante. (*N da E.*)

peças» (não tem nada a ver com fome); se o pai e a mãe tiverem partido, então será «comida para duas pessoas». Para muitos de nós, uma vida inteira não será suficiente para superar o facto de termos permitido que os nossos idosos e os doentes partissem em primeiro lugar. É uma política conhecida baseada no «instinto de autopreservação»¹. O pai perguntou a um enfermeiro do último transporte: «Como é possível deixarem partir pessoas que se encontram internadas, às portas da morte? Com certeza que isso é contra a ética médica». Ao que o enfermeiro respondeu com ar grave: «O hospital entrega um cadáver para poder manter aqui um vivo». Não tinha a mínima intenção de brincar, estava perfeitamente sério.

Continuas a falar com a Tide? Avisa-a também das cartas registadas. Estou outra vez a escrever de modo desordenado e com pouca qualidade. Neste lugar, as pessoas, às vezes, sentem-se muito sonolentas, e acontece que, esta manhã, eu também estou, mas esta carta tem de seguir daqui a pouco, por isso, vou escrever mais umas coisinhas. Não se importam de fazer o favor de enviar ou entregar as cartas inclusas do Mechanicus? É graças a ele que tenho a possibilidade de enviar esta. A família do Jopie está agora, toda ela, no hospital; o mais pequenino está a ser mantido vivo a muito custo. Como éramos terrivelmente jovens há um ano nesta charneca, Maria; agora estamos um pouco mais velhos. Ainda não temos plena consciência do facto: ficámos marcados pelo sofrimento para uma vida inteira. E, ainda assim, a vida, na sua irracional profundidade, é tão maravilhosamente boa, Maria — tenho de voltar sempre a dizê-lo. Desde que cuidemos para que Deus esteja em boas mãos connosco, Maria.

¹ Em alemão no original. (*N. da T.*)

Nunca estou à altura de nada, não consigo atender às exigências¹ das muitas pessoas que querem que me envolva nos seus assuntos; muitas vezes, estou demasiado cansada. Podes olhar para a Käthe com amizade por mim e fazer, também por mim, uma festinha ao Pai Han? E continua tudo bem convosco? E dás lembranças minhas à minha querida secretária, o melhor local do mundo? E à Swiep, à Wiep, à Hessinha, ao Frans e aos outros?

Vejo-te diante de mim, minha querida, e não preciso de dizer muito mais.

Etty

Acabo de saber pela Hilde Cramer² que também já é muito difícil receber cartas registadas, por isso, não se dêem ao trabalho. Mas um postalinho ou algo assim ainda consegue entrar de vez em quando.

E como está o Ernst? Esta manhã, um dos meus colegas disse, a propósito de todos os abusos medonhos que aqui se vivem: «Cada momento da vida em que nos falta a coragem é um momento perdido». E agora vou ao cabeleireiro. E é possível que em breve tenhamos de mudar-nos da nossa casinha para uma sala grande; por aqui, podemos mudar de casa em 5 minutos. Esta manhã, falei com a Liesl Levie; ela tem sentido muitas tonturas: «*Ich schwindle mich durch*»³, disse. A mãe do Werner⁴ já cá não está.

Adeus beijos Etty

¹ Idem. (*N. da T.*)

² Tal como Etty, Hilde Cramer trabalhava para o Conselho Judaico em Westerbork. (*N. da E.*)

³ Expressão alemã com duplo significado: «Estou tonta» e «Eu safo-me». Existe também um jogo de palavras que remete para o acto de partir no transporte. (*N. da T.*)

⁴ A 27 de Março de 1941, a senhora L. Levie-Friedland (Stettin, 1875-Auschwitz, 1943) saiu à rua, apesar das recomendações de Werner, para ir comprar um bolo de aniversário na pastelaria da esquina. Foi presa durante uma razia na rua e imediatamente levada para Westerbork. No início de Se-

69. A Mien Kuiper.

Westerbork, sexta-feira, 3 de Setembro de 1943.

Westerbork, 3 de Setembro de 1943

Muito obrigada por belo embrulho

Etty.

70. A Christine van Nooten.

Westerbork, sábado, 4 de Setembro de 1943.

Westerbork, 4 Set. 43

Obrigada por belo embrulho
tua

Etty

tembro de 1943 foi deportada para Auschwitz, onde terá falecido quase imediatamente. Uma semana após o seu transporte, os Hillesum foram deportados. (V. da E.)

71¹. A Christine van Nooten.

Arredores de Glimmen, terça-feira, 7 de Setembro de 1943.

Christine, abro a Bíblia ao acaso e eis o que encontro: O Senhor é o meu alto refúgio². Estou sentada em cima da minha mochila, no meio de um vagão cheio. O pai, a mãe e o Mischa estão uns vagões mais à frente. A partida acabou por chegar inesperadamente. De ordens repentinas de Haia³, especialmente para nós.

¹ Para além de Christine van Nooten, Ety também escreveu um postal aos moradores da *Gabriël Metusuuat*, tendo-o igualmente atirado para fora do comboio. Este postal não foi encontrado, mas o seu conteúdo é conhecido de uma carta de Maria Tuinzing que foi publicada a seguir. (*N. da E.*)

² A equiparação de Deus a um «alto refúgio» surge algumas vezes na edição dos Salmos na Bíblia dos Estados Gerais, não exactamente na mesma formulação da edição de Ety. Possivelmente, o Salmo em questão é o 18, versículo 3. (*N. da E.*)

³ Também uma carta de Vleeschhouwer dá a entender que a deportação da família Hillesum resultou de uma ordem repentina de Haia. Mechanicus escreveu sobre a deportação: «Na segunda-feira, chegou inesperadamente de Haia a ordem de que Mischa Hillesum e a família deveriam ser colocados na lista do transporte. Na interpretação do Comandante, toda a família teria de desaparecer. Era uma ordem irrefutável. As causas da intervenção de Haia não são exactamente conhecidas, mas é provável que, como por aqui se diz, o músico tenha “morto” o seu caso, de tanto insistir, como muitos daqueles que antes dele desejaram fortalecer a sua posição através de Haia». (*Un dépôt*, p. 152 e seguintes). Gemmeker, ao que parece, portanto, acabou por ser o responsável por Ety ter sido também seleccionada para o transporte, não apenas Mischa e os pais — isto apesar das tentativas de Ety e conhecidos seus de mantê-la em Westerbork. Em relação à ordem de Haia, o advogado Benno J. Stokvis, que conheceu bem Ety e a sua família, escreveu o seguinte: «O jovem pianista e os pais estavam no campo de Westerbork. O próprio Mengelberg certificara-se por escrito de que este génio não iria perder-se. A pequena família vivia “isenta”, em relativa segurança. Até ao momento em que a mãe foi acometida da infeliz ideia de escrever uma carta, uma carta a Rauter, pedindo-lhe apenas para ter alguma liberdade de movimentos. Uma carta de uma judia a Rauter! Era inconcebível: uma judia a escrever ao Chefe de Grupo das SS e Tenente-Geral da Polícia, Rauter, a personificação do heroísmo ariano, cujos dedos ficariam sujos ao tocar neste papel. Impensável. Medonho. Um crime. Deportação imediata para Leste. O telegrama chegou minutos antes da partida do transporte de Westerbork. Ainda a tempo. O Comandante do campo pôde ainda informar em menos de uma hora e obedientemente o Chefe das brigadas: enviados para Leste» [de Benno J. Stokvis, *Advocaat in Bezettingstijd (Advogado em tempo de ocupação)*, Amsterdão, Polak & Van Gennep, 1968, pp. 95 e seguintes]. No transporte de 7 de Setembro de 1943, foram levadas de Westerbork para Auschwitz um total de 987 pessoas (entre elas 170 crianças). Alguns homens foram seleccionados para limpar os destroços do gueto de Varsóvia. As mulheres aptas a trabalhar receberam tarefas de tal forma pesadas, que a sua «esperança de vida» foi avaliada em dois meses. Apenas oito pessoas sobreviveram a este transporte. (*N. da E.*)

Deixámos o campo a cantar, o pai e a mãe firmes e calmos, tal como o Mischa. Viajaremos durante três dias. Obrigada pelos vossos cuidados. Amigos que ficaram para trás hão-de escrever para Amesterdão; talvez venhas a receber notícias por eles. E pela minha última carta longa!

Até à vista, de nós os quatro.

Etty

¹ Provavelmente, a carta n.º 64. (*N. da L.*)

Cartas a ETTY HILLESUM

72. De Mischa Hillesum.

Apeldoorn, cerca de 13 de Janeiro de 1941.

Querida Etty!

Primeiramente, venho felicitar-te pelo teu 27.º aniversário! Diverte-te no dia 15 e que vivas ainda muitos anos felizes com muitas idas ao cinema...! Estou a recuperar bem e espero sair daqui em breve. Bons estudos de búlgaro e dá cumprimentos a todos. Adeeeuus!!

Cumprimentos e um beijinho do

Mischa

P.S.: E, claro, cumprimentos cordiais ao Jaap, com o desejo de que tudo corra bem no exame final de licenciatura!!!!

M.

[*Pai Hillesum:*]

Cumprimentos também do

PIERE!

¹ Louis Hillesum, que aparentemente fora visitar Mischa ao hospital psiquiátrico *Het Apeldoornse Bos*, em Apeldoorn, assinava sempre desta forma as cartas dirigidas aos filhos. (*N. et al.*)

73. De Aimé van Santen.

Leida, s.d., anterior a domingo, 19 de Abril de 1942.

Leida, a tantos de tantos.

Querida Etry!

Desculpa por este papel decrépito — todos temos os nossos pontos fracos.

Li novamente aquela história do Spier. Tenho pensado muitas vezes nela, desde que ma enviaste. Tens toda a razão, é um homem especial.

Quanto ao Joop, ele diz que não se deixa impressionar por ele. Talvez seja desonesto ou não reconheça realmente um génio, quando vê um.

Desde sábado que tenho andado com dores de estômago. E é pelo seguinte: um amigo do Joop, editor, disse que as minhas traduções não eram «literárias». No sábado de manhã recebo uma carta do Joop¹, onde ele diz, entre outras coisas, que eu não devo «julgar-me» não reconhecido, etc., etc. Pedantismo, e a típica e inadequada familiaridade familiar. Logo em resposta, uma carta artilhada até aos dentes. Não quero voltar a vê-lo. Acabou.

¹Johan Melchior (Joop) Bool (Medan 1916-Amesterdão, 1942). Joop Bool, que mais tarde mudou de nome para Jan Bool, provavelmente devido à sua ligação com as actividades da Resistência, começou por estudar alemão em Zurique, depois, línguas eslavas com Van Wijk, em Leida. Após a morte deste, prosseguiu os seus estudos de russo com o historiador russo Bruno Becker, fundador dos estudos eslavos na Universidade de Amesterdão, e começou também a formar-se em filosofia, com o Prof. Dr. H.J. Pos. Jan Bool era politicamente activo, tanto antes como durante a guerra, lutando contra o fascismo: fez discursos de apoio à greve de Fevereiro, que teve lugar a 25 e 26 de Fevereiro de 1941, como forma de protesto contra a ocupação, pertenceu à resistência estudantil e escreveu artigos para o jornal ilegal *De Vrije Katheder*. Durante alguns anos, foi membro do CPN, o partido comunista neerlandês. Continuou as suas actividades de resistência mesmo após o fecho da Universidade, em 1942. O seu estado de saúde agravou-se no segundo semestre desse ano e, no fim desse mesmo ano, cometeu suicídio. (*N. da E.*)

Ainda não sei se vou na quinta-feira. Dá cumprimentos, sobretudo, ao Spier. Pouco depois da minha visita a Amesterdão, escrevi-lhe um poema em alemão. Diz-lhe que um dia destes ainda quero fazer-lhe uma visita, está bem?

Muitos cumprimentos cordiais, e por aí adiante.

Любим Васильевич¹

Muitos cumprimentos ao senhor Wegerif.

Ena, estou mesmo a fazer progressos a russo e checo.

74. De Pai e Mãe Hillesum.

Deventer, terça-feira, 7 de Julho de 1942.

Querida Etty,

Para nossa grande alegria, podemos dizer-te que o Mischa foi ontem rejeitado numa inspecção para «transferência de trabalho». Saiu-nos um peso de cima.

Já deves ter falado com a Mien, por isso, já saberás o mais importante. De Amesterdão, ouvimos dizer algo de várias partes, e por aí concluímos que, por lá, os ânimos andam em baixo. Só nos resta a estóica ἀταραξία². (Não é uma bela expressão «popular»?) À medida que o tempo for passando, iremos desaprender expressões como esta. No futuro que se adivinha, voltaremos a falar uma gíria; será um neo-ídiche. Beijos e abraços, ao Jaap também.

ΠΕΡΕ.

¹ I. Ióebim Wasiljewitsj - Primeiro nome e apelido de van Santen em tradução russa. (*N. da E.*)

² Em grego. Ataraxia. (*N. da E.*)

A Trude acabou de sair, disse que recebeu uma carta do Jaap a referir, entre outras coisas, que ele poderá vir a trabalhar como enfermeiro no N.I.Z.

[*Mãe Hillesum:*]

Queridíssima Etty, de momento, preciso muito de escrever-te mais, mas o pai acabou de reparar que já são quase oito horas¹. Por isso, desta vez, mando apenas abraços calorosos. Hoje quis enviar-te alguma fruta (cerejas), mas, esta tarde, quando fui às compras, estavam esgotadas. Conseguem arranjar fruta?

Não fiquei particularmente encantada com as minhas visitas até nos serões de Domingo e Segunda. Estou muito cansada, faço tudo sem ajuda — tenho uma empregada quatro horas por semana — e quando ainda se recebe um convidado desejado, isso faz uma grande diferença. Darei mais pormenores na próxima carta.

Ontem, quando a minha visita se foi embora, e para minha grande satisfação, uma pessoa simpática veio ter comigo para ter lições. O que ajudou a esquecer um pouco estes dias tão aborrecidos. O Mischa já está outra vez muito mais calmo.

Até à próxima.

Крепкий поцелуй мать².

Que cartinha tão feia!

Coragem e dêem notícias de vez em quando.

¹ Referência ao recolher obrigatório. (*N. da E.*)

² *крепкий поцелуй матери* — em russo, «Um grande beijinho, mãe». (*N. da E.*)

75. De Mãe Hillesum.

Deventer, terça-feira, 21 de Julho de 1942.

21 de Julho de 42.

Minha querida e valente filha,

A tua carta, que recebemos hoje, contém imensa informação. Informação essa que é muito emocionante. Tu és muito corajosa e sensata, vê se continuas assim. Reconheço em ti as minhas próprias experiências. Quando tinha apenas 17 anos, também vivi grandes acontecimentos¹. Dá-te por feliz, por a tua vida não ter sido ensombrada por nuvens até agora. Não vou entrar em considerações, tenho a cabeça demasiado cansada para tal. Quero apenas dizer-te que o que estás a fazer de momento é demasiado. Minha querida, querida menina, é demasiado! Não debes pensar em dar também aulas, mesmo que eles ainda paguem uma fortuna. Foi esse, precisamente, o meu erro, ter trabalhado *demasiado*, a dada altura. Vamos proteger-te disso. Talvez possas organizar as tuas actividades de forma a trabalhar 4 dias por semana, se ainda existir uma ordem naquele caos².

Nos dias em que tiveres folga não debes fazer *nada*. Depois de 10 horas de trabalho num inferno, não debes dedicar-te a mais nenhuma actividade. Presta atenção ao que te digo. Admiro muito a tua coragem, meu tesouro, mas, para continuares assim, não podes trabalhar tanto. O senhor Wegerif dar-te-á tudo o que for necessário para as tuas despesas. Não poupes nada, no que toca a alimen-

¹ Rebecca Hillesum refere-se provavelmente a um *pogrom* a que assistiu quando tinha dezassete anos. (N. da E.)

² Naquela época, Etty trabalhava no escritório do Conselho Judaico no *Lijbaansgracht*, cujo ambiente de trabalho não era do seu agrado. (N. da E.)

tos. Come tudo o que conseguires arranjar, mesmo que a vida ainda ande tão cara. Ajuda também o Jaap a alimentar-se melhor. O senhor Wegerif está à vossa disposição para vos ajudar. Deixa-me dar as tuas aulas particulares, se os teus alunos quiserem. Eles hão-de progredir bem comigo e tu poderás ficar com o dinheiro.

Deves tirar um dia por semana para descansares, deixares-te levar totalmente. Volta a escrever-nos um pouco, nas horas mortas. No meio de tanta desgraça, as tuas cartas até conseguem ser fascinantes. Hoje também escrevemos uma cartinha ao Jaap, o nosso querido e bravo Jaap. Talvez ele ainda consiga uma licença. Não queres tentar também tu vir visitar a tua mãe? Deus do céu, como gostaríamos que isso acontecesse.

Já são quase oito horas, até à próxima. Atenção às senhas. Escreve-nos a dizer do que ainda precisas. Adeus, meu anjo,
um abraço da Mãe.

76. De Mischa Hillesum.

Apeldoorn, quarta-feira, 16 de Setembro de 1942.

Apeldoorn, 16 de Setembro de 1942

Querida Etty,

O Dr. Waterman¹, que, nos dias que correm, é o meu fiel mensageiro de Westerbork, contou-me que está tudo bem contigo.

¹ O Dr. A. Waterman era psiquiatra e dava assistência médica em Westerbork. Dele se sabe que por vezes declarava as pessoas parcialmente irresponsáveis pelos seus actos, para que fossem enviadas para instituições de saúde mental, evitando assim, pelo menos temporariamente, a sua deportação. (*N. da E.*)

Fico muitíssimo contente em sabê-lo. Mas deves ter passado por muito; escreve qualquer coisa sobre isso. De momento, a vida está difícil para quase todos, também nos apercebemos disso por aqui. Porém, a comparação entre este local e Drente fica aquém do local onde estás, uma vez que essa situação é transitória, e, por vezes, as pessoas têm de ficar aqui para sempre.

Na semana passada, estiveram cá 7 pacientes de Westerbork. Falei com o Guarda Postma¹, que não te conhecia, mas também não admira, com tão grande quantidade de pessoas.

Mas isso é tremendamente animalesco e horrendo, todos esses milhares de indivíduos que agora morrem por causa de uns quantos malucos.

A minha situação, afinal, ainda é suportável, embora esteja longe de ser agradável. Devemos continuar a ser optimistas. Aliás, aqui ainda tenho alguma liberdade, posso tocar piano, etc. O Dr. Spanjaard², de quem já deves ter ouvido falar, é muito simpático.

Querida Etty, espero que voltemos a ver-nos em breve, num ambiente mais puro.

Segundo os peritos, esta situação já não deverá durar muito. Na verdade, até passámos um Inverno muito agradável com o Spier, o Glassner e todas aquelas raparigas. Quando penso nisso, não consigo compreender como é que, na altura, achava que as coisas estavam tão más.

De certeza que já não recibes notícias de nenhum deles?

¹ Provavelmente Jacob Postma (Wanneperveen, 1922). Demitido a 16 de Maio de 1945 por auxiliar inimigo. (*N. da E.*)

² O Dr. J. Spanjaard (Utrecht, 1913-Harlém 1985), médico neurologista e psicanalista, era na altura médico-assistente e cuidava de Mischa. Mandou colocar o seu piano de cauda *Bechstein* na sala de recreio para que Mischa pudesse continuar a dedicar-se à música. (*M. da E.*)

O Dr. Waterman contou-me que, muito provavelmente, os transportes para a Polónia irão ser adiados em breve até à Primavera; isso, portanto, traz grandes esperanças! Seja como for, por favor, faz sempre no sentido de ficares «fora de mira». Quem sabe se esta situação não dura pouco, e depois da guerra, talvez a vida venha a ser duplamente bonita e valha a pena o esforço.

Agora, querida Etty, infelizmente, tenho de ficar por aqui. O Dr. W. dará mais pormenores. Talvez ainda tenha notícias tuas. A minha morada é:

Apeldoornse Bos, Pavilhão Stokvis.

Apeldoorn.

Agora tenho de terminar, com muitos beijos e abraços do

Mischa

P.S.: O Frits Lobstein¹ manda-te cumprimentos.

A Mien Kuiper escreveu-me a dizer que lhe tinhas telefonado. Obrigado!

Tudo de bom para ti!

Adeeeeuus!!!!

Mischa

¹ Frits Lobstein (Apeldoorn, 1915-Auschwitz, 1943), filho do Dr. Jacques Lobstein (Borculo, 1883-Tröbitz, 1945), médico director do hospital psiquiátrico *Het Apeldoornse Bos* (HAB). Frits Lobstein era amigo dos irmãos Hillesum. Estudou Medicina e trabalhou no HAB como enfermeiro. Após a evacuação da instituição a Janeiro de 1943, fez parte do grupo de cinquenta homens do serviço de enfermagem que, em parte de forma voluntária, partiu no transporte com os quase 1100 doentes, homens e mulheres. Foram directamente deportados para Auschwitz num comboio especial. Os doentes foram imediatamente gaseados, o pessoal que os acompanhou foi assassinado pouco depois. (*N. da E.*)

77. De Jopie Vleeschhouwer.

Westerbork, sexta-feira, 26 de Fevereiro de 1943.

Westerbork 26/2/43

23:50

Olá, Etty — Acabo de escrever uma carta à Maria. Ela enviou-me um delicioso pãozinho de centeio de Wageningen, tive de agradecer-lho especialmente.

Nos últimos dias, negligenciei-te um pouco. Não voltei a escrever-te depois da minha longa carta, não me foi possível; nos últimos dias, tenho andado com uma disposição «insípida». Talvez seja a Primavera que aqui também se manifesta, pois hoje voltámos a ser brindados com alguns momentos de Sol. Tudo parece mais alegre e melhor. Mas o facto de não ter escrito não significa que não tenha estado a teu lado. Todas as manhãs e noites cumprimento amigavelmente com um aceno de cabeça o teu querido rosto por cima dos cobertores. Na verdade, presentemente, não tenho feito muito. Algum trabalho de rotina, controles, etc. De resto, infelizmente, vivo um dia de cada vez. Deito-metarde (censurado), elevanto-me tarde. E, entretanto, os dias vão passando, sem que nos apercebamos.

Até agora, a disposição do nosso pessoal tem sido boa, mas, ao início da 4.^a semana¹, sem que tenha chegado nenhum esclarecimento sobre a situação, começa a manifestar-se um certo nervosismo

¹ As pessoas estavam a ficar mais nervosas, pois «a situação» mudara: a partir de 2 de Fevereiro de 1943, passara a partir um comboio em direcção à Polónia, todas as manhãs de terça-feira. No dia em que Vleeschhouwer escreveu esta carta (26/2/1943) esta situação já se tinha verificado por quatro vezes. As pessoas do campo começavam a descobrir o «ritmo das deportações» e recebiam o dia em que chegasse a sua vez. (*N. de E.*)

mo que se traduz em críticas à «chefia». Chefia! Esta continua a existir tanto e tão pouco como sempre. Mas as pessoas querem apoiar-se a algo exterior a elas mesmas, e não querem reconhecer que isso é um erro. Ontem à noite, conversei com algumas colegas sobre este assunto, no 37 k¹. Sobretudo a Ellen Waller² foi bastante crítica. Aliás, ela não é uma mulher simpática. A Hilde Cramer compreendeu muito melhor do que ela que não se deve levar os outros a mal, que as pessoas sentem-se enganadas, porque confiaram às cegas (indo contra os seus sentimentos mais profundos) em meia dúzia de palavras tranquilizadoras de um «chefe»³ bem-intencionado, mas que fala como um médico brando. Que, entretanto (na verdade é uma particularidade cómica), se tornou vítima daquilo de que julgava conseguir proteger os outros! Oh, a conversa de ontem à noite no 37 k acabou por ser útil. No fim, assisti a um fantástico espectáculo de variedades na nossa grande camarata, por ocasião do casamento do Jo Peper⁴ com uma jovem simpática do campo. Houve improvisos e revelaram-se alguns bons artistas. O espectáculo até tinha nível e bem sabes como é o público, amontoado em três andares em redor dos «artistas». O Gerard Polak⁵ tentou apresentar algumas canções compostas por ele; não eram más, a apresentação é que não foi tão

¹ O seu significado não é claro. Segundo a planta do arquitecto A.V. Hartogh, no barracão 37 haviam sido construídas habitações e um dormitório feminino. O «k» será, provavelmente, uma referência adicional a um local no barracão (um número da cama, uma determinada secção?). (N. da E.)

² Ellen Waller (Sófia, 1911-Amesterdão, 1995), jornalista e crítica de cinema. Veio para os Países Baixos em 1923. Foi deportada para Bergen-Belsen, passando por Westerbork. Tanto Ellen como o marido sobreviveram ao campo. (N. da E.)

³ E. Weinreb, preso pelos Serviços de Segurança a 19 de Janeiro de 1943. (N. da E.)

⁴ Possivelmente Joseph Peper (Amesterdão, 1921-Auschwitz, 1944). (N. da E.)

⁵ Gerard Polak (Amesterdão, 1912) conheceu Ety quando esta alugou um quarto em casa da sua mãe, no número 16 da *Wouwermanstraat*, onde residiu por cerca de quatro meses. Polak estava em Westerbork mas tinha autorização para deslocar-se a Amesterdão. Aí se escondeu em 1943, sobrevivendo assim à guerra. Em 1970, emigrou para Israel. (N. da E.)

bem conseguida. Porém, são daqueles acontecimentos surpreendentes impossíveis de comparar com aquilo a que por vezes assistíamos antigamente e onde se vê uma atmosfera de fraternidade (como se pairasse no ar) que por vezes (noutras ocasiões) não se vê muito.

Oh, Etty, por vezes, tenho muitas saudades de casa (do conceito casa; tu incluis-te nele!). Mas depois, volto a pensar que estas semanas estúpidas acabarão por passar tão depressa, que, na verdade, é uma vergonha falar em «muito tempo». O que dirão, então, todas as outras pessoas.

Espero estar em condições de visitar-te daqui a uma semana. Já falei algumas vezes com o Osias, ele está muito feliz com a sua viagem. Também vejo o Petzal regularmente e visito os Mahlers de vez em quando. A porta deles continua aberta.

Hoje, o meu filho faz anos¹. 11 anos. Sente-se muito desiludido por eu não poder estar com ele, mas também isso tem de ser ultrapassado. Julgo que já te escrevi a contar que o meu irmão² já não mora comigo e que as avós levantaram problemas, mas as coisas também já acalmaram um pouco. Amanhã sai um mensageiro a quem incumbi de te dar uma tarefa, espero que ele se saia bem. Escreve-me qualquer coisa sobre o Ies Spetter³. Por aqui, todos afirmam que ele vai separar-se; a ser verdade, isso interessa-me.

¹ Na altura, a família de Vleeschhouwer ainda residia em Amesterdão. Ao que parece, Iopie Vleeschhouwer não teve autorização para estar presente no aniversário do filho Hans. (*N. da E.*)

² O Dr. Juda Elisa Vleeschhouwer, economista. Um ideologista importante do movimento Mizrachi. Publicou *Zionisme en wetgevoerde Jodendom. Eene uiteenzetting van Mizrachistisch standpunt* (Sionismo e Judaísmo de acordo com a lei. Uma explicação do ponto de vista Mizrachi). Amhem, N.Z.B. (União Sionista Neerlandesa), 1917. Foi deportado para Bergen-Belsen. Após a guerra, emigrou para Israel, onde faleceu. (*N. da E.*)

³ Ies Spetter (Haia, 1921) decidiu fugir para a Suíça após uma curta estadia em Westerbork. No entanto, em Março de 1943, ele — que viajava com a mulher e o filho e um outro jovem casal — não

Acabei de ler o teu livro, mas voltei logo ao início e só agora poderei lê-lo em condições e tentar compreendê-lo. Acho-o um pouco difícil.

Desde a tua carta de 11 páginas¹ que não voltei a ter notícias tuas. Tenho curiosidade em saber se as fotografias revelaram alguma novidade e se começa a haver progressos na tua saúde. (Desculpa-me por falar desse assunto, mas, por vezes, preocupo-me contigo.)

Hoje estive outra vez um dia tão solarengo e o céu nublado sobre a charneca diante do arame farpado e das torres era como uma pintura. Oxalá pudéssemos tê-lo apreciado juntos. Esta noite, voltei a ouvir discos. Discos antigos e um gramofone que não é lá muito bom, mas, ainda assim, sabe bem ouvir boa música, o que falha a nível técnico é automaticamente preenchido pela nossa memória e, assim, a experiência torna-se verdadeiramente prazerosa.

Tenho de despedir-me novamente; espero receber uma carta tua em breve.

Pensamentos bons e as melhoras, minha querida

Adeus. Jopie.

foi autorizado pelas autoridades suíças a passar a fronteira. Algum tempo depois, fizeram parte de um grupo que partiu rumo a Espanha, através de uma rota de fuga a partir de Bruxelas. Após uma denúncia, foram detidos no sopé dos Pirenéus. Os judeus do grupo foram enviados para Auschwitz. Ies Spetter foi o único sobrevivente e em 1950 emigrou para os EUA. (N. da E.)

¹ Possivelmente, a carta n.º 23. Por vezes, as cartas de Etty a Meeschhouwer não lhe eram entregues. (N. da E.)

Cartas sobre Etty Hillesum

78. Jopie Vleeschhouwer a Han Wegerif e outros.

Westerbork, segunda-feira, 6, terça-feira, 7 de Setembro de 1943

6-719 '43

Estimado Senhor Wegerif, Hans, Maria,

Tide e todos aqueles que porventura não conheça tão bem,

Não será para mim fácil dizer-vos tudo isto. Aconteceu tudo de modo *tão* repentino, *tão* inesperado. Estranhamente, continua a ser inesperado, continua a ser repentino, embora estivéssemos todos preparados e o esperássemos há muito. De modo que, quando tal aconteceu, ela estava preparada e esperava-o. E, infelizmente, também ela partiu.

A notícia de Haia chegou bastante tarde na segunda-feira: a dispensa do Mischa tinha expirado, e ele e a sua família teriam de ser incluídos no transporte de 7 de Setembro. Por que motivo? Bom, geralmente, não há resposta para esse tipo de questão. De início, todos nós tínhamos esperança e acreditávamos que as coisas não chegariam a esse ponto. E depois, no caso da Etty, a decisão seria, certamente, revogada, visto que foi precisamente hoje que conseguimos que os antigos funcionários do Conselho Judaico, sessenta ao todo, não tivessem, por enquanto, de partir. Depressa nos apercebemos de que, em relação ao Mischa e aos pais, não ha-

via muito a fazer e, quanto à Etty, todas as hipóteses permaneciam em aberto.

Assim, concentrámos esforços em preparar com urgência a bagagem de três pessoas. Oh, estas aceitaram muito bem, sabiam há muito que isto teria de acontecer um dia, e que os pais, *todos* os pais de pessoas com carimbos vermelhos¹, sem excepção, teriam de partir na semana seguinte. E o Mischa já tinha resolvido partir voluntariamente com os pais. Com os pais, por quem estava disposto e decidido a abdicar de todos os seus privilégios. E eis que aconteceu, com uma semana apenas de antecedência, de modo um pouco abrupto, talvez, mas, em última análise não foi mais do que uma aceleração de ritmo. Para a Etty, contudo, a sua partida era totalmente inesperada; ela não desejava viajar com os pais e teria preferido passar por esta nova experiência sem a pressão dos laços de sangue. Para ela, foi como que um murro no estômago, que a deixou literalmente atordoada por uns momentos. Contudo, em menos de uma hora já se havia recomposto e adaptado à nova situação com uma rapidez admirável. Fomos ambos até ao barracão 62 e, durante horas, não tivemos mãos a medir, separando, emalando, procurando e seleccionando toda a espécie possível de roupa e comida.

O pai da Etty exprimia o seu nervosismo com reparos humorísticos que, por sua vez, deixavam o Mischa furioso, por achar que ele não estava a levar as coisas com a devida seriedade. Mischa não conseguia, simplesmente, compreender o porquê da sua dispensa, tida como certa, ter ficado subitamente inválida e estava constantemente a querer que eu fosse falar com contactos² mais ou menos

¹ Moradores do campo com o já referido carimbo Z vermelho. (*N. da E.*)

² Em alemão no original. (*N. da T.*)

importantes. Não compreendia que aqui não é possível mudar uma ordem de Haia, e que todos os esforços nesse sentido se revelam infrutíferos. Porém, manteve-se calmo e encarou tudo com sensatez. Ter de deixar para trás grande parte da sua música foi o que mais o transtornou. Atafulhei umas quatro pautas na sua sacola, e o resto (incluindo a encomenda com mantimentos que acabara de chegar) enche agora uma mala que será enviada de volta para Amesterdão logo que possível. A mãe H., enérgica como sempre, tratou habilmente de tudo o necessário e deu provas de possuir uma calma admirável.

Aquando dos transportes anteriores, a família permanecia, por vezes, acordada a noite inteira, devido a todo o ruído e agitação que provocam as preparações para os transportes num barracão grande. Desta vez, todos dormiam tranquilamente quando a Etty e eu regressámos às três horas para ver se deveríamos preparar mais bagagem. Pelo que fomos averiguar mais uma vez se ainda havia hipóteses de a Etty não partir. Percebemos então, para nossa grande surpresa, que as hipóteses eram praticamente nulas. Enquanto ela cuidava dos pais e do irmão, as amigas do seu barracão fizeram a sua bagagem com todo o esmero, tudo foi tratado até ao mais ínfimo pormenor.

Depois de a direcção do C. J. ter declarado que nada mais podia fazer, escrevemos como último recurso uma carta ao 1.º *Diensleiter*¹, pedindo-lhe que interviesse pessoalmente.

Talvez ainda pudesse ser resolvido algo junto do comboio. Mas tal significava ter tudo pronto antes da partida e, assim, os pais e o Mischa foram os primeiros a dirigir-se para os vagões. E, por fim,

¹ Kurt Schlesinger. (*N. da E.*)

carreguei até lá a mochila a abarrotar e um cesto de viagem com uma tigela e um copo a chocalharem. E eis que ela surgiu na *boulevard* dos transportes, que descrevera quinze dias antes¹, apenas, como só ela o sabia fazer. Conversando alegremente, rindo, com uma palavra amável para todos os que encontrou pelo caminho, cheia de humor vibrante, talvez com apenas um pequeno toque de melancolia, mas era mesmo a nossa Etty, como todos vocês a conhecem. «Tenho comigo os meus diários, as minhas Bíblias pequenas, a minha gramática de russo e Tolstoi, e não faço ideia do que mais está na minha bagagem». Um dos nossos superiores veio ainda despedir-se e explicar que usara todos os argumentos possíveis, mas em vão. Etty agradeceu-lhe «mesmo assim, por ter usado os argumentos». E pediu-me se não me importava de vos contar como tudo acontecera, e como ela e a família haviam partido bem.

E aqui estou, um pouco triste, é certo, mas não por algo que se perdeu, já que uma amizade como a dela jamais se perde; ela *existe* e permanece.

Foi o que escrevi também num pedacinho de papel que lhe coloquei na mão, no último momento.

Perco-a de vista e deambulo um pouco por ali. Tento novamente encontrar alguém que possa reverter a situação, mas sem resultado. Vejo a mãe, o pai H. e o Mischa a entrarem no vagão n.º 1. A Etty vai parar ao vagão n.º 12, depois de ter ido ao n.º 14 procurar um amigo que foi retirado de lá no último instante.

Depois, o comboio põe-se em marcha, ouve-se um apito estridente e os mil «aptos para transporte»² parrem. Vislumbro ainda o

¹ Ver carta 64. (N. da E.)

² Em alemão no original. (N. da T.)

Mischa a acenar com força por uma fenda no vagão n.º 1, depois um alegre «adeeus» da Etty do n.º 12, e... partiram.

Ela partiu. Aqui ficamos nós, mais pobres, mas não de mãos vazias. Voltaremos a encontrar-nos em breve.

Foi um dia difícil para muitos. Para o Kormann, para o Mech. e para todos os que com ela privaram durante tanto tempo e de forma tão continuada. Estar com alguém em espírito não é o mesmo que estar junto dele fisicamente. De início, sentimos um grande vazio.

Mas seguimos em frente; enquanto escrevo, tudo continua, e ela própria continua a avançar em direcção a Leste, para onde, na realidade, tanto queria ir. Julgo que, na verdade, ela estava um pouco contente por ir viver esta experiência, por ter de ir viver agora tudo o que nos foi reservado. E voltaremos a vê-la; nesse ponto, todos nós (os seus amigos especiais, aqui) estamos de acordo. Após a sua partida, falei com a sua pequena russa¹ e vários outros protegidos seus. E o simples modo como reagiram em relação à sua partida disse tudo sobre o amor e dedicação que ela lhes deu.

Perdão por ter de relatar tudo isto com a minha falta de talento. Vocês, que foram tão mimados com relatos melhores, com melhor formulação. Sei que permanecerão muitas perguntas em aberto, sobretudo uma: não poderia isto ter sido evitado? A essa, posso responder com certeza: N Ã O! Ao que parece, era assim que tinha de ser.

Tentarei enviar-vos alguns dos livros da Etty assim que houver oportunidade. Gostaria de enviar a sua máquina de escrever à Maria: ela disse-me precisamente esta semana ser esse o seu desejo. Mas não sei se tal será possível.

¹ Iubutca. (N. da E.)

Irei dar-vos notícias de tempos a tempos. Junto algumas cartas que ainda chegaram para a Etty, abertas pelos censores. Por favor, devolvam-nas aos remetentes.

Sejam fortes, todos vocês. Todos nós regressaremos, e pessoas como a Etty resistem nas circunstâncias mais difíceis. Pensando muito em vocês,

Jopie Vl.

79. De Maria Tuizing a Christine van Nooten.

Provavelmente quinta-feira, 9 de Setembro de 1943. (Comunicada por R.W. Tuizing¹ numa carta a Christine van Nooten, datada de 11 de Setembro de 1943.)

Wageningen, 11 de Setembro de 1943

Cara Menina van Nooten.

A pedido da minha filha, a enfermeira M.E. Tuizing, de Amesterdão, aqui transcrevo um excerto de uma carta sua, que recebemos ontem.

Saudações Cordiais

R.W. Tuizing.

¹ O pai de Maria Tuizing. Para além das cartas 78 e 79, existiram ainda duas cartas nas quais é descrita a partida de Etty de Westerbork. Uma delas, escrita por Philip Mechanicus, esteve na posse de Maria Tuizing, mas não foi conservada. Nela, Mechanicus terá escrito que Etty estava contente por «ir no mesmo comboio que os pais e Mischa». A outra carta é de Jopie Vleeschhouwer, enviada a Christine van Nooten, e é uma versão reduzida da carta n.º 78. (*N. da E.*)

Esta manhã, recebemos um postal¹ da Etty: «Deixámos o campo a cantar — os vagões não são assim tão maus». Este postal foi encontrado nos arredores de Nieuweschans, nos carris. O amigo da Etty, Jopie Vl(?)², ficou sozinho a um canto do campo, a acenar-lhe. Portanto, agora também a Etty partiu para a Polónia. Os seus pais e irmão também foram, mas ela vai sozinha num vagão com desconhecidos, por não conseguir assistir à tristeza dos pais. Estes enviaram um postal de despedida³, onde referem ter partido serenos. Na segunda-feira, chegou uma carta clandestina⁴ da Etty a pedir roupas quentes — na terça-feira, um telegrama a pedir o mesmo, mas a encomenda já não chegou às suas mãos. Na noite de segunda, ainda cosemos roupa e fizemos as malas, e guardámos cartas nos bolsos. Agora, outros as receberão, assim como ao pe-

¹ Este postal não chegou até nós. (*N. da E.*)

² O ponto de interrogação terá sido acrescentado por R.W. Tuinzing. (*N. da E.*)

³ Este postal de despedida, que deverá ter sido dirigido a todos os moradores da casa da *Glabriël Metsustrat*, não chegou até nós. Christine van Nooten recebeu um postal semelhante. Este foi também escrito em grande parte pela mãe de Etty; o pai de Etty acrescentou algumas palavras na frente do postal.

Groninga, 7-9-43

Querida Christine,

Estamos os quatro num comboio e já estamos perto de Nieuwschans. O J. [Jaap] ainda está em Amsterdão. Não te preocupes mais connosco. Saudações calorosas a todos os que nos auxiliaram. Para nós, já não é necessária ajuda. Escreve ao nosso J. para o J.S. [*Joodsche Schouwburg*] em Amsterdão. Diz-lhe que partimos completamente serenos. Mais uma vez, obrigada por tudo e cumprimentos a todos tua R.H.B.

[frente]

por favor, colocar no correio!

Plurimam salutem dico vobis et omnibus necessariis.

Saúdo-vos e a todos os que me são queridos.

Este postal, escrito a lápis, foi encontrado ao pé da linha do caminho-de-ferro pouco depois; o carimbo postal data de 8/9/43. O nome da localidade termina em «oek»: talvez, seja Zuidbroek. (*N. da E.*)

⁴ Muito provavelmente, a carta n.º 68; o telegrama não chegou até nós. (*N. da E.*)

queno ramo de flores que eu juntei. Aquelas arrumações de malas foram muito tristes, pois sabíamos que seriam as últimas. E, na terça-feira, ela entrou inesperadamente no transporte. Felizmente, outras pessoas deram-lhe agasalhos. Esta manhã, alguém — um amigo da Swiep¹ — nos enviou uma carta clandestina a dizer que a Etty ficou muito ausente depois de ter recebido a notícia, tratou dos pais e do irmão e, para si, apenas pegou na Bíblia e na gramática de russo. O senhor² e eu estamos desolados. Esta manhã, ele esteve a arrumar muitos dos objectos pessoais da Etty que não dizem respeito aos outros e telefonou-me assim que chegou o correio. Mas, quem sabe, talvez ela regresse. A sua última frase foi: «Esperam por mim?» O pai acrescentou algumas palavras no postal e o restante texto foi escrito pela mãe.

¹ Provavelmente Anne-Marie van den Bergh-Riess, uma amiga de Swiep van Wermeskerken. A carta clandestina não chegou até nós. (*N. da E.*)

² Han Wegerif. (*N. da E.*)

Cartas posteriormente encontradas

A. A Hans Lakmaker.

Amesterdão, s.d., provavelmente, anterior a 1940.

Olá, Hans¹,

«Criar ambiente» e «lavar a loiça» são tarefas que roubam tempo. É por isso que te escrevo uma cartinha, em vez de passar por aí.

Vais a casa do prof. Sinzheimer², na *Rubenstr.* 36, na próxima quarta-feira, às 20:00? Ele vai fazer uma introdução à *Wille zur Macht*³, de Nietzsche. E será uma excelente introdução, de certeza; o chá também não é mau e, se te interessas por grandes homens: o Konrad Heiden⁴ também costuma passar por lá.

¹ Hans Lakmaker (Amesterdão, 1916-1991). Iniciou os seus estudos de Medicina ainda antes da guerra. Porém, por força das circunstâncias, só se formou após esta. Era amigo de Kees de Groot, também amigo de Ety Hillesum, e foi também colega de Jaap Hillesum. Possivelmente, terá sido por esse motivo que conheceu Ety. Acabou por sobreviver à guerra por se ter escondido em Giethoorn. Mais tarde, tornou-se médico de clínica geral em Amesterdão. (*N. da E.*)

² Hugo Sinzheimer (Worms, 1875-Bloemendaal, 1945), jurista e sociólogo judeu de origem germânica, foi professor de Direito do Trabalho entre 1920 e 1933 em Francoforte. Após a subida de Hitler ao poder, fugiu para os Países Baixos. Em 1933, começou a exercer as funções de professor de Sociologia do Direito na Universidade de Amesterdão e, em 1935, também as de professor de Sociologia do Direito do Trabalho em Leida. Em finais de 1940, foi despedido; depois disso, passou a dar palestras em casa (na *Rubensstraat*, 36, em Amesterdão). (*N. da E.*)

³ *Wille zur Macht (Vontade de Poder)*, título de uma colectânea, publicada postumamente, de fragmentos deixados por Friedrich Nietzsche, editada pela sua irmã Elisabeth Förster. (*N. da E.*)

⁴ Konrad Heiden (Munique, 1901-Nova Iorque, 1966), escritor antifascista, escreveu, entre outras obras, uma biografia de Hitler (1936). Em 1933, fugiu da Alemanha para o Sarre. Em 1935, fixou-se em Paris, mas publicou obras através da editora neerlandesa Querido, que publicava obras de autores alemães que não podiam ser editados no seu país natal, e visitava regularmente Sinzheimer. Em 1940, emigrou para os EUA. (*N. da E.*)

Esperemos que os fundos da universidade vão crescendo. Há dias falei com Hein v. Wijk¹, que ainda escreveu a Henriëtte Roland Holst² e mais alguém, mas ainda não soube de mais nada. As pessoas com quem falo agem como se fossem todas entrar em falência. É meesmo lamentável.

Por agora, não tenho mais notícias.
Adeus!

Etty

Cumprimentos aos teus pais e desculpa o pedacinho de papel desapropriado. É um bom momento.

B. A Hans Lakmaker.

Amesterdão, domingo, 25 de Janeiro de 1942.

Manhã de domingo, 25 de Jan. de 42.

Querido Hans!

Esta foi a primeira notícia alegre neste jornal deplorável de agora: a informação de que passaste no exame³. Partilho da tua fe-

¹ Hein van Wijk (Amesterdão, 1907-Harlém, 1981). Estudou direito em Amesterdão, trabalhou na redacção do jornal *Het kan anders (É possível de outra forma)* da *Jongeren Vredes Actie* (Acção Juvenil para a Paz) e do jornal estudantil *Propria Causa*. Após a Guerra, tornou-se membro do Partido Pacifista-Socialista (PSP), tendo sido eleito para o Senado em representação deste partido entre 1966 e 1974. (*N. da E.*)

² Henriëtte G.A. Roland Holst-van der Schalk (Noordwijk, 1869-Amesterdão, 1952), escritora de orientação socialista, conhecida sobretudo pelos seus poemas. Amiga de Hein van Wijk. (*N. da E.*)

³ Referência à segunda parte do exame de licenciatura de Medicina ao qual Lakmaker foi aprovado a 23 de Janeiro de 1942 e cujo facto foi noticiado na imprensa nesse mesmo dia. (*N. da E.*)

licidade à distância, meu amigo. Será que vou saber em breve pormenores sobre ele e como tens passado?

E podes dar os parabéns aos teus pais por mim? Tenho a consciência pesada em relação ao teu pai¹. Não consegui ainda a possibilidade de ir visitá-lo, tenho andado ocupadíssima, de momento, mas de certeza que hei-de ir vê-lo para conversarmos.

Deves estar a sentir-te mesmo realizado, não?

Até breve, espero. Adeus!

Etty

C. A Hanneke Starreveld.

Amesterdão, s.d., depois de 1941.

Tarde de sexta-feira

Diz-me, Hanneke², não me levas a mal? Ainda quero dizer-te umas coisas. Quero que prestes mais atenção às boas intenções das

¹ Leman Lakmaker (Amesterdão, 1885-Auschwitz, 1942), trabalhou nas editoras *Wereldbibliotheek* e *de Arbeiderspers*; posteriormente, perdeu o emprego, o que lhe causou problemas financeiros e impediu de pagar os estudos do filho. Era apoiante da extrema-esquerda e um forte opositor do Fascismo. Em consequência de uma denúncia, Leman e a mulher, Sophia Lakmaker-Voorzanger (Amesterdão, 1886-Auschwitz, 1942), foram presos em Haia no início de Dezembro de 1942 e transportados para Auschwitz, passando primeiro por Westerbork. Foram assassinados em Auschwitz imediatamente após a sua chegada. (*N. da E.*)

² Após os estudos liceais, Hanneke Starreveld-Stolte (Dieren, 1910-Amesterdão, 2002) residiu durante algum tempo em Paris; trabalhava numa oficina de encadernação e conheceu a Paris de início da década de trinta. De regresso aos Países Baixos, inscreveu-se na Escola de Artesanato. Depois disso, frequentou um curso de dez meses e tornou-se professora primária. Durante os seus estudos na Escola de Artesanato, começou a ter interesse no meio cultural de esquerda de Amesterdão. Conheceu o seu marido, Pieter Starreveld (Zaandam, 1910-Amesterdão, 1989), quando este apresentou uma introdução

minhas palavras do que à forma como as direi; ainda não sei como farei isso. Sei que tens um rosto muito mais descontraído e alegre do que o que tenho visto nas últimas vezes, e é por isso que tenho uma necessidade verdadeira e grande de falar contigo. Por vezes, penso que estás novamente no trilho errado. Como hei-de justificar o uso desta expressão tão carregada? Talvez exprima demasiada força ao dizer que, numa tarde como a de hoje, tinhas um ar que parecias ir bater a qualquer momento contra algo que magoa, parece andar freneticamente em busca de algo que não consegues encontrar (mas que, se calhar, outrora, já terás encontrado), não, não pareces muito feliz — a expressão de rosto que eu conheço é muitíssimo diferente. E não é por isso que tenho de escrever-te? Quem não te conhecesse e te tivesse visto esta tarde, ter-me-ia seguramente dito: Mas que se passa contigo, aquela é uma jovem despachada que passeia com o filhinho¹ e gosta de poemas, porque havia de estar infeliz?

Logo depois de te teres ido embora, surgiu da minha caneta o seguinte, na minha caligrafia ilegível; agora que o releio, acho-o muito mal formulado, mas percebe-se o que pretendo e, afinal, é isso o que conta: — Por trás daquele «querer continuar a crescer» da Hanneke existe uma fúria e uma ambição tais — O importante não é crescer o mais depressa possível, mas sim progredirmos lentamente. Não acredito que o auge ou a perfeição de alguém se encontre no futuro. Já o vivemos uma vez, a meio da vida ou durante a juventude, e já o ultrapassámos. E continuar a crescer não

o filme *Borinage*, de Joris Ivens. Ambos foram apresentados a Spier por Eaty, tendo sido «objectos» no seu curso. Eaty descobriu que Hanneke também lia Jung e Rilke. Estes escritores eram frequentemente o ponto de partida para diálogos filosóficos entre ambas. (N. de E.)

¹ Rogier Starreveld, nascido em Amesterdão a 3 de Maio de 1941. (N. de E.)

é procurar concretizar os nossos melhores momentos? Olhamos para diante, mas não seria melhor, por vezes, olharmos mais para trás e para dentro de nós?

Hanneke, por vezes, penso que, movida por uma espécie de ambição cujas raízes desconheço, esqueces muitas vezes os teus melhores e mais profundos momentos e desperdiças muita da autêntica alegria de viver. Por vezes, penso que és obcecada pela ideia de ter de obter ganhos intelectuais (através de novas ideias, livros e palestras), quando, se te limitasses a prestar pacientemente atenção ao que se passa dentro de ti, dar-te-ias conta de que, no teu íntimo, progrediste muito mais do que julgas. (Tomara que, daqui a 10 anos, consiga dizer estas coisas com a mesma simplicidade com que agora as *experiencio*).

Não me interpretes mal, Hanneke, jamais afirmarei que não devemos ler livros ou tentar obter novos pontos de vista, mas, por vezes, julgo que o fazes com uma mentalidade que, na verdade, te traz mais prejuízo do que benefícios e que faz com que, no fundo do teu coração, continues insatisfeita.

Afinal, não o sei eu tão bem, por experiência própria, de outrora? A terminar esta cartinha espontânea, paro num momento em que, na verdade, deveria estar a começar, mas, por hoje, fico por aqui. Para mim, não és uma simples visita casual e fico tão incomodada quando me parece que não sossegas, quando é para isso que nos esforçamos, não é? Portanto: atenta apenas para as minhas intenções, que compreendes, não é assim?

Com amizade

E se estiver completamente errada, perdoa a tua Etry

D. A Hes Hijmans e outros conhecidos em Amesterdão.
*Westerbork, de segunda-feira, 24 de Agosto,
a quarta-feira, 26 de Agosto de 1942.*

Westerbork, 24 Ag.
Manhã de segunda-feira, 11 horas.

Com a coragem do desespero, tentarei roubar uma hora a este dia para contar-vos algumas ninharias que acontecem na charneca de Drente.

Estou outra vez sentada no mesmo banco, de costas para o nosso barracão de madeira, ao pé de mim encontra-se uma jovem russa, mergulhada nos textos do Mestre Eckehardt¹ e, diante de nós, ondula a charneca que, por vezes, é tal e qual o mar. Reina uma paz indescritível neste bocadinho isolado do nosso acampamento. Muitas pessoas agitadas vêm até aqui para uns breves momentos de sossego e voltam depois a partir, em melhores condições do que quem os vê de longe suporia. Mas pronto...

Aqui aprende-se muito. Nomeadamente, que a vida é muito diferente do que vem escrito em todos os livros de História e que é bom viver em todo o lado, mesmo atrás de arame farpado e em barracões com correntes de ar, desde que se viva com o amor necessário pelo ser humano e pela vida... Agora, de repente, outra russa² veio sentar-se à minha direita; esta não está absorta em textos místicos como a minha vizinha da esquerda, mas fala muito e

¹ *Varição de Eckehardt.* A própria Etty Hillesum gostava de ler as obras do místico: é provável que tenha emprestado o seu exemplar à jovem mulher russa. Esta trata-se, possivelmente, de Liubutsea, conhecida das cartas a quem Jopie Vleeschouwer chama «a pequena russa» de Etty. (*N. da E.*)

² Etty terá sido uma atractiva companheira de conversa, uma vez que falava a sua língua. A mulher em questão não foi, até à data, identificada. (*N. da E.*)

chama-me «minha pombinha», em russo, entenda-se. É dramaturga, faz horóscopos, foi jornalista na Turquia e, certa vez, caiu ao gelo. Já não é muito nova, tem traços tártaros, agrestes, e óculos de lentes grossas diante dos olhos míopes. Quando eu — há já quanto tempo? — me deitei na cama por uma hora, à tarde, porque pensava necessitar de fazê-lo, ela subiu aos pés da minha cama, aninhou-se no meu saco-cama laranja aos quadrados e, com uma voz surpreendentemente melodiosa e expressiva, cantou-me cantigas de embalar de cossacos, uma após a outra, em russo, e esta charme-ca de Drente ficou imóvel, surpreendida e paciente; e, mais tarde, isto há-de figurar num livrinho de História.

Foi essa, também, a opinião de um trabalhador de Groninga que me deu boleia¹ no seu camião na sexta-feira à tarde², quando ia com a minha mochila pesada (o meu bem precioso, Hessinha, foi uma boa ideia) entre Hooghalen e Westerbork. Mas regressiei pontualmente, a jornada não foi muito custosa, cheguei mesmo a tempo da sopa de cevada e as saudações de muitos lados foram extremamente cordiais, como se voltasse a encontrar-me com velhos amigos após uma ausência de muitos anos³.

Um pouco mais tarde, novamente. Isto aqui também não é assim tão calmo.

Ainda tenho algumas coisas para vos contar. Ontem à tarde — também pode ter sido anteontem — ia eu pelo corredor que vai dar ao barracão-refeitório, segurando o meu prato de couve-roxa.

¹ Não existia nenhuma ligação directa de comboio ou autocarro até ao campo de Westerbork: era necessário caminhar da estação de Hooghalen até lá. (*N. da E.*)

² 21 de Agosto de 1942. (*N. da E.*)

³ Na verdade, Ety apenas estivera ausente durante uma semana, precisamente de 14 a 21 de Agosto de 1942. (*N. da E.*)

Passei pelo cubículo do nosso Directório (pois, é assim que se chama), que agora só é composto por duas pessoas, aquele Dr. Fraenkel¹ sobre quem já escrevi uma vez e o Vleeschhouwer, o meu bom companheiro de armas. A porta estava aberta, chamaram-me, entrei com couve-roxa e tudo e perguntaram-me se queria tomar a refeição com eles. E de que assuntos havemos de falar quando nos encontramos em alguns metros quadrados de charneca cercada na província mais pobre da Holanda, cheios de preocupações e responsabilidades? De Rainer Maria Rilke, claro! O seu *Livro de Horas*, que trago sempre comigo na minha mala, surgiu de repente em cima da mesa de madeira, entre a nossa couve-roxa, que arrefeceu, e o Fraenkel lembrou-se subitamente de que, num passado distante, aquele *Livro de Horas* passara um ano inteiro na sua mesa de cabeceira, e começou a ler em voz alta, reconhecendo cada poema e rejuvenescendo cada vez mais.

«Volto a pedir-te, ó Magnânimo
As minhas preces ao vento lançadas
Pois as minhas palavras profundas, nunca usadas
São poderosas se sussurradas»²

Chegou então o nosso Comandante dos barracões, o antigo inspector da Polícia (conhece-o bem, senhor Leguyt³) e, um pouco pálido, relatou: «Dr. Fraenkel, temos queixas de que hoje não há comida suficiente». E o Fraenkel respondeu: «Há, sim, eu pró-

¹ Possivelmente, será Fr., mencionado anteriormente. (N. da E.)

² R.M. Rilke, *Das Stundenbuch*, p. 52. (N. da E.)

³ J. Leguyt era o sócio de Han Wegerif. (N. da E.)

prio tive a mesma porção que os outros e chegou». O inspector desapareceu após esta informação e o Fraenkel encontrou o poema:

«Porque a pobreza é um grande brilho do interior»¹.

E depois, leu:

«Que farás tu, Senhor, quando eu morrer?
Sou o teu cântaro (quando quebrar?)
Sou a tua bebida (quando azedar?)
Sou o teu manto, o teu ofício,
Comigo, não tens sentido»

E o Fraenkel gritou de repente ao seu colega: «Que bonito, não é, Vleeschhouwer, não é bonito? Consegue compreender alguma coisa?»² E o meu companheiro de armas, sentado diante da sua couve-roxa, a olhar com ar sonhador para esse grande campo de tremoceiros-amarelos que se estende diante da janela baixa do seu cubículo que parece uma cela, respondeu: «Julgo que começo a compreender alguma coisa»³.

E eis que o inspector da Polícia voltou a entrar, segurando dois pratos meio vazios de couve-roxa como provas, e, num tom de voz queixoso, disse: «Já viu, Dr. Fraenkel, agora reclamam que não há que chegue para comer, mas deixam comida nos pratos, olhe». O inspector voltou a desaparecer com a couve espalhada e o Fraenkel ainda leu mais um poema até ao fim, e fez as suas últimas palavras retumbarem pelo pequeno quarto, atravessarem o campo de tremoceiros e chegarem ao barracão das desinfestações:

¹ Ibidem, p. 94. (*N. de E.*)

² Versos e frase em alemão no original. (*N. de E.*)

³ Em alemão no original. (*N. de E.*)

Deus, Tu és grande¹.

E então voltaram a entrar muitas pessoas e muitos medos e questões e preocupações e voltámos a colocar Rilke de lado. E quando regresssei para ao pé dos outros, todos me puxaram furtivamente pelo casaco e perguntaram: «Olha, tu que és tão “chegada” à “d direcção”, podes dar-nos novidades? Quando é que nos irão devolver os cartões de identificação e como é em relação à licença de férias^{2, 3} e do que se tem falado?» Bom, e eu não sabia bem o que dizer, a não ser que o Fraenkel nos lera versos de Rainer Maria Rilke e declamara com voz retumbante «Deus, Tu és grande»⁴ e nos perguntara então: «Que bonito, não é, meninos, não é bonito?»⁵

Rilke parece agora poder medrar não só na minha secretária resguardada, mas também nesta comunidade fechada e indefesa, e devo dizer-vos que me dá alguma satisfação. E agora, vou almoçar; de todos os lados se ouve um nome: feijão-verde. Espero poder ainda enviar-vos mais alguns devaneios.

Um dia depois

Um senhor muito aborrecido está, neste momento, a discursar no nosso refeitório. Aparentemente, continua a ser assim.

Esta manhã, li um pouco do místico Mestre Eckehardt e limpei retretes. E ainda encontrei uma menina que escondera um livro de poesia no fundo da sua mochila pronta. Ela tinha quase a sensação de que isso era pecado e de que era indecoroso fazer algo tão descabidamente lírico (!) (reparem na escolha de palavras parti-

¹ Ibidem, p. 26. (*N. da T.*)

² Revogação das autorizações. (*N. da T.*)

³ Em alemão no original. (*N. da T.*)

⁴ Idem. (*N. da T.*)

⁵ Idem. (*N. da T.*)

cularmente espirituosa, aquele orador consegue ser extraordinariamente inspirador!) como ler poemas em tempos como este. Porém, quando lhe contei da nossa récita de Rilke e conversei com ela um bocadinho sobre o que é, na generalidade, mais importante na vida, mesmo nestes tempos, ou, melhor ainda, precisamente nestes tempos, ela, de súbito, sentiu-se bastante melhor. E pronto, e assim deambulo um pouco por aqui, de forma tão indisciplinada como é possível fazê-lo atrás de arame farpado enferrujado... Ah, sim, e esta tarde comemos couve-roxa, para não estar só a falar de livros de poesia. A couve foi cozinhada com muito esmero, mas sobre ela não há mais nada a dizer. Nunca serei uma boa cronista do quotidiano. Ele parece escapar-me de qualquer forma. Levo aqui exactamente a mesma vida que em Amesterdão, onde fico sentada à secretária, e acredito que o farei em qualquer lugar do mundo; pelo menos, é o que sinto. Mas deve ser uma deficiência que os doutores ainda não conseguiram determinar em concreto. Mas o principal é que me sinto bem com ela, tal como os que entram em contacto comigo.

19:30.

[ilegível]

20:00.

Às 19:30 ainda estava sentada naquele banco rústico por trás do nosso dormitório que agora já devem conhecer. Mas depois chegou o meu amigo de cá, o Kormann, e, fazendo uso de muitas falinhas mansas, convenceu-me a acompanhá-lo ao seu espaço¹ de 5 metros de comprimento por 4 de largura, que há já quatro anos² partilha com dois irmãos de fado. Cabe muita coisa num espaço

¹ Os primeiros habitantes do campo de Westerbork viviam em pequenas casas construídas em 1939, aquando da criação do campo. Somente durante a guerra foram construídos barracões. (*N. da E.*)

² Ety está a exagerar: Kormann apenas chegou a Westerbork em finais de 1939. (*N. da E.*)

pequeno e, ainda por cima, também é possível viver-se nele. Neste momento, estou sentada à cabeça de uma mesa de madeira, do lado oposto está um homem de *papillon* e óculos muito elegantes; está a comer pudim e é, de resto, chefe do serviço de limpeza do campo. Está a um metro de distância de mim, mas age como se eu aqui não estivesse, e eu faço o mesmo. Isto também é uma espécie de democracia. O Kormann, de boné, está a meio metro de mim, a cortar batatas que pretende requeimar para eu comer. Quando lhe perguntei timidamente como ia aquecê-las, ele respondeu, muito animado: «Com gosto e amor»¹, por isso, estou prestes a ir ter uma refeição particularmente saborosa. O pudim do homem do serviço de limpeza já está comido e agora ele vai fazer a barba.

... Não me digam. De repente, notamos algum movimento diante da janela. Ouço gritarem: «Chegou o transporte»². O Laci-nhos já deu um salto e saiu a correr, dizendo: «Vou ver se é preciso ajudar, está outra vez na hora de cumprirmos os nossos deveres de seres humanos»³.

Um dia depois, quarta-feira?

14:30

Esta manhã, depois de ter fatiado e distribuído uma grande quantidade de pão e de ter servido uma grande quantidade de café e de ter falado com muitas pessoas de todas as idades, trazidas de diversas partes do país e aqui amontoadas, pus-me a olhar para o relógio, a pensar que seriam quase 13:00 e que iríamos almoçar. E, quando isto aconteceu, eram 9:00. Há qualquer coisa de estranho

¹ Em alemão no original. (N. da L.)

² Idem. (N. da L.)

³ Idem. (N. da L.)

com as horas, por aqui. Neste momento, são 14:30, estou sentada em cima de duas malas oscilantes, no nosso dormitório vazio e quente. Vim refugiar-me aqui por uns instantes, indisciplinada como sempre, porque, de vez em quando, precisamos de estar sós. Ontem à noite, tive de parar de escrever repentinamente. E aquelas batatas requentadas também não deram em nada. Encontrei muitas pessoas já muito idosas. Uma delas era cega e a outra, com um rosto enrugado que parecia de pergaminho, estava a ser carregada numa maca. E eu andava à volta delas, um pouco impotente, com bolachinhas e chá e, de resto, mais nada. Com jovens, sempre é possível conversar, mas nestes casos, não há nada a fazer.

E esta manhã estava cá outra vez muita gente; de repente, uma criança dormia encostada ao meu ombro esquerdo e uma mulher chorava encostada ao direito. E esta tarde chegam mais pessoas, isto nunca tem fim. E o Sol brilha sobre a charneca, tão forte e radiante, que esta devia morrer de vergonha.

Julgo que agora é melhor voltar para o nosso barracão «de trabalho» e enviar finalmente esta carta. Assim que ela estiver na caixa do correio, é claro que me hei-de lembrar de mil e um pequenos pormenores concretos, como, por exemplo, perguntar se algum de vocês não me quer enviar alguns limões, caso não saiba o que fazer com tantos.

Digam à Clarinha Joel.¹ que, quanto à distribuição de café, trabalho em harmonia com a sua amiga Minny², que está muito bem.

¹ O ponto à frente do nome «Joel» sugere que se tratará de uma abreviatura. Não há certeza quanto à palavra completa. (*N. da E.*)

² Informações inexistentes. (*N. da E.*)

Para a Hessinha: ainda não sei como estão o Fr.¹ e os outros, talvez ainda venha a saber. E enviem este discurso incoerente também aos meus pais; todos os dias me pergunto se ainda vivem na casa deles². E agora despeço-me de todos muito à pressa; por enquanto, vão ter de se contentar com esta carta. Quanto ao regulamento das licenças, parece que por agora VSFF

podemos ir passar uma semana a casa de quinze em quinze dias. É demasiado bom para ser verdade. Vamos esperar para ver como será na prática. Não se esqueçam de mim; eu também não me esqueço de vocês.

Adeus!

Etty

E. A Swiep van Wermeskerken.

Westerbork, sábado, 28, ou domingo, 29 de Novembro de 1942.

Westerbork,
? Novembro³.

Companheira Swiep,

Saudações breves; posso voltar a dar sinal de vida; nos primeiros dias⁴, os sinais ficaram todos abafados dentro de mim, pela

¹ Abreviatura de um nome conhecido de Hles Hijmans, mas não nosso. (*N. da E.*)

² A família Hillesum apenas se mudaria para Amesterdio a 7 de Janeiro de 1943, para daí ser enviada para Westerbork durante a grande razia de 20 e 21 de Junho de 1943. (*N. da E.*)

³ Deverá ser sábado, 29, ou domingo, 30 de Novembro de 1942. O envelope que continha esta carta tem o carimbo de terça-feira, 2 de Dezembro de 1942. (*N. da E.*)

⁴ Etty regressou a Westerbork a 20 de Novembro de 1942. (*N. da E.*)

lama e pelo choque causado pela situação aqui¹. E, durante os primeiros dias, também me senti muito doente², fisicamente, de tal modo que pensei que teria de voltar a partir precipitadamente. E agora estou contente por ter ficado.

Ontem à noite, por volta das 22:00, estava sozinha na grande praça da chamada e descobri que a Ursa Maior também cintila sobre esta terriola longínqua, e foi uma visão consoladora.

Tenho aqui um baú com livros de estudo meus, debaixo da cama de um dos moradores do campo³; pu-lo a descoberto esta tarde e, logo à noite, espero poder estudar a língua materna⁴ da minha mãe durante um bocadinho, num qualquer cantinho sossegado que ainda terei de conquistar. Há que seguir em frente, seguir o caminho que julgamos certo, seja em que circunstâncias for. E, aliás, eu não acredito, de todo, em «circunstâncias». Sobra sempre algures um pequeno espaço de manobra onde é possível construir a nossa vida. Não é fácil fazê-lo aqui, mas porque há-de ser sempre tudo simples?

Swiepzinha, a cada bolacha *Sanovite* que barro com mel, dedico-te um pensamento amigável, o mel que enviaste é delicioso e todos os dias me dá prazer saboreá-lo.

Dão-se aqui demasiados acontecimentos de minuto a minuto, a vida tem tantos, mas tantos aspectos, que ainda não posso escrever sobre eles.

¹ Ety não ia a Westerbork desde Setembro de 1942 e, entretanto, a situação no local agravara-se muitíssimo com a afluência de novos prisioneiros. (*N. da E.*)

² A 5 de Dezembro de 1942, Ety regressou a Amesterdão por motivo de doença e só a 5 de Junho de 1943 voltou a estar em condições de voltar para Westerbork. (*N. da E.*)

³ Em alemão no original. (*N. da E.*)

⁴ A língua russa. (*N. da E.*)

No próximo sábado¹, volto a casa e, depois, espero que não demore muito até poder voltar a falar contigo e com a Jet². *So long*, querida, e dá-lhe os meus cumprimentos.

Etty

F. A Swiep van Wermeskerken.

Westerbork, sexta-feira, 9 de Julho de 1943 (data do carimbo postal)

Para cartas: bar. 41

J.R. Westerbork

Para encomendas e pacotes: bar. 34

J.R. Westerbork

Data de saída e assinatura 16/7 Etty Hillesum

G. A Swiep van Wermeskerken.

Westerbork, sábado, 14 de Agosto de 1943.

Westerbork

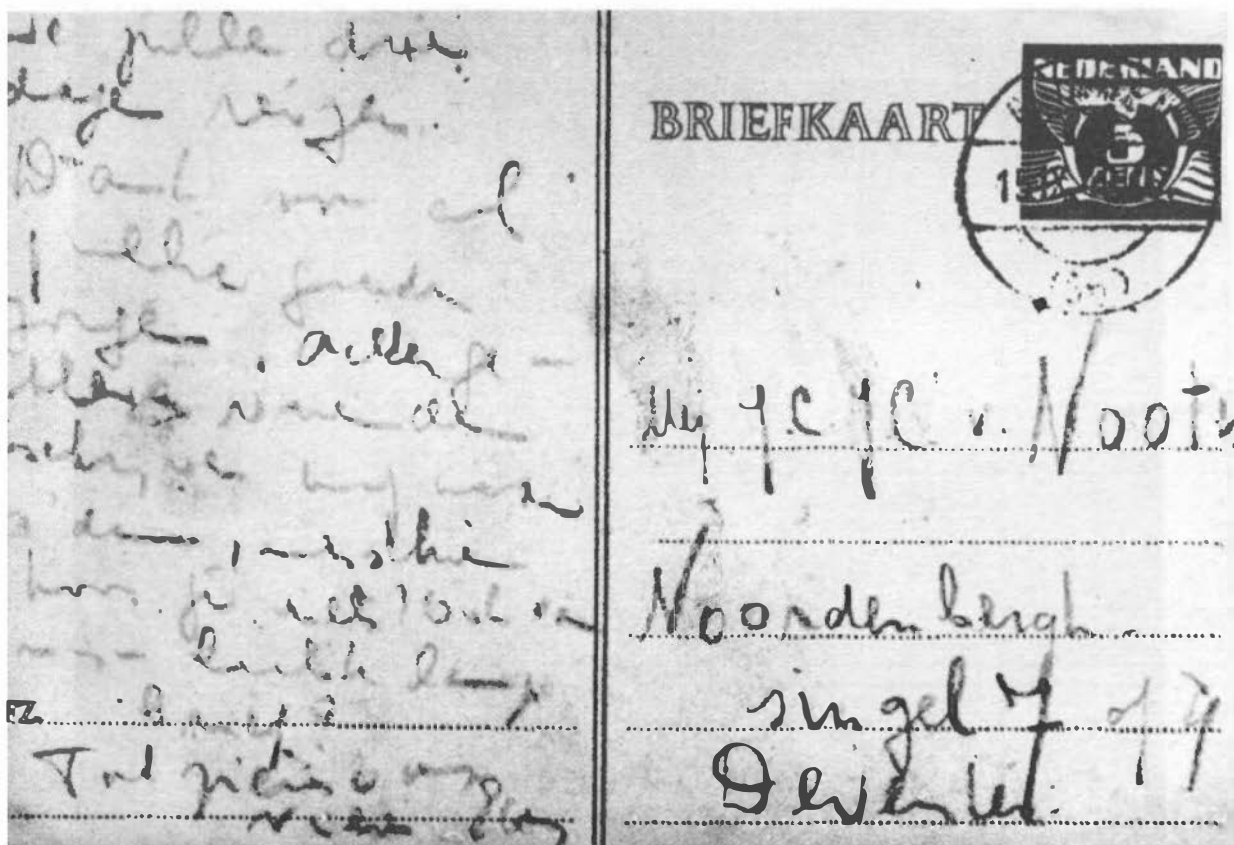
8/14. Sábado, 14 de Agosto de 1943

Recebemos belo pacote. Muito obrigada.

Etty

¹ 5 de Dezembro de 1942. (*N. da E.*)

² Jet van der Hagen. (*N. da E.*)



Último postal de Ety Hillesum, atirado do comboio com destino a Auschwitz a 7 de Setembro de 1943, com carimbo postal de Glimmen datado de 15 de Setembro do mesmo ano.





TEOFANIAS

a teologia, múltiplo lugar

colecção dirigida por
JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

1. ESPERA DE DEUS, SIMONE WEIL

tradução de Manuel Maria Barreiros, apresentação de José M. Pacheco Gonçalves

2. ENSAIO A FAVOR DE UMA GRAMÁTICA DO ASSENTIMENTO,
JOHN HENRY NEWMAN

tradução e apresentação de Artur Morão

3. OS IMPERDOÁVEIS, CRISTINA CAMPO

tradução de José Colaço Barreiros, prefácio de José Tolentino Mendonça

4. A NUVEM DO NÃO SABER, ANÓNIMO DO SÉC. XIV

*tradução e notas de Lino Correia Marques de Miranda Moreira, O.S.B.
prefácio de José Mattoso*

5. ADQUIRIR A SUA ALMA NA PACIÊNCIA,
dos quatro discursos edificantes (1843), S. KIERKEGAARD

tradução de António Augusto Gomes e prefácio de N. Ferrn e M. Jorge de Carvalho

6. ÉTICA, DIETRICH BONHOEFFER

tradução de Artur Morão

7. DIÁRIO (1941-1943), ETTY HILLESUM

prefácio de José Tolentino Mendonça, tradução de Maria Leonor Raven-Gomes

8. CARTAS, ETTY HILLESUM

tradução de Ana Leonor Duarte e Patrícia Couto

9. SOB UM FALSO NOME, CRISTINA CAMPO

tradução de Armando Silva Carvalho, prefácio de Monica Farnetti

10. SÓ O AMOR É DIGNO DE FÉ, HANS URS VON BALTHASAR

tradução e apresentação de Artur Morão

REVISÃO: ANA PICÃO BARRADAS

DEPÓSITO LEGAL: 293857/09

TIRAGEM: 3000 EXEMPLARES

IMPRESSO NA OFFSETMAIS, ARTES GRÁFICAS, S.A.

RUA LATINO COELHO, N.º 6, VENDA NOVA

2700-516 AMADORA

Deus do céu, vão mesmo conseguir fechar todas as portas? Sim, vão. Fecham as portas, comprimindo a multidão de pessoas amontoadas e empurradas para trás. Pelas estreitas aberturas no topo, vêem-se cabeças e mãos que mais tarde acenarão para nós quando o comboio partir.

Queria dizer apenas o seguinte: a miséria aqui é realmente terrível e, ainda assim, à noite, quando o dia caiu num abismo atrás de mim, costumo caminhar a passo enérgico ao longo do arame farpado e, nessas alturas, volta a assolar-me o sentimento de que esta vida é algo de glorioso e magnífico e que, um dia, teremos de construir um mundo totalmente novo. E quantos mais delitos e horrores se derem, mais amor e bondade teremos de oferecer em contrapartida, sentimentos que temos de conquistar dentro de nós. Podemos sofrer, mas não podemos sucumbir. E se escaparmos a estes tempos imaculados no corpo e na alma, mas sobretudo na alma, sem rancor, sem ódio, então, também nós teremos algo a dizer.

tradução do neerlandês
Ana Leonor Duarte
Patrícia Couto

ISBN 978-972-37-1337-4



9 789723 713374